

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

ELDER BRUNO FERNANDES PEREIRA

**MEMÓRIA E RECEPÇÃO CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES ÉTNICAS NA
LITERATURA BARRETIANA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
JULHO DE 2025**

ELDER BRUNO FERNANDES PEREIRA

**MEMÓRIA E RECEPÇÃO CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES ÉTNICAS NA
LITERATURA BARRETIANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Discursos e Narrativas.

Projeto Temático: Memória, História e Esquecimento na Literatura e no Campo Historiográfico

Orientador: Prof. Dr. Marcello Moreira

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
JULHO DE 2025**

P491m

Pereira, Elder Bruno Fernandes.

Memória e recepção crítica das representações étnicas na literatura
barretiana / Elder Bruno Fernandes Pereira, 2025.

189f.

Orientador (a): Dr. Marcello Moreira.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa
de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência F. 156 – 169

1. Memória. 2. Representação. 3. Etnia. 4. Recepção crítica. 5. Lima Barreto. I.
Moreira, Marcello. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-
Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 801.95

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Memory and Critical Reception of Ethnic Representations in Barretian Literature

Keywords: Memory; Representation; Ethnicity; Critical Reception.

Área de concentração: Multiplicidade da Memória.

Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca examinadora: Prof. Dr. Marcello Moreira (Presidente), Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (Titular), Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (Titular), Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza (Titular), Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz (Titular)

Data da defesa: 21 de julho de 2025

Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELDER BRUNO FERNANDES PEREIRA

MEMÓRIA E RECEPÇÃO CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES ÉTNICAS NA LITERATURA BARRETIANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Local e Data da defesa: Vitória da Conquista/BA, 21 de julho de 2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcello Moreira – Presidente
Instituição: UESB

Documento assinado digitalmente
 **MARCELLO MOREIRA**
Data: 30/09/2025 18:28:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Ass.: _____

Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva
Instituição: UESB

Documento assinado digitalmente
 **EDVANIA GOMES DA SILVA**
Data: 13/08/2025 10:26:48-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Ass.: _____

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva
Instituição: UESB


Ass.: _____

Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza
Instituição: UFBA

Documento assinado digitalmente
 **ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA**
Data: 11/08/2025 13:44:36-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Ass.: _____

Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz
Instituição: UFBA

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO RICARDO COELHO MUNIZ**
Data: 07/08/2025 16:12:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>
Ass.: _____

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Antônio Eurides Pereira (*in memoriam*).
Obrigado por tanto!

AGRADECIMENTOS

Agradecer é, sem dúvida, mergulhar em uma profusão de emoções. É aquele instante em que revisitamos os momentos de intensidade que moldaram nossa jornada. Arrisco dizer que o doutorado começa muito antes da aprovação no processo seletivo. No meu caso, sempre almejei o doutorado por diversas razões, mas esse desejo, por muito tempo, era abstrato, sem um plano concreto. Era uma daquelas metas adiadas que seguiam a lógica do "quem sabe um dia".

A vida, com seus desafios e imprevistos, tomou um rumo inesperado quando o anjo da morte levou meu pai. Ele, um homem simples e agricultor, dedicou sua vida à terra e à família. Eu poderia escrever incontáveis páginas de gratidão a ele, mas basta dizer que sua maior alegria era ver o crescimento moral e intelectual de seus filhos. Após sua partida, decidi honrá-lo, buscando me tornar alguém de quem ele se orgulharia um pouco mais. Esse foi, talvez, o primeiro passo que me levou ao doutorado em Memória: Linguagens e Sociedade. Hoje, ao olhar para trás, sinto que consegui honrar não só meu pai, mas a mim mesmo, na busca por ser uma pessoa melhor.

Esse percurso, porém, não foi trilhado sozinho. Preciso reconhecer as muitas contribuições dos profissionais e colegas que dividiram essa caminhada comigo. Destaco, em especial, a parceria inestimável do meu orientador, Dr. Marcello Moreira. Nunca imaginei que teria o privilégio de ser orientado por alguém com tal prestígio. Felizmente, seu vasto intelecto é equiparado a sua generosidade. Agradeço, professor, por ter conduzido nossas aulas e orientações com profissionalismo e empatia. Estendo minha gratidão à professora Dra. Luci Bertoni e a todos os membros do colegiado do PPGMLS.

Aos meus colegas, e agora amigos para a vida toda: Manoela Correia, com seu coração de ouro e apoio incansável, praticamente minha coorientadora; Luzia Silva, com sua alma generosa e inspiradora e Murilo Camelo, amigo leal e parceiro de tantas jornadas.

Nos bastidores dessa caminhada, estive minha família: minha mãe, Alda Pereira, e meu pai, Antônio Pereira (*in memória*), que sempre me motivaram a buscar minha melhor versão; meus irmãos, Alanna Pereira e Wagner Pereira, que sempre me apoiaram e minha amada esposa, Deise Moreira, meu refúgio e maior fonte de inspiração.

Finalizo essa etapa com a certeza de que o resultado deste estudo foi escrito a muitas mãos. A todos, meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

Esta tese aborda a recepção crítica dos romances barretianos **Recordações do Escrivão Isaias Caminha** (1995), **Clara dos Anjos** (2012), **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** (1961) e **Os Bruzundangas** (1956), tendo como base a questão da etnicidade. Partindo da problemática proposta por Chartier (1998), que considera a leitura como uma ação rebelde e insubmissa, e da estética da recepção de Jauss (1994), que apresenta o leitor como coautor ativo na construção de sentidos, surgem questões sobre como a representação étnica do negro no Brasil influenciou e foi influenciada pela literatura barretiana. Assim, temos como indagação inicial: como o conceito de etnia pode ser correlacionado à estruturação da recepção crítica das obras barretianas? Na tentativa de responder a tal questionamento, escolheu-se, em um primeiro momento, a análise, por meio de um estudo interdisciplinar, da definição dos conceitos de etnia e representação a partir da historicidade. Nessa perspectiva, ao considerarmos a literatura como uma narrativa essencialmente ligada à fábula, um construto imaginário cuja produção de sentido está ancorada em si mesma, a proposta estética barretiana pode ser vista como um lugar de militância. Assim, por se contrapor ao que era considerado literatura canônica em seu tempo, Lima Barreto protagonizou uma estética artística que confrontava toda a base cultural que tinha o pensamento racista como referência. Ao analisarmos a memória da recepção crítica dos romances acima elencados, identificamos uma determinada sedimentação de juízos de valor que, grosso modo, classificamos em três momentos. O primeiro refere-se ao contexto da estreia de suas obras, no qual a recepção crítica tendeu a construir associações a partir de um excessivo biografismo. O segundo marca um deslocamento na perspectiva de sua recepção, um movimento de resignificação dos elementos de sua estética, tendo como marco o lançamento da primeira biografia de Lima Barreto em 1952. Por fim, o terceiro está relacionado ao lançamento de sua segunda biografia em 2017, na qual a estética barretiana é revisitada, tendo como lente de problematização a questão racial. Essa constatação, quanto ao deslocamento da perspectiva de análise da literatura barretiana por filtros não psicologizantes, reforça nossa hipótese de que o projeto estético de Lima Barreto tem o potencial de enriquecer o debate sobre como se deu e como se dá a representação do negro na literatura brasileira.

Palavras-chave: Memória; Representação; Etnia; Recepção Crítica; Lima Barreto.

ABSTRACT

This thesis addresses the critical reception of the barretian novels **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** (1995), **Clara dos Anjos** (2012), **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** (1961) and **Os Bruzundangas** (1956), based on the issue of ethnicity. Starting from the problem proposed by Chartier (1998), who considers reading as a rebellious and unsubmitive action, and the aesthetics of reception by Jauss (1994), which positions the reader as an active co-author in the construction of meanings, questions arise about how representation the ethnic group of black people in Brazil influenced and was influenced by barretian literature. Thus, our initial question is: how can the concept of ethnicity be correlated to the structuring of the critical reception of barrettian novels? In an attempt to answer this question, we initially chose to analyze, through an interdisciplinary study, the definition of the concepts of ethnicity and representation based on historicity. From this perspective, when we consider literature as a narrative essentially linked to the fable, an imaginary construction whose production of meaning is anchored in itself, Lima Barreto's aesthetic proposal can be seen as a place of militancy, once it opposes what was considered canonical literature. In your time, Lima Barreto led an artistic aesthetic that confronted the entire cultural base that had racist thinking as a reference. When analyzing the memory of the critical reception of the novels listed above, we identified a certain sedimentation of value judgments that, roughly speaking, we classify into three moments. The first refers to the context of the debut of his works, in which critical reception tended to build associations based on excessive biographicalism. The second marks a shift in the perspective of its reception, having as its landmark the launch of Lima Barreto's first biography in 1952. Finally, the third is related to the launch of his second biography in 2017, in which Barreto's aesthetic is revisited, having as a lens for problematizing the racial issue. This finding, regarding the displacement of the perspective of analysis of Barreto's literature through non-psychologizing filters, reinforces our hypothesis that Lima Barreto's aesthetic project has the potential to enrich the debate on how the representation of black people has occurred in Brazilian literature.

Keywords: Memory; Representation; Ethnicity; Critical Reception; Lima Barreto.

RÉSUMÉ

Esta tesis aborda la recepción crítica de las novelas barrettianas **Recordações do Escrivão Isaias Caminha** (1995), **Clara dos Anjos** (2012), **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** (1961) y **Os Bruzundangas** (1956), basándose en la cuestión de la etnicidad. A partir del problema propuesto por Chartier (1998), que considera la lectura como una acción rebelde e insumisa, y la estética de la recepción de Jauss (1994), que posiciona al lector como coautor activo en la construcción de significados, surgen interrogantes sobre cómo la representación de la etnia negra en Brasil influyó y fue influenciada por la literatura barretiana. Así, nuestra pregunta inicial es: ¿cómo se puede correlacionar el concepto de etnicidad con la estructuración de la recepción crítica de las obras barrettianas? En un intento de responder a esta pregunta, inicialmente optamos por analizar, a través de un estudio interdisciplinario, la definición de los conceptos de etnicidad y representación basada en la historicidad. Desde esta perspectiva, cuando consideramos la literatura como una narrativa esencialmente ligada a la fábula, un constructo imaginario cuya producción de significado está anclada en sí misma, la propuesta estética de Lima Barreto puede verse como un lugar de militancia, en tanto se opone a lo que se consideraba literatura canónica. En tu tiempo, Lima Barreto lideró una estética artística que confrontó a toda la base cultural que tenía como referente el pensamiento racista. Al analizar la memoria de la recepción crítica de las novelas enumeradas anteriormente, identificamos una cierta sedimentación de juicios de valor que, a grandes rasgos, clasificamos en tres momentos. El primero se refiere al contexto del debut de sus obras, en el que la recepción crítica tendió a construir asociaciones basadas en un excesivo biográfico. El segundo marca un cambio en la perspectiva de su recepción, teniendo como hito el lanzamiento de la primera biografía de Lima Barreto en 1952. Finalmente, el tercero se relaciona con el lanzamiento de su segunda biografía en 2017, en la que se revisita la estética de Barreto, habiendo como lente para problematizar la cuestión racial. Este hallazgo, respecto al desplazamiento de la perspectiva de análisis de la literatura de Barreto a través de filtros no psicologizantes, refuerza nuestra hipótesis de que el proyecto estético de Lima Barreto tiene el potencial de enriquecer el debate sobre cómo ocurrió y cómo ocurre la representación de los negros en la literatura brasileña.

Palabras clave: Memoria; Representación; Etnicidad; Recepción de la crítica; Lima Barreto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O CAMINHO PERCORRIDO E SUAS PRINCIPAIS PREMISSAS.....	16
2.1 Tecitura metodológica	20
2.1.1 A construção da pesquisa documental	21
2.1.2 A revisão integrativa	24
2.1.3 Jauss e a Estética da Recepção	26
3 MEMÓRIA, ETNIA E RECEPÇÃO CRÍTICA DA ESTÉTICA BARRETIANA	31
3.1 A etnia enquanto representação e sua relação com a recepção crítica da estética barretiana	34
3.1.1 O contexto cultural brasileiro durante a estreia das obras barretianas.....	47
3.2 A recepção crítica da literatura barretiana no jogo das tensões representacionais....	58
4 MEMÓRIA E RECEPÇÃO CRÍTICA DA LITERATURA BARRETIANA.....	79
4.1 Apresentação dos romances barretianos	88
4.1.1 Recordações do Escrivão Isaias Caminha.....	91
4.1.2 Clara dos Anjos.....	96
4.1.3 Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.....	101
4.1.4 Os Bruzundangas.....	107
4.2 A Recepção Crítica barretiana e a sedimentação de sua memória	114
5 CONCLUSÃO.....	149
REFERÊNCIAS	156
APÊNDICE A – A Recepção Crítica de Recordações do Escrivão Isaiás Caminha na Hemeroteca Digital.....	170
APÊNDICE B – A Recepção Crítica de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá na Hemeroteca Digital.....	178
APÊNDICE C – A Recepção Crítica de Os Bruzundangas na Hemeroteca Digital.....	182
APÊNDICE D – A Recepção Crítica de Clara dos Anjos na Hemeroteca Digital.....	184
APÊNDICE E – Recepção Crítica da estética barretiana no portal CAPES.....	186
APÊNDICE F – Recepção Crítica da estética barretiana na BDTD	188
APÊNDICE G – Recepção Crítica da estética barretiana nas plataformas Google Acadêmico e Scielo.....	189

1 INTRODUÇÃO

Como escreveu Guimarães Rosa (2001, p. 40): “O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber”. Mas o que, afinal, pode caber em um livro? Essa pergunta nos instiga a refletir sobre os perímetros em que operam as obras literárias. Damos como certo que elas não contêm apenas histórias, pois, enquanto representação, abrigam memórias, ideias, perspectivas e sentimentos que se (re)constróem a cada leitura.

A leitura, por sua vez, não é uma ação passiva, como observado por Chartier (1998), pois a produção de sentidos que dela advém não pode ser totalmente controlada por quem escreve. Nesse contexto, a recepção crítica emerge como um processo dinâmico e multifacetado, em que a obra literária não apenas movimenta diferentes interpretações, mas também se vale como fonte mobilizadora de representações de um dado tempo e lugar. Foram questionamentos como esses que nutriram o desejo de construir o presente estudo.

O estudo que ora apresentamos reúne os resultados obtidos por meio da pesquisa desenvolvida em nível de doutorado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), realizada entre os anos de 2021 e 2024. Para esta análise, desenvolvemos um recorte temporal duplo. O primeiro abrange as primeiras décadas do século XX, período correspondente ao contexto de lançamento das obras de Lima Barreto. O segundo recorte foca no período entre 2018 e 2022, referente às publicações acadêmicas que compõem a recepção crítica da literatura barretiana.

Para corroborar com a problemática articulada a conceitos como memória, representação, etnia, recepção crítica e literatura barretiana, desenvolvemos uma investigação sobre a função estética da estrutura linguageira da literatura e a construção de sentidos advindos da sua recepção crítica. Em nosso estudo, refletimos sobre a natureza artística da literatura e as diferentes maneiras como ela pode repercutir na realidade sem, no entanto, espelhá-la. O que tomamos como ponto de referência é o fato de que, por mais que uma estética literária dialogue com aspectos do cotidiano, apresentando uma interpretação convincente da vida, ela é, em sua essência, uma ficção, um constructo imaginário cuja produção de sentido está ancorada em si mesma.

Acreditamos que um estudo que tenha como *corpus* as memórias resultantes das recepções críticas de uma obra literária carrega a potencialidade de construir resultados que nos ajudem a compreender como a literatura, especialmente a sua recepção crítica, é utilizada para atender a diferentes interesses manifestos no contexto social. Além disso, partimos do

pressuposto de que os sentidos atribuídos a uma obra literária não são fixos ou únicos, pois eles se constroem no contato dinâmico inerente ao ato da leitura.

Dito isso, e tendo por base a conjugação de elementos sincrônicos e diacrônicos, julgamos ser possível construir reflexões significativas sobre como a sedimentação de juízos de valor, constituídos pela memória das recepções críticas, pode corroborar para a compreensão do que há por trás da rejeição e deslocamento de sentidos referentes aos textos barretianos. Ao longo deste estudo, percebemos que as críticas literárias das primeiras décadas do século XX, de modo quase unânime, faziam associações diretas entre a estética barretiana e os elementos biográficos e sociais do escritor.

Isso aconteceu porque a imensa maioria dos críticos contemporâneos às publicações da literatura barretiana parece ter priorizado, como chave para a compreensão de sua ficção, os aspectos socioculturais que envolveram a vida do escritor. Basicamente, as recepções críticas da primeira metade do século XX centraram-se na ideia de que Lima Barreto, em alguma medida, ficcionalizava sua vida, o que teria gerado uma literatura que caricaturizava o cotidiano social que o cercava. Por esse caminho, as referências históricas e sociais compunham a chave alegórica para a interpretação dos romances barretianos, o que, por sua vez, no nosso ponto de vista, deixou em suspenso o valor artístico de sua literatura.

Isso nos leva a crer que a hegemonia de análises sociopsicológicas dos textos barretianos, tomando-os como reflexo dos elementos biográficos do autor, abriu uma imensa lacuna quanto à experiência estética do escritor, ao enquadrá-lo como uma espécie de “cronista do social” e “autor ressentido”. Nossa intenção é refutar tal perspectiva, utilizando como referência o conceito de verossimilhança, conforme Cardoso (1985), e o conceito de representação, proposto por Chartier (1998a).

Para Cardoso (1985), a verossimilhança é uma representação imaginária que, embora falsa, apresenta-se de maneira convincente como verdadeira. Trata-se do efeito de realidade que permite ao leitor aceitar a narrativa como plausível, mesmo sabendo que se trata de uma construção fictícia. Em paralelo, Chartier (1998a), ao abordar o conceito de representação, permite compreender que as narrativas de ficção compõem um jogo plural de relações com outros discursos e não com a realidade factual. Afinal, conforme Lima (1970), o efeito de sentido atualizado na leitura serve como filtro para atribuir sentidos ao texto. Diante disso, afirmamos que houve um caráter ambíguo na recepção crítica dos romances barretianos, pois, nas primeiras décadas de sua recepção, essas análises tenderam a percorrer um caminho pautado pelo caráter historicizante da ficção, que buscava conciliar o texto literário com a

sociologia e a história, construindo interpretações ancoradas na biografia e no contexto social do autor.

Nesse enquadre, propomos, no presente estudo, seguir um caminho oposto, centrado na ideia de que as formas como uma ficção é dada a ler, isso é, os sentidos que advêm de sua recepção, representam uma manifestação das representações sociais hegemônicas de um dado tempo e lugar, influenciando os movimentos de construção simbólica de modo a validar determinada forma como a sociedade está organizada. Ademais, consideramos que os textos literários, conforme Chartier (1998b, p. 17), atuam como “geradores de representações”, produzindo “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. Isso implica dizer que a força dos significados de algumas obras reside na força com que mobilizam as experiências coletivas.

Nessa perspectiva, o presente estudo das recepções críticas dos romances de Lima Barreto – **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** (1995), **Clara dos Anjos** (2012), **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** (1961) e **Os Bruzundangas** (1956) – tem como foco a questão da representação étnica e é orientado pelo seguinte questionamento: como o conceito de etnia pode ser correlacionado à estruturação da recepção crítica das obras barretianas? Essa questão fundamenta a hipótese central deste trabalho, que parte da ideia de que a estética barretiana possui um potente caráter de mobilizar memórias relacionadas à crítica do racismo presente na sociedade brasileira. Esse potencial se revela em seus enredos ficcionais, construídos por meio de narrativas munidas de plausibilidade e verossimilhança.

Assim, o nosso objetivo geral é compreender, por meio da memória sedimentada advinda das recepções críticas, como se deu a construção de sentidos das obras barretianas, tendo a questão étnica como ponto balizador. De maneira específica, buscamos investigar como as representações ligadas à etnia influenciam a recepção crítica da literatura de Lima Barreto, evidenciando: a) como essas representações tendem a moldar as interpretações e os sentidos atribuídos às suas obras ao longo do tempo e b) de que maneira as representações de etnia propostas na literatura de Lima Barreto dialogam com as construções históricas sobre etnia, questionando e tensionando os conceitos representacionais já estabelecidos no cenário sociocultural.

Devido ao *corpus* da pesquisa ser composto pela narrativa barretiana, que abrange um significativo número de produções, como contos, poemas, romances, entre outros, optamos por trabalhar com alguns de seus romances que, de maneira mais explícita, tratam de elementos ligados às questões étnicas. Isso justifica a escolha dos romances anteriormente

listados. Vale ressaltar que a seleção das edições dos romances supracitados se deu com base em sua disponibilidade gratuita no portal Domínio Público.

É importante destacar, ainda, que a discussão sobre a questão étnica, no recorte temporal em que viveu Lima Barreto, apresenta um caráter relativamente singular, pois se refere a um período marcado por importantes transições e continuidades em diversos aspectos da história do Brasil. Sua literatura, ao retratar o negro de forma não estereotipada e em uma perspectiva questionadora das estruturas simbólicas hegemônicas de uma sociedade racista, rompeu com a narrativa dominante de seu tempo, que buscava validar simbolicamente a cor da pele como marcador social de uma diferença hierarquicamente categorizada.

Essa padronização, historicamente construída e naturalizada no cerne cultural, categorizava os corpos humanos em uma ordem hierárquica que conduz ao entendimento de que ser negro no Brasil convocava, e ainda convoca, padrões ditados desde muito antes. A memória hegemônica no Brasil do final do século XIX e início do XX pautava-se na ideia de que a pertença étnica era o ponto de partida para a categorização das pessoas, em um mundo marcado pela divisão entre os considerados mais e menos aptos. Vendo por essa lente, o sujeito não era pensado a partir de si mesmo, mas sim em oposição ao outro de que diferia. Antes mesmo do nascimento, já estava imposta a ideia do que era ser negro e de como esse fato predeterminaria as ações, valores e pensamentos dos sujeitos. Essa forma de existir no mundo limitava as possibilidades do indivíduo de viver plenamente sua humanidade, já que situações de hostilização tendiam a implicar na redução das possibilidades de desenvolvimento de suas potencialidades de forma expressiva.

Todas essas categorizações representacionais constroem e mantêm regulações no plano simbólico, repercutindo diretamente na forma como os sujeitos moldam seus princípios valorativos, os quais exercem influência significativa nas regulações de seu pensar e agir. Nesse caminho, não é exagero presumir que, devido a uma ideologia naturalizada, historicamente construída, o sujeito é coagido a se conformar com aquilo que a sociedade exige. Essa herança cultural, oriunda de uma recente ex-colônia que utilizou mão de obra escravizada, impelia o negro a um esvaziamento de seu poder existencial. Toda essa construção simbólica hostil aos negros sustentou a manutenção de códigos culturais que, por sua vez, buscaram legitimar essas ações. À medida que tais ideias eram naturalizadas, a compreensão do mundo passou a ocorrer por meio da lente dessas representações, ou seja, por discursos que buscavam validar aquilo que propagavam como verdadeiro. No entanto, a literatura barretiana possibilitou a criação de sentidos que confrontaram tal lógica.

Embora não fosse uma voz solitária, Lima Barreto protagonizou uma arte estética que se contrapunha a toda essa base cultural, na qual o pensamento racista era um elemento de referência. Sua narrativa se vale da multiplicidade de estados do ser que acompanha o sujeito em sua condição de existir e, por meio dessa dimensão simbólica, ele desqualifica o racismo. Nessa direção, seus cenários, enredos e o modo de construção de personagens rompem com as representações de desqualificação do negro ao discutir a ideia de degenerescência e impossibilidade como construções sociais de controle do outro. Assim, sua estética literária apresenta uma leitura do mundo que permite a existência de diferentes modos de estar na vida, de possibilidades diversas de existência que não devem ser definidas por percepções circunscritas a características fenotípicas. Em seu universo lúdico, a vida é afirmada pela experiência do encontro com a multiplicidade e não aprisionada por representações que desqualificam o negro.

A contar da introdução, a presente tese está dividida em cinco seções, com suas respectivas subdivisões e as Considerações Finais. Na seção 2, intitulada **O caminho percorrido e suas principais premissas**, tratamos de apresentar a relevância deste estudo, bem como suas limitações e possibilidades. Nessa seção, identificamos os principais conceitos a serem utilizados, além de expor a base metodológica. Quanto ao alicerce epistêmico para a construção e análise dos dados, partimos das prerrogativas da estética da recepção crítica proposta por Jauss (1994).

Destacamos que não é nossa intenção construir uma análise rigidamente estruturada pelas diretrizes da Estética da Recepção. Na verdade, a proposta aqui apresentada é desenvolver reflexões por meio dessa abordagem, utilizando-a como recurso heurístico para problematizações referentes às perspectivas da recepção crítica atribuída à estética barretiana. Além disso, para garantir maior assertividade quanto à busca por materiais de produção acadêmica contemporânea, fizemos uso das técnicas de Pesquisa por Revisão Integrativa. Por sua vez, uma pesquisa documental para acesso aos jornais das primeiras décadas do século XX foi realizada por meio da Hemeroteca Digital do Brasil. Todos os passos metodológicos para essa empreitada estão descritos na referida seção.

Na seção 3, intitulada **Memória, etnia e recepção crítica da estética barretiana**, os conceitos de “memória”, “etnia”, “representação” e “literatura” são discutidos, tendo a interdisciplinaridade como premissa. Iniciamos o referido capítulo com uma discussão sobre como as representações de negros e mestiços tendem a influenciar a recepção e a crítica das obras barretianas. Esse ponto é crucial para o nosso estudo, pois os caminhos dos movimentos relacionais perpassam pelo reconhecimento de si em alteridade com o outro de que difere.

Ainda na seção 3, propomos uma discussão que busca responder o que é a etnia e como ela está correlacionada à construção das representações que têm a cor da pele como marcador social contrastivo no Brasil. Para a compreensão de como os conceitos de “etnia” e “representação” corroboram com o estudo da recepção crítica das obras barretianas, optamos por percorrer um caminho investigativo que correlaciona a etnia e a literatura, construindo apontamentos sobre como a literatura barretiana está inserida no jogo das representações.

Dando continuidade ao percurso pretendido, abordamos, ainda na seção 3, as problematizações sobre como a recepção crítica é impactada pela memória sedimentada ao longo do tempo. Portanto, passamos a abordar as possíveis relações representacionais entre a literatura barretiana e a etnia na construção de sentidos advindos de sua recepção crítica.

Na seção 4, intitulada **Memória e recepção crítica da literatura barretiana**, apresentamos os romances de Lima Barreto tratados no presente estudo, bem como discutimos como os elementos representacionais, que compõem a dimensão social e coletiva da memória, tendem a fundamentar as críticas às obras barretianas ao longo do tempo. Finalmente, na Conclusão (seção 5), realizamos um balanço das principais conclusões alcançadas ao longo deste estudo. Na seção destinada aos Apêndices, estão listados todos os jornais e revistas que utilizamos, acompanhados de seus respectivos *links* para consulta na íntegra, caso seja de interesse do leitor.

Parece-nos oportuno encerrar a introdução argumentando que a literatura barretiana, publicada no alvorecer do século XX, mantém-se atual, pois aborda questões que ainda hoje permanecem relevantes. Seu enredo fictício baseia-se no questionamento da produção de valores frequentemente usados como justificativa para desigualdades sociais. Certamente, este estudo não se esgota em si mesmo e tampouco tem a pretensão de apresentar explicações totalizantes e universais. O nosso desejo é oferecer mais uma contribuição no combate ao racismo, tendo a estética de Lima Barreto como referência.

2 O CAMINHO PERCORRIDO E SUAS PRINCIPAIS PREMISSAS

Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao
caminhar. (Machado, 1912).

Iniciar um percurso em direção à construção de uma análise da recepção crítica de Lima Barreto, utilizando as categorias memória, representação, recepção crítica e etnia como pontos nodais, é um desafio que requer fôlego. Um dos pilares basilares do exercício aqui proposto é construir um estudo que se propõe a mergulhar nas complexidades do universo conceitual, a fim de auxiliar na percepção, problematização e reflexão de aspectos sutis que tendem a ser invisíveis às abordagens rasas e às análises apressadas.

Para galgarmos o êxito em nossa jornada, é preciso que os caminhos sejam estruturados de maneira consistente e coerente, fundamentados em um terreno sólido quanto ao embasamento teórico que dê suporte ao processo de análise e interpretação dos dados. Além disso, é crucial que os critérios balizadores desse esforço sejam precisos para a seleção das obras e dos documentos a serem analisados, a fim de garantir a relevância e a pertinência dos resultados obtidos.

Primeiramente, refletimos sobre as opiniões construídas pela crítica literária, tanto de sua época quanto dos dias contemporâneos, referentes às obras de Lima Barreto, dando especial destaque à temática étnica. Como já dito na introdução do presente estudo, essa análise da recepção crítica fundamenta-se nas prerrogativas da estética da recepção, proposta por Jauss (1994), que propõe, para o leitor, um papel ativo na construção de significados a partir do ato da leitura.

É bem verdade que exercícios semelhantes foram construídos no universo acadêmico devido à importância inerente à temática em questão. Contudo, ressaltamos que o olhar singular deste trabalho favoreceu a construção de novas perguntas, uma vez que todas as particularidades que compõem uma pesquisa podem trazer contribuições valiosas e se somar, ou questionar, às descobertas já produzidas. O ineditismo pretendido nesta tese é evidenciado em nuances e aspectos peculiares das interrogações que são constantemente reatualizadas pelas inquietações do tempo presente.

O próximo passo consiste em perceber como um conjunto de crenças eurocêntricas, amplamente difundidas no Brasil nos séculos XIX e XX, influenciou a crítica, que atribuiu às obras de Lima Barreto correlações biográficas, sociológicas e psicológicas. Paralelo a isso, buscaremos correlacionar as relações estabelecidas entre a estética barretiana com as estéticas tidas como canônicas em seu tempo. Para não caminhar com pés cambaleantes nesse

intrincado percurso, é necessário construir, antes de tudo, uma reflexão sobre autor, obra e leitor. A teia relacional que liga esses três elementos no ato de comunicação envolve diferentes e complexas dinâmicas que se inter cruzam e se distanciam, pois partimos da ideia de que os sentidos de um texto literário não estão fechados em si mesmo. Por mais que o autor busque encerrar em seu texto um caminho interpretativo pré-determinado, não há garantias de que esse objetivo seja alcançado. Isso porque o movimento envolvido no trânsito de uma mensagem, entre o autor e o leitor, perpassa por um campo fluido e dinâmico, povoado por diferentes forças (Chartier, 1998a; Jauss, 1994).

Nessa direção, o conceito de leitor deve ser compreendido como plural, devido à sua diversidade, uma vez que, mesmo aqueles que integram um grupo tido como ideal, um grupo de destino ou público-alvo, podem mais ou menos não atender às expectativas do autor. A questão é que o indivíduo produz sentidos a partir da sua apropriação do percebido, mobilizando seu aporte simbólico, cognitivo, cultural etc. Assim, partimos da ideia de que é no entrecruzamento entre o que foi enunciado e o que foi compreendido do livro, objeto de apropriação por parte dos leitores, que cada um produz sua particular cosmogênese.

Nesse sentido, não há uma uniformidade de pensamentos, pois o que existe são opiniões morfológicamente difusas que convergem, divergem, se aproximam e se afastam umas das outras. Por essa razão, é incoerente pensar em modelos universais para ver e interpretar o mundo. Logo, ainda que as pessoas façam parte do mesmo grupo no tempo e no espaço, seus pensamentos, em maior ou menor escala, não serão uníssonos. Em outras palavras, mesmo partindo da premissa de que existe um conjunto de significados compartilhados no cerne de um determinado grupo, a condição singular da subjetivação humana, irreproduzível, faz com que cada sujeito construa uma apropriação particular de sentido, tendo como bússola o seu horizonte de expectativas, que pode, ou não, corresponder ao que foi objetivado pelo autor. Chartier (1998a, p. 10) nos ajuda a aprofundar essa compreensão quando diz que:

Hoje, o que toda a história cultural deve pensar é a paradoxal articulação entre uma diferença – aquela através da qual todas as sociedades separam do cotidiano, de várias maneiras, um domínio particular da atividade humana – e as dependências – que, de diversas maneiras, inscrevem a invenção estética e intelectual nas suas condições de possibilidade e de inteligibilidade. Esse vínculo problemático se enraíza na própria trajetória que dá significação às obras mais poderosas, aquelas construídas a partir da transfiguração estética ou reflexiva das experiências comuns, compreendidas a partir das práticas peculiares aos seus diferentes públicos. Uma reflexão feita sobre a construção da imagem do autor, as regras de formação das comunidades de leitores ou as significações utilizadas na edificação de bibliotecas (com ou

sem paredes) talvez contribua para pormenorizar algumas questões que hoje atravessam as disciplinas do saber e, também, o debate público. Reintroduzindo a variedade e a diferença, lá onde surge espontaneamente a ilusão do universal, ela nos ajuda à nos desprendermos de nossos limites muito seguros e de nossas evidências por demais familiares.

Na mesma direção, Chartier (1998b) argumenta que a inteligibilidade do livro está intrinsecamente ligada ao horizonte de expectativa do leitor, o qual pode ou não se alinhar com o do autor, já que o texto pode ser apreendido de forma inesperada. Nesse sentido, uma conclusão plausível é que o autor, em seu processo de produção, não consegue definir uma única recepção possível por parte do leitor. O fato é que a escrita excede continuamente a intenção do seu criador. Logo, julgamos que não é necessário conhecer o autor para encontrar sentido em sua produção. Além disso, por mais que o escritor busque construir uma obra literária que pretenda impedir outras possibilidades de interpretação, ele estará fadado ao fracasso, pois, como afirma Chartier (1998b, p. 07), “a leitura é rebelde e vadia. Os artificios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas e subverter as lições impostas são infinitos”.

Respeitando a fronteira que separa a produção artística da narrativa factual, é oportuno dizer que Lima Barreto construiu uma ficção vista por muitos como sendo militante, por assim dizer. Aos nossos olhos, essa é uma classificação problemática e, mais adiante, explicaremos o porquê de assumirmos tal postura. O fato é que muitos críticos defendem a supracitada classificação pelo fato de que a maioria dos personagens protagonistas barretianos são negros e mestiços envolvidos em narrativas direcionadas à denúncia da discriminação racial. Corroborando com tal premissa, Schwarcz (2017) argumenta que Lima Barreto, em seus romances, artigos, contos, diários e cartas, sempre se mostrou comprometido com os problemas sociais de seu tempo e contexto.

A exemplo de Schwarcz, muitos críticos defendem que a construção das tramas de Lima Barreto parte de questões intrínsecas ao seu tempo, com clara referência aos marcadores sociais da diferença, como etnia, gênero e política. Percebe-se, de imediato, que sua ficção é ambientada em cenários que retratam elementos representacionais ligados ao contexto social do Rio de Janeiro no início do século XX. Nesse ângulo, questões relevantes para a época, especialmente no que diz respeito à representação da etnia, compõem o pano de fundo de seus enredos. Essa característica estética, ao que parece, tendeu a reforçar a ideia de que Lima Barreto teria encontrado sua musa inspiradora nos cenários relacionados à construção da identidade de um povo que vive na complexa e tensionada teia das relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Contudo, independentemente da forma como foram estruturadas as críticas barretianas nas primeiras décadas após sua estreia, defendemos que a sua literatura mobilizou representações do negro no Brasil do início do século XX, contrapondo a imagem histórica construída pelo discurso ligado à busca da legitimidade do ideal do colonizador europeu. Assim, o escritor, por meio de uma narrativa verossímil e plausível, problematizou como o corpo negro era representado no contexto social. Essa lógica de disputa de poder e legitimidade na construção das representações no mundo social é bem exemplificada por Chartier (1998a, p. 17) da seguinte forma:

[...] as representações são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais.

Frente ao exposto, argumentamos que os elementos da verossimilhança, questão que trataremos mais a frente, não estabelecem imprecisões na fronteira que delimita a produção artística da factual, pois sua premissa não é buscar refletir o real, documentar a realidade ou relatar fatos históricos. Ademais, retomando Chartier (1998b), as possibilidades de interpretação de um texto são condicionadas pelas disposições individuais do leitor por intermédio do seu horizonte de expectativas.

Contudo, a figura de Lima Barreto como autor, especialmente no que concerne aos seus aspectos biográficos, parece ter exercido significativa influência sobre a maneira como suas obras foram recebidas pela crítica contemporânea. Nesse sentido, ao seguirmos uma abordagem distinta, consideramos coerente realizar um exercício para investigar as razões que levaram à supressão do elemento artístico em favor do social como chave interpretativa da literatura barretiana, para, na sequência, questionar tal perspectiva.

2.1 Tecitura metodológica

Para construir um estudo que dialogue com a tradição crítica da literatura barretiana, é necessário selecionar ferramentas metodológicas apropriadas. A recepção da literatura barretiana, tanto pela crítica especializada quanto pelos leitores leigos, é polissêmica, o que torna a multiplicidade de abordagens um elemento problemático para análise. Assim sendo, a metodologia adequada para atingir o objetivo pretendido deve ser capaz de localizar, elencar, analisar, compreender, problematizar e interpretar tudo o que for relevante para a pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa em questão se baseia em três proposições que se complementam na construção e análise dos dados.

A primeira delas é a pesquisa documental, que consiste na busca de fontes primárias diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico. As fontes utilizadas são jornais e revistas contemporâneas às publicações de Lima Barreto, bem como aquelas lançadas nas primeiras décadas após a sua morte. Tal busca se deu na plataforma da Hemeroteca Digital do Brasil. Os descritores utilizados para a busca e seleção desses materiais são palavras-chave que remetem à recepção crítica, especializada e leiga, dos romances de Lima Barreto durante o período de suas publicações. Contudo, não foram aqui incluídas reportagens repetidas ou com teor semelhante, ainda que se encontrem em publicações distintas.

O segundo momento consiste na revisão integrativa, cujo objetivo é levantar a recepção crítica da literatura barretiana no universo acadêmico entre os anos de 2018 e 2022. Essa escolha é justificada pelo fato de terem sido publicados diversos trabalhos sobre suas obras, como, por exemplo, quando o escritor foi homenageado na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), em 2017, e em virtude da comemoração do centenário da sua morte, em 2022. Os descritores utilizados nessa busca seguiram critérios semelhantes aos da pesquisa documental, acrescidos do uso de operadores booleanos, que têm como função interligar ou conectar os termos pesquisados em uma determinada base de dados, para refiná-las ainda mais.

Por fim, a análise dos dados foi embasada pelas contribuições da estética da recepção proposta por Jauss (1994), uma vez que é por meio de suas fundamentações teóricas que buscamos a base necessária para a construção e interpretação dos dados obtidos, permitindo uma compreensão mais profunda e abrangente da recepção crítica da literatura barretiana.

2.1.1 A construção da pesquisa documental

A vida de Lima Barreto se deu no Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX. Como escritor, uma de suas marcas foi a utilização de uma linguagem coloquial e fluida, com características satíricas e humorísticas. Como costumeiro à época, suas primeiras publicações se deram em forma de capítulos em jornais e revistas.

De posse dessas informações, o foco da pesquisa documental aqui elaborada foi localizar publicações de jornais e revistas do final do século XIX e início do XX que trouxessem elementos da recepção crítica referentes a alguns romances desse polêmico escritor. Quanto ao critério de seleção dos referidos romances, optamos por aqueles que, a nosso ver, tratam de elementos ligados às questões étnicas de modo mais aparente.

O primeiro romance submetido à pesquisa documental de sua recepção crítica é **Recordações do escrivo Isaias Caminha**. Essa foi sua obra de estreia no mundo literário, publicada, a princípio, como folhetim em 1907. Trata-se da narrativa da saga do jovem Isaiás, que chega à cidade grande com o desejo de alcançar ascensão social trilhando o caminho da escolarização (Barreto, 1995). Contudo, o que o personagem encontra, de fato, é o preconceito e a humilhação por conta de sua ancestralidade africana. No trecho do romance a seguir, o protagonista da trama logo se depara com uma situação em que o nível de melanina em sua pele o categoriza e o classifica como uma *persona non grata*:

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolo. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como demorassem a trazer-me o troco, reclamei: “Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapaz alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. (Barreto, 1995, p. 26).

Além de abordar o jornalismo e os literatos, o referido romance também retrata um cenário permeado por dinâmicas de marginalização das classes sociais subalternizadas, a violência imposta pelo poder político e econômico sobre os menos favorecidos e a discriminação étnica. Contudo, segundo Schwarcz (2017, p. 219), o que realmente teria incomodado os críticos nesse seu romance de estreia no campo literário foi o modo “como o livro tratou o jornalismo e as formas de sociabilidade literárias, e, principalmente, os periódicos”.

Os jornalistas da época reagiram impiedosamente ao jeito como foram retratados por Lima Barreto e muitos dos seus críticos defendiam a ideia de que sua literatura era confessional, pois relatavam que “se o leitor tivesse a chave em suas mãos, não demoraria a identificar as personagens reais ocultas por detrás da ficção” (Schwarcz, 2017, p. 213). Além disso, um grande silêncio foi a resposta da recepção da obra. No entanto, “se encararmos o silêncio como uma forma de recepção, podemos dizer que **Recordações do escrivão Isaías Caminha** fez barulho” (Schwarcz, 2017, p. 215).

Para localizar os elementos que compõem a recepção crítica do romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** na hemeroteca digital, foram utilizados como descritores os termos “Lima Barreto” e “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”. Inicialmente, esses descritores foram utilizados individualmente, e posteriormente, combinados na aba de pesquisa. Ao final, foram selecionados trechos de jornais e revistas relacionados à recepção crítica do romance em questão. Esse procedimento, pesquisa e associação do autor e do nome da obra, foi repetido na pesquisa documental da recepção crítica de todos os romances aqui tratados.

O segundo romance analisado em relação à sua recepção crítica é **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. Este foi o último romance de Lima Barreto publicado com ele ainda vivo, no ano de 1919. Nesta obra, o autor faz referências ao formalismo e à burocracia como enredo principal. A narrativa é apresentada através de diálogos entre o personagem narrador e seu interlocutor durante suas caminhadas pela cidade do Rio de Janeiro. Sentimentos como decepção e melancolia cercam o personagem fictício que inspira o título do romance. Na obra, o escritor faz uma apropriação artística da atmosfera de transformações decorrentes da expansão da cidade durante as muitas transformações do Brasil no início do século XX.

O terceiro romance analisado em relação à sua recepção crítica é **Os Bruzundangas**. Publicado postumamente em 1922, o romance apresenta o que muitos definem como sendo uma sátira do Brasil do início do século XX. Lima Barreto, por meio de sua visão artística, ironiza os hábitos e comportamentos da população, das elites econômicas e intelectuais e das classes políticas. O autor trata de assuntos como corrupção, nepotismo e favorecimentos pessoais na esfera política, destacando questões importantes para a população, como saúde e educação, eram relegadas ao segundo plano.

Por fim, o quarto romance submetido à análise em relação à sua recepção crítica é **Clara dos Anjos**. Trata-se de um romance cujo texto Lima Barreto alterou durante toda a vida. Seu primeiro esboço aparece justamente em seu Diário, em 1904, em forma de rascunho e com um final muito diferente daquele que hoje conhecemos (Schwarcz, 2017). Justamente

por conta dessas alterações, utilizamos como fonte de análise da presente pesquisa tanto o romance quanto a recepção crítica referente à publicação de 1948. Pelos motivos expostos, é comum encontrar reflexões sobre a referida obra como sendo “escrita durante toda a vida” e que Lima Barreto “ensaaiou vários finais para a trama, no entanto não teve tempo de vê-la publicada” (Schwarcz, 2017, p. 12). O enredo de **Clara dos Anjos** gira em torno de uma jovem que vivia no subúrbio do Rio de Janeiro no final do século XIX. Sua estrutura dialógica parece ser construída através de um narrador observador e a trama explora um pseudomoralismo ao promover um discurso que aponta as práticas preconceituosas de uma sociedade elitista, machista, racista, misógina e profundamente marcada por discursos voltados à objetificação do corpo negro e feminino.

É importante ressaltar que, embora sejam consideradas obras importantes, não fazem parte do escopo da presente pesquisa a busca documental da recepção crítica das publicações **Diário do Hospício** e **Cemitério dos Vivos** na Hemeroteca Digital. Tal escolha tem como base o fato de que, embora emblemáticas, trata-se de publicações póstumas inacabadas. Sobre o assunto, Schwarcz explica que “no ano de 1903 Lima Barreto deu início ao seu Diário, composto de tiras e notas separadas, as quais Francisco de Assis Barbosa (biógrafo) e Evangelina Barreto (a irmã de Lima Barreto) reuniram num livro que postumamente intitularam de Diário Íntimo” (Schwarcz, 2017, p. 151).

Nesse seu espaço de privacidade, Lima Barreto registrou questões que lhe eram caras. Falou sobre os lugares que chamou de lar, sobre os membros de sua família, suas avós escravizadas, de sua relação com sua mãe e da morte prematura dela, da trajetória do seu pai e da situação de saúde psíquica deste. Narrou também alguns de seus diálogos com amigos, sua relação com a bebida, o processo de criação de boa parte de seus escritos, bem como algumas reflexões acerca de suas recepções. Abordou questões do seu íntimo como, por exemplo, o desejo de integrar o mundo da literatura e suas muitas opiniões sobre o mundo que o cercava. Esse compêndio de anotações, segundo Schwarcz, divide-se em duas partes, trazendo, primeiramente, os relatos íntimos do autor e, secundamente, os relatos de Lima Barreto sobre a sua internação no hospício. Segundo Schwarcz (2017, p. 386):

Os chamados Diários de Lima foram compilados por sua irmã Evangelina e por seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, apenas nos anos 1950. Ambos trabalharam nos documentos legados pelo escritor – cadernetas, agendas, tiras de papel, notas, recortes e esboços de ficção – e os dividiram em duas partes. As fontes que abarcam os anos de 1900 a 1921 foram reunidas sob o nome Diário íntimo, e ali estão comentários, trechos de obras, planos, notícias, listas de nomes, notícias esparsas e desconexas. Sem organização

maior, apenas seguem uma ordem cronológica, enquanto aglutinam textos e pensamentos muitas vezes descontínuos. Já o outro conjunto é mais orgânico, pois representa o resultado da segunda internação do autor, ocorrida entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920. Denominado mais tarde de *Diário do hospício*, o conjunto de registros foi escrito a lápis, em 79 tiras de papel com anotações na frente e no verso.

Ocorre que, no ano de 1953, são publicados conjuntamente, em uma mesma edição, **O diário do hospício** e o romance inacabado **O Cemitério dos Vivos**. Tanto no **Cemitério dos Vivos** quanto em **Diário do Hospício**, Lima Barreto cria uma narrativa que aborda temas como a constituição do ser no mundo, a etnia como marcador da diferença, críticas à visão da ciência voltada para a defesa de uma eugenia dos brancos em relação aos negros, ambiguidades quanto à busca da normatização do sujeito e tantas outras importantes questões. Contudo, como já referido, são obras inacabadas e, por conta disso, destoam do conjunto proposto aqui para ser analisado, o que não impede, porém, que reflexões sejam construídas a partir desse material.

Como recorte temporal e geográfico para a pesquisa documental, foram incluídos jornais e revistas do Brasil entre os anos de 1907, ano da publicação do primeiro romance de Lima Barreto, e 1952, ano de lançamento da sua primeira biografia, escrita por Francisco de Assis Barbosa. Quanto à abrangência do recorte geográfico, nossa escolha justifica-se pelo fato de que, mesmo sendo o Rio de Janeiro a cidade onde Lima Barreto viveu e morreu, suas publicações mobilizam elementos caros para todo o território nacional. Em paralelo, o recorte temporal adotado tem o intuito de delimitar a amplitude da pesquisa, a fim de maximizar os resultados.

Ademais, o ano limite para busca de fontes primárias de pesquisa coincide propositalmente com a data que marcou a publicação da primeira biografia de Lima Barreto. Esses critérios foram os mesmos adotados para toda a pesquisa documental da recepção crítica da literatura barretiana empreendida na investigação aqui descrita, cujos resultados estão dispostos nos Apêndices.

2.1.2 A revisão integrativa

A escolha pelo método da revisão integrativa visa ampliar a base de dados, pois essa abordagem consiste em um conjunto de estratégias científicas que fornecem diretrizes claras e um maior rigor científico (Newman e Gough, 2020). Além disso, a revisão integrativa possui uma estrutura e uma lógica que vão além de fundamentar a pesquisa, tornando-se ela própria

uma pesquisa (Petticrew e Roberts, 2006). Seguindo critérios pré-definidos, pretendeu-se mapear os estudos científicos relacionados à recepção crítica da literatura de Lima Barreto, especialmente nas temáticas ligadas à etnia.

De fato, o método da revisão integrativa oferece ao pesquisador a oportunidade de explorar elementos específicos presentes em diferentes estudos. Esses conhecimentos possuem um enorme potencial para ajudar a elucidar novas questões ou até mesmo para rever antigas indagações por meio de novos caminhos. A ideia é construir um conhecimento específico, utilizando, também, o diálogo integrativo com outros estudos semelhantes.

Por sua natureza exigir um maior rigor científico, a estruturação da pesquisa integrativa ocorre de forma pragmática. Por meio de um protocolo previamente estabelecido, busca-se localizar e organizar estudos já realizados nas principais bases de dados relevantes. Portanto, a pesquisa integrativa tem como objetivo identificar e sistematizar as principais contribuições de estudos relacionados ao objeto de interesse do pesquisador. A combinação de dados provenientes de fontes diversas, nessa ampla amostragem que visa garantir representatividade, contribui para criar um panorama complexo e multifacetado, que tende a potencializar os resultados obtidos.

Quanto à metodologia dessa etapa da pesquisa, considerando o recorte temporal e as bases de dados escolhidas, foram selecionados trabalhos publicados entre os anos de 2018 e 2022 nos seguintes repositórios: Banco de Teses e Dissertações do Portal CAPES, *Google Acadêmico*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e a plataforma *Scielo* de artigos acadêmicos. Os descritores utilizados foram: “etnia”, “literatura”, “representação”, “questão racial como marcador social”, “memória” e “esquecimento”. Inicialmente, essas expressões foram utilizadas individualmente, juntamente com o nome Lima Barreto. Posteriormente, as expressões foram combinadas entre si, mas sempre incluindo o nome Lima Barreto. Ao final, foram selecionados os estudos que possuíam uma maior relação com o objeto da presente pesquisa.

Quando oportuno, para maximizar a abrangência na busca dos dados, foram utilizados operadores booleanos *or* e *and*. Como dito anteriormente, é importante ressaltar que os operadores booleanos têm como função interligar ou conectar os termos pesquisados em uma determinada base de dados. Nesse contexto, o termo *and* faz com que a pesquisa inclua estudos que correlacionem todos os descritores utilizados na busca. Por sua vez, o termo *or* auxilia na busca de termos equivalentes ou de sinônimos eventualmente utilizados em diferentes estudos. Dessa forma, pretendeu-se encontrar trabalhos que utilizaram em seus

títulos, palavras-chave e resumos termos equivalentes aos descritores aqui utilizados. Além disso, por meio do uso dos operadores booleanos, buscou-se refinar a pesquisa com o objetivo de encontrar estudos que abordavam diferentes descritores de forma simultânea.

Abrimos aqui um parêntese para parafrasear o ditado popular que diz que “nem tudo que reluz é ouro”, pois nem todos os trabalhos que aparentavam ter potencialidade revelaram-se, no fim, potentes. Logo, foi necessário refinar o material garimpado na etapa anterior, definindo claros critérios de inclusão e exclusão. Assim, embora tenhamos buscado ampliar a rede de busca para abarcar o máximo de informações relevantes possíveis, mantemo-nos em estado de vigilância para refinar o material encontrado, eliminando duplicações e selecionando apenas aqueles que melhor dialogam com o objetivo da presente pesquisa.

Em suma, os estudos selecionados apresentaram – nos campos de título, resumo ou palavras-chave – pelo menos um descritor que estivesse relacionado ao nome Lima Barreto ou à literatura barretiana. Dentre os materiais selecionados, foi imperante que eles tivessem em sua composição elementos que estabelecessem uma relação que corroborasse com o estudo da recepção crítica barretiana a partir da etnia. A etapa de verificação da inclusão e exclusão foi conduzida por meio da análise dos títulos, palavras-chave e resumos. No caso de trabalhos publicados em livros ou capítulos de livros, que não disponham de resumo ou palavras-chave, foi realizada uma análise integral do texto para determinar se há ou não uma demanda que atenda ao interesse do presente estudo. Consequentemente, fica de fora todo trabalho que aborda a literatura barretiana sem correlacioná-la às questões étnicas.

Por fim, após concluir o levantamento e subsequente escrutínio dos dados, juntou-se um diversificado acervo de trabalhos que serviram de matéria-prima para a construção deste trabalho. Os passos seguintes foram: a) ler cada trabalho relevante, buscando identificar informações pertinentes para a presente pesquisa e b) selecionar e categorizar as informações que lançaram luz sobre o aspecto da recepção crítica da literatura barretiana quanto às questões étnicas em um caráter dialógico. Os resultados obtidos estão minudenciados nos Apêndices.

2.1.3 Jauss e a Estética da Recepção

É certo que a literatura barretiana pode ser analisada a partir de lentes multifocais. Contudo, o que nos interessa aqui é a “morte do autor” no sentido conceitual. Embora Lima Barreto tenha uma biografia rica, o que buscamos é a recepção crítica de suas obras a partir da criação de sentidos dados pelos seus leitores. Logo, o leitor ganha destaque frente a quem

escreve e ao que foi escrito, pois não necessariamente o ponto de vista do autor prevalece sobre a compreensão do texto literário. Ora, se o leitor é a instância responsável por atribuir sentido ao que se lê, a existência desse sentido está subordinada a uma interpretação. Sendo assim, em essência, não existe sentido dado, mas, sim, construído. Esse é o caminho que almejamos percorrer, o qual coloca o movimento da leitura como o ponto central da construção de sentidos de uma obra.

Depois de definir o percurso que seguiremos neste trabalho, voltamos o nosso olhar para a década de 1960, pois nela se originaram algumas perspectivas teóricas que abriram caminhos para diversas possibilidades de explorar os estudos da literatura, como é o caso da Estética da Recepção proposta por Jauss (Marins, 2001). Como anteriormente aqui abordado, a perspectiva de Jauss guarda o reconhecimento de que a obra literária possui uma vitalidade intrínseca. Lendo Jauss, Marins (2001) nos diz que a atenção no estudo do efeito da recepção das obras está nos efeitos construídos ao longo do tempo, explorando como a interação entre leitor e obra influencia sua compreensão e valorização por meio da sedimentação da memória.

Jauss (1994) segue o caminho da hermenêutica ao buscar resgatar a tradição aristotélica. Com esse intuito, ele propõe uma inferência das três categorias fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*, que devem nortear a teorização da arte (Lima, 1979). Em termos conceituais, podemos afirmar que a estética da recepção, proposta por Jauss, retoma a ideia aristotélica ao combinar os elementos constitutivos dos significados da obra literária a partir da interação do público com ela. Além disso, não é possível predefinir um conjunto específico de efeitos e significados que um texto literário pode provocar no leitor, uma vez que diferentes elementos afetam a forma como o sujeito interpreta e interage com o mundo, sendo essa máxima também aplicável ao ato da leitura.

É a partir da intrincada relação entre a *poiesis*, que retrata a criatividade presente na produção literária, da *aisthesis*, que é o movimento da dimensão estética através do intercâmbio relacional entre o leitor e a obra, e, finalmente, da *katharsis*, que é o resultado de toda a experiência ética do leitor com a literatura, que os sentidos emergem. Como já dissemos, é com base na premissa de que o leitor não ocupa um lugar de passividade que direcionamos nossos passos. Afinal, é preciso reconhecer que cada leitor possui um conjunto próprio de experiências, conhecimentos e valores simbólicos que moldam sua relação com o mundo de maneira singular e única. Esses elementos fazem com que o leitor formule uma adaptação de sentido a partir dos elementos simbólicos que são seus.

A supracitada postura vai na contramão do que preconizou o pensamento dos formalistas russos. A escola formalista russa sustentava que a literatura deveria ser estudada

por meio da análise das características formais do texto, uma vez que essa era vista como uma forma de arte autônoma que deveria ser estudada em si mesma, sem a interferência de agentes externos. Os formalistas russos se opunham à abordagem historicista, que via a literatura como um reflexo direto de seu contexto social e histórico, e buscavam identificar as características intrínsecas da literatura, tais como a linguagem, o estilo, a estrutura narrativa e a forma. Para os formalistas, a literatura era uma forma de arte que se distinguia das outras formas de comunicação humana, sendo a análise formal do texto a única maneira de compreender sua especificidade (Jauss, 1994). Como pontuou Jauss (1994, p. 18):

A teoria do método formalista alçou novamente a literatura à condição de um objeto autônomo de investigação, na medida em que desvinculou a obra literária de todas as condicionantes históricas e, à maneira da nova linguística estrutural, definiu em termos puramente funcionais a sua realização específica, como a soma de todos os procedimentos artísticos nela empregados. A tradicional separação entre poesia e literatura torna-se, assim, sem efeito. O caráter artístico da literatura deve ser verificado única e exclusivamente a partir da oposição entre linguagem poética e linguagem prática.

Por sua vez, com uma postura antagônica ao pensamento formalista, a análise marxista da literatura considera-a como um elemento resultante do reflexo das forças sociais e ideológicas que estão em ação em um determinado período e local. Assim, seu objetivo principal é compreender como o discurso literário reproduz as relações da superestrutura relacionadas à exploração econômica e à luta de classes. Para tanto, parte-se da modificação entre o contexto histórico e social na análise de uma obra, com o intuito de identificar as marcas ideológicas presentes no texto. Nesse sentido, como destaca Jauss (1994, p. 15): “a teoria literária marxista entendeu ser sua tarefa demonstrar o nexo da literatura em seu espelhamento da realidade social”.

No seu turno, a Estética da Recepção, tal como definida por Jauss, propõe deslocar o foco quanto à produção de sentido e representação do texto literário para a relação dinâmica existente entre leitor e literatura. Com essa compreensão, é possível criticar o pensamento formalista russo, que considerou que a análise das características formais do texto é suficiente para compreender a literatura, já que ela é por eles considerada arte autônoma. A base de tal crítica parte do argumento de que a potencialidade de sentidos advindos de um texto é maior do que a soma de todos os seus procedimentos estéticos. Ademais, Jauss critica a análise marxista, partindo do posicionamento de que um texto literário pertence ao universo da ficção e que, portanto, extrapola a produção dialética advinda da luta entre a base e a superestrutura.

Para trafegar nos princípios da estética da recepção de Jauss, a partir de sua hermenêutica, primeiro é preciso perceber o texto como um ato literário e artístico. Como acontecimento, a literatura “cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experimentar a obra” (Jauss, 1994, p. 26). Nesse intrincado movimento, as experiências vividas pelo leitor geram uma expectativa estética para com a recepção do texto. Esse horizonte de expectativas pode ser rompido, ou não, a depender do que se espera do texto e dos efeitos que ele gera no leitor. Mesmo havendo uma ruptura quanto à expectativa, uma nova experiência estética é estabelecida. É desse jogo de rupturas que advêm novas criações em uma dialética pulsante da manutenção e renovação. Segundo Jauss, para realizar uma instrumentalização de uma análise literária tendo por base a concepção do horizonte de expectativa, é preciso:

[...] considerar a historicidade da literatura sob três aspectos: diacronicamente, no contexto da recepção; sincronicamente, no sistema de referências da literatura pertencente a uma mesma época, bem como na sequência de tais sistemas; e, finalmente, sob o aspecto da relação do desenvolvimento literário imanente com o processo histórico mais amplo. (Jauss, 1994, p. 26).

Vê-se, assim, que a proposta de análise de Jauss (1994) é organizada em três eixos. O primeiro é o eixo diacrônico, que foca a análise do texto na duração de sua recepção, ou seja, no momento posterior a sua publicação e durante o momento em que estariam agindo os efeitos gerados por esse texto. O objetivo é perceber se o texto é visto como algo novo e inovador, ou se ele será assim considerado depois de algum tempo, ou se ele não é novo de forma nenhuma.

O segundo eixo é o sincrônico, que visa realizar a análise do sistema de referências literárias de uma determinada época. Para tanto, é necessário realizar esse exercício de análise em duas etapas. A primeira consiste em examinar o sistema de referência que existia antes do texto e que, de algum modo, pode ter exercido alguma influência em sua forma estética. A segunda consiste em observar o que está dentro da área de efeito do texto. Nesse tocante, é feita uma análise para identificar se o texto rompe com o sistema de referência que o antecede. Essas duas etapas servem para formar uma base de comparação e, então, constatar se algo mudou na duração do eixo diacrônico. Basicamente, trata-se de uma análise do texto dentro de um contexto, buscando um horizonte de expectativa que abarque a passagem do tempo, inter cruzando-se com o sistema de referências daquele momento.

Finalmente, o terceiro eixo refere-se à conexão e articulação entre a história particular da literatura com a história geral dos acontecimentos. interrelaciona-se, assim, a história geral com a particular, a fim de buscar perceber a existência de nexos entre as duas. Nesse objetivo, busca-se entender como o texto literário naquele momento está agindo sobre a cultura de uma determinada sociedade.

Dessa forma, estruturar um roteiro para a análise da recepção crítica da literatura barretiana tendo por base a estética da recepção, idealizada por Jauss, envolve quatro passos. O primeiro, condizente com as premissas do eixo um, é identificar o horizonte de expectativa do leitor. Trata-se de uma investigação diacrônica que envolve considerar o contexto histórico, social e cultural. O segundo, condizente com a primeira subdivisão do eixo dois, trata-se de uma análise sincrônica, que busca investigar se a estética barretiana provocou continuidades ou rupturas com as convenções estéticas da sua época. O terceiro, condizente com a segunda subdivisão do eixo dois, refere-se à análise da recepção dos leitores, leigos e especializados. O quarto, condizente com o eixo três, é buscar analisar a contextualização da recepção da literatura barretiana em relação a outros textos e eventos. Essa etapa ajuda na compreensão de como a recepção crítica do texto literário está inserida no contexto mais amplo na conjuntura histórico-cultural.

Tal prerrogativa abre um gigantesco e profícuo leque de possibilidades analíticas, uma vez que o foco está voltado para a compreensão dos sentidos produzidos. Por esse caminho, entendendo os sentidos que se dão a partir do encontro relacional com o outro, é possível vislumbrar um fazer científico que caminhe no percurso oposto à busca de respostas universais e totalizantes, uma vez que a característica primordial dos encontros é a singularidade de seus eventos.

Pelos supracitados termos, os leitores de Lima Barreto, especialistas ou não, assumem um papel ativo ao, nesse movimento complexo de encontros, criarem cadeias de sentidos dinâmicas. Isso corrobora a ideia de que “na literatura nunca encontramos palavras puras, que sejam as palavras puras, diretas, do autor, que revelam uma só voz, como ocorre fora da literatura, em que esta tendência motiva e orienta a palavra, apesar de seu constitutivo caráter dialógico e sua alteridade interna” (Ponzio, 2008, p. 67).

3 MEMÓRIA, ETNIA E RECEPÇÃO CRÍTICA DA ESTÉTICA BARRETIANA

Conforme o percurso delineado para esta tese, o presente capítulo propõe analisar como a literatura de Lima Barreto construiu uma representação do negro e do mestiço como figuras do homem comum no espaço suburbano, situando essa abordagem dentro do contexto histórico-cultural de sua época. Para isso, exploraremos a historicização do conceito de etnia e suas implicações na formação dos critérios de recepção crítica das obras barretianas, destacando o impacto de um cenário cultural brasileiro permeado pelo pensamento racista no momento de estreia de sua produção literária. Além disso, abordaremos como o horizonte de expectativa dos leitores e a escolha de Lima Barreto pela verossimilhança moldaram tanto a recepção quanto a interpretação crítica de sua literatura.

Um dos elementos marcadamente presentes na estética barretiana é o fato de que seus protagonistas tendem a ser homens comuns. Lima Barreto parece convidar o seu leitor a olhar sua ficção por uma perspectiva diferente do habitual do cânone estético de sua época, uma vez que o herói de suas obras não é um personagem atravessado por grandes feitos ou histórias épicas. Contrariamente, os holofotes em sua literatura destacam aqueles desprezados pelo pensamento elitista eugênico e eurocêntrico que exercia forte influência na formação cultural brasileira nas primeiras décadas do século XX. Dessa maneira, os protagonistas de suas narrativas são os invisibilizados, os anônimos, aqueles vistos com descrédito e preconceito por não se encaixarem em uma construção representacional do “homem ideal”, que é branco e atravessado por elementos representacionais da cultura europeia.

A esse respeito, julgamos ser possível estabelecer um ponto de intercessão entre a estética barretiana e o pensamento do historiador Michael de Certeau. Em sua obra **A invenção do cotidiano**, Certeau (1998) aborda esse deslocamento do olhar, essa inversão de perspectiva na qual se passa a dar atenção àquilo que a tradição historiográfica desprezou por muito tempo. O ponto central de sua reflexão é que, apesar das estruturas dogmáticas e reguladoras, o homem ordinário se apropria e subverte a ordem imposta a ele. Trata-se de um movimento de resistência e indisciplina que surge nos desvios dos sujeitos em relação ao que lhes é imposto. Nesse contexto, mesmo sendo alvo constante de tentativas de subjugação por uma forma impositiva do viver, que segue critérios estranhos à sua construção identitária, esse homem ordinário revela-se, nas ações corriqueiras e sutis do cotidiano, como alguém insubmisso.

Um outro elemento igualmente presente na literatura barretiana é o fato desse homem comum tender a viver nos espaços tidos como periféricos e suburbanos, que são marcados

pela precarização e, de certa forma, segregação. Em aspectos gerais, ainda que esses espaços representem lugares de pobreza e reduto dos “indesejados”, arriscamos a dizer que essas áreas são tratadas como redutos de memórias por transitarem por diferentes significados representacionais. Afinal, Isaias Caminha, protagonista do romance **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**, e Clara dos Anjos, protagonista do romance **Clara dos Anjos**, construíram boa parte de suas convicções nesses espaços, convicções essas que foram colocadas à prova quando os referidos personagens passaram a interagir com elementos de outro ambiente, o centro.

Arriscamos a dizer que essa dicotomia entre o centro e o subúrbio aparece em primeiro plano por meio dos diálogos entre Gonzaga de Sá e Augusto Machado, protagonistas do romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**, uma vez que as transformações do espaço urbano foram uma das pautas do diálogo entre os referidos personagens. Quanto ao romance **Os Bruzundangas**, essa relação entre o subúrbio e o centro parece estar atravessada por uma premissa organizacional importada, pois são os conceitos representacionais de uma realidade externa e distinta, a europeia, que ditam as formas do pensar e agir das pessoas, independentemente dos espaços em que elas performam as suas vidas. No entanto, argumentamos a esse respeito que, a depender da lente com a qual lemos, esses espaços ganham contornos conectados a um movimento de resistência à exclusão, segregação ou outra articulação referente aos modos de ser e estar no mundo por parte de seus habitantes. Merece destaque, assim, que, para além da situação de vulnerabilidade econômica e social, Lima Barreto apresenta esses espaços suburbanos em sua ficção como lugares de potência.

Assim, a estética barretiana apresenta o viver dos habitantes dos subúrbios pautado na astúcia, subversão e resistência. Seus protagonistas, quase sempre negros e mestiços, são situados em contextos ficcionais nos quais seus corpos são submetidos a um controle externo no que diz respeito às formas de existir e interagir com o mundo. No entanto, esses personagens se revelam como sujeitos desviantes, explorando diversas maneiras de buscar diferentes possibilidades para suas potencialidades. Nessa direção, o enredo narrativo de Lima Barreto sugere que seus personagens percorrem caminhos de resistência não apenas como reação, mas também através de ressignificações sutis que subvertem aquilo que foi criado para limitá-los dentro da trama.

Ao transpor essa reflexão para discutir conceitos como lugar, memória e identidade, podemos afirmar que a construção de um enredo que flerte com questões ligadas a resistência e subversão não pode ignorar a experiência daqueles que estão do outro lado da história. Essa questão de perspectiva ecoa e lança possibilidades de questionamento em relação com um

modelo sociocultural impregnado de signos e dogmas eugênicos. É por esses termos que, resguardando as devidas proporções, dizemos que tanto Lima Barreto quanto Certeau (1998) apresentam ao público leitor uma versão dos espaços urbanos que pulsam para além das estruturas urbanísticas e arquitetônicas. Por assim dizer, é feito o convite para direcionar o olhar para aquilo que transcende ao que é considerado glamoroso, grandioso ou precarizado.

Pontuamos que a literatura de Lima Barreto se vale dos elementos simbólicos presentes na cultura popular para expressar a vitalidade da vida nos espaços de segregação que são os subúrbios. Esses lugares fazem uso do sistema imposto de restrições para modificar seu funcionamento. Não se trata apenas de uma simples assimilação, mas sim de uma reconfiguração em relação à maneira como se exerce a energia criativa de existir no mundo, pois essas “mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro” (Certeau, 1998, p. 79) equivalem à manifestação do potencial criativo de subverter uma ordem imposta. Ainda segundo Certeau (1998, p. 79):

Falando de modo mais geral, uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e a suas legitimações dogmáticas. Uma prática da ordem construída por outros redistribui-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e por referências utópicas. Aí se manifestaria a opacidade da cultura “popular” – a pedra negra que se opõe à assimilação.

É nesse terreno do alternativo que Lima Barreto cultiva sua narrativa. Como um interlocutor perspicaz, ele mobiliza elementos discursivos representacionais que oferecem uma perspectiva outra de percepção do mundo, diferindo da estética tida como canônica em seu tempo. Logo, ao retratar seus protagonistas como negros, pobres, mestiços e suburbanos, o autor cria um terreno fértil para questionamentos e análises profundas. Nesse prisma, a insubordinação como forma de resistência, os cruzamentos, rupturas e permanências na construção de uma memória são os instrumentos com os quais o romancista passa a retratar movimentos de resistência, manifestados tanto na sutileza dos atos cotidianos quanto em explosivas demonstrações de enfrentamento.

É por meio desses intrincados movimentos relacionais em que diferentes representações de mundo se inter cruzam no campo da ficção que a literatura barretiana foi se configurando como um campo de contraposição entre o canônico e o olhar não estereotipado quanto à representação dos negros e mestiços. Portanto, por ter a questão étnica como um dos elementos centrais no presente estudo, julgamos que é essencial compreender como as representações em torno do conceito de etnia foram historicamente construídas e como esse

movimento tende a reverberar na construção da memória da recepção crítica barretiana. Abordaremos mais sobre essas questões nas próximas linhas.

3.1 A etnia enquanto representação e sua relação com a recepção crítica da estética barretiana

Responder à pergunta o que é etnia e quais suas implicações relacionadas à recepção crítica das obras barretianas exige um estudo que aborde a trajetória histórica da construção de seus sentidos enquanto conceito. Para construir uma resposta satisfatória ao supracitado questionamento, julgamos necessário, primeiro, direcionar o olhar para o contexto histórico em que o termo foi criado, para, então, construir uma compreensão acerca dos múltiplos movimentos que moldaram seus significados e efeitos enquanto representação ao longo do tempo. Uma vez concluído tal percurso reflexivo, caminharemos para a segunda parte do questionamento, que é buscar perceber as possíveis correlações entre as representações étnicas e as formas como se deram a recepção crítica da literatura barretiana.

É importante destacar que conceitos abrangentes como esse alimentam a produção de um viés ideológico, que, por sua vez, influencia a construção simbólica do imaginário social. Isso ocorre porque, quando um conceito é considerado como uma verdade, tende a naturalizar formas de pensamento que se manifestam nas ações cotidianas. O fato é que o conjunto simbólico que gravita em torno de um conceito específico tende a exercer um grau de influência na formação de pensamentos e, consecutivamente, nos comportamentos das pessoas.

Propor uma resposta acerca do que é etnia e quais as suas representações demanda ações muito mais complexas do que uma simples consulta ao dicionário. Tendo essa afirmação como ponto de partida, reconhecemos a necessidade de romper com posturas dogmáticas simplistas e superficiais. Assim, abordar tal temática de forma superficial é trilhar um caminho que conduz a respostas vazias e distorcidas. Restringir, por exemplo, os elementos ancestrais da etnia meramente a manifestações folclóricas é uma abordagem preguiçosa quanto a suas questões.

Ao que parece, as questões subjetivas frequentemente se sobrepõem aos elementos objetivos quando se trata da organização social das relações. Mesmo que a ciência contemporânea refute a ideia de existirem características biológicas que favoreçam um grupo em relação a outro, ainda persiste a crença de que os seres humanos podem ser categorizados hierarquicamente com base em questões étnicas. Essa estrutura de pensamento persiste

mesmo com a comprovação de que há apenas uma espécie do gênero *homo* no planeta e que não existem características biológicas que atribuam valores quanto à moralidade entre seus membros. Ainda assim, há um conjunto de elementos simbólicos que buscam justificar a ideia da existência de pessoas mais e menos valorosas do que outras.

Tal interpretação da realidade não se dá espontaneamente e sem a presença de outras vozes que dela destoam. Acontece que, no jogo das representações, os grupos hegemônicos buscam silenciar ou distorcer, quando o silenciamento completo não é possível, qualquer voz que questione sua legitimidade. A esse respeito, parece-nos sensato deduzir que a razão por trás da acidez com que os críticos contemporâneos de Lima Barreto trataram suas obras era o desejo de desqualificá-las pelo fato de elas afrontarem, ainda que na dimensão do ficcional, o conjunto simbólico que nutria o que era tido como estética canônica na época.

Um dos elementos caros na estética barretiana é a forma não objetificada com que ele apresentava seus personagens protagonistas, que são negros e mestiços. Para construir uma reflexão que auxilie na compreensão de como se deu, e se dá, esse choque entre diferentes formas de se representar o negro, ainda que no campo da ficção, julgamos, como dito nas primeiras linhas desta seção, necessário retomar a construção histórica dos sentidos relacionados ao termo etnia. Seguimos, então, nesse caminho para compreender como se deu a construção dos sentidos e significados do termo em questão, ao passo em que, concomitantemente, realizamos o questionamento sobre quem se beneficiaria com a propagação e consolidação da memória resultante desse processo e que, em alguma medida, acabou exercendo influência na forma como a recepção crítica da literatura barretiana foi sendo construída.

De antemão, propomos deixar de lado qualquer concepção estática referente ao termo etnia, pois partimos da ideia de que a construção coletiva da identidade étnica envolve uma relação dinâmica entre diferentes forças que atuam tanto dentro quanto fora dos grupos e movimentos de organização social. Nesse sentido, a formação da identidade étnica não resulta de um processo linear, mas sim de ações sobrepostas que influenciam os limites de pertencimento dos diversos grupos sociais. Assim, sua definição está intrinsecamente relacionada à temporalidade e às dinâmicas relacionais que continuamente moldam a organização social, a qual está em constante transformação.

Ao que parece, o conceito de etnia é utilizado para destacar as semelhanças que ajudam a definir a existência de um grupo social, diferenciando-o dos demais. No entanto, essa demarcação de fronteiras não é exatamente clara, pois faz parecer que seu uso é aplicado

como uma categoria descritiva que carece de uma definição precisa. Sobre isso, Poutignat e Streife-Fenart argumentam o seguinte:

A enorme bibliografia sobre a etnicidade não nos deve enganar. Na maioria dos casos, o termo etnicidade é utilizado mais como uma categoria descritiva que permite tratar um problema de outra natureza (integração nacional, assimilação dos imigrados, racismo etc.) do que como um conceito sociológico que permite definir um objeto científico. A revista das definições proposta por Isajiw em 1974 punha em evidência a imprecisão e a heterogeneidade do conteúdo da noção. Dos 65 artigos sobre a etnicidade passados em revista pelo autor, a maioria não comportava nenhuma definição explícita, e as poucas que foram propostas pareciam, ao mesmo tempo, vagas e heteróclitas. (Poutignat; Streife-Fenart, 1998, p. 85).

Contudo, por ser intrinsecamente complexa e estar em constante movimento, uma definição rígida pode acabar gerando mais problemas do que soluções. Isso não significa, no entanto, que o conceito deva flutuar sem direção em um mar de generalizações e subjetivismos. O ponto em questão é reconhecer que a definição do termo etnia abrange uma pluralidade de elementos que visam compreender a formação de grupos sociais em uma conjuntura multifacetada.

Para o colonizador europeu, o sentido de etnia se assemelhava à noção de tribo ou de povos considerados primitivos (Poutignat; Streife-Fenart, 1998). A classificação desse grupo era baseada em características distintivas, como linguagem, costumes, descendência e senso de pertencimento ao mesmo grupo. No entanto, "para muitos, dificilmente se distingue de termos como sociedade, cultura, formação social ou conjunto cultural" (Poutignat; Streife-Fenart, 1998, p. 56). Logo, não é surpresa que esse conceito seja um dos mais confusos nas ciências sociais.

De acordo com Poutignat e Streife-Fenart (1998, p. 34), "o termo etnicidade foi cunhado no século XIX pelo antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge com o objetivo de responder à questão de como e quais elementos fundamentam a atração e separação de populações". De acordo com o antropólogo, os agrupamentos humanos não têm como elemento central na formação de vínculos a questão biológica da raça, entendida aqui como traços hereditários e morfológicos em comum, nem a formação de uma unidade sociopolítica, como uma nação. Isso ocorre porque pessoas de diferentes pertencimentos raciais podem formar grupos consolidados por fortes vínculos devido a elementos históricos, linguísticos e culturais.

Ademais, mesmo na ausência de uma nação como instituição sociopolítica, os laços de pertencimento entre seus membros podem permanecer, enquanto, ao mesmo tempo,

fomentam a rejeição a outros grupos. Essa questão estabelece uma conexão forte entre as pessoas, ao mesmo tempo em que cria limites para a convivência com aqueles de fora. É importante destacar que essa não foi a única visão que prevaleceu no mundo intelectual europeu sobre o tema em questão. No entanto, um ponto de convergência entre essas visões foi a ideia de que a formação dos laços de pertencimento entre membros de um grupo específico vai além dos produzidos pela organização política e por semelhanças antropológicas.

Seja como for, os elementos relacionados à teoria darwiniana de seleção natural já não eram considerados aplicáveis às sociedades humanas. Em seu lugar, adaptando seus princípios, surgiu a ideia de seleção social. A figura central desse pensamento foi o filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903), que postulou que apenas os grupos mais aptos seriam capazes de sobreviver. Essa concepção de competição e concorrência preconizava que os seres humanos diferem entre si em relação a diversas habilidades, oferecendo algumas mais vantagens do que outras. Seguindo essa linha de raciocínio, certas características influenciariam positivamente a sobrevivência do grupo, e vice-versa. Por essa perspectiva, o confronto entre diferentes grupos humanos era considerado natural, alcançando a vitória os que fossem considerados mais aptos. Nesse contexto, a riqueza e a ideia de prosperidade passaram a ser vistas como provas de que determinado grupo é naturalmente superior a outros. Até mesmo a própria intervenção do Estado em favor dos mais vulneráveis era vista como uma interferência no processo natural da seleção biossociológica (Bolsanello, 1996).

Essa hierarquização das características humanas, ao associar os fenótipos a determinados padrões de comportamento, surgiu a partir da propagação de pensamentos monogenistas e poligenistas sobre a origem da humanidade, conforme Schwarcz (1993). A visão monogenista, característica do pensamento judaico-cristão, retrata a humanidade como tendo uma origem comum. A narrativa hierárquica estabelecida a partir dessa crença sugere que os grupos humanos mais próximos à linhagem do Éden são superiores aos grupos humanos mais distantes. Por outro lado, a visão poligenista defende a ideia de que a existência humana surgiu de diversos centros de criação, correspondentes às diferenças raciais observáveis. A narrativa hierárquica estabelecida a partir dessa crença sustenta a ideia de que existem grupos humanos mais evoluídos que outros.

Ainda segundo Schwarcz (1993), foi no final do século XVIII que surgiram teorias que classificaram o ser humano em grupos biológicos distintos. De acordo com Gould (2003), a definição formal das raças humanas, em termos taxonômicos, misturou características de caráter com anatomia. O *Homo Sapiens Americanus* era usado para descrever os americanos,

que eram estereotipados como vermelhos, de mau temperamento e submissos. O *Homo Sapiens Asiaticus* designava os asiáticos, caracterizando-os como amarelos, melancólicos e gananciosos. O *Homo Sapiens Afer* representava os africanos, vistos como pretos, impassíveis e preguiçosos. Por fim, o *Homo Sapiens Europeus* eram os brancos, considerados sérios e fortes (Gould, 2003).

À luz da ciência contemporânea, sabe-se hoje que as diferenças mais visíveis, como cor da pele, textura dos cabelos e formato do nariz, são determinadas por um grupo insignificante de genes e não exercem determinismo na formação cognitiva de uma pessoa. Além disso, as diferenças genéticas entre um negro africano e um branco nórdico são mínimas. Portanto, ressaltando mais uma vez que se trata do ponto de vista científico, há consenso de que todos os seres humanos que habitam a Terra hoje pertencem à espécie *Homo sapiens* (Aristides, 2012). Uma definição que nos parece apropriada é a contribuição de Poutignat e Streife-Fenart (1998, p. 37) ao ler Weber quanto à definição de grupos étnicos:

[...] grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença se torna importante para a propagação da comunicação, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente.

Ao que parece, a categorização de um grupo, a partir de sua pertença étnica, é elaborada por uma crença subjetiva de construção social que, por conta disso, terá uma definição sempre problemática. Logo, já não se trata de uma leitura objetiva da realidade, mas sim da crença que alimenta a ideia da existência de um laço que interliga pessoas a um grupo de pertencimento por conta de características comuns. Os autores complementam o seguinte:

Assim como não pressupõem uma real comunidade de origem, os grupos étnicos também não pressupõem uma real atividade comunitária. Eles existem apenas pela crença subjetiva que têm seus membros de formar uma comunidade e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os que alimentam tal crença. [...] A língua e a religião desempenham um papel importante, talvez porque elas autorizam a comunidade de compreensão entre aqueles que compartilham um código linguístico comum ou mesmo sistema de regulamentação ritual da vida. (Poutignat; Streife-Fenart, 1998, p. 38).

Ao examinarmos a questão da integração relacional entre os indivíduos em uma sociedade a partir das diferenças étnicas, deparamo-nos com um ponto sensível. Seja pela perspectiva política, identitária ou cultural, a construção da percepção do outro com base na

categorização hierárquica de grupos humanos é uma forma comum de estabelecer autoridade social. No jogo de disputas de poder, tal ato busca legitimar o status do grupo dominante, desconsiderando a diversidade e desvalorizando os demais grupos. Essa construção simbólica se baseia na crença naturalizada de que certos grupos são superiores aos outros, fazendo parte de uma suposta lógica da vida. Essa percepção distorcida, por sua vez, tende a justificar ações discriminatórias e preconceituosas.

Ao ignorarmos a complexidade e diversidade dos grupos humanos, assim como o fato de que as diferenças entre eles são construídas socialmente, corremos o risco de consolidar uma visão distorcida do mundo, na qual a diversidade é encarada como um problema. As consequências negativas desse caminho são evidentes no agravamento das relações baseadas na discriminação das diferenças, afetando os colonizados, escravizados e todos aqueles que se encontram fora da bolha artificialmente construída para distinguir dominantes e dominados.

Embora as características genéticas coloquem todos os seres humanos em relativa igualdade, as singularidades socioculturais e étnicas dos diferentes grupos humanos conferem-lhes individualidade. Nesse sentido, a construção de uma identidade coletiva que intensifique as diferenças e as hierarquize com base em uma construção artificial de valor tende a criar um ambiente propício para a existência de movimentos relacionais beligerantes.

Assim, para abordar a construção da identidade de um grupo, é necessário levar em consideração sua herança cultural, que é polissêmica, complexa e única em sua historicidade. A seriedade desse exercício reflexivo baseia-se no esforço em compreender como os elementos culturais contribuem na produção de significados que promovem e intensificam as diferenças entre os variados grupos (Chartier, 2002). Nessa perspectiva, ao considerarmos a percepção dos aspectos físicos observáveis, podemos inferir que qualquer característica que se desvie do que é naturalizado como ideal tende a atrair olhares de desaprovação. Goffman (2008) define essas características específicas que resultam na incapacidade de aceitação social plena como estigmas. Para o autor, o estigma transmite informações sobre o estigmatizado, o que dá origem a um processo de categorização. Portanto, quando uma pessoa possui uma característica considerada como estigma, são atribuídas a ela uma identidade presumida e uma expectativa generalizada em relação à sua constituição física, moral e cognitiva.

A história nos evidencia que a imagem estigmatizada do imigrante muitas vezes foi construída sob o signo da ameaça. Podemos fazer uma analogia afirmando que esse “outro” possui um conjunto de elementos que, de certa forma, têm o potencial de corromper a concepção naturalizada de uma sociedade idealizada. Portanto, podemos concluir que esse

movimento ocorre em duas direções, pois ao mesmo tempo em que direciona um olhar inquisidor para aqueles que estão fora, fortalece, também, os laços de lealdade entre os seus. O fato é que todas essas construções simbólicas têm como base a avaliação conjunta, contínua e subjetiva dos elementos étnicos. Nesse sentido, é necessário problematizar como ocorreu e continua ocorrendo a construção de seus significados. Isso implica compreender que “teorizar a etnicidade não significa estabelecer o pluralismo étnico como modelo de organização sociopolítica, mas examinar as formas pelas quais uma visão de mundo ‘étnica’ se torna relevante para os atores” (Poutignat; Streife-Fenart, 1998, p. 17).

Como é possível observar, o termo etnia foi ganhando diferentes representações com o passar do tempo. Nessa trajetória, a noção de representação é crucial, pois conecta os sistemas coletivos de classificação do mundo às formas individuais e grupais de expressar identidade, além de explicar como essas identidades são reforçadas e legitimadas por instâncias externas. Essa articulação é fundamental para entender as dinâmicas sociais, as relações de poder e os processos de construção identitária em uma sociedade. Consoante Chartier (2002, p. 11):

O porquê da importância da noção de representação, que permite articular três registros de realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibi-lo e de estilização da identidade que pretendem ser reconhecidas; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada.

Vendo por esse ângulo, parece-nos razoável supor que o que rege as representações, enquanto esquemas do pensar e agir, são condicionamentos não conscientes e interiorizados por meio da naturalização de sentidos e significados que fazem com que os sujeitos compartilhem um sistema de valores. Para Chartier (1991), esse movimento de redefinição de sentidos se dá pelo fato de que as representações são moldadas por fatores relacionados ao contexto histórico e sociocultural, pois os valores e significados compartilhados em uma sociedade não são estáticos. Acontece que, em linha gerais, ainda segundo Chartier (1991), a representação é o elemento essencial quando falamos sobre a construção social da realidade. Para o historiador, as análises históricas devem considerar que o mundo é produzido e reproduzido por meio de práticas e representações culturais. Trata-se de uma mudança paradigmática que substitui a ideia de uma história social da cultura pela concepção de uma história cultural do social. Nas palavras do autor:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade. (Chartier, 1991, p. 183-184).

Seguir essa abordagem implica considerar que as representações relativas ao conceito de etnia são, essencialmente, coletivas. Mesmo as suas manifestações individuais resultam de um complexo movimento de disputas pela legitimidade das narrativas que operam em um dado contexto sociocultural. Nesse movimento de constantes disputas, são construídas e elencadas as memórias que devem ser esquecidas, silenciadas, modificadas, contadas ou readaptadas para atender a diferentes interesses.

Segundo Chartier (2002), a representação opera como uma referência direta a uma ausência e uma presença, concomitantemente. Esse processo engloba a produção, circulação e apropriação de representações sociais, que, juntas, compõem a base da organização do mundo social. A realidade, nesse sentido, é organizada por esquemas geradores que refletem disputas simbólicas entre diferentes grupos e interesses. Embora pareça paradoxal, uma representação faz alusão à ausência por distinguir o que representa do que é representado, ao mesmo tempo em que algo é apresentado. Para Chartier (2002, p. 165):

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante “pela pintura de um objeto”, “pelas palavras e gestos”, “por algumas figuras, por marcas — como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias”. Representar no sentido jurídico e político é também “manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade”.

Por sua vez, Chartier (1998a, p. 17) destaca que uma das preocupações do historiador, atuando pela perspectiva da história cultural, é “identificar como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade cultural é construída, pensada e apresentada para leitura”. Isso implica dizer que a criação de significados a partir de um conceito não ocorre sem conflitos e que o movimento da recepção crítica da estética barretiana não é uma exceção. Ainda segundo Chartier (1998a, p. 17), é necessário “discernir a posição de quem fala”, uma vez que as lutas de representação se manifestam também no campo da ficção, atuando como mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção representacional do mundo social, seus valores e seu domínio.

O caminho percorrido até aqui nos mostra que é possível inferir que cada grupo interpreta o mundo a partir de contextos sociais específicos e dinâmicos, os quais moldam suas práticas de leitura e compreensão do mundo. Embora a experiência cotidiana pareça individual, ela é, de fato, coletiva, uma vez que é atravessada por trajetórias de vida e lugares sociais. A representação funciona, assim, como um instrumento para a organização desses lugares sociais, sendo moldada por dispositivos formais e institucionais que conferem visibilidade e legitimidade a grupos, comunidades ou classes sociais (Chartier, 1991). Nesse processo, as práticas de reconhecimento social e formas institucionalizadas de representação desempenham um papel central, demarcando identidades e posições no tecido social. Essas representações não apenas refletem as estruturas existentes, mas consolidam estruturas e relações de poder, muitas vezes inerentes, como mecanismos de uma dominação simbólica resultante de um constante movimento de disputas por legitimidade.

Chartier (2002) explica que o funcionamento dessa dominação simbólica depende de duas condições: 1) que o signo seja reconhecido como inteligível e 2) que haja uma convenção social a esse respeito. Embora a dominação simbólica exerça uma significativa força nas formas do pensar e agir dos sujeitos, a sua estruturação requer um ajustamento fino entre o signo e o seu significado, pois um destoar entre esses elementos pode fazer ruir toda a cadeia de dominação. Para o historiador em foco:

As condições do crer remetem, primeiramente, aos lugares e às formas da inculcação das convenções, às modalidades da preparação para compreender os princípios da representação de que falam os lógicos de Port Royal. Elas supõem igualmente que a leitura, a decifração, a interpretação nunca são totalmente nem controladas nem impostas pelos discursos e pelas imagens. (Chartier, 2002, p. 174).

Lançar um olhar questionador para esse movimento de disputas exige um olhar aprofundado para os aspectos estruturais da organização sociocultural em um dado contexto. Nessa direção, é necessário compreender como diferentes grupos produzem suas representações e como elas se articulam, entram em conflito ou dialogam com as de outros grupos. É nesse intrincado movimento de disputas que se dão as ações dos críticos da estética barretiana. Ao propor um novo olhar simbólico para o negro e o mestiço, Lima Barreto destoou do que era tido como normativo em seu tempo, gerando respostas dos seus críticos que, possivelmente, serviram como mecanismos de controle para a manutenção das relações de poder por meio de formas simbólicas de interpretar e validar determinadas visões de mundo. Essa é uma possível explicação do porquê de a literatura barretiana ter sofrido com

críticas que buscaram fundamentar diferentes narrativas que desqualificavam seus romances nos contextos de estreia. Segundo o estudioso Paula Jr. (2019, p. 211-212):

O que teria motivado tal recepção a Lima Barreto, ainda segundo a nova percepção crítica, seriam elementos não-literários, isto é, sua condição de negro (mestiço), pobre e suburbano. O julgamento justo do trabalho literário de Lima Barreto haveria sido sonogado pelo preconceito, por um conjunto de forças sociais que se teriam movido pelas raias do racismo e da mesquinhez classista. Os donos da literatura e do poder na sociedade brasileira do começo do século XX não teriam permitido a entrada de um “marginal”, socialmente inferior, ao mundo honorável das letras.

Essas relações conflituosas evidenciam as disputas entre grupos sociais que buscam moldar as representações de si mesmos e dos outros. Logo, a representação transcende a reprodução objetiva da realidade, constituindo-se como um espaço de construção ativa, permeado por permanências e contradições. Portanto, a representação no campo literário emerge, também, como um elemento central para compreender as relações entre cultura, poder e sociedade, pois elas não apenas organizam o mundo social, mas também revelam os conflitos que moldam identidades e hierarquias no plano simbólico. Nesse sentido, a análise das recepções críticas da estética barretiana, sob a perspectiva do conceito de representação de Chartier, possibilita explorar como práticas culturais e simbólicas moldam a percepção da realidade e tendem a influenciar a forma como se dão as recepções de obras ficcionais.

Seguindo a direção apontada pelo que refletimos até aqui, poderíamos dizer que a forma como uma estética literária trata o conceito de etnia ressoa, em alguma medida, no quadro geral de como construções simbólicas tendem a agir no movimento de naturalização de determinadas formas de pensar. Por conta disso, julgamos imperativo realizar o seguinte questionamento: quem se beneficia com a criação e manutenção das representações étnicas como marcadores da diferença? Nesse sentido, devemos buscar compreender como as representações sociais agem enquanto mecanismos de controle e construção social da realidade e como esse cenário cultural influenciou na forma como a estética barretiana foi recebida.

Reflitamos, então, sobre a construção de valores tomados como verdades que fundamentam uma prática de pensamento e ação, a partir da consolidação de conjuntos simbólicos no senso comum. Embora o termo “senso comum” seja polissêmico, assumimo-lo enquanto manifestação dos princípios difundidos pelos elementos da cultura predominante. Portanto, podemos deduzir que as narrativas que buscam justificar e legitimar ações e pensamentos, visando estabelecer uma correspondência entre a vida real e um ideal de vida,

são, na verdade, narrativas ideologizadas. Nesse sentido, uma vez que essas narrativas buscam estabelecer e perpetuar um conjunto de crenças e ações, é válido questionar como ocorreu e ocorre o jogo de tensões e disputas entre diferentes forças para que uma determinada narrativa seja considerada validada, ao mesmo tempo em que silencia ou distorce todas as outras contrárias a ela.

As conjunturas simbólicas presentes no campo sociocultural tendem a determinar, na perspectiva de seus membros, como a vida deve ser encarada e vivida. Esse jogo complexo influencia a construção de um imaginário relacionado à busca incessante por um ideal, o que acaba categorizando ações e pensamentos como desejáveis ou indesejáveis. Essas representações, que classificam, hierarquizam e atribuem valor e significado ao ato de viver, transformam-se em consonância com as mudanças culturais em seus contextos e temporalidades.

Ao seguir esse caminho, podemos inferir que as bases referenciais do que é considerado desejável, a partir de um ideal, são traçadas de acordo com as manifestações culturais de um dado contexto. É nesse ponto que a trama se torna mais complexa. A criação de valores, no sentido de definir o que é desejável com base em um ideal, exerce uma influência direta nos corações e mentes de um grupo. Essa produção de significado valida as representações que favorecem a narrativa da cultura hegemônica, pois ela é criada, disseminada e ressignificada tendo como base o conflituoso movimento relacional dos múltiplos elementos que atravessam a formação cultural de uma sociedade.

Portanto, questionamos as narrativas que definem a etnia como um marcador de diferença em relação a um tipo ideal de referência humana, utilizando, para isso, o campo da memória e da representação. Para aprofundar essa discussão, um caminho possível é recorrer à premissa de que os conceitos considerados verdadeiros não são dados naturalmente, mas sim naturalizados, pois tudo tem um início histórico (Nietzsche, 2009).

Acreditamos que é por meio da influência de uma cultura de base niilista¹ que o conceito de etnia é utilizado como marcador de diferença entre os seres humanos, categorizando-os hierarquicamente com base em elementos culturais e fenotípicos, a fim de favorecer um grupo étnico em detrimento dos demais. Isso ocorre porque qualquer afirmação que estabeleça um referencial para julgar a vida a partir de um ideal, seja ele biológico, cultural, religioso, ficcional ou político, é apenas uma estratégia construída historicamente

¹ Termo utilizado por Nietzsche (2000) para descrever o movimento do negar a vida em sua essência do devir e imanência em favor de uma construção representacional idealizada.

para alcançar um determinado objetivo. Logo, nos sentimos autorizados a dizer que todos os significados e representações atribuídos à questão étnica como marcador social de cunho hierárquico não correspondem a uma formulação de cunho pragmático. Portanto, a busca do pesquisador deve se direcionar para a compreensão do contexto histórico em que determinado conceito adquiriu status de verdade e como essa pretensa verdade tende a se valer de diferentes referências representacionais, como a ficção, para lhe dar suporte.

Entender a verdade como uma invenção – e aqui não nos referimos aos domínios das ciências exatas – significa dizer que ela é construída para atender a uma demanda específica. No jogo de tensões entre diferentes forças que compõem o contexto social, um valor considerado verdadeiro busca satisfazer um desejo em detrimento de outros. Assim, um valor tido por verdadeiro tem como objetivo subjugar valores ou forças que se diferenciam dele, tratando-se, assim, de um meio para atingir um fim. Baseado na premissa de que toda ideia de verdade possui uma historicidade que a tornou naturalizada, valemo-nos do pensamento nietzschiano, que propõe uma abordagem analítica engendrada pelo método genealógico. A esse respeito, Deleuze (1976, p. 2), lendo Nietzsche, aponta que o questionamento genealógico tem por premissa a ideia de que nada deve ser dado como natural quando o assunto são as relações humanas, pois tudo possui historicidade e, portanto, passou por um processo de naturalização:

Genealogia quer dizer, ao mesmo tempo, valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores tanto quanto a seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre o valor destes. Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem. O nobre e o vil, o alto e o baixo, este é o elemento propriamente genealógico ou crítico. (Deleuze, 1976, p. 5).

Basicamente, a formulação desse questionamento parte do princípio de que uma ideia de verdade é concebida assim diante da articulação de um conjunto de valores criados em um determinado contexto para atender a uma demanda específica. Conforme Foucault (2015, p. 62-63), o questionamento genealógico proposto por Nietzsche não tem a intenção de retroceder no tempo para restabelecer uma continuidade além da dispersão do esquecimento, uma vez que seu objetivo não é demonstrar que o passado ainda está presente, vivaz e secretamente animando o presente. O que deve ser feito, porém, é investigar a construção do valor como verdade por meio da análise da sua criação e da construção simbólica dos conceitos considerados bons e ruins ao longo do tempo (Foucault, 2015). Portanto, o primeiro

entendimento acerca do conceito de etnia é que ele foi criado para atender a uma demanda específica dentro de um complexo jogo de tensões e disputas de poder. Nesse enquadre, o campo da estética ficcional não está apartado desse movimento relacional.

Seguindo essa linha de raciocínio, compreendemos que todo o sentido de verdade presente em um conceito é resultado de uma construção histórica. Assim, sua naturalização ocorre devido aos esforços de um grupo específico que se beneficia desse conjunto simbólico. Essa ampliação do escopo de questionamento problematiza não apenas o próprio conceito, mas também seus criadores, possibilitando desnaturalizar valores solidamente estabelecidos. Por esse motivo, devemos direcionar nossos questionamentos também para aqueles que interpretam e avaliam determinado fenômeno, atribuindo-lhe sentido, pois o avaliador está implicado na avaliação – como julgamos ser o caso dos críticos contemporâneos aos lançamentos das obras barretianas.

Vale lembrar que as recepções críticas das obras barretianas no contexto de seus lançamentos assumiram uma perspectiva quase uníssona de que se tratava de obras de um autor negro e ressentido. A esse respeito, considerando que o posicionamento dos críticos se propagou com relativa tranquilidade, julgamos essencial entender como um sentido de valor artificialmente produzido obtém sucesso em sua assimilação e propagação. Aprofundar-se nesse movimento implica compreender como um determinado sentido de verdade alcança sucesso em sua perpetuação a ponto de se tornar uma verdade para o senso comum. É certo que, para a formação de tal conjuntura, foi necessária uma confluência de fatores, pois é preciso que haja um substrato, algo ligado à memória e às experiências construídas ao longo do processo de formação do consenso (Oliveira, 2004).

No âmbito da história cultural, conforme abordado por Chartier (1998a), a análise deve focar na compreensão da dinâmica dos elementos ideológicos presentes na realidade cultural dentro de um determinado período. Isso implica reconhecer que, para compreender como esses conceitos e representações foram criados e propagados como práticas e símbolos, é preciso entender como essas ideias estavam inseridas “em um campo de competição e disputa cujos desafios se relacionam com poder e dominação” (Chartier, 1998a, p. 17).

Esse jogo de tensões, manifesto no tecido sociocultural, colabora para que haja uma incorporação de uma ideia com sentido de verdade na esfera subjetiva do pensamento coletivo. Isso implica dizer que o sentido construído por um conceito reverbera diretamente nas dinâmicas de vivência dos indivíduos, pois se vale como uma representação social. É no campo das representações sociais que a cultura dominante disputa inculcar a sua versão de legitimidade quanto ao conceito etnia. Contudo, é razoável deduzir que os significados

relacionados à etnia foram empregados para organizar a vida social e não possuem uma relação de causa e efeito com a estética barretiana, pois uma produção literária, enquanto arte, não tem em sua composição um reflexo direto e simples do momento histórico em que foi criado.

É importante mencionar que o escritor/artista se vale do universo lúdico para atribuir sentido à sua estrutura linguageira a partir dela própria. A questão que colocamos é como a estrutura linguageira da estética barretiana se relaciona com as demais estruturas linguageiras tidas como canônicas. O que concluímos a esse respeito, tendo como base a historicização da construção representacional referente à etnia, é que a ficção barretiana apresentou a representação do negro em uma dimensão diferente dos enquadramentos socioculturais da época. Houve, então, um choque entre a forma como os personagens negros eram representados no campo estético.

Sentimo-nos confiantes em afirmar, assim, que a estética barretiana protagonizou um movimento de dupla ruptura, pois rompeu tanto com as representações nas quais os negros e mestiços eram performados, considerando parte da estética canônica de sua época; quanto com as representações culturais hegemônicas, que se baseavam em representações associadas à objetificação do corpo negro. Ainda que a realidade empírica seja extraliterária, Lima Barreto parece ter incomodado seus críticos por ter construído uma ficção que estabeleceu uma relação de contraposição a signos naturalizados para com a forma com que os negros e mestiços eram representados na esfera cultural e literária, alimentando reações de desaprovação por parte dos críticos da época. Por esses termos, julgamos produtivo analisar o contexto cultural brasileiro em que se deu as primeiras recepções críticas das obras barretianas nas próximas linhas.

3.1.1 O contexto cultural brasileiro durante a estreia das obras barretianas

O conceito de representação permite-nos compreender que toda obra literária é produto de um determinado momento histórico, mas não de uma totalidade homogênea, dotada de uma significação ideal e única presente em cada uma das manifestações que a exprimem (Chartier, 2002). Isso implica dizer que a realidade empírica é extraliterária por conta da sua dimensão artística. Logo, ela é geradora de discursividade a partir das relações que estabelece com outros discursos que escapam à realidade propriamente dita.

Assim sendo, a discursividade relacional entre diferentes estéticas e estruturas linguageiras se dá dentro de um contexto cultural historicamente definido. Daí o nosso

posicionamento de que, sendo as representações culturais as formas que atribuem sentido ao mundo, as práticas socioculturais influenciam a maneira como os indivíduos interpretam os diferentes símbolos e discursos. Tal entendimento nos leva a crer que a recepção crítica da literatura barretiana no início do século XX se deu a partir de uma construção influenciada pelas representações e valores culturais da época. A questão aqui não é se valer do contexto sócio-histórico para explicar a estética barretiana, pois ela, assim como as demais manifestações artísticas, possui uma dimensão própria. O fato é que, para investigar a recepção crítica da literatura de Lima Barreto, julgamos ser necessário observar como os críticos e leitores de seu tempo, dentro do seu horizonte de expectativas e influenciados por suas próprias representações culturais e preconceitos, reagiram a suas obras.

Portanto, e tomando o cuidado para não enquadrar a literatura como um produto histórico, defendemos o posicionamento de que é preciso analisar o contexto cultural brasileiro do final do século XIX e início do XX para alcançar uma melhor compreensão de como se deram os movimentos relacionais pelos quais os romances barretianos foram recebidos e descredibilizados. Nesse ínterim, nossa finalidade é buscar entender por que certos elementos artísticos foram ignorados ou suprimidos em favor de leituras que privilegiaram aspectos sociais, revelando como as representações culturais impactaram a recepção das obras barretianas.

Assim, ao entender como era composto o cenário cultural do Brasil do final do século XIX e início do XX, podemos perceber que os elos que vão se revelando demonstram a existência de uma estratégia rebuscada de disputa da legitimidade para manter um consenso social de superioridade dos brancos em relação a todos os outros. Essa intrincada teia ideológica se valeu de discursos científicos, ou pseudocientíficos, para se autoproclamar como verdade absoluta. Dessa forma, os discursos centralizados buscaram influenciar o modo de vida das pessoas, transferindo valores e comportamentos presumidos com base na cor da pele.

É importante ressaltar que essa discussão deve abranger diversas camadas e perspectivas, pois uma das dimensões dessa estratégia foi a de atribuir aos indivíduos a culpa por sua exclusão com base em sua genética. Caso galgasse êxito em suas aspirações, o discurso de dominação ganharia ares de consenso, o que enraizaria na constituição psíquica das pessoas a naturalização da visão hierárquica entre os sujeitos. Nesse raso contexto idealizado pelo poder dominante, a elite branca conseguiria nadar de braçada enquanto os demais, no muito, flutuariam à deriva.

Ao analisarmos mais a fundo esse cenário intrincado, torna-se claro que os jornais, que eram o principal meio de comunicação da época, desempenharam um papel significativo na

construção desse projeto de sociedade. Os jornais configuravam-se como um espaço marcado pela disputa de poder, em que se materializavam estratégias para estabelecer a hegemonia branca. No entanto, é importante ressaltar que esse movimento não ocorreu sem conflitos e subversões, pois, a exemplo de Lima Barreto, algumas vozes emergiram ocasionalmente em oposição à lógica do pensamento racista.

Começamos, então, pelo fato de que a colonização e o sistema escravista deixaram como legado para o Brasil um conjunto de crenças que, de certa forma, são sentidas até os dias de hoje. De um modo geral, esses primeiros valores implantados pelos portugueses tiveram como princípio a visão patrimonialista da sociedade, que fomentou uma economia de exploração predatória dos recursos naturais e a implantação de um sistema de trabalho que ignorava a humanidade dos povos indígenas e dos africanos, assim como de seus descendentes. Retomar essa formação inicial do Brasil é primordial para, a partir daí, buscar entender as diferentes relações com os movimentos e desdobramentos presentes na constituição sociocultural brasileira.

Uma característica importante a ser considerada é a abordagem da miscigenação no Brasil. Além dos portugueses e dos diversos grupos indígenas aqui presentes, o país recebeu povos de praticamente todas as partes do mundo. É importante ter em mente que a imigração forçada dos povos africanos, devido ao sistema escravista, trouxe uma imensa diversidade de indivíduos, carregando consigo uma ampla variedade genética, bem como um rico repertório linguístico, religioso e cultural. Diante desse fato, o movimento dialético com outros grupos humanos permitiu que a miscigenação desses povos contribuísse para uma profunda incorporação de plurais e complexos elementos simbólicos e biológicos na formação da cultura brasileira.

Também na década de 1930, o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1995) realizou um estudo com o objetivo de compreender os rumos da formação da sociedade brasileira a partir de suas raízes históricas, culturais e sociais. Em sua obra **Raízes do Brasil**, amplamente reconhecida como um clássico da história e sociologia, o historiador apresenta suas reflexões e tentativas de uma análise macrointerpretativa dos processos que moldaram a sociedade brasileira.

Fazendo um recorte das proposições que interessam para a construção do presente estudo, consideramos a discussão sobre quais heranças socioculturais foram herdadas pelo Brasil de seu colonizador. Para o autor, os países ibéricos, diferentemente dos demais países europeus, tinham como característica sociocultural o personalismo ou cultura da personalidade. Sendo uma das heranças, esse princípio incide na construção das relações entre

as pessoas e o cenário político. Segundo Holanda (1995, p. 148), “o brasileiro não conhece qualquer forma de convívio que não seja aquele ditado por um fundo emotivo”. Na prática, pressupõe-se, então, que o brasileiro construa suas ações pelo viés passional, ou seja, age principalmente motivado pela emoção e não pela razão.

Por conta dessa característica, o historiador definiu o brasileiro como “homem cordial” (Holanda, 1995, p. 139), sendo aquele que age com base nos seus afetos. Logo, e essa é uma ressalva importante de se fazer, o sentido da referida expressão não é sinônimo de cordialidade conforme descrito nos dicionários. Essa exaltação da personalidade, e todas as suas reverberações, fomentam uma estrutura sociorrelacional que tornam porosas as fronteiras entre o público e o privado, pois “não foi fácil para os funcionários públicos, criados dentro destas famílias, compreenderem a distinção fundamental entre o público e o privado. Falta a esse funcionário o caráter da impessoalidade, necessário à vida pública” (Holanda, 1995, p. 146).

Na década de 1930, o escritor Gilberto Freyre publicou seu livro **Casa Grande e Senzala**, que se tornou uma das obras mais importantes da sociologia brasileira à época. Apesar de ter defendido pontos que são vistos como controversos nos dias de hoje – como a valorização da aristocracia brasileira e a ideia de um equilíbrio entre forças antagônicas, entendido como uma harmonização das relações sociais e, posteriormente, interpretado como o mito da democracia racial – Gilberto Freyre buscou investigar a construção da sociedade brasileira a partir da constituição da família. Em sua perspectiva, o microcosmo relacional existente entre a casa grande e a senzala representa o cerne da formação do povo brasileiro (Freyre, 2000). Nessa visão, a miscigenação foi considerada um fator que agregou diversidade e riqueza cultural ao Brasil.

É certo que hoje há críticas contundentes quanto aos posicionamentos dos autores das duas obras supracitadas. Contudo, o ponto que aqui nos interessa é que elas representam exemplos marcantes de uma ruptura com a abordagem que buscava compreender a formação da sociedade brasileira a partir de uma perspectiva biológica. De acordo com Schwarcz (1993), no período entre 1870 e 1930, prevaleceu uma abordagem que enfatizava a constituição das sociedades com base em aspectos genéticos. Na mesma linha, muitos estudiosos desse período defenderam a superioridade do homem branco em relação a outros grupos étnicos. Esse posicionamento alimentou o chamado racismo científico e a visão naturalizada da desigualdade social. A respeito do racismo científico, Foucault (1999) afirmou o que se segue:

Com efeito, o que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma cesura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico. Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças ou, mais exatamente, tratar a espécie, subdividir a espécie de que ele se incumbiu em subgrupos que serão, precisamente, raças. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder. (Foucault, 1999, p. 305).

A esse respeito, vigorou o seguinte questionamento: qual a influência que esses sujeitos exerceriam na calibragem das relações e da formação sociocultural do país? A força da questão relativa ao trato com os negros e mestiços pode ser percebida no movimento de transição do Império para o República, uma vez que o fim do sistema escravista contribuiu para que isso acontecesse. Nas palavras de Ribeiro (2006, p. 203):

[...] o Brasil, no seu fazimento, gastou cerca de 12 milhões de negros, desgastados como a principal força de trabalho de tudo o que se produziu aqui e de tudo que aqui se edificou. Ao fim do período colonial, constituía uma das maiores massas negras do mundo moderno. Sua abolição, a mais tardia da história, foi a causa principal da queda do Império e da Proclamação da República.

Em um cenário representacional pautado nos dogmas do racismo científico, os negros e mestiços eram vistos como ameaças para a consolidação de uma população idealizada pela elite branca brasileira. Essa ideia era propagada nos jornais, principal meio de comunicação do período, tratando-os sempre como degenerados e dotados de toda sorte de inaptidões, conforme Souza destaca nos trechos a seguir:

O negro será retratado nos jornais: nas seções científicas, como objeto de estudo ou comprovação das teorias racistas; na seção de notícias, ora assassino, ora fugitivo, ora como incapaz de viver em sociedade cometendo graves erros por ignorância, ora por suas práticas de feitiçaria e canibalismo, ora por sua degeneração moral; [...] na seção de contos, como um semi-homem com características pouco civilizadas. Não podemos nos esquecer das seções policiais e dos obituários, em que a figura do negro era constante: é aquele que mata e também aquele que morre de forma quase sempre violenta. [...] A descrição do negro como lascivo, libidinoso, violento, beberrão, imoral ganha páginas dos jornais compondo a imagem de alguém em que não se pode confiar. Condenavam o samba e a capoeira como

práticas selvagens e que terminavam em desordem e violência. Acusavam os negros por praticarem bruxarias, por não possuírem espírito familiar, sendo as mulheres sensuais e infiéis aos maridos violentos, retratos da falta de estrutura moral, psíquica e social do negro. (Santos, 2002, p. 129-131).

O foco central de toda essa discussão, segundo o viés dogmático do racismo científico, era construir uma sociedade vigorosa, tendo como uma de suas principais características a miscigenação de variados grupos humanos. Uma solução prevista foi a política da eugenia. Consoante Rangel (2015, p. 17):

De acordo com Sylvio Romero, o Brasil seria produto de três correntes raciais: o branco europeu, branco (greco-latino) que veio para o Brasil com os portugueses e seria inferior aos povos germano-saxões; os negros africanos, que jamais criaram uma civilização, considerados como derrotados na escala etnográfica; e os índios aborígenes, os mais inferiores na escala etnográfica. Porém, apesar do baixo nível cultural segundo os padrões europeus, esses povos conseguiram influenciar a cultura brasileira. [...] Romero concluiu que no Brasil não havia tipos puros. Mesmo que o negro ou o índio fossem puros-sangues, esses não se destacaram na história brasileira. Os anos de miscigenação criaram um povo que sofrera influência desses três elementos, sobressaindo-se os brancos por serem mais desenvolvidos, já que os índios haviam sido exterminados pelas guerras e os africanos foram sujeitados à escravidão. [...] Se com a introdução de elementos brancos na sociedade brasileira, visando ao longo tempo branquear a população e consequentemente deixando de existir negros e mestiços, o Brasil tornar-se-ia, então, uma nação superior, só existindo pessoas de pele clara, a superioridade seria algo adquirível.

Seria então a miscigenação o caminho escolhido para absorver a população negra, mesclando-a gradativamente com a de cor branca. Porém, mesmo essa ação não se daria sem uma dose de pessimismo, já que, segundo a crença de parte da elite branca, a mistura das raças poderia resultar na degeneração de seus descendentes. Por outro lado, o otimismo para com tal estratégia de branqueamento da sociedade é descrito por Schwarcz (1993, p. 12), ao dizer que o Brasil era visto como “[...] uma nação composta de raças miscigenadas, porém em transição. Essas, passando por um processo acelerado de cruzamento, e depuradas mediante uma seleção natural [...], levaria a supor que o Brasil seria, um dia, branco”.

Segundo Skidmore (2012, p. 81), a tese do branqueamento baseava-se na presunção de que “a miscigenação produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros”. Se a versão tida por otimista acreditava que a miscigenação “não produziria inevitavelmente ‘degenerados’, mas uma população mestiça sadia capaz de se tornar sempre mais branca, tanto cultural quanto fisicamente” (Skidmore, 2012, p. 81), a versão pessimista partia da

presunção de que os descendentes desse movimento seriam pessoas degeneradas física e psicologicamente (Rodrigues, 1894).

Posicionando-se a respeito desse tema, o médico e antropólogo Nina Rodrigues declarou que a mestiçagem representaria um processo de degeneração para a formação da sociedade. Segundo ele, o resultado dessa mistura levaria à deterioração da raça, gerando indivíduos motivados a adotar comportamentos criminosos e/ou desenvolver doenças psíquicas. Essa vertente da antropologia criminal estabeleceu uma ligação estreita entre a criminologia e a medicina legal, rotulando os mestiços como potenciais criminosos. Essa premissa de culpa antecipada precedia a suposta prática futura do delito, estigmatizando-os como criminosos mesmo antes da ocorrência do crime. Com base nesse raciocínio, o autor defende a ideia de que, considerando o potencial de periculosidade dos negros e mestiços, o código penal deveria tratá-los de forma distinta dos brancos (Rodrigues, 1894).

É nesse contexto sócio-histórico que a cidade do Rio de Janeiro vivenciou um processo de reestruturação urbana para galgar ares de uma modernidade importada do velho mundo. Lima Barreto testemunhou essas mudanças arquitetadas pelo fio condutor do racismo científico no início do século XX. Nessa moldura contextual, os ambientes da cidade estavam sendo pensados de modo a propiciar para a elite branca a ampliação da materialização física do espaço, a fim de que pudessem desfrutar de seus tantos privilégios. No mesmo sentido, a reorientação dos espaços urbanos também funcionava como mecanismo de controle e domínio das classes populares. Essa reestruturação materializou a visão da ideia de progresso dos agentes governamentais, que se traduziu na demolição dos cortiços habitados majoritariamente por negros e mestiços, forçando-os a migrarem para as periferias.

Como era de se esperar, essa materialidade excludente e discriminatória deixou profundas marcas na sociedade, pois a segregação racial fez com que a cidade do Rio de Janeiro se tornasse um lugar de extremos. De um lado vigorava a elegância das avenidas largas e a ostentação das lojas que comercializavam produtos e costumes europeus. Por outro lado, como que empurrados para debaixo do tapete, os subúrbios foram ocupados pela miséria. Além da condição material, a concentração de melanina demarcava, genericamente, quem residia em qual espaço.

A exemplo de tantos outros, Lima Barreto morava no subúrbio e fazia uso dos bondes para se dirigir para o centro para trabalhar. Sendo o principal meio de transporte da época, os bondes traziam ao alcance dos olhos as dimensões da reorganização urbana e a conseqüente acentuação das desigualdades por conectar a periferia, marcada pela pobreza, ao centro e suas áreas nobres.

O aumento nas linhas de bonde aumentava na proporção em que esse transporte urbano se generalizava, alterando no mesmo ritmo os costumes locais. Em primeiro lugar, multiplicavam-se as formas de chegar ao trabalho e de visitar conhecidos e familiares. [...] O bonde guardava ainda duas características aparentemente opostas: de um lado, oferecia ares de modernidade ao Rio de Janeiro; de outro, transgredia, de certa maneira, a ordem planejada. Se fazia parte das benesses da capital federal, que se “vestia de noiva” para bem casar com a recente situação política, econômica e social, colocava agora, no mesmo espaço, classes sociais diversas, o que apenas tornava mais claras as diferenças entre elas, em termos de afluência e consumo. Assim, se o transporte permitia certo convívio social, também desnudava fronteiras e mostrava como a pobreza estava agora mais localizada na periferia e distante da zona nobre do Rio. (Schwarcz, 2017, p. 183-184).

As paisagens descortinadas pelas janelas do bonde em trânsito mostravam o contraste entre as avenidas e os morros e as disparidades entre a arquitetura sofisticada dos bairros e a pouca infraestrutura dos subúrbios. Por essas janelas, desenhava-se como a política pública ligada ao racismo fragmentou o espaço urbano, moldando a organização das cidades. Nesse cenário, observa-se que a cidade do Rio de Janeiro do início do século XX era fragmentada política, social e geograficamente. O entrelaçamento dessas muitas facetas resultava na “cidade ideal, dos cartões-postais e das revistas ilustradas, quer ocultar a cidade real, empurrando para os morros e subúrbios os figurantes indesejáveis” (Resende, 2016, p. 92). Quer seja pelas janelas dos bondes ou pelas propagandas nos jornais, a influência do racismo científico estava sempre presente no Rio de Janeiro dos primeiros anos da República.

Foi nas primeiras décadas do sistema republicano que a cidade do Rio de Janeiro respirou a atmosfera produzida pelo que se definiu como a *Belle Époque*. Por ser a capital cultural, política e administrativa do Brasil na época, a cidade do Rio de Janeiro experienciou significativas mudanças estruturais e representacionais. Segundo Chataignier (2010, p. 94) “o Rio de Janeiro parecia uma filial de Paris, não apenas na fala, mas nas atitudes de elegância, vestuário e moda. A Rua do Ouvidor, que lembrava um comprido shopping center a céu aberto, era o local onde se encontravam as lojas mais chiques”. Contudo, como já antecipamos, as transformações não se restringiram ao campo da materialidade. No campo intelectual e artístico, o Rio de Janeiro também vivenciou uma mudança na maré daquilo que era visto como hegemônico.

Dessas transformações graduais e não lineares, a literatura brasileira emerge como um espaço atravessado por representações desse espesso caldo cultural. Com base nas considerações feitas até o momento, é pertinente afirmar que a representação do negro na literatura, especialmente na brasileira do final do século XIX e início do XX, influenciada

pela ideologia do racismo científico, tendeu a tratá-lo como um ser objetificado. Isso significa que, de maneira geral, o negro foi retratado sob a ótica estética do poder dominante. Seguindo essa linha de raciocínio, mesmo quando retratado dentro do universo ficcional, é razoável supor que narrativas fictas foram utilizadas de modo a designar estereótipos que reforçavam uma hierarquia centrada na hegemonia branca.

É importante considerar que a representação estereotipada e caricata do negro na literatura contribuiu para a perpetuação de um ideal civilizatório que legitima a exclusão social e cultural desse grupo. Portanto, é fundamental questionar as vozes e perspectivas que dão vida aos personagens negros nas narrativas literárias. Segundo David Brookshaw (1983), podemos observar uma natureza humana entre a construção da identidade negra no Brasil e sua representação na literatura, especialmente no século XIX. De forma geral, essas representações refletem e reproduzem uma suposta autoridade racial em que o branco é considerado como referência de autoridade e prestígio.

Em muitos aspectos, tendo a cultura escravocrata como cenário, a narrativa literária canônica brasileira foi sendo dimensionada por uma retórica que encontrava ecos na lógica cultural hegemônica de seu tempo. Essa reflexão encontra ressonância na afirmação de Hall (1998, p. 70) ao dizer que “todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicações – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais”. Isso não implica dizer que todas as criações artísticas estão fadadas a circunscrever aquilo previsto pelos dogmas da cultura hegemônica, mas sim que existe uma tendência quanto às manifestações de uma estética que ganha robustez por conta de um dado cenário sociocultural. Ademais, se analisarmos como as representações dos personagens negros e mestiços foram construídas e transformadas ao longo do tempo, encontraremos nuances do determinismo biológico e circunstancial engendrado pelas teorias raciais da época.

Genericamente, tenhamos em mente que a elite intelectual do Brasil da época, em grande parte ligada à tradição agrária, era composta basicamente por uma camada social de brancos ricos, que eram influenciados pelos valores professados e cultuados no continente europeu. Conseqüentemente, esses homens eram pontes para a importação desses valores estrangeiros e agentes responsáveis pela sua incorporação nessas terras tropicais.

O Brasil, egresso do puro colonialismo, mantém as colunas do poder agrário: o latifúndio, o escravismo, a economia de exportação [...] Carente do binômio urbano indústria-operário durante quase todo o século XIX, a sociedade brasileira contou, para a formação da sua inteligência, com os

filhos de famílias abastadas do campo que iam receber instrução jurídica (raramente, médica) em São Paulo, Recife e Rio (Macedo, Alencar, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Pedro Luís), ou com filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais, que definiam a grosso modo a alta classe média do país (Pereira da Silva, Gonzaga Dias, Joaquim Norberto, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Silvio Romero). Raros os casos de extração humilde na fase romântica, como Teixeira e Sousa e Manuel Antônio de Almeida. (Bosi, 1994, p. 92).

O que nos parece sensato deduzir é que, em geral, a visão ficcional do negro na literatura brasileira do século XIX teve como marca a visão distanciada de sua historicidade e a veiculação de estereótipos que perduraram por décadas. Nesse sentido, a transfiguração dos personagens negros oscilava entre as idealizações construídas em torno do ser coisificado. Assim, o negro era representado como figura animalesca e amoral, algoz e vítima de sua situação ou qualquer simbolização que o destituía de sua voz para atender à lógica do protagonismo branco.

Seguindo por esse caminho, Domício Proença Filho (2004) constrói uma reflexão sobre dois personagens emblemáticos da ficção literária brasileira do século XIX. Trata-se de Isaura, personagem protagonista do romance **A Escrava Isaura**, do escritor Bernardo Guimarães, publicado em 1872, e de Bernardo, personagem principal do romance **O Mulato**, do escritor Aluísio de Azevedo, publicado em 1881, que são representados, segundo Proença Filho (2004), como escravos nobres por conta dos seus traços europeus. Em sua reflexão, há nesses dois personagens elementos de uma construção simbólica representacional que lhes atribuem um caráter nobre no ambiente da elite branca.

A personagem Isaura, ainda que professe ideias abolicionistas, tem como marca a submissão e a recusa à rebeldia. Já o personagem Raimundo, que não se mostra apático para com a realidade do preconceito racial, denunciando-o, é representado como um mulato que se vale do branqueamento cultural para galgar ascensão social. Uma aproximação possível entre esses dois personagens é o fato de que ambos sinalizam integração de uma estética de criação artística, professando que o caminho de aceitação e inclusão social dos não brancos passa pelo branqueamento cultural e pela submissão aos ditames da elite dominante. Para Proença Filho:

Começo pelo escravo nobre, que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação. É o caso da escrava Isaura, do livro do mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães e publicado em 1872 e de Raimundo, o belíssimo mulato de olhos azuis criado por Aluísio de Azevedo em *O mulato*, lançado em 1881. Essa nobreza identifica-se claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista

que o primeiro pretende empunhar e da denúncia do preconceito assumida pelo segundo. (Proença Filho, 2004, p. 162).

Nesse contexto do universo literário brasileiro do final do século XIX e início do XX, destacou-se, assim como muitos outros, os versos de Castro Alves em seu poema **O Navio Negro**, que descreveu a violência circunscrita ao sistema escravista. Olhando o supracitado poema um pouco mais de perto, além de ficar evidente o seu enredo de exaltação da liberdade e a defesa da causa abolicionista, representando o africano escravizado em sua humanidade, é possível perceber que ele “não busca a especificidade cultural e psicológica do negro; ao contrário, assimilando-lhe o caráter aos ideais de comportamento da raça dominante, branqueia a figura moral do preto, facilitando-lhe assim a identificação simpática das plateias burguesas com os sofrimentos dos escravos” (Merquior, 1977, p. 92-93).

Por esse ângulo, segundo a reflexão de Proença Filho (2004, p. 164), talvez seja possível deduzir que o poeta permaneceu um pouco no terreno das representações estereotipadas, já que “ele não dá voz ao negro, mas se comporta como um advogado de defesa que quer comover a plateia e provar a injustiça da situação que denuncia”. No entanto, isso não diminui o seu papel na literatura brasileira, uma vez que “o brado de revolta contra a escravidão abre espaços para a problemática do negro escravo”. Além do que, seja como for, a narrativa do poeta Castro Alves foi na contramão da visão de um momento histórico que colocava o negro, como descrito por Candido (1964, p. 270), em uma “realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica”.

Ter “um pé” na estereotipia não parece ser o caso no que se refere à estética barretiana, por assim dizer. O que podemos observar até aqui é que, ao que parece, a estética literária tida como canônica quando Lima Barreto publicou seus romances guardava ecos dos pensamentos hegemônicos professados pela elite branca. Certamente, tratou-se de um cenário turvo marcado por contradições e disputas, tendo elementos simbólicos ligados à ideia da ruptura com as simbologias monárquicas e uma eventual consolidação dos valores republicanos. Arriscamos dizer que esse cenário foi palco, também, para movimentos representacionais que destacam que a composição da identidade da sociedade brasileira é composta por uma multiplicidade étnica. Foi nesse intenso caldo cultural que Lima Barreto rompeu com o modelo artístico tido por canônico, criando imagens representacionais do negro em sua condição ontológica. Nesse caminho, sua proposta estética reverberou no emaranhado jogo das disputas representacionais, causando reações de desgosto, ao menos, a princípio.

3.2 A recepção crítica da literatura barretiana no jogo das tensões representacionais

Para operacionalizar o nosso estudo quanto à finalidade de construir um entendimento acerca do jogo relacional que envolveu e envolve a recepção crítica da literatura barretiana, é preciso tencionar o conceito de horizonte de expectativas, proposto por Jauss (1994). A partir daí, julgamos ser possível construir uma compreensão mais robusta das memórias associadas aos sentidos dados à etnia no campo estético. Segundo Jauss (1994, p. 35):

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constituiu uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Tal abordagem corrige as normas de uma compreensão clássica ou modernizante da arte – em geral aplicadas inconscientemente – e evita o círculo vicioso do recurso a um genérico espírito da época.

Diante dessa perspectiva, é essencial considerar, ou reconsiderar, os diferentes sentidos produzidos em um dado contexto cultural. Nesse sentido, o que realmente nos interessa são os significados gerados no encontro do texto com seus leitores em uma determinada conjuntura sócio-histórica. Isso ocorre porque os sentidos de um texto literário não são estáticos, uma vez que a produção de sentido está intrinsecamente ligada à historicidade do tempo presente, ou seja, a interpretação ganha novas nuances com o passar do tempo. Nesse ponto, podemos observar outra singularidade: a memória acumulada das várias interpretações construídas ao longo do tempo.

Portanto, para refletir sobre como ocorrem as representações relacionadas à etnia na recepção crítica da literatura barretiana, é fundamental compreender como as diferentes leituras de uma obra podem influenciar sua interpretação e significado ao longo do tempo. Como abordado por Jauss (1994), a recepção crítica é influenciada por fatores externos, como cultura e contexto sócio-histórico. Ainda segundo o referido autor, a memória acumulada na recepção crítica de um texto literário nos auxilia a entender o percurso dos sentidos e representações construídos em resposta às tensões entre diferentes interesses. Isso implica dizer que os sentidos de representação não estão contidos na obra em si, mas sim na construção dinâmica que envolve a obra e os fenômenos externos a ela, como a conjuntura cultural e a subjetividade do leitor e seu horizonte de expectativa. Nesse intrincado movimento, são avaliados os juízos de valor, que não são estáticos.

Dado que o componente expresso por Jauss (1994) é o alicerce sobre o qual o presente estudo se fundamenta, é importante analisá-lo minuciosamente, a fim de eliminar eventuais incongruências em relação ao seu entendimento. A Estética da Recepção parte do princípio de que a produção de sentido não é fixa, mas dinamicamente construída no movimento relacional entre o leitor e a obra. Os textos literários representam campos abertos de possibilidades, uma vez que seus sentidos podem ser reestruturados a cada leitura. Isso ocorre porque a interpretação pode ser influenciada por fatores temporais e contextuais, como a diversidade da sedimentação de juízos de valor, além da evolução das teorias literárias e métodos de análise crítica.

Diante dessas considerações, é produtivo construir uma reflexão que se mostre potente ao nos ajudar a entender melhor como as diferentes leituras da literatura barretiana influenciaram a construção de significados relacionados à questão étnica ao longo do tempo. Ademais, conforme alerta Hansen (2008, p. 17), os “enunciados épicos são pseudo-referenciais e não representam estados de coisas empíricas ou coisas de fato”, sendo o que se estabelece com o leitor uma “comunicação fictícia com ações fictícias ficticiamente figuradas”.

Assim, embora não seja um elemento exclusivo de sua estética, foi a partir da produção de narrativas que caminham na contramão do que é tido como canônico em seu tempo que Lima Barreto apresenta uma nova conjuntura representacional, na qual as tensões raciais tendem a não validar a lógica do negro objetificado. Dessa forma, buscamos empreender uma análise sobre como as subsequentes críticas da literatura barretiana sedimentaram um determinado juízo de valor quanto à representação étnica. Para tanto, é preciso refletir e questionar sobre algumas classificações realizadas por sua recepção crítica até a primeira metade do século XX que, não raro, classificava a sua construção estética como uma narrativa biográfica, sociológica, psicológica e fruto de um escritor ressentido.

É fato que parte da crítica da estética barretiana, em especial a contemporânea às suas publicações, optou por abstrair sentidos das suas produções por intermédio de lentes correlacionadas ao social, atribuindo-lhe a alcunha de cronista preso pelo ressentimento de ser um negro, pobre e periférico que escrevia sobre negros, pobres e periféricos. Sobre isso, Bosi (1994, p. 316) argumenta que:

A biografia de Lima Barreto explica o húmus ideológico da sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista e de pobre amanuense, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram aquele seu

socialismo maximalista, tão emotivo nas raízes quanto penetrante nas análises.

Segundo Bosi (1994), a ideologia na literatura barretiana, categorizada como pré-modernista, poderia ser explicada por conta de sua biografia. Nessa esfera, ao discutir as características pré-modernistas do romance barretiano, Bosi (1994) utiliza a vida de Lima Barreto como forma de justificar a ideologia presente em sua obra. Desse modo, ele acentua a vertente socialista maximalista expressa na estética barretiana como consequência das experiências vividas pelo escritor, de tal sorte que seus protagonistas revivem, no espectro ficcional, as características e conexões com sua vida e particular visão de mundo. Isso se confirma no trecho a seguir:

Mas essas contradições também já foram aclaradas: Lima Barreto viera da pequena classe média suburbana, e como Suburbano reagiu em termos de conservantismo sentimental. Poderíamos filiar a sua xenofobia a um natural instinto de defesa étnico. E, quanto à ojeriza pelos homens e pelos processos da República Velha, explica-se ainda mais naturalmente pela sua aversão às oligarquias que tomaram o poder em 1889. (Bosi, 1994, p. 317-318).

Além disso, Bosi (2010, p. 16) defende o posicionamento de que Lima Barreto é um escritor autobiográfico ao argumentar que há semelhanças entre o personagem Isaias, protagonista do romance **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**, com a vida de Lima Barreto, seu criador:

O eu do desejo e da imaginação com suas fantasias de grandeza intelectual e prestígio social (“não sei que exaltada representação de mim mesmo”) e o eu do cotidiano, deprimido e sempre à beira da humilhação. À medida que desenrola o fio do passado, Isaias pontua em cada situação vivida, as alterações de sua autoimagem. O sujeito ora se desloca para o polo da integração, precária, embora, na classe média carioca, idealmente branca, ora retrocede para o isolamento do subúrbio sob as forças do preconceito e da discriminação de classe.

Bosi (1994, p. 318) acrescenta, ainda, que as escolhas do autor pelas temáticas sociais estão correlacionadas ao seu ponto de vista afetivo e carregam pouca subjetividade:

Em Lima Barreto, ao contrário, as cenas de rua ou os encontros e desencontros domésticos acham-se narrados com uma animação tão simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesmas, isoladas e insólitas (como resultava da linguagem parnasiana), mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas. Nessa perspectiva, as realidades sociais, isto é, o conteúdo pré-romanesco, embora

escolhidas e elaboradas pelo ponto de vista afetivo polêmico do narrador, não parecem, de modo algum, forçadas a ilustrar inclinações puramente subjetivas. O resultado é um estilo ao mesmo tempo realista e intencional, cujo limite inferior é a crônica.

Ademais, Proença Filho (2004) evidencia que as obras barretianas possuem uma ligação estreita com a realidade social urbana e suburbana do Rio de Janeiro no excerto subsequente:

Outro exemplo é o mulato Lima Barreto (1881-1922), o excepcional ficcionista em cuja obra, vinculada à realidade social urbana e suburbana do Rio de Janeiro, se destaca, a propósito, o romance *Clara dos Anjos*, escrito em 1922 (1948, ed. póstuma), a história de uma mulata, filha de um carreteiro de subúrbio, iludida, traída e sofrida por causa de sua cor. Um texto denunciador do preconceito, portanto, em que a fala final da personagem, impotente diante da injustiça, impacta pelo tom desesperançado: “– Nós não somos nada nesta vida”. A dilaceração também se revela com realismo carregado de vivência pessoal nas Recordações de Isaiás Caminha. (Proença Filho, 2004, p. 176).

Enquanto isso, Sevcenko (2003) também caminha nessa direção ao refletir sobre o lugar de Lima Barreto e sua narrativa no cenário cultural brasileiro no início do século XX. Aproximando-o, em alguns aspectos, de Euclides da Cunha, o historiador Sevcenko (2003) propôs analisar a narrativa literária considerando o contexto de mudanças sociais do período, de modo a problematizar como os escritores expressavam, por meio de sua estética, o ideário de país, levando em consideração a vertente histórica. Referindo-se especificamente à literatura barretiana, Sevcenko (2003) aponta que a estética de Lima Barreto preconiza a representação de seu presente, dramatizando-o ao extrair-lhe o “aspecto frio e insensível que a rotina do cotidiano lhe assinala” (Sevcenko, 2003, p. 191). Para o autor, os personagens da ficção barretiana possuem como característica a fragmentação, que expressaria “uma ordenação clânica da sociedade, evocativa de um passado patriarcal, em que a solidariedade se impunha pelo convívio das gerações, pela permanência do patrimônio e pelos sólidos vínculos com a terra” (Sevcenko, 2003, p. 222). Ademais, também não é raro encontrar em sua recepção crítica a ideia de que sua estética dialoga, de alguma forma, com a história do Brasil das primeiras décadas do século XX. Como nos diz Prado (1989, p. 3):

Ler os livros de Lima Barreto é de alguma forma participar do drama do intelectual sitiado. Mais talvez do que isso, é um exercício de consciência histórica que conta com a vantagem, como poucas vezes noutro escritor brasileiro, de um difícil testemunho: constatar como a vida, e nesta a opressão e o fracasso, se converte em literatura.

É bem verdade que as associações supracitadas são atribuídas a Lima Barreto já nos seus primeiros passos como escritor. Por exemplo, o romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, o primeiro a ser publicado, foi majoritariamente definido como obra caricatural, personalista, um “romance à *clef*”, isso é, muito influenciado pela experiência pessoal do autor e, portanto, carente de imaginação (Schwarcz, 2017). O que se dizia é que “se o leitor tivesse a chave em suas mãos, não demoraria a identificar as personagens reais ocultas por detrás da ficção” (Schwarcz, 2017, p. 295).

Quanto à recepção crítica do supracitado romance, é relativamente comum encontrarmos críticas contemporâneas e posteriores ao seu lançamento descrevendo-o como uma obra com excesso de personalismo. Para Bosi (1994), Isaías é a metáfora do homem ao mesmo tempo livre e confinado, pois, aonde quer que ele vá, será um exilado por conta da cor de sua pele. Seu processo de rememoração é entrelaçado a uma narrativa maior, diretamente ligada à cosmovisão que está por trás da cultura. Tal característica, segundo essa vertente de recepção, também estaria presente nas demais obras barretianas.

Essa percepção da literatura de Lima Barreto como confessional parece estar intimamente ligada à sua trajetória pessoal, já que as vertentes dessas recepções tendem a correlacionar as experiências de vida do autor como elementos formadores de sua ficção. Conforme descrito por Schwarcz (2017), Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881. Filho de pais mestiços e neto de escravizados, sua mãe, Amália Augusta Barreto, era professora em uma pequena escola fundada pelo marido, mas teve que se afastar devido a problemas de saúde, vindo a falecer por tuberculose quando Lima Barreto tinha apenas sete anos de idade. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, trabalhava como tipógrafo, mas perdeu o emprego devido à mudança política do país na passagem da monarquia para a república. Passando a trabalhar como administrador nas colônias de Alienados na Ilha do Governador, seu pai tinha o sonho de ver Lima Barreto se tornar um doutor, alguém com um título acadêmico que lhe desse prestígio, e, contando com alguns amigos que tinham certa influência, matriculou-o na prestigiosa Escola Politécnica.

Enquanto aluno na Escola Politécnica, em torno de 1897, ainda jovem, Lima Barreto percebeu que a cor de sua pele, escura, servia como um marcador social que influenciaria sua trajetória dentro e fora daqueles muros. Essa percepção da cor negra como um marcador social da diferença aparece em um relato que, em outras circunstâncias, poderia ser considerado uma brincadeira de adolescentes peraltas:

O companheiro de quarto, Nicolao Ciancio, lembra outro episódio que resume o que chama de “complexo de cor” de Lima Barreto. Conta o italiano que Bastos Tigre, outro colega de turma de Lima, ao saber do ensaio que fazia a Companhia Lírica Italiana, a qual estrearia na capital carioca com a ópera *Aída* dali a poucos dias, convidou os amigos para pularem com ele o muro do teatro. A ideia, assistir à função como penitentes, logo se converteu em ação, e em minutos os garotos estavam todos nas galerias do Lírico. Ou melhor, quase todos, pois na última hora faltou coragem ao filho do administrador das Colônias de Alienados. Foi Ciancio quem, de volta ao quarto, indagou-lhe a razão da desistência. A resposta de Lima foi límpida: alegou que não queria ser preso como “ladrão de galinhas”. Como o colega manifestasse incompreensão, ele completou: “Sim, preto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinhas!”. Ciancio ainda contestou, dizendo que isso valia para ele também. Mas o futuro escritor encerrou a questão: “Ah! Vocês, brancos, eram ‘rapazes da Politécnica’ [...] estudantada... Mas eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro logo pela polícia. Seria o único a ser preso”. (Schwarcz, 2017, p. 122).

Ainda conforme Schwarcz (2017), em 1902, o pai de Lima Barreto perdeu a sanidade mental e foi diagnosticado com neurastenia, uma condição psíquica que resulta na perda geral de interesse, apatia e inatividade. Por conta disso, Lima deixou a Politécnica e mudou-se, juntamente com sua família, para o subúrbio do Rio de Janeiro. Uma de suas primeiras atividades laborais foi trabalhar na Secretaria da Guerra, na qual ingressou por meio de concurso público em 1903. Concomitantemente à sua condição de funcionário público, Lima Barreto também passou a dedicar-se à literatura. Um dos fatos marcantes em sua trajetória foi sua internação no Hospício Nacional em 1914 para tratamento do alcoolismo, como relata Schwarcz (2017, p. 152):

Naquele momento, os alcoolizados eram internados juntamente com os alienados, e passavam por tratamentos e terapias semelhantes. Artigos faziam correlações entre a incidência do vício no caso de populações de origem africana, como é o exemplo de *O Brazil-Medico*, uma publicação de responsabilidade da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que determinava: A raça africana no Brasil e sua descendência fornece grande dízimo mortuário determinado, quase sempre, pelo alcoolismo e suas consequências.

Em 1919, Lima Barreto foi internado pela segunda vez no hospício. Nessa ocasião, ele começou a escrever um diário que serviria de base para um novo romance. Entretanto, essa pretensão não chegou a ser cumprida, pois, aos 41 anos, em 1º de novembro de 1922, ele faleceu sem ter alcançado muitos de seus desejos, incluindo a publicação dessa última obra.

Como já discutido no presente estudo, vigorava na cultura brasileira do início do século XX o movimento eugênico, conferindo base e justificativas científicas, que hoje

consideramos pseudocientíficas. Como observado, é nesse cenário que Lima Barreto se embrenhou em um caminho disruptivo para com essa cultura segregacionista. É bem verdade que não foi ele o primeiro a enveredar nessa proposta, a exemplo de literários consagrados como Machado de Assis, pois, embora a questão racial não tenha estado no centro da estética desse autor, ele a abordava de modo questionador.

Talvez, no que se refira a Lima Barreto, o tempero da sua construção estética seja a forma com que retratava seus personagens como indivíduos que se colocavam como subversivos ao papel social a eles delegados. Nessa direção, seus personagens valorizam sua ancestralidade, seus corpos e senso de identidade, desafiando o contexto racista por construir seus próprios desejos, anseios, vontades e ambições. Assim, eles eram movidos pela astúcia, paixão e por todos os sentimentos que movimentam os seres humanos em direção contrária às representações estereotipadas e engessadoras de negro e mestiço que existiam, e ainda existem, no Brasil.

Como já descrito, por conta desse caráter dissidente de sua produção, a relação entre Lima Barreto e a crítica do seu tempo foi ambígua. Quanto à relevância disso, é preciso que tenhamos em mente a complexa dinâmica da estruturação das diferentes forças que compõem o cenário da crítica literária brasileira, especificamente no período do início do século XX. Ainda que o campo intelectual da época fosse composto majoritariamente por brancos e membros da elite econômica, isso não implicava necessariamente em uma posição uníssona por parte dos críticos. Isso acontece porque diversas são as interações entre os diferentes agentes que esculpiam a forma de como as críticas eram postas nos jornais, os quais, como já dissemos aqui, constituíam o principal meio de divulgação na época. Conforme Martins (1983, p. 10), “a crítica de jornal é um ensaio imediato que se escreve quando saem os livros, fazendo um primeiro julgamento conscientemente precário e provisório. É um julgamento literário que abre campo para a Fortuna Crítica do livro e do autor”.

Essas marcas de intermediação por meio da recepção crítica contribuem na construção coletiva de sentidos de uma obra. Colocando em termos de estilo estético, Lima Barreto se localiza nesse lugar que desloca a narrativa em direção a outro sentido por asseverar o protagonismo de suas produções aos negros e mestiços de forma não objetificada. Essa marca de sua trajetória é mediatizada com seus críticos e leitores nessa teia relacional e é a partir daí que suas obras vão sendo validadas ou não. Ressaltamos que, ainda que por vezes marginalizado, Lima Barreto também fazia parte do grupo de intelectuais de sua época e não ficava apático quanto à forma que eram construídas as críticas literárias. Em uma das anotações em seu diário íntimo ele escreveu:

Um escritor, um literato, apresenta ao público, ou dar publicidade a uma obra; até que ponto um crítico tem o direito de, o pretexto de criticar, injuriá-lo? [...] Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro. (Barreto, 2001, p. 44-45).

Um dos primeiros críticos das produções de Lima Barreto foi o célebre José Veríssimo, um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras e, também, um respeitado crítico literário. Nas anotações em seu diário íntimo, Lima Barreto faz algumas considerações sobre os acontecimentos que viveu no ano de 1907 e, dentre outros comentários, registra que: “escrevi quase todo o Gonzaga de Sá, entrei para o Fon-Fon, com sucesso, fiz a Floreal e tive elogio do José Veríssimo. [...] Já começo a ser notado” (Barreto, 2001, p. 123).

Essas primeiras linhas de José Veríssimo destinadas a Lima Barreto se deram no contexto da publicação da primeira parte do romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** em formato de folhetim por meio da **Revista Floreal** em 1909. José Veríssimo comentou no **Jornal do Commercio** em 09 de julho de 1907 da seguinte maneira:

Ai de mim, se fosse a revistar aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de Floreal veio ultimamente a público, e onde li um artigo “Spencerismo e Anarquia”, do Senhor Manuel Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela Recordações do escrivão Isaías Caminha, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão.

Contudo, após ler por completo o romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, o célebre crítico mudou o tom quanto a sua recepção. Em correspondência com Lima Barreto, José Veríssimo escreveu assim sobre a referida obra:

É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidades para fazer, é representação, é síntese, é, mesmo realista, idealização [...]. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d’alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põe um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade [...]. Eu que isto lhe digo, eu mesmo me delicieei, com a sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária, mas não dou por boa a emoção que ela me causou. (Barreto, 1956b, p. 204).

Tal posicionamento de José Veríssimo “agora entrava no coro dos críticos e acusava a caricatura” (Schwarcz, 2017, p. 318). De fato, tendo como referência os quadros apresentados pelo presente estudo nos Apêndices, em que realizamos um levantamento das principais recepções críticas da literatura barretiana manifestas em jornais e revistas do início do século XX, é possível observar que adjetivos como caricatura e charge são utilizados com certa frequência para definir os escritos de Lima Barreto. Além desses termos, encontramos com certa abundância de ocorrências que a narrativa de Lima Barreto apresenta traços injustos e exagerados, sendo permeada de sarcasmo e ironia cortante.

Elaborando um resumo das formulações que mais apareceram nas recepções críticas até meados do século XX, analisadas e apontadas nos Apêndices do presente estudo, poderíamos descrever Lima Barreto como: a) autor de hábitos boêmios com narrativa calma, natural e despreocupada; b) observador da realidade amarga que reforça sua amargura nas dobras de sua estética; c) romancista notável que retrata a vida urbana que tem em suas obras imperfeições e traços sobrecarregados e por isso original; d) a sua obra se parece com o escritor assim como o filho se parece com o pai; e) desventurado e infeliz, quase todas as suas obras são confissões, representações exageradas da vida; f) a exemplo de **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**, que parece ser um livro autobiográfico, é difícil saber onde começa a ficção e acaba a realidade e g) externa em suas obras suas opiniões pessoais sobre os homens e as coisas, colocando muito dos seus traços em seus personagens.

Além das supracitadas afirmações, observamos uma alternância da crítica, a qual ora elogia – ao descrever sua estética como original, humana, interessante e inovadora por não seguir outras escolas literárias – e ora deprecia – ao afirmar que há um declínio da qualidade de sua narrativa a cada novo trabalho publicado. Um outro aspecto interessante pode ser observado em uma reportagem na revista **Diretrizes: Política, Economia, Cultura** do Rio de Janeiro, publicada no ano de 1940, em sua edição de nº 25². A revista, correndo um risco de presumir uma generalização, deixa transparecer que as analogias estabelecidas entre a vida do autor e os traços de sua obra fazem com que o autor seja mais conhecido do que suas obras.

É como se a personalidade do escritor fosse um ingrediente a ser considerado na avaliação de seus escritos. Daí a consequência de direcionar o foco para o criador, pois construir paralelos entre a vida do autor e sua criação pode fazer com que o primeiro seja mais conhecido do que o segundo. Podia-se até saber pouco sobre os romances de Lima Barreto,

² Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/163880/1757?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 20/07/2024.

mas sua relação com a boemia era conhecida por quase todos. Nas linhas da reportagem da referida revista, lemos o seguinte:

O nome de Lima Barreto é atualmente mais conhecido do que a sua obra. Muita gente hoje conhece deste escritor notável apenas a história de um vago boêmio e moderado. Manipulador de sátiras, perseguiu muitas figuras de prôa da política, da literatura e do jornalismo do país. Os seus livros estão cheios de tais tipos, cujas carnes ardem no sal grosso de uma ironia impiedosa. Talvez por isso mesmo as edições esgotadas não têm sido renovadas. Constitui hoje raridade nos sêbos um exemplar das “Memórias do escrivão Isaías Caminha”, ou do “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, ou da “Vida e Morte de Gonzaga de Sá”, ou de “Histórias e Sonhos”, ou de “Nouma e a Ninfa”. (Diretrizes, 1940).

Paralelamente às mordazes críticas, houve um silenciamento em torno das obras barretianas quanto a sua recepção. Ao que tudo indica, houve uma espécie de “conspiração de silêncio” em torno da literatura barretiana. Essa é uma possibilidade que ganhou força após a entrevista do jornalista Sergio Augusto na revista **O Pasquim**, em 1973, em sua edição de número 207³. A reportagem fala da existência de uma “lista negra” na qual constavam nomes que deveriam ser “silenciados” em uma espécie de conspiração, a fim de deixar esses autores à margem do cenário literário.

Existem coisas mais mesquinha, ridícula – e desrespeitosa para com o leitor? A desculpa de sempre é a de que “não podemos promover o inimigo”. Sem contar as “listas negras” que circulavam nas edições, com nomes proibidos de serem citados, sob qualquer pretexto, no jornal. Nos meus tempos de “Correio da Manhã” (61-65) havia uma lista que incluía, entre outros, Hélio Fernandes e – pasmem – Lima Barreto, o romancista falecido em 1922. O ódio ao escritor procede (em suas “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, Lima Barreto anarquizou o jornal do doutor Edmundo Bittencourt e este em particular). (O Pasquim, 1973).

Ao que parece, todo esse silêncio em torno de suas publicações por parte da imprensa despertava um desconforto em Lima Barreto. Se observarmos pelo prisma expresso por Schwarcz (2017), encarando o silêncio também como uma forma de manifestação da recepção crítica, seria sensato dizer que a literatura barretiana despertou grande interesse nos intelectuais da época, ainda que pelo viés da animosidade. É emblemático que o **Correio da Manhã**, um dos principais jornais da época e tido pelos críticos como fonte inspiradora para a construção do enredo do romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, assumiu a

³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/124745/6543?pesq=%22Lima%20Barreto%22>. Acesso em: 20/07/2024.

postura do silêncio quanto à recepção crítica da referida obra, ignorando sua existência. Foi, nas palavras de Barbosa (2017, 147), um “silêncio olímpico” que ecoou nos demais periódicos como um tipo de “ética de classe”, talvez por concordarem que o estilo barretiano era “inconveniente”. Seja como for, esse silêncio foi “frustrante para quem pretendia, em sua estreia, polemizar e conquistar lugar de evidência (Schwarcz, 2017, p. 316).

Em mais de uma ocasião em seu Diário, Lima Barreto expressou seu descontentamento quanto ao silêncio da recepção crítica de suas obras, conforme destaca o trecho que se segue:

Meu livro, o Policarpo, saiu há quase um mês. Só um jornal falou sobre ele três vezes (de sobra). Em uma delas, Fábio Luz assinou um artigo bem agradável. Ele saiu nas vésperas do carnaval. Ninguém pensava em outra coisa. Passou-se o carnaval e Portugal teve a cisma de provocar guerra com a Alemanha. As folhas não se importavam com outra coisa senão com o gesto comicamente davidinesco de Portugal. Enchiam colunas com notícias como esta: “A esquadra portuguesa foi mobilizada. Acham-se em pé de combate o couraçado Vasco da Gama, o cruzador Adamastor, a corveta dona Maria da Glória, a nau Catarineta, a caravela Nossa Senhora das Dores, o brigue Voador e o bergantim Relâmpago”. E não têm tempo de falar no meu livro, os jornais, estes jornais do Rio de Janeiro. (Barreto, 2001, p. 187).

Em um outro momento, também escreveu o seguinte:

Os jornais que não noticiaram absolutamente o aparecimento do meu segundo livro foram: o Correio da Manhã e a Tribuna, do Rio de Janeiro. No Correio sou excomungado; e é justo. Na Tribuna, não sei por que, tanto mais que o mandei ao Lindolfo Cólór. (Barreto, 2001, p. 189).

Tendo em consideração o exposto, Lima Barreto, por vezes visto como um ocupante de um lugar de marginalização social, construiu uma narrativa ficcional que mobiliza, problematiza, denuncia e questiona, dentre outros temas, o racismo internalizado na cultura da época. Como consequência, as respostas dos principais meios de comunicação da época fizeram com que sua literatura também passasse a ocupar o espaço de exclusão. A partir desse ponto, com base na teoria da Estética da Recepção, é possível afirmar, como fizemos em diferentes momentos do presente estudo, que a significação representacional de sua narrativa desafiou o que era estabelecido como o padrão discursivo e ideológico da cultura hegemônica da sociedade de seu tempo.

Nesse curso, a narrativa barretiana delineou uma trajetória ficcional que propôs questionar aspectos culturais que ditavam as diretrizes do cotidiano. Assim, sua ficção

repercutia, e ainda repercute, como instrumento capaz de desnudar a retórica hipócrita dos signos de uma sociedade racista. Quanto a isso, no que diz respeito à questão étnica, há uma provocação evidente em sua estética ao discutir qual corpo possui valor e qual não o possui. Embora o fato de sua literatura ocupar esse lugar disruptivo tenha tido um custo, que se traduziu no silêncio, seria prudente afirmar que a literatura barretiana gerou uma gama completa de efeitos, mobilizando, de maneiras e intensidades variadas, toda uma comunidade de leitores. Como dissemos, esse movimento não ocorreu, e não ocorre, sem um jogo de tensões historicamente construído.

Sua busca por originalidade se revela na escolha de apresentar sua narrativa por meio de uma linguagem acessível ao povo. Nessa direção, Lima Barreto parece questionar as regras e convenções que regiam majoritariamente o escopo literário de sua época. Para o escritor, essa forma engessada de fazer literatura, ancorada nos cânones do culto à gramática, tenderia a entorpecer a conexão entre a arte literária e o povo. Para ele:

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si. (Barreto, 1956c, p. 33).

Ademais, conforme Schwarcz (2017, p. 629) “Lima era totalmente contra a ‘mania grega’ que tomara a capital, e buscava dar oralidade a seus textos — e assim se aproximar da linguagem popular”. Como ratifica Lima Barreto, a missão da literatura é:

[...] fazer comunicar umas almas às outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando assim a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. (Barreto, 1956c, p. 190).

Ainda conforme Schwarcz (2017, p. 204), houve um episódio que exemplifica a aversão de Lima Barreto a uma estética literária excessivamente polida, que ele qualificava como “verborragia ou academicismo”. Trata-se de um comentário destinado a um de seus desafetos intelectuais, o Sr. Coelho Neto. Lima Barreto o acusava de ter um “bucolismo português de zagais e ovelhinhas brancas, de serranas e espigas louras; não tolero o aprumo conselheiral do período, a ênfase, a solenidade, a mania bíblica e os termos sem significação,

sem valor algum, para as nossas ideias e sensações atuais, catados aos dicionários” (Schwarcz, 2017, p. 204). Contudo, o fato de o escritor ter uma preocupação para com a estruturação da linguagem tida por ele como acessível não implica necessariamente que sua produção adquira uma única via de interpretação. Afinal, como já discutido, a leitura é rebelde e insubmissa (Chartier, 1998b).

Seja como for, nos parece que por mais que haja algumas associações da estética barretiana como sendo uma voz no combate e denúncia do racismo, sua posição combativa era frequentemente associada à sua pertença étnica e à sua condição de “mulato pobre e boêmio”. Na esteira do raciocínio de que sua literatura gravitava no universo do autobiográfico, dizia-se que em sua narrativa transparecia a raiva que sentia contra o preconceito racial e os problemas singulares oriundos da cor da sua pele.

Para Moisés (2005, p. 360), Lima Barreto é um “autor fronteiro”, ou seja, que transita por diferentes estéticas preservando sua autenticidade. Contudo, se por um lado há um certo dissenso quanto a sua categorização, por outro parece haver um consenso de que o criador de Isaias Caminha “escolha caricatura como modo de ver as luzes e sombras” (Figueiredo; Ferreira, 2017, p. 65). Logo, a caricatura como forma de exacerbar aquilo que é observado seria uma das principais ferramentas do processo criativo da estética barretiana. A esse respeito Nejar (2007, p. 104) aponta que o primeiro biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa, chamou “a atenção para o fato que Lima Barreto procurou penetrar no âmago dos personagens até então sem muita expressão e pouco retratados na literatura realista”. Ainda sobre o estilo estético de Lima Barreto, Vasconcellos (1999, p. 14) nos diz o seguinte:

Como ficcionista, Lima Barreto especializou-se na pintura dos humildes, a gente do povo, a classe dos funcionários espezzinhados, os mestiços, os suburbanos, e [...] que o situam entre os maiores ficcionistas de veia popular e social [...]. Lima Barreto escreveu a melhor das utopias literárias entre nós, que é esta em que o humor e a sátira se juntam numa linguagem bastante comum e, por isso mesmo, capaz de grandes analogias críticas.

Seguindo por esse percurso, é seguro dizer que boa parte da recepção crítica barretiana convergiu com a ideia de que sua estética dialoga com os elementos sociais, tendo por premissa o encontro do ficto com o cotidiano dos subúrbios e a contração dos estereótipos raciais. Ademais, não é incomum encontrarmos críticos que definem Lima Barreto como intérprete de um Brasil que buscava construir sua identidade enquanto república. Isso porque parece haver um ramo de pensamento que crê ser possível buscar compreender as dinâmicas

da formação da identidade nacional, tendo por base a construção literária e ficta de cada período. Sobre essa questão Sussekind (1984, p. 46) pondera que:

[...] um país periférico e com divisões sociais, regionais e intelectuais das mais diversas, que se utiliza de uma estética da objetividade, da analogia, da representação para fazer de sua literatura um retrato capaz de lhe dar ficcionalmente a unidade que não possui.

A esse respeito, partimos da ideia de que classificações de cunho sociológico, como as supracitadas, limitam a compreensão da literatura barretiana a um dado contexto sociotemporal. Logo, ao colocarem sua obra como autobiográfica, caricatural, sociológica, psicologizante etc., há a consolidação de uma incongruência, pois tais categorizações edificam barreiras que limitam sua complexidade. Afinal, para apreender uma obra em profundidade, é preciso vê-la enquanto construção artística.

Para Lima (1979, p. 120), o “significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos”. Seguindo por essa esteira, quando buscamos refletir sobre as possíveis ressignificações da questão étnica a partir da estética barretiana, estamos nos firmando na ideia de que não há, necessariamente, a prevalência de mensagens tidas como explícitas ou ocultas, dadas ou não pela intenção do autor, que determinaria um caminho único de interpretação. Isso porque a análise de uma recepção crítica começa com o processo de recepção, que engloba um processo múltiplo do contato dinâmico entre leitor e literatura.

Definido o entendimento de que uma obra não pode ser compreendida tão somente a partir do seu conteúdo, podemos então dizer que as implicações orientadoras das construções reflexivas têm como bússola a relação entre literatura, leitor, recorte e análise do contexto sociocultural. Assim sendo, o valor estético é construído tendo como base o repertório cultural e as implicações históricas que reverberam em cadeias de recepções que, quando sobrepostas, formam a sedimentação da memória.

Como já mencionado, um dos pontos caros na estética barretiana é que sua estrutura linguageira flerta ao pensar quais outras realidades poderiam acontecer a partir da densidade do que se conhece. Em outras palavras, sua estética assume uma roupagem de verossimilhança que não é sinônimo de realidade, mas sim de plausibilidade. Em suma, Lima Barreto escreveu obras ficcionais que encontram ecos representacionais no universo sócio-histórico do seu tempo. Os sentidos construídos a partir daí, por conta do acúmulo da

memória de sua recepção crítica, dão-se pela complexa dinâmica relacional inerente do encontro entre o leitor e seu horizonte de expectativas com a obra literária.

É fato que Lima Barreto foi contemporâneo de momentos históricos emblemáticos e, como observado, sua composição artística flertava, pelo viés da verossimilhança, com as questões do seu tempo. Ora, encerrava-se o regime escravista institucionalizado e a monarquia ao passo que se iniciava o período republicano com todas as suas tantas demandas. Logo, trata-se de um período histórico que é destino de inúmeros questionamentos de diferentes áreas do saber. Sem dúvida, um desses questionamentos é sobre como estava sendo construída a identidade nacional tendo por base o recém-implantado sistema republicano. Afunilando um pouco mais a especificidade do questionamento, intelectuais de diferentes linhas do saber indagaram também sobre como a questão étnica atravessava todas essas questões quanto à construção da identidade nacional no Brasil da Primeira República.

De fato, Lima Barreto não parece ter tido dificuldades em representar a realidade social, pois essa está na base da sua estética e foi transmitida com verossimilhança. Acontece que a estética barretiana tem a potencialidade de mobilizar as experiências da memória coletiva sem necessariamente espelhá-la. Tais narrativas atuam como produtoras de “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras por meio das quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (Chartier, 1998a, p. 17).

Ademais, Hansen (2008) destaca a natureza particular da literatura, que não se prende à representação do real, mas cria um mundo independente, no qual tanto o narrador quanto o leitor assumem um papel ativo na construção e na fruição dessa ficção. Trata-se de um diálogo simbólico e imaginativo entre o texto e o leitor, em um contexto que transcende a realidade empírica. Nas palavras do autor:

A forma da poesia épica – ficção em estilo sublime de fábula composta de ações valorosas de personagens heroicos deve ser semelhante à matéria da história guerras históricas, feitos de homens históricos, mas não idêntica. Se o fosse, o poema não seria poesia, nem causaria prazer com engenhosidade do artifício verossímil. Logo, a história é coisa representada e a poesia, coisa representante. (Hansen, 2008, p. 4).

Dessa forma, a literatura barretiana produz uma representação que se relaciona a outras representações e isso reverbera em diferentes discursos. Acontece que esse choque relacional de representações, enquanto discursos, ressoa em interações complexas com outros discursos, como ideias, valores e representações culturais, que moldam a narrativa e lhe

atribuem sentido. Assim, a ficção objetiva dialogar e transformar esses discursos do que retratar a realidade tal como ela é. De acordo com Pesavento (2003, p. 40):

[...] há que considerar que o texto literário, tal como a pintura, por exemplo, fala das verdades do simbólico, ou seja, da realidade do imaginário de um determinado tempo, deste real construído pela percepção dos homens, e que toma o lugar do real concreto. Neste mundo verdadeiro das coisas de mentira, a literatura diz muito mais do que outra marca ou registro do passado. Ela fala do invisível, do imperceptível, do apenas entrevisto na realidade da vida, ela é capaz de ir além dos dados da realidade sensível, enunciando conceitos e valores. A Literatura é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica da narrativa que diz sobre a realidade de uma outra forma, para dizer além.

Nessa direção, segundo Cardoso (1985, p. 162), para buscar por possíveis aproximações entre uma narrativa de caráter imaginativo e a realidade concreta, é necessário discutir os conceitos de “mundo ficcional” e “verossimilhança”. Para a autora, esses dois conceitos estão interligados, pois o mundo ficcional, que é a representação imaginária, fantasia e simulação, pode transmitir uma ideia falsa, porém convincente, de verdade. Nas palavras dela:

O mundo ficcional é, pois, um mundo criado, inventado, imaginado, limitado em si mesmo. Embora possa “imitar a vida” – e o faz, sem dúvida –, a literatura é basicamente ficção, entendendo-se por ficção não o oposto à verdade, mas ao fato, à existência no tempo e no espaço. (Cardoso, 1985, p. 163).

A partir do ponto supracitado, dizemos que os personagens barretianos ocupam um lugar de eterna dialética no campo da fábula, uma vez que o sentido de sua existência reside no encontro da sua narrativa com os sentidos construídos pelo leitor. Assim, por mais que ele tenha sido inspirado em alguém, ou até mesmo no escritor, não há no personagem a complexidade existencial que possa representar um suposto retratado. Um personagem, que é vestido com a roupagem comportamental escolhido pelo seu criador, é, no máximo, uma redução da complexidade humana a alguns aspectos. Logo, ele é sempre uma fábula que vai se (re)atualizando e constituindo-se na ação da leitura.

Nessa perspectiva, a relação entre a literatura e a realidade é mediada pelo movimento subjetivo da construção de sentidos através do ato da leitura e do horizonte de expectativa do leitor. Assim, mesmo sendo um artefato artístico criado pelo processo imaginário, os elementos discursivos podem induzir no leitor a ilusão de realidade, apresentando uma

interpretação convincente da vida. No entanto, “a fidelidade à realidade é discutível, uma vez que os enfoques são particulares, a manipulação dos fatos é deformadora, a seleção dos elementos obedece a critérios individuais e as hierarquias de valores são moldadas por disposições pessoais” (Cardoso, 1985, p. 165). Além disso, Cardoso complementa que:

Os poetas, os romancistas, os dramaturgos, os escritores enfim, nos oferecem – como os pintores e escultores – imagens particulares e pessoais dessa realidade. O leitor – contemplador do objeto estético – recebe-a como a recebe o espectador que se posta diante do quadro, da estátua, da obra arquitetônica, do roqueiro que se contorce no palco, emitindo e produzindo sons, do bailarino que dança, do ator que representa. Inútil tentar encontrar na criação artística a correspondência com o usual e o vulgar. A obra de arte é, desde as suas origens, ficção. Produto da criatividade, da imaginação, da capacidade de composição. Se assim não fosse, não haveria novidade e beleza, não haveria originalidade, não provocaria ela o prazer peculiar determinado pela emoção estética. Se assim não fosse não haveria nem ao menos arte. (Cardoso, 1985, p. 166).

Quando uma obra literária dialoga de modo plausível com elementos do real, ela tende a ser permeada por questões comuns relacionadas a costumes, memórias e simbologias de um recorte sócio-histórico. Essa dimensão confere a ela uma verossimilhança que atua diretamente na construção de sentidos em relação à sua recepção crítica. Nesse curso, os elementos aparentemente insignificantes na narrativa literária promovem o que Barthes (2004, p. 183) descreve como o “efeito de real”. Essa condição possibilita um efeito ilusório de referência que se baseia na cosmovisão do leitor, atuando na sua construção de sentidos por meio do movimento da recepção crítica.

Esse trânsito de ideias cultivado na ação relacional entre o leitor e a obra possibilita uma analogia que Ricoeur (2007) descreve como a possibilidade de o escritor dinamizar a estrutura do seu texto no sentido de convencer. Assim, a duplicidade de sentidos, que estabelece uma relação próxima entre o real e o ficcional, funde-se à narrativa de tal maneira que é difícil separar o que é e o que não é imaginação. Essa verossimilhança encontra um lugar significativo ao tratar de personagens e, no caso em questão, o personagem negro, de forma não estereotipada.

Logo, uma narrativa literária construída nessa perspectiva, além de questionar a lógica de significações rasas e homogeneizantes da figura do negro, oferece a possibilidade de *insights* relacionados aos modos do pensar e agir na medida em que os sentidos encontram ressonância na memória dos leitores. Nessa esteira, a autenticidade da voz dos personagens, livres de interditos, revela-se no fato de falarem por si mesmos, em uma troca de experiências

individuais que, ainda assim, foram gestadas em um determinado período histórico, conectando, no processo, os sentimentos dos leitores com suas próprias vivências. Assim, conforme Cuti (2010, p. 87-89), a literatura abre espaço para lembrar o passado e criar novas rotas de ação no presente:

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais.

Nesse sentido, Lima Barreto não é visto aqui como um cronista do social e nem como um autor que caminha na esteira do autobiográfico, pois percebemos a sua literatura enquanto arte que mobiliza elementos representacionais de ordem complexa da dimensão da experiência humana. Logo, sua obra é uma fonte genuinamente rica para a compreensão e formulação de questões quanto à construção de valores, sentimentos, produção de normas e consolidação de costumes que influenciaram o movimento sociorrelacional de uma dada época.

Uma das potências de percorrer por esse caminho é que o estudo das representações ultrapassa aquilo que um documento histórico tem a oferecer. Assim, o que está em voga são as motivações que atuam na ordem do simbólico, englobando como os sujeitos representam a si, ao outro e ao mundo. Logo, não se trata de descrever um fato histórico, mas sim de interpretá-lo à luz da representação dos homens no tempo, por refletir, questionar, negar, reafirmar e até mesmo ultrapassar os significados construídos.

Seguindo por esse caminho, Chartier (2009, p. 25) fala sobre a “energia social”, que seria uma força latente presente na literatura com a capacidade de acomodar as representações coletivas de um dado tempo e local de uma forma mais eficiente do que os documentos históricos. Isso implica dizer que, mesmo não se colocando a serviço da descrição do real, a literatura apropria-se de suas instâncias representacionais. Além disso, a interpretação dos significados que emergem de uma narrativa literária não está na ordem da objetividade, mas na mesclagem entre subjetividade e contexto sociocultural. Para o autor:

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de

sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico. (Borges, 2010, p. 98).

Já que o texto literário tem como potência esse sistema de plurissignificações, ele serve como veículo propagador de discursos enraizados na lógica da manutenção da ideologia do poder dominante e, ao mesmo tempo, tem a potencialidade para questioná-los. Seja como for, ela tem o potencial de alimentar o imaginário com elementos que tendem a desencadear um processo reflexivo. Acontece que, mesmo que a literatura consiga desencadear o supracitado processo, ela não o conduz e nem o completa, pois o seu significado é construído fora do referente. Mesmo assim, de certa maneira, podemos dizer que os pontos de contato existentes na fronteira entre o real e o ficcional possibilitam um significativo trânsito de ideias. Daí a importância de narrativas literárias desafiar estruturas simbólicas que contribuem com a reprodução, por exemplo, de preconceitos raciais. Para Cuti (2010, p. 13):

Certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênitas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado.

Nesse sentido, os personagens barretianos estão circunscritos em um contexto representacional que reverbera em múltiplas questões ligadas às demandas sociais. Possivelmente, a mais contundente é que ele descreve o negro em dimensão ontológica e não como objeto caricato. Assim, sua estética mobiliza e questiona um imaginário ligado às dinâmicas relacionais estruturadas pelo racismo, que rivalizam a coexistência dos diferentes corpos em um mesmo espaço. Ademais, Lima Barreto problematiza a relação de interditos em que o negro é fixado no lugar de subalterno, representado por caricaturas universalizantes que os destituem de sua individualidade.

É importante apontar que essa separação simbólica se dá também na esfera do material/geográfico. Somando-se ao contexto socioeconômico, os subúrbios tornam-se o destino dos tidos como subalternizados. No entanto, Lima Barreto aborda esses subúrbios no sentido oposto ao da escassez, retratando-os como espaços compostos por pessoas pensantes e como um ambiente complexo e dinâmico, em que existe uma série de coletivos que estão em

ação. Portanto, o autor defende que os subúrbios também devem ser vistos como lugares de potência.

Segundo Nora (2012), há uma possível correlação entre a materialidade dos espaços e os pontos de memória historicamente construídos. A questão reside no fato de que, devido a uma conjunção de elementos sócio-históricos, um local pode se tornar um refúgio representacional de memórias coletivas. Certamente, a complexidade dessas representações perpassa por um conjunto abrangente de interesses e tensões sociais. Tais locais, por exemplo, podem adquirir status de símbolo de resistência, referência ou ambos, representando um conceito que se deseja preservar ou silenciar. Daí o porquê de dizermos que, por conta da verossimilhança e de sua capacidade de mobilização de afetos, a literatura barretiana chama para o diálogo as representações construídas, também, em torno dos espaços geográficos e, em especial, dos subúrbios.

Seja como for, os espaços de memória, mesmo tensionados e fragmentados, representam locais privilegiados para problematizar a construção histórica e identitária de um povo. Essa perspectiva de articular os elementos da memória a partir da historicidade, materialidade e afetividade abre todo um leque de possibilidades para construir reflexões substanciais sobre a literatura barretiana, especialmente no que diz respeito à sua recepção crítica. Isso se deve ao fato de que:

Os lugares de memória são, antes de tudo, lugares de afeto. Porque a memória é afetiva antes de ser intelectual. É fundamental lembrar disso para não sermos enganados pela falsa objetividade dos documentos. A memória é vida, sempre permeada pelo grupo, pelo indivíduo, pelo afeto, pelo espaço. (Nora, 2012, p. 22).

Tendo como ponto referencial uma análise diacrônica da evolução, progressão e transformação da dinâmica da recepção crítica da literatura barretiana – ora silenciada, ora tomada como referência em estudos literários e históricos – podemos ponderar sobre algumas constatações. A principal delas está ligada à ideia da construção da memória, enquanto sentido de valor no campo da representação, a partir do jogo de tensões e disputas pela legitimação de sentidos de verdade quanto à hierarquização dos grupos humanos, a fim de beneficiar a visão do poder hegemônico, tendo a etnia como critério para marcar a diferença.

Trilhar por esse caminho implica refletir sobre a quem interessava o silenciamento da recepção crítica da literatura barretiana. Como aqui já foi descrito, a sua estética ficcional denuncia o racismo em um contexto em que tal prática tinha um respaldo cultural e (pseudo)científico. Dessa forma, é fundamental analisar o contexto histórico no qual

determinado sentido de valor seja professado como uma verdade conveniente ao grupo dominante.

Nessa direção, retomemos o que arguiu Chartier (1998a) ao dizer que é preciso compreender como estava a realidade cultural de uma época e isso implica dizer que, para ter acesso às formas como determinadas representações foram criadas e propagadas, enquanto ações práticas e simbólicas, é necessário ter em vista como essas ideias estavam inseridas “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (Chartier, 1998a, p. 17). Dessa forma, nos arriscamos a dizer que as articulações das variadas práticas discursivas, no intrincado movimento da busca para alcançar e manter a legitimidade de um dado sentido de verdade, atribuem descrédito a tudo aquilo que lhes pareça contrário, ainda que seja do campo da ficção.

4 MEMÓRIA E RECEPÇÃO CRÍTICA DA LITERATURA BARRETIANA

Na presente seção, buscamos discutir a memória, em sua dimensão social e coletiva, é composta por elementos representacionais que fundamentam a construção de juízos de valor que, inexoravelmente, influenciam as formas como se dão as recepções críticas das obras barretianas. Na sequência, trazemos uma proposta de análise referente às formas como se deu a referida recepção crítica ao longo do tempo. Boa parte dos referenciais aqui utilizados são provenientes de trechos de jornais e revistas datados da primeira metade do século XX, encontrados no site da hemeroteca digital. Para corroborar com a fluidez da leitura das páginas que se seguem, optamos por citar os referidos jornais e revistas por meio do seu nome e ano de publicação. Na parte dos Apêndices, estão elencados todos os jornais e revistas por nós utilizados, bem como seus respectivos *links* para que sejam consultados na íntegra, caso haja esse desejo.

Parece-nos acertado ponderar que a literatura não trata diretamente da memória em si, mas sim de sua representação. Ela estabelece um diálogo com elementos da memória para construir o sentido de sua narrativa. O ponto de interesse aqui é a dimensão relacional do leitor com a literatura, pois é sensato afirmar que uma reflexão sobre a intersecção entre a literatura e a memória pode ser conduzida por meio do entendimento de que a literatura é também um espaço da memória que se manifesta por meio de narrativas lúdicas.

Certamente, trata-se de uma reflexão difícil de ser realizada, tendo em vista o grande desafio que é construir uma compreensão do que é essa memória e de como ela se manifesta por meio da representação na literatura. Além disso, conforme apontado por Assaman (2011, p. 31), a presença da memória na literatura ocorre por um caminho bifurcado:

Assim como muitos caminhos levam a Roma, também muitos levam à memória: caminhos teológicos, filosóficos, médicos, psicológicos, históricos, sociológicos, caminhos ligados aos estudos de literatura, arte, mídia. Por sua vez, também os caminhos dos estudos literários se bifurcam. Em uma das placas vê-se: a palavra *ars*, “arte”, em outra, a palavra *vis*, “potência”.

Em Santo Agostinho (2017), por sua vez, observa-se que o conceito de “memória” ocupa uma dimensão complexa que envolve diferentes dinâmicas em sua formação:

Chego aos Campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo que pensamos, quer aumentando quer diminuindo

ou até variando de qualquer modo os objetivos que os sentidos atingiram: enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda o não absorveu e sepultou. (Agostinho, 2017, p. 245).

Nesse exercício reflexivo sobre a presença da memória na literatura, empreendemos a busca pela compreensão da relação entre a memória na composição histórica do homem, enquanto ser social em sua formação, e na singular, em sua subjetividade. Retomemos a ideia de que a relação do homem com o mundo é mediada pela memória, pois, segundo Deleuze (1999, p. 17), é por meio da “subjetividade, na qual se escalonam afetividade, memória-lembrança”, que o ser humano problematiza o passado no presente.

Ademais, entendendo o mundo enquanto representação, a leitura do que é tido como real passa pelo filtro composto por conjuntos de construções simbólicas que organizam a percepção e a interpretação da realidade. Logo, como já abordado no presente estudo, as representações não são reflexos objetivos do mundo, mas formas mediadas por discursos, práticas culturais e valores sociais que estruturam a maneira como o ser humano apreende e atribui sentido para o “real” (Chartier, 1991). Nesse sentido, a memória, como eixo de interação entre o homem e o meio, participa ativamente da criação dessas representações, influenciando a forma como o mundo é percebido e compreendido.

Assim como a memória está em constante movimento, atualizando-se e ressignificando-se em um fluxo dinâmico, as representações culturais também não são estáticas. Elas se transformam ao longo do tempo, moldadas pelas experiências perceptivas próprias de cada época. A memória, ao guardar e filtrar as experiências vividas, opera como um agente de mediação que seleciona e organiza elementos do passado para produzir sentidos no presente. Essa seleção não é neutra, pois é influenciada pelos contextos sociais, culturais e históricos nos quais o indivíduo está inserido, o que remete à noção chartieriana de que as representações são construídas a partir das práticas e dos discursos de um tempo e lugar específicos.

Como já expressamos em diferentes momentos no presente estudo, a literatura barretiana é vista aqui enquanto produção artística e isso implica dizer que sua estrutura linguageira encontra sentido em si mesma. Logo, o ponto em questão não é buscar uma explicação sociológica para uma eventual interpretação da estética barretiana. O que nos move é o desejo de compreender a acumulação da memória construída a partir da recepção crítica das referidas obras. Nesse aspecto, achamos prudente dedicar um instante para refletir sobre como a memória, enquanto fenômeno social e dinâmico, intersecciona as construções representacionais de sentido por meio da correlação do passado no presente, da relação entre

memória individual e coletiva e como todo esse movimento tende a influenciar as construções das recepções críticas da literatura barretiana.

Segundo Halbwachs (2004), a memória individual é sempre social, pois é apresentada a partir das relações de grupo e dos marcos sociais. O sujeito, ao construir sua percepção e interpretação do mundo, utiliza referências que não são neutras, mas moldadas por contextos culturais, históricos e sociais. Por conta disso, nos parece apropriado dizer que esses contextos afetam não apenas a forma como lembramos e atribuímos sentido à realidade empírica, mas também impacta a forma como lemos e interpretamos obras ficcionais, especialmente aquelas que abordam questões ligadas a etnias, pois são temáticas que mobilizam diferentes lugares de afetos e representações.

Sabemos que a literatura de Lima Barreto, que traz uma estética que coloca o negro em um lugar oposto ao da objetificação, foi inicialmente recebida por uma crítica literária marcada por valores elitistas e preconceitos raciais. Esse processo reflete a ideia de que a memória coletiva influencia a forma como a sociedade constrói suas representações e valoriza determinados discursos em detrimento de outros. As estruturas sociais da época, que perpetuavam classificações raciais de forma hierarquizada, funcionavam como filtros que influenciavam a recepção de tal obra, por vezes categorizando e distorcendo seu valor literário e artístico.

De acordo com Halbwachs (2004), uma memória trabalha com as condições sociais e materiais que coexistem com ela. Ela não está à parte das relações sociais e, por esse motivo, o presente é profundamente afetado pelo meio social. A memória não possui autonomia individual ou metafísica, dependendo do conjunto relacional entre o sujeito e o meio. Em essência, as convenções sociais estruturam valores que oferecem inteligibilidade aos elementos constitutivos de sua organização, e esses elementos delimitam um horizonte de possibilidades de sentido da memória. Não se trata de excluir a ação do pensamento individual, mas sim de considerá-lo em sua relação com o social.

O fato é que os ideais de sentido não surgem do nada. O que existem são conservações de determinadas estruturas de valores e normas de pensar e agir, que, embora se apresentem em um formato contextualizado com o presente, trazem elementos de um passado. O presente retoma o passado não para o reproduzir, mas para buscar referências que atendam às demandas atuais e, nesse processo de ir e vir, a memória, que também atua como elemento mediador, vai se constituindo. Dessa forma, é razoável crer que eventuais rupturas entre o presente e o passado não são absolutas, pois muitos valores acabam servindo de parâmetro

para a formação da memória. Logo, todo um conjunto de valores estão inter-relacionados na organização social, mesmo que o sujeito não esteja plenamente consciente disso.

Tendo a memória uma dimensão coletiva que atravessa a esfera do individual, é possível afirmar que a memória de um grupo se manifesta nas memórias individuais. Isso ocorre porque há uma relação de interdependência entre o indivíduo e o coletivo. Embora o sujeito seja único em diversos aspectos de seu ser, ele é moldado pelo conjunto de relações com os vínculos de pensamentos provenientes dos grupos com os quais convive. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, a partir dos espaços em que se vive e das relações ali proporcionadas. A memória individual se vale da coletiva, deslocando-se nela, enquanto a memória coletiva envolve um indivíduo, mas não se confunde com ela (Halbwachs, 1990).

Halbwachs (1990) conclui que existe uma memória interna, a pessoal e autobiográfica, e outra externa, a social. A primeira se apoia na segunda, e a segunda é bem mais ampla que a primeira. Isso ocorre porque, para o indivíduo lembrar de algo, ele precisa, em alguns casos, recorrer a pontos de referência fora dele, nas memórias do outro, pois ele não viveu efetivamente a experiência, mas teve contato com ela por meio de livros ou jornais, por exemplo. Logo, um juízo de valor quanto à estética barretiana pode se instalar em um indivíduo que não teve necessariamente um contato com a obra ou que tal contato pode ter se dado à luz de um juízo de valor já preestabelecido pela crítica. Temos aqui um ponto interessante, pois localiza uma construção de sentido por meio de uma relação dinâmica entre as memórias coletivas e individuais. Dessa forma, Halbwachs (1990) nos ajuda a entender a ideia de que não existe memória fora da sociedade e de seus quadros morais, sociais e simbólicos. A partir daí, deduzimos que os valores morais de uma sociedade têm um peso na forma como será conduzida a recepção crítica de uma obra artística.

Certamente, as perspectivas apresentadas destacam a natureza social e relacional da memória, enfatizando que a individualidade é moldada pelas interações do sujeito com os grupos sociais e o tempo. A ideia de reconstrução constante, influenciada pelas novas experiências, ressalta a dinâmica desse processo. A multiplicidade de memórias que surgem desse entrelaçamento evidencia a complexidade e a riqueza das influências sociais na formação e na evolução da memória individual. Esse entendimento sugere que a compreensão da memória não pode ser dissociada do contexto social e das relações que moldam a experiência individual.

Ao nosso ver, a grande contribuição que abstraímos das reflexões de Halbwachs é que a memória coletiva e a individual se entrelaçam. A ideia de que a memória social influencia a

subjetividade dos indivíduos implica dizer que os críticos, imersos em um meio social carregado de preconceitos étnicos, tenderam a filtrar suas percepções quanto às obras barretianas através de uma lente historicamente construída. Isso explica, em parte, o porquê de Lima Barreto não ter recebido em vida o devido reconhecimento como autor de destaque na literatura brasileira.

Além disso, a memória não é estática, pois ela se reatualiza conforme as demandas do presente, reinterpretando o passado. Com o passar do tempo, novas gerações de leitores e críticos, influenciadas por contextos sociais diferentes, passaram a ressignificar a obra de Lima Barreto, reconhecendo sua relevância e a potência de sua estética. Esse movimento evidencia um deslocamento de sentidos a partir do movimento relacional diacrônico que, por favorecer a sedimentação da memória, abre espaço para dialogar com novas demandas do presente.

Nessa direção, as representações da questão étnica – ponto caro na estética barretiana por ser uma das marcas que assinalam a ruptura estilística para com o que era tido como canônico em sua época – ganhou ares de destaque no movimento da recepção crítica. A esse respeito, o pensamento de Halbwachs (1990) nos ajuda a ter uma dimensão do porquê da formação de tal cenário, pois são por meio das tidas convenções sociais que determinadas formas representacionais ganham inteligibilidade. Nesse sentido, a crítica literária do início do século XX se mostrou alinhada às estruturas de poder e aos valores culturais hegemônicos da época, o que resultou em uma recepção marcada por vozes que descredibilizaram as produções barretianas.

Assim, a memória socialmente construída influencia a recepção crítica ao filtrar os sentidos possíveis de uma obra literária. As construções de juízos de valor dadas pela recepção crítica são produtos dessa memória coletiva, organizando as experiências e definindo os limites do que deve ser reconhecido ou marginalizado. Portanto, a compreensão da recepção crítica de Lima Barreto deve levar em conta o papel da memória social na formação dos juízos de valor e na construção das representações culturais. Somente ao considerar a influência dos contextos sociais, culturais e históricos é possível compreender as razões pelas quais sua literatura, especialmente no que diz respeito à questão étnica, causou resistência crítica em seu tempo e foi ressignificada em períodos posteriores.

Dando continuidade às nossas reflexões, nos parece acertado dizer que o constante movimento da memória está correlacionada à dinâmica histórica das representações, que se renovam e se adaptam às mudanças socioculturais e às formas de pensamento. Seguindo por esse caminho e buscando um paralelo quanto às formas que se dão as recepções críticas da

literatura barretiana, julgamos razoável deduzir que o exercício de produção de sentidos por meio da leitura, levando em consideração o contexto histórico e cultural, resulta na produção, ou reprodução, de representações que variam de acordo com os horizontes de expectativas dos leitores e as condições materiais de circulação e apropriação das obras. Assim sendo, argumentamos que o conceito de horizonte de expectativas, proposto por Jauss (1994), e a ideia do mundo enquanto representação, proposta por Chartier (1991), têm como ponto de contato a noção de que a interpretação tanto do mundo quanto da produção de sentidos resultantes de uma estética literária é mediada por fatores socioculturais. Isso porque o movimento de construção de significados é um processo dinâmico, moldado pela subjetividade e pelo contexto em que o indivíduo está inserido.

Ora, o horizonte de expectativas é descrito por Jauss (1994) como sendo o conjunto de conhecimentos que não são estáticos, como valores culturais e experiências históricas, uma vez que eles influenciam a maneira como um leitor compreende uma obra. Isso implica dizer que o horizonte de expectativa se transforma à medida que novos contextos surgem, fazendo com que a interpretação de um texto também se altere com o tempo. Já a representação é posta por Chartier (2002) como sendo um meio da percepção da realidade, que se dá por construções simbólicas moldadas por discursos dominantes e práticas culturais específicas de cada época. Assim sendo, dizemos aqui, resguardando as devidas proporções, que o que compõe o horizonte de expectativas do leitor são imagens representacionais construídas em um dado contexto histórico e sociocultural.

Quer seja na atribuição de sentidos à realidade empírica, seja na formulação de juízos de valor construídos por meio da recepção crítica e da sedimentação da memória, ambos os movimentos se manifestam por um caminho pavimentado pela subjetividade e pelas mediações culturais. Nos dois casos, o indivíduo filtra a experiência por meio de suas memórias, valores e contextos históricos, produzindo interpretações específicas e personalizadas. Essa mudança constante implica que novos significados e interpretações estão sempre sendo criados, refletindo as transformações nas sensações e nas formas de pensamento.

O ponto central em nosso argumento é a ideia de que os significados são construídos e reconstruídos ao longo do tempo. Para Jauss (1994), a interpretação de uma obra literária é fruto de um diálogo contínuo entre o texto e os leitores, sendo influenciado pelo horizonte de expectativas de cada época. De forma equivalente, ao nosso ver, Chartier (1991) argumenta que as representações do mundo são negociadas e reinterpretadas constantemente, à medida que novos discursos e práticas culturais surgem. Dessa forma, a recepção de uma obra

literária e a percepção da realidade são processos históricos e subjetivos, estando sujeitos a revisões e atualizações contínuas. Isso porque, quer seja na recepção crítica da literatura ou na percepção do mundo enquanto representação, os significados são sempre mediados, filtrados e transformados pelas experiências e representações que se somam e se modificam no processo que compõe o cenário cultural e subjetivo de cada época.

No centro de todo esse jogo relacional está a memória, que não apenas organiza o passado, mas também participa da construção representacional do presente. Ao mediar a relação do homem com o mundo, seja ele empírico ou ficcional, ela opera como um filtro subjetivo que dialoga com as representações coletivas, criando interpretações individuais da experiência. Para isso, acreditamos ser produtivo construir uma problematização que parte da ação da memória enquanto mecanismo de percepção do momento presente. Afinal, é por esse filtro que se constrói os diálogos entre as experiências passadas e o que está sendo vivido no presente.

Seguindo a supracitada linha de raciocínio, podemos dizer que o presente, ou ao menos a sua percepção enquanto representação, não se dá enquanto um fenômeno isolado, mas é moldado por camadas de lembranças e afetos que dão sentido às ações e às interpretações. Defendemos, também, que esse movimento se aplica quanto à forma em que são concebidas as recepções críticas de obras literárias e artísticas. Para entender o movimento interno e interacional do ser humano com o meio, é essencial refletir sobre o conceito de “imagem” e o funcionamento da percepção enquanto filtro de apreensão da experiência empírica. A esse respeito, optamos por seguir a compreensão dada por Bergson (1999), que define a matéria como sendo um conjunto de imagens em constante movimento⁴.

Em uma crítica às concepções do idealismo e do realismo, Bergson (1999) posiciona a imagem entre a coisa e a representação, sendo mais do que uma simples representação e menos do que a coisa em si. Essa percepção das imagens ocorre em dois momentos distintos: primeiro, pela percepção orgânica captada pelos órgãos dos sentidos; depois, pela percepção interna, que é permeada por lembranças. Esse segundo momento de percepção é seletivo, filtrando elementos que não atendem aos interesses práticos e trazendo à tona memórias relevantes para a experiência presente. Assim, a memória não apenas registra, mas também arbitra o modo como o ser humano se relaciona com a realidade. Para Bergson:

⁴ É importante apontar que não se pretende, neste trabalho, estabelecer paralelos ou aproximações entre os pensamentos de Halbwachs e Bergson. A proposta consiste, unicamente, em recorrer, respectivamente, aos conceitos de “memória social” e “intervalo de indeterminação” como ferramentas teóricas para auxiliar nas problematizações desenvolvidas no presente estudo.

Eis as imagens exteriores, meu corpo, e finalmente as modificações causadas por meu corpo às imagens que o cercam. Percebo bem de que maneira as imagens exteriores influem sobre a imagem que chamo meu corpo: elas lhe transmitem movimento. E vejo também de que maneira este corpo influi sobre as imagens exteriores: ele lhes restitui movimento. Meu corpo é portanto, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe. (Bergson, 1999, p. 14).

Tendo isso em vista, o pensamento bergsoniano fundamenta a ideia de que o ser humano constrói sua realidade, ou suas representações, a partir de um contínuo diálogo entre percepção e memória, pois a memória, atuando como um movimento dinâmico e seletivo, não apenas organiza o passado, mas também influencia a forma como o presente é compreendido. Um ponto importante a ser mencionado, ainda seguindo as premissas do referido filósofo, é que o papel do cérebro nesse movimento relacional está ligado à percepção e não ao conhecimento. Sua função é analisar e selecionar, não sendo, portanto, um mero arquivo de lembranças, uma vez que essas se conservam no tempo. Nesse sentido, Bergson defende que as percepções presentes na mente estão na ordem das imagens-lembranças, pois são de natureza psíquica.

Ainda segundo Bergson (1999), existe, entre a percepção e a ação, um espaço denominado intervalo de indeterminação. Esse intervalo, que é o ato de pensar sobre, é preenchido pela memória, que atualiza o passado pelo presente, dando origem à consciência e à subjetividade que alimentam o movimento da criação por meio da escolha. Nessa conjuntura, os afetos e emoções ocupam o intervalo de indeterminação, mas não o preenchem completamente, pois são processos em devir. As emoções estão sempre no presente, podem se repetir, mas também passam. Assim, o que efetivamente preenche o intervalo de indeterminação é a memória. De acordo com Gondar (2006, p. 110):

Nos seres vivos se instaura um intervalo de tempo entre um estímulo e sua resposta; Bergson vai chamar esse intervalo de tempo de intervalo de indeterminação. Ou seja, há o estímulo, mas ao invés de sua resposta imediata dá-se um entre, um intervalo de indeterminação, uma experimentação de possibilidades; esse tempo permite que o ser vivo escolha criativamente uma resposta entre as possíveis. Este intervalo é um outro modo da duração, e a ele Bergson vai fornecer mais um nome: “subjetividade”. Ou seja, subjetividade é tempo, é indeterminação, é ação retardada.

A memória, que preenche o intervalo de indeterminação e representa o prolongamento do passado no presente em fluxo constante, renova-se e ressignifica-se à medida que

estabelece relações entre o passado e o presente. Conforme Bergson (1999), a imagem-lembrança, enquanto representação psíquica, compõe a memória-lembrança. Estas atualizam os eventos passados, trazendo-os novamente à consciência.

Essa relação intrincada entre memória, rememoração, passado e presente opera no campo dos paradoxos temporais descritos por Bergson. O paradoxo da contemporaneidade demonstra que o passado é contemporâneo do presente, pois, ao ser lembrado, torna-se uma existência presente na consciência. Contudo, mesmo coexistindo, a lembrança nunca sobrepuja a realidade atual. Já o paradoxo da coexistência expressa que o passado não é uma sucessão linear de acontecimentos, mas algo que dialoga continuamente com o presente. Assim, a memória representa o prolongamento do passado no presente, criando uma dinâmica em que o passado é constantemente atualizado no presente (Bergson, 1999).

As supracitadas considerações alimentam a ideia de que a percepção atua como mediadora entre o ser humano e o mundo, funcionando como um filtro composto por lembranças e afetos. Esse filtro seleciona e transforma a realidade de acordo com os interesses e experiências subjetivas de cada pessoa. Logo, a percepção molda a experiência, criando uma realidade subjetiva e um ciclo contínuo em que memórias constroem novas realidades e atualizam os filtros perceptivos.

Ao articular essa linha de pensamento com o ato da leitura, observamos que a apreensão de significados estéticos também passa por esses filtros de memória e afeto. Assim sendo, arrazoamos que há um ponto de contato entre as proposições de Bergson e Jauss no que se refere ao intervalo de indeterminação e ao movimento da leitura enquanto produção de sentidos dentro de um horizonte de expectativas. Enquanto Bergson descreve o intervalo de indeterminação como o espaço em que o passado se atualiza no presente, Jauss vê a leitura como o encontro entre o horizonte de expectativas do leitor e a estrutura estética do texto. Esse encontro cria um intervalo de múltiplas interpretações, no qual o leitor se torna, de certa forma, também um produtor de sentidos a partir da obra. Suas memórias e afetos tendem a influenciar a interpretação e criação de sentidos/representações, por atualizar experiências passadas e atribuir novas camadas de significado ao texto.

Acrescentamos, ainda, que os elementos de verossimilhança e a plausibilidade na literatura tendem a mobilizar memórias individuais, fazendo com que o passado do leitor dialogue com o presente no ato da leitura ou de sua rememoração. Esse diálogo interno revela mais sobre o leitor do que sobre o autor, estabelecendo uma interação dinâmica entre subjetividade e conteúdo literário. Portanto, tanto na percepção da realidade quanto na recepção literária, a memória e os afetos desempenham papéis cruciais. Nesse sentido, os

sentidos advindos de uma obra literária, ainda que mobilizem elementos do passado, atualizam-se no presente a cada nova leitura. Entendemos que esse dinamismo, resguardada as devidas proporções, reflete os paradoxos temporais descritos por Bergson e a concepção de Jauss de que a leitura é sempre um processo ativo e subjetivo, em constante movimento e ressignificação.

Além disso, quanto à construção da recepção crítica das obras barretianas, o ponto-chave que nos interessa, e que parece estar presente nas considerações de Chartier, Bergson e Jauss, é que, entre o estímulo e a ação, há um processo de interpretação subjetivo no qual a leitura de mundo, quer seja nas dimensões do empírico ou do ficcional, é moldada pela memória, pelo contexto histórico e pelas representações culturais.

4.1 Apresentação dos romances barretianos

Julgamos não ser exagero dizer que a literatura barretiana ocupou esse espaço disruptivo ao apresentar uma outra perspectiva representacional para as questões raciais e a estratificação social presentes no cenário literário do Brasil do início do século XX. Nesse objetivo, o autor trouxe os holofotes para o protagonismo do negro, mestiço, pobre e suburbano de maneira não objetificada e sem o filtro da naturalização que tende a justificar ideias racistas. Os ecos dessa sua estética ressoaram por um caminho do lúdico, o qual é marcado, ao nosso ver, por uma visão mais autêntica e multifacetada quanto às relações do humano com o seu próximo. Sua literatura é, em muitos sentidos, um veículo propagador de narrativas que retomam e, ao mesmo tempo, que buscam romper com uma representação do negro posta por uma sociedade que tem uma base simbólica fundamentada na ideologia racista.

Nos arriscamos a dizer, assim, que Lima Barreto construiu um movimento artístico que, em diferentes medidas, materializou uma ação de resistência contra o racismo. Acontece que suas obras questionam estereótipos ao problematizar contradições e desafios enfrentados pelos personagens negros e mestiços em um Brasil profundamente marcado pela desigualdade social e racial. Ao romper com estereótipos e oferecer narrativas mais complexas quanto às dimensões do humano, Lima Barreto deixou um legado importante na literatura brasileira, destacando-se como um escritor que, através de sua estética e temática, confrontou um conjunto de valores simbólicos que fundamentavam as relações socioculturais de seu tempo. Como destaca Cuti (2010, p. 12):

A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua [...]. Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos de exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação.

Ciente desse poder da literatura, Lima Barreto se apropria e ressignifica a representação social da memória concernente aos negros para fundamentar seu projeto literário, de modo que as vozes de seus protagonistas sejam inseridas em uma narrativa de denúncia e enfrentamento ao racismo. Nesse caminho, sua perspectiva se desdobrou por um caminho de superação dos entraves de uma narrativa literária estereotipada. Alguns elementos-chave que são facilmente identificados em suas obras são: a) a postura combativa de personagens negros e mestiços contra a cultura racista; b) a relação dialética dos espaços urbanos, notadamente a interação entre o centro e os subúrbios; c) uma linguagem construída através do filtro da cultura popular e não bacharelesca; d) uma predominância de protagonistas negros e mestiços; e) a representação de uma memória do subalternizado; f) conflitos étnicos e tantos outros aspectos e verossimilhantes que perpassaram pela história do Brasil no final do século XIX e início do XX.

Seu repertório é vasto e sua estética literária mobiliza representações ligadas ao cenário da cultura brasileira, convidando à discussão e comunicando uma imagem firme e resoluta contra a hierarquização dos homens a partir de sua pertença étnica. Lima Barreto, através de características que permeiam sua estética, aborda em suas obras literárias a figura do brasileiro em sua essência miscigenada e plural como temática principal. Ao longo de sua vida, buscou construir um projeto literário que problematizava a luta contra um sistema opressivo que discriminava todos aqueles considerados inferiores, ou seja, os não brancos.

Uma situação complexa envolve Lima Barreto como intelectual que publica suas obras em um espaço de comunicação cuja direção está nas mãos daqueles que corporificam as suas críticas. A maior evidência dessa situação reside na publicação de seu primeiro romance, **Recordações do Escrivão Isaiás Caminha**, que critica o racismo em uma sociedade racista e que utiliza os jornais como principal meio de comunicação. Assim, de maneira quase metalinguística, ele disputa espaço nos jornais para criticar o próprio jornalismo, uma vez que sua narrativa foi publicada em forma de folhetos, trazendo o debate étnico para o primeiro plano.

Como já apontado em diferentes momentos do presente estudo, a literatura barretiana não foi bem recebida pela crítica de sua época. Uma explicação possível para isso é o fato de que sua estética descontinuava com as estruturas das narrativas tradicionais daquele tempo. Ele inseriu a cidade como elemento inovador desse campo de disputa historicamente construído, colocando o negro e o mestiço como protagonistas das narrativas e sem os estereótipos tradicionais. Ademais, a recusa em construir seus textos com uma linguagem ornamentada por expressões e palavras mais comuns no mundo dos bacharéis pode ser uma forma de subverter e questionar uma cultura considerada erudita, buscando uma aproximação com a forma como o homem comum se expressava.

Todas essas reflexões visam orientar uma discussão sobre o rico legado literário deixado por Lima Barreto. Assim, embora o esplendor entre a memória e a etnicidade represente sua estética literária como o caminho escolhido, a literatura barretiana não se limita a ser demonstrada apenas por essa perspectiva, uma vez que o conjunto de sua obra transcende essa fronteira. Nesse cenário, o cerne de sua estética pode ser comparado a um jardim fecundo, no qual diferentes indagações encontram um terreno fértil para serem gestadas e atualizadas pelas demandas do presente.

Sua literatura aborda os personagens negros não como “o outro” que faz diferença por sua condição exótica, tendo comportamentos e moralidade predefinidos pela biologia e sendo marcados por representações e estereótipos depreciativos. Pelo contrário, Lima Barreto os apresenta em sua humanidade, retratando-os na dimensão do sujeito envolto no processo de formação subjetiva em uma dada sociedade e temporalidade. Assim, suas tramas exploram a perspectiva dos processos de construção histórica ao apresentar situações-problema a partir de sua historicidade. Nesse cenário macro cultural, sua relação dialética na criação e naturalização de valores considerados desejáveis destacam e marcam o oposto: os indesejáveis. Construindo sua narrativa nesse pano de fundo, é possível perceber que, nas entrelinhas, os interesses de uma elite econômica nomeiam os significados que perpassam pelos conceitos, afetando a forma do viver.

Nessa esteira, sua proposta estética mobiliza representações comuns à história dos negros e mestiços, possibilitando que o leitor crie associações entre o fato ficcional e a realidade concreta por conta da verossimilhança e da plausibilidade. Claro que estamos falando de uma possibilidade entre tantas outras. Não nos esqueçamos da máxima de que a ação da leitura envolve movimentos subjetivos que operam por caminhos imprevisíveis, uma vez que a leitura de uma obra ficcional permite que cada indivíduo veja o que lhe é conveniente ver.

A narrativa de Lima Barreto, ao abordar a representação dos elementos étnicos, não se restringe a uma análise superficial dos desafios individuais enfrentados por seus personagens negros e mestiços. Pelo contrário, esses dilemas individuais são interligados à dimensão coletiva, indicando que situações semelhantes podem ser compartilhadas por outros uma vez que a gênese do problema está fincada na historicidade.

Em seus romances, Lima Barreto utiliza a figura do personagem narrador, que pode ser tanto protagonista quanto onisciente, para discordar sobre os acontecimentos vividos, empregando sua memória como ponto de partida. Mesmo quando um personagem narra algo relacionado à sua individualidade, parece-nos profícuo considerar que essa narrativa carrega consigo as características da memória coletiva de seu grupo de pertencimento.

A estética de Lima Barreto é marcada pela ironia e humor ácido, destacando situações geradoras de tensão. Nessa direção, ele explora: a) a relação entre negros e brancos em uma sociedade racista; b) o choque entre subúrbio e centro; c) o entrelaçamento de mundos diversos nas relações grupais e d) os cruzamentos de lugares, significados e simbologias como elementos fundamentais de sua obra. Nessa tela, a identidade cultural coletiva e a interdependência entre memórias pessoais e compartilhadas socialmente são como tintas e pincéis em sua expressão artística. Logo, a narrativa dos personagens nunca é totalmente individual, pois está sempre impregnada pela cultura e pelo imaginário de seus grupos sociais.

Nesse âmbito, os romances aqui apresentados são verdadeiras obras de arte literária, repletas de elementos importantes que reverberam nas dimensões do sentido de lugar, representação e identidade étnica. A seguir, discutimos os conceitos de representação e etnia, ratificando como eles estão articulados nas narrativas barretianas. Isso nos possibilitou compreender com maior propriedade os elementos da estética barretiana, utilizando, na sequência, trechos dos romances **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, **Clara dos Anjos**, **Vida e Morte de MJ Gonzaga de Sá** e **Os Bruzundangas**. É importante ressaltar que as próximas subseções foram construídas com o intuito de compartilhar um pouco dos enredos de cada romance. Porém, não se trata de uma análise das obras em si, mas sim de uma apresentação delas, já que o foco deste estudo são as recepções de Lima Barreto.

4.1.1 Recordações do Escrivão Isaías Caminha

Recordações do Escrivão Isaías Caminha é o primeiro romance publicado de Lima Barreto. Subdividido em quatro capítulos, percebe-se que a história do livro está dividida em duas partes. Na primeira metade, o que aflora é uma narrativa do protagonista negro, que vive

no interior e almeja alcançar a ascensão econômica e social por meio dos estudos. Inteligente e bastante dedicado, o jovem Isaías Caminha decide ir para o Rio de Janeiro em busca dos seus sonhos, mas vive lá uma série de desafios, sendo muitos deles causados por conta da sua pele negra. Na segunda metade do livro, o personagem Isaías Caminha começa a trabalhar em um importante jornal carioca. Essa é uma experiência que reforça seu sentimento de descrença e pessimismo em relação às coisas que estão postas no mundo.

Ao sair do interior em direção aos seus objetivos, o protagonista percebe que o universo cultural que estrutura as relações interpessoais na cidade do Rio de Janeiro são hostis para pessoas de pele retinta. O que se segue é uma série de dificuldades para conseguir sua subsistência, chegando a quase mendicância, além de vivenciar situações de racismo. Quanto a esse último ponto, podemos destacar alguns trechos que mostram como o racismo atravessa a vida de Isaías Caminha. Um deles é o momento em que o protagonista descreve o quanto sente que o preconceito racial o fere por colocá-lo como algoz da moralidade não pelas suas ações ou história de vida, mas por ser quem é, um negro.

A estadia na cidade do Rio de Janeiro traz esse contato com a realidade prejudicial de uma cultura que tem o racismo como elemento estruturador. Esse tipo de contato faz com que Isaías Caminha sinta a aspereza das relações, pois descobre que quase todos que o cercam o veem como inferior e hostil. Nesse momento emblemático, o personagem experimenta as emoções advindas da constatação do conjunto simbólico que constitui a realidade que ele vai conhecer. A memória aí formada é a da ferida aberta pelo contraste do tratamento guiado por dois pesos e duas medidas. Assim, fica evidente quanto vale um branco e um negro nas situações cotidianas de convívio e, a partir dessa memória, outros novos vão se desenrolando.

Sua nova realidade contrasta com seu referencial de si, construído ao longo da infância, que desmorona por não ser mais socialmente validado. Até então, as marcas que lhe eram atribuídas eram de um jovem admirável, respeitável, talentoso e estudioso que alçaria altos voos no caminho que escolhera. A referência que tinha de seu pai era aquela que nutria o desejo de obter conhecimento. Essa referência fica evidente quando ele relata que: “o espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento” (Barreto, 1995, p.1).

A dedicação aos estudos nos primeiros capítulos de sua vida foi marcada por conquistas e elogios de seus professores. Nessa atmosfera em que o respeito e a admiração o circundavam, corroborou a construção de seu projeto de vida, que era alcançar uma ascensão econômica e social por meio da conquista do título de doutor. O conjunto simbólico

representacional do personagem Isaias, ainda como criança, é marcado pela visão de que o conhecimento era a chave para uma ascensão social e financeira. Embora tenha sido sempre muito estudioso e esforçado, ele julgava, e com certa razão, precisar de um diploma que o validasse aos olhos da sociedade como homem dotado de saberes acadêmicos e, logo, digno de ocupar um lugar de destaque. Acontece que lhe faltava o apoio financeiro que, segundo acreditava, seria resolvido ao chegar a seu destino, a cidade do Rio de Janeiro, já que possuía em mãos uma carta de recomendação endereçada a um importante político.

No entanto, suas expectativas não foram correspondidas e essa nova jornada de sua vida se apresentou cheia de desafios. Acontece que, em seu repertório simbólico, o principal desafio a ser superado na cidade grande era o de conseguir sua subsistência enquanto canalizava seus esforços nos estudos. Porém, não fazia parte de suas expectativas ser tratado de uma maneira diferente, com ranços de hostilidade, por ser negro.

Contudo, não parece razoável deduzir que o personagem Isaiás Caminha tenha sido totalmente alheio à realidade marcada pelo racismo no período que corresponde à sua infância. Embora seu relato descreva esse período como assinalado por uma aparente ausência de situações adversas de violência, características de uma sociedade racista, ele narra o desejo de ascensão social, a qual seria resultante da obtenção do título de doutor. Isso, para ele, resgataria seu “pecado original”, “nascimento humilde” e “amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor” (Barreto, 1995, p. 6).

O fato é que somente ao chegar à cidade do Rio de Janeiro é que ele foi efetivamente exposto ao racismo de uma forma que possivelmente, até então, lhe era alheio. Nesse contexto, seu posicionamento otimista para com a vida vai sendo deslocado por conta das experiências hostis que vai vivenciando. Ao revisitar seu passado, tendo como filtro as novas realidades do presente, o personagem vai ganhando uma nova percepção do que é ser uma pessoa racializada no Brasil do início do século XX.

Acontece que a percepção do que ocorre no presente remete a novas leituras do passado, já que a memória é praticamente inseparável da percepção que intercala o passado no presente. Uma dessas correlações do passado no presente é apresentada quando Isaiás Caminha é novamente interpelado pela lógica de uma sociedade racista. Em uma investigação sobre um roubo que ocorreu no hotel em que estava hospedado, ele foi levado como suspeito por conta da cor de sua pele. Desde o momento da intimação ao trato com as autoridades, pairava sobre Isaiás o rótulo de culpado, ainda que não fizesse ideia do ocorrido.

Sentiu a dor e a frustração de ser julgado *a priori* e reconheceu que suas qualidades enquanto homem íntegro e estudioso de nada valiam, pois tudo era ofuscado pela

preconceituosa representação dada a suas características biológicas. Embora sua angústia se manifeste na ordem do singular, sua origem é social, uma vez que a origem desse sofrimento é compartilhada por todos os negros que passam por desafios em uma sociedade racista. No campo da dimensão relacional, no que diz respeito à construção social do racismo, há um movimento para confinar o sujeito aos estereótipos raciais artificialmente criados. Ainda que não sejam compatíveis com sua trajetória pessoal, sinais negativos são especificados nos sujeitos, colocando-os em lugar de eterna desconfiança. Vemos isso nesse outro excerto da obra em foco:

Obedecendo à sua ordem (*do inspetor*), sentei-me entre outras pessoas de cujas fisionomias não fiz grande reparo. [...] Até então, eu não sabia ao certo o que viera fazer àquela delegacia. O copeiro, que me transmitira a ordem da autoridade, falou-me por alto num roubo que houvera no hotel pela noite última. Ao Coronel Figueira, furtaram cerca de seis contos em dinheiro, afora objetos de valor.

— Que vou fazer lá? indaguei do copeiro.

— Depor, naturalmente.

Sentado na estação policial é que me lembrei que ele sublinhara a resposta com um piscar de olhos cheio de canalhice... Seria possível? Qual! Eu era estudante, rapaz premiado... Qual! Nem por sombras!... (Barreto, 1995, p. 31).

É nesse entrelaçar de significados que Isaías Caminha vive um conflito interno por não compreender o sentido da desconfiança direcionada a ele. Há em seu ser o sentimento de indignação e revolta para com esse conjunto de valores sociais de seu tempo. A delegacia para a qual o personagem se dirigiu pode ser apontada como a representação social do que era o macroespaço cultural brasileiro do início do século XX, pois nela há manifestações das marcas depreciativas lançadas aos negros nesse período, como mostra esse trecho do romance:

[...] Dos compartimentos do fundo, chegou um personagem ventruado, meão de altura, de pernas curtas, furta-cor, tendo atravessado no peito um grilhão de ouro, donde pendia uma imensa medalha cravejada de brilhantes. Dirigiu-se ao inspetor:

— Raposo, vou sair: há alguma coisa?

— Nada, Capitão Viveiros.

— E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal "mulatinho"?

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem

diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso. Não sei a que me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até ao fim da vida; mas choro agora, choro hoje quando me lembro que uma palavra desprezível dessas não me torna a fazer chorar. Entretanto, isso tudo é uma questão de semântica: amanhã, dentro de um século, não terá mais significação injuriosa. Essa reflexão, porém, não me confortava naquele tempo, porque sentia na baixeza do tratamento todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar. (Barreto, 1995, p. 33).

Quando Isaías se defronta com esse universo de contradições, sendo acusado e condenado *a priori* pelo que não fez, questiona o tratamento que recebeu no passado enquanto estudante. Conclui, assim, que todo o respeito que tinha na época era artificial, levando-o a criar uma representação exaltada de si mesmo. Agora, sente que suas qualidades de nada valem, pois nem sequer são consideradas. Atravessado por esses pensamentos, Isaías Caminha vê sua indignação com a situação, a qual foi reforçada, pelo fato do seu algoz ser um funcionário público, um representante das instituições brasileiras que, teoricamente, por força do lugar que ocupa, deveria tê-lo tratado respeitosamente. Contudo, as instituições não estão apartadas da estruturação dos valores sociais vigentes, sendo elas, por vezes, conduzidas por essas visões de mundo. Observamos sua indignação no trecho subsequente:

O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário, de um representante do governo, da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu, a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil e como tal merecia dele um tratamento respeitoso. (Barreto, 1995, p. 34).

A segunda metade do livro começa quando Isaías Caminha consegue um emprego em um jornal proeminente chamado **O Globo**. Agora, imerso no universo jornalístico, o protagonista toma pé da lógica que alimenta esse sistema e, mais uma vez, fica decepcionado. Nesse âmbito, ele expressa críticas contidas não apenas ao jornal em que trabalhava, mas a toda a instituição da imprensa, fazendo denúncias contundentes do que ocorre nessa que seria “a onipotente imprensa, o quarto poder fora da constituição” (Barreto, 1995, p. 64).

Logo, a decantação de suas experiências e as consequentes reelaborações de seu imaginário fazem com que o personagem vá se dando conta de que a representação do negro, construída pela elite branca, coloca-o no lugar do subalternizado. Essa é uma realidade constatada pelo protagonista, que percorre todo um caminho turbulento para, agora,

sobreviver. Para tanto, engaveta-se o sonho de obtenção do título de doutor para lutar nas intensas batalhas do cotidiano.

4.1.2 Clara dos Anjos

O escritor Lima Barreto empregou sua genialidade no combate ao racismo e, por isso, as páginas de seus romances servem como suporte para uma energia que pulsa e transcende a lógica racista. Nessa direção, ele confronta, por meio da palavra, as representações estereotipadas do corpo marcadas como diferentes pela cor. Os passos dados por seus personagens revelam como o caminho do negro é pavimentado pela crueldade física e simbólica imposta no cotidiano mais comum. A questão se intensifica quando essa violência é direcionada ao corpo negro e feminino, já que a sociedade brasileira do início do século XX, além de possuir um racismo estrutural, cultivava a herança da primazia do pensamento machista e falocêntrico.

A espinha dorsal da violência racista reside na negação ontológica do negro, definindo-o compulsoriamente na dimensão do brutal, animalesco e subalterno. Por essa lógica, a mediação sociorrelacional entre pessoas de diferentes etnias ocorre por meio do enquadramento prévio do que é permitido e proibido ao negro. Esse lugar de interditos e de não humanidade se vale de um regime de autorizações discursivas que define quais papéis devem ser reforçados pelos diferentes corpos dentro dos espaços. Essa construção do lugar social tende a ser ainda mais opressora para o corpo negro feminino, pois as opressões estruturais historicamente construídas no Brasil se valem, não só, mas também, do tripé raça, classe e gênero.

Nesse enquadre, os personagens protagonistas da literatura de Lima Barreto, mais do que simples produtos de decantação de experiências vívidas, expressam mosaicos de afetos, memórias e ressignificações que desafiam a ideia de que uma essência precede uma existência. Entretanto, a relação com uma sociedade persecutória não os impede de realizar uma reflexão crítica sobre si mesmos, ainda que essa ação seja permeada por revolta e frustração.

As vivências e desafios enfrentados por esses personagens são moldados pelo crivo da verossimilhança, ou seja, há uma plausibilidade que assevera alguns pontos de contato presentes na cultura brasileira contemporânea ao seu criador, compostos por atribuições representacionais negativas aos negros, com o intuito de restringir seus espaços de ocupação. A estética barretiana tem como princípio problematizar, por meio da ficção, o lugar que o

negro ocupa no imaginário social. Isso não implica apenas questionar a historicidade das representações, mas também mergulhar nas suas consequências no presente. Esse é um dos pontos centrais presentes na obra barretiana: desnaturalizar conceitos que engessam a subjetividade e que veem o indivíduo como uma generalização artificialmente criada.

No romance **Clara dos Anjos**, a protagonista, cujo nome intitula a obra, atravessa itinerários marcados por desafios que, ao final, a conduzem à compreensão de como são hostis as construções dos valores socialmente aceitos em relação ao tratamento do corpo negro e feminino. Em suma, a personagem passa por um processo subjetivo de descobertas relacionadas às demandas e pressões sociais, marcadas por estereótipos potencializados pelas ideologias machistas e racistas em relação ao corpo negro e feminino. Essas descobertas vão além do reconhecimento óbvio de pertencimento a um grupo étnico, pois refletem o fato de que as expectativas sociais – no caso, aquelas relacionadas ao ideal romântico de um relacionamento interracial – não refletem a realidade das pessoas racializadas. Daí a confusão e frustração de Clara dos Anjos ao perceber que as expectativas sociais sobre si não condizem com as suas próprias experiências.

Há algumas particularidades referentes ao romance **Clara dos Anjos**. Sua primeira versão foi publicada no formato de folhetim em jornais, sendo efetivamente lançada em circulação postumamente no ano de 1948. Dividido em dez capítulos, o romance narra a história da bela e inocente Clara, criada sob a superproteção de sua família. Negra e pobre, Clara é seduzida por Cassi Jones, um homem branco, boêmio, oriundo de uma família de relativo poder aquisitivo e com fama de sedutor. Desde suas primeiras linhas, o romance delineou o quadro da família de Clara e o ambiente em que vive. Seus pais, Joaquim, funcionário público nos correios, e Engrácia, dona de casa, residem no subúrbio carioca, protegendo-a das adversidades do mundo, embora essa escolha tenha consequências negativas ao desejado.

Essa educação, que visava manter a menina a distância do mundo, contribuiu para que Clara desenvolvesse uma personalidade ingênua diante dos desafios que esperavam por ela. Vemos isso no trecho do romance a seguir:

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe. (Barreto, 2012, p. 26).

A chegada de Cassi Jones desencadeia os eventos que moldam o destino de Clara. Conhecido por sua preferência por mulheres negras e pobres, Cassi Jones, inicialmente, engana a todos com sua alegria e descontração. Sua relação com as mulheres, especialmente com as negras e pobres, estava centrada na esfera do erótico e da satisfação sexual. Como descrito por Barreto (2012, p. 34): “seu sentimento ficou limitado ao mais simples elemento do amor – a posse. Obtida esta, bem cedo se enfasiava, desprezava a vítima, com a qual não sentia ter mais nenhuma ligação especial; e procurava outra”. No entanto, nem todos se iludiam com a suposta simpatia do antagonista da história. O padrinho de Clara, o senhor Antônio da Silva, adverte seu compadre sobre os interesses de Cassi Jones: “Você não vê isso, se ele se quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro? Sou teu amigo, Joaquim” (Barreto, 2012, p. 56).

Mesmo confrontada com os apelos de seu padrinho, Clara se recusa a acreditar que seu amado seja essa pessoa sórdida que descrevem. Afinal, “como ele poderia ser tanta coisa ruim, se frequentasse casas de doutores, de coronéis, de políticos? Naturalmente havia nisso muita inveja dos méritos do rapaz” (Barreto, 2012, p. 27). Clara chega até a ponderar sobre as razões que levariam um homem branco, com poder aquisitivo significativo, a se envolver com uma mulher negra e pobre. No entanto, valendo-se de seu repertório simbólico marcado pela inocência devido à sua criação, ela conclui que a questão da cor da pele não representaria nenhum obstáculo para um envolvimento sincero entre duas pessoas.

Uma dúvida lhe veio; ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevino, que, ao fazer esse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar. (Barreto, 2012, p. 27).

Levando em consideração o repertório da personagem Clara e os elementos que integram a formação de sua memória, não buscamos construir uma lógica simplificada de causa e efeito, pois não é razoável acreditar que determinados caminhos levam necessariamente a certos resultados. As complexidades relacionadas que permeiam a composição da individualidade implicam a impossibilidade de prever quais serão os passos dados no futuro. No entanto, alguns elementos certamente estão postos de modo tal que corroboram para a compreensão de questões específicas. É razoável inferir que, devido à sua educação e às relações parentais, Clara elaborou certas memórias de referência para lidar com os desafios no mundo.

Não se trata aqui de colocá-la como vítima da sua formação, pois seria o mesmo que atribuir culpa à vítima por sua condição de vítima. É uma visão contextual em que Lima Barreto apresenta o sistema de reflexão da personagem que validava seu desejo de viver uma história romântica com Cassi Jones. No entanto, as expectativas da jovem protagonista não se confirmaram, pois ela é abandonada ao descobrir que está grávida do homem que acreditava ser seu amado.

[...] agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe de seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso seu padrinho! Coitado! (Barreto, 2012, p. 76).

Agora, não se tratou mais apenas da busca pela realização do desejo de se casar com o homem por ela escolhido, mas sim da procura por uma espécie de reparação de danos, por assim dizer. Vale ressaltar que, no contexto social brasileiro do início do século XX, ser mãe fora da instituição do matrimônio representava uma mácula nos valores morais, impactando o destino da mulher e seu filho.

Clara e sua mãe buscaram o que julgavam sensato, indo até a mãe de Cassi Jones para que ela intercedesse a favor do casamento com seu filho. No entanto, a ocorrência daquela que seria sua sogra deixou claro que o preconceito racial era parte integrante na constituição dos valores daquela família:

Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si: – Que se case comigo. Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou: – Que é que você diz, sua negra? (Barreto, 2012, p. 75).

No transcorrer da história, a questão do preconceito racial atravessa toda a narrativa, mas não apenas isso. É possível perceber a presença de uma moralidade que tem como base o racismo e o machismo. Falando a partir desse ponto de vista, o contexto cultural encurralava Clara por ser negra e mulher. Mesmo sendo vítima das acusações, toda a culpa da situação em que se encontrou foi a ela atribuída.

– Ora, vejam vocês só! É possível? É possível admitir-se meu filho casando com esta... As filhas intervieram: – Que é isto, mamãe? A velha continuou: – Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lorde Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina – que diria ele, se visse tal

vergonha? Qual! [...] – Engraçado essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (Barreto, 2012, p. 76).

Esse trecho demonstra o choque de realidade da protagonista quando ela percebe que sua constituição biológica é interpretada socialmente como pertencente a um lugar de segunda importância. Tudo é mais estarrecedor quando ela nota que tal classificação independe de sua vontade, de sua história ou singularidade, demonstrando que viver em uma sociedade racista e machista implica ter seu corpo e sua subjetividade rotulados *a priori*. Sua dor se manifesta também nesse outro excerto da obra em pauta:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera [...]. A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca de seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigo. (Barreto, 2012, p. 76).

De fato, o amor, em sua esfera romântica, não parece ser a tinta com que Lima Barreto criou suas obras. Ele aparece em seus enredos, mas como elemento inovador dos desafios sociais comumente enfrentados pelos negros e suburbanos. O romance **Clara dos Anjos** é concluído com a dura constatação a que chegou sua protagonista: “num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero: – Mamãe! Mamãe! – O que é, minha filha? – Nós não somos nada nesta vida” (Barreto, 2012, p. 77).

Por outro lado, a Cassi Jones, homem branco e de posses, cabe o lugar de privilégio à custa de suas vítimas, preferencialmente mulheres pobres e negras. É certo que, em uma situação análoga, em que a vítima fosse uma mulher branca, possivelmente o enredo teria outro fim. O personagem Cassi Jones tende a representar esse lugar social do privilégio que lhe garante a impunidade:

[...] o senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de mulheres casadas. Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios de prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado. (Barreto, 2012, p. 7).

É importante ressaltar que esse espaço de privilégio não foi providencialmente posto, mas sim historicamente construído. Se, por um lado, o homem branco não é penalizado, em nenhuma dimensão, pelas suas transgressões contra as mulheres pobres e negras, essas moças carregam o peso da condenação social e suas eventuais consequências, pois o lugar de vítima não lhe cabia na época. Lima Barreto (2012) descreveu que os destinos das vítimas de Cassi Jones se resumiam em serem expulsas de casa, obrigadas a trabalhar em bordéis, recorrer ao suicídio ou serem assassinadas. Clara dos Anjos percebe que está nesse lugar que lhe nega o direito à coexistência de direitos e sua constatação de que está em um lugar de vulnerabilidade e opressão se manifesta pela voz da frustração. Contudo, para romper com os interditos, denunciar as omissões e se posicionar frente às opressões, é preciso compreender a dinâmica que movimenta as engrenagens relacionais. Ingenuidade não lhe é mais um adjetivo aplicável.

4.1.3 Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá

No romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**, Lima Barreto assume um tom peculiar em relação ao seu projeto estético. Apesar do romance já estar pronto, o autor optou por iniciar seus passos como romancista com outra criação, que também mobilizou elementos de sua estética, embora com outro tom, escolhendo o romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**.

Em uma carta endereçada a Gonzaga Duque, Lima Barreto explica o motivo da escolha de não inaugurar seu caminho como romancista com o trabalho que já estava concluído. A intenção era causar impacto e, para isso, outro romance lhe pareceu mais adequado à tarefa.

Era um tanto cerebrino, o Gonzaga de Sá, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandei as Recordações do escrivão Isaías Caminha, um livro desigual, propositalmente malfeito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo não que ele te escandalize, mas que te desagrade. (Barreto, 1961, p. 169).

A chave alegórica em **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** permanece centrada nas denúncias de problemas sociais, mas com uma narrativa montada no sutil e implícito, articulando as denúncias sociais na esfera da ficção de um modo mais metaforizado. Embora essas características tragam um brilho adicional à obra, tornam-se um percalço para quem se propõe a incorporá-la como objeto de estudo. Isso porque o romance em questão mobiliza uma série de elementos e discussões igualmente interessantes, fornecendo matéria-prima para

a construção de reflexões potentes. No entanto, seguimos o caminho proposto pelo presente estudo, que tem como objeto problematizador a forma como se dá nele e em sua recepção crítica a representação da etnia.

Publicado em 1919, com o apoio de Monteiro Lobato, o romance apresenta a história de M. J. Gonzaga de Sá, narrada como uma biografia escrita por seu amigo Augusto Machado, embora ele, por vezes, fale mais dele do que de seu biografado. O compasso narrativo apresenta um conjunto de crônicas, um encadeamento de histórias provenientes dos diálogos entre os dois amigos. A forma como a história é organizada e contada dá a sensação de que seus temas não estão concatenados entre si, mas é possível dizer que o fio que liga as histórias são as mudanças que vieram a acontecer no Rio de Janeiro, a pretexto da modernização que se dava às custas dos pobres. Por isso, em suas páginas, há críticas implícitas quanto à elite carioca e à hipocrisia de uma sociedade que tem o racismo como elemento estruturador.

Os desdobramentos dessa narrativa deixam nas entrelinhas a ação dos mecanismos complexos e sofisticados da urdidura da ideologia racial branca, que estabelece um vínculo entre o que é desejável ou não, tendo a cor e a classe social como parâmetro balizador. Essa manifestação hierarquizada entre o que é e o que não é desejável atravessa os discursos e as ações do cotidiano, produzindo um conjunto de suposições negativas e irrefletidas para com o corpo negro. Além disso, esse conjunto simbólico passa a referenciar a forma como os lugares são gerenciados, marcando as mudanças ocorridas na cidade carioca na chamada *belle époque*.

A história do romance é construída com base nas memórias dos dois personagens protagonistas. Como já dito, o que aparece nas entrelinhas é como as transformações urbanas foram gerenciadas por uma lógica modernizante permeada por discursos preconceituosos em relação aos pobres e negros. Essas transformações no espaço urbano também ocorreram no campo das tensões entre o simbólico e ecoaram nas ações relacionais entre os sujeitos. Nesse enquadre, o novo modelo urbano almejado reflete o pensamento escravocrata de separar a Casa Grande da Senzala.

Uma das características da estética barretiana aqui apresentada é a peculiaridade de se valer de uma narrativa ficcional para representar o homem em sua complexidade. Para tanto, Barreto tece uma narrativa que retira seus personagens do lugar-comum das estereotípias. Assim, ao contrário de boa parte de seus pares, Lima Barreto se esforça para que a voz de seus personagens não se renda a pensamentos rasos.

Nesse objetivo, Lima Barreto articula o enredo de modo a expor e questionar a relação entre a lógica estrutural urbana e o tratamento relacional hostil em relação às pessoas pobres e racializadas. Contudo, a forma como expressa sua vertente não caminha na direção da dedução de causa e efeito, pois as ações de conflito ocorrem de maneira dialógica, complexa e contextual. Embora as manifestações de violência, físicas e/ou simbólicas, que orbitam uma sociedade racista possuam uma origem comum, os desdobramentos ocorrem na esfera do singular, pois cada indivíduo reage a elas com seu repertório subjetivo. Pensar esse movimento de forma diferente, do ponto de vista das generalizações, seria concordar com uma lógica homogeneizante. Nesse contexto, os subúrbios, outrora espaços designados para os apartados da elite econômica branca, ganham um novo significado pela vida pulsante que nele habita.

O corpo negro é o destinatário do julgamento social e é coagido a viver em determinados espaços, mas não apenas isso. É preciso abordar essa questão como uma via de mão dupla. Indo além do posicionamento binário que limita quase tudo entre as ações de vítimas e algozes, Lima Barreto postula que a interlocução de elementos culturais se dá pela perspectiva do homem branco e, especialmente no romance em questão, europeu. Logo, o processo de composição das ideias representacionais do conceito de “progresso” não abre espaço para uma produção que dialoga com a realidade histórica e material do povo brasileiro. Assim, mesmo que os elementos materiais da cultura europeia sejam incompatíveis com a realidade material de uma cidade situada nos trópicos, o que prevalece é a imposição de uma realidade disfarçada por um ideal artificial de modernidade. A consequência primária de tal ação é a violência e a exclusão de outros corpos e formas de estar no mundo que destoam desse modelo estrangeiro idealizado.

De modo geral, o livro traz poucos fatos, tendo como proposta o diálogo e as reflexões entre Augusto Machado e M. J. Gonzaga de Sá. O que aparece em abundância são suas memórias relacionadas aos hábitos cotidianos do homem comum, bem como às festas repletas de futilidades promovidas pela elite econômica da sociedade carioca. No livro, o espaço ficcional que descreve a cidade é colocado para além de uma transcrição de lugares e esse “desenvolvimento de uma nova abordagem do espaço na ficção deixa de ser um pano de fundo e/ou alegoria” (Aguiar, 2017, p. 53) a ponto de se tornar quase um personagem. A obra apresenta, também, a representação do político corrupto, do intelectual pedante e do sacerdote oportunista, além da crítica ao que seria uma falta de originalidade da produção intelectual brasileira por nutrir uma influência excessiva do que é estrangeiro.

Ao voltarmos nossa atenção para a forma como a questão da representação racial é tratada no referido romance, podemos dizer que esse tema é pulverizado de modo recorrente na maioria de suas páginas. No entanto, é preciso destacar alguns trechos em que essa questão emerge na obra. Em um dos momentos não raros em que o biógrafo assume o papel de biografado, Augusto Machado descreve um dos seus devaneios enquanto caminha. A memória evocada traz uma representação do Estado e da sociedade brasileira como de submissão à cultura europeia e à hierarquização entre brancos e negros. Na sequência da narrativa, é apresentada outra representação que faz alusão à visão do escravizado idoso e gentil.

Assumindo a premissa de que é no presente que se evoca a memória do passado, podemos deduzir que a associação do idoso negro à figura da docilidade diz mais sobre a historicidade do observador do que a do observado. Afinal, “não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens: imagens das coisas sensíveis sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda” (Agostinho, 2017, p. 245-246). O imaginário referencial de memória afetiva ligada ao passado escravocrata mantinha-se em M. J. Gonzaga de Sá e não apenas nele, já que as marcas simbólicas de um passado escravocrata influenciam a percepção do corpo negro pelo filtro da objetificação, apontando, por vezes, para o demérito. Observamos isso nesse trecho do romance em foco:

Na nossa terra de submissão antecipada, o paradoxo encanta [...]. Subi devagar uma rua em ladeira, pelas bandas da Candelária; e bati palmas [...]. Veio-me abrir a porta um preto velho, da raça daqueles pretos velhos que sofreram paternalmente os caprichos das nossas anteriores gerações. (Barreto, 1919, p. 82).

Schwarcz (2017, p. 583) dá uma importante contribuição para pensar essa questão quando diz que “Lima introduz a figura do preto velho” como forma de representar “a imagem da passividade e o paradoxo da ‘boa escravidão’, submissa e leal. Era essa a representação que as elites queriam guardar, e não aquela dos cativos rebeldes e amotinados, que conquistaram sua abolição pela força da insurreição”. É possível perceber que há um atravessamento dos elementos formadores da cultura dos quais os personagens não escapam. Assim, embora os protagonistas sejam descritos como homens contrários aos dogmas escravocratas, a sua fala, por vezes, carrega a marca simbólica representacional desse período, conforme se vê nesse excerto:

– Não imaginas, menino, que tesouro de dedicação há nesse homem. Eu não sei donde ele o tira e de que maneira argamassou tão grandes sentimentos. Nasceu escravo, uns dias antes de mim; meu pai o libertou na pia, preso. A

mim me acompanha desde os primeiros dias do nascimento. É um irmão de leite. Viu-me nas atitudes mais humildes; apreciou-me em propósitos repugnantes; assistiu ao desmoronamento da grandeza da minha casa familiar; entretanto, não sendo, como parece a todos, destituído de inteligência crítica, sou para ele o mesmo, o mesmíssimo, cuja representação se lhe fez na consciência, no correr dos seus primeiros lustros de vida. Eu não o chego absolutamente a compreender. Acho-o obscuro; mas me deslumbra – é grandioso! Às vezes, confesso, me parece uma subalterna dedicação animal; às vezes, também confesso, me parece um sentimento divino. Eu não sei, mas amo-o. Gonzaga era um humanista, mas, acostumado a essa linguagem que ressoava os tempos da escravidão, não conseguia introjetar um novo tipo de comportamento, ainda que já vivesse num contexto de liberdade republicana. (Barreto, 1919, p. 88).

Partindo de uma perspectiva cultural, em que a língua é considerada um campo de construção de significações imerso no terreno de disputas, os assuntos historicamente rotulados têm sua humanidade delimitada por atributos pré-definidos. O negro idoso, antes de ser reconhecido como um indivíduo idoso singular que compartilha parte de sua trajetória de existência com um dos protagonistas, é primeiramente percebido como um negro para, então, ser visto apenas como um velho. Uma análise mais atenta revela que a natureza sensata dos protagonistas não os isenta de recair em armadilhas linguísticas que rotulam pessoas por meio de estereótipos, graças à naturalização de termos estigmatizantes que sugerem a ideia de que certos corpos podem ser apartados de sua historicidade e subjetividade.

Nesse contexto, a língua carrega as marcas da história social de seu povo ao expressar significados historicamente construídos. Assim, quando se refere a outro de forma aparentemente amigável, utilizando supostos bons afetos para descrever aqueles que são próximos e não são reconhecidos como semelhantes devido às marcas artificialmente construídas e naturalizadas em seus corpos, ela delinea quem é o homem pleno da humanidade e quem não é.

Em **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**, os protagonistas mobilizam memórias que ainda não atingiram o ponto de cisão que favoreceu, mais tarde, a não perpetuação de dogmas racistas. Infelizmente, esse ponto de cisão parece distante no horizonte, como evidenciado pela expressão adicionada pelo escritor: “olha que ninguém quer ser negro no Brasil!” (Barreto, 1919, p. 47). Lima Barreto demonstra como a violência simbólica contra o negro permeia o cotidiano das relações e das instituições, como exemplificado no trecho em que, mesmo reconhecido como direito civil, pobres e pretos são vistos com desdém por aspirarem ao casamento:

Recordo-me que uma vez, por acaso, entrei numa pretoria e assisti um casamento de duas pessoas pobres... Creio que até eram de cor. Em face de todas as teorias do Estado, era uma coisa justa e louvável; pois bem, juízes, escrivães, rábulas enchiam de chacotas, de deboches aquele pobre par que se fiara nas declamações governamentais. (Barreto, 1919, p. 151).

Seria ingenuidade supor que o fim institucional do sistema escravista findaria, também, as representações que atribuíam ao negro o lugar de subalternidade. Infelizmente, o conjunto de valores e imagens do imaginário a eles atribuídos permaneciam incompatíveis com sua essência subjetiva e com sua historicidade. Ser negro significava ser cooptado para o lugar da não humanidade plena e, por isso, permaneceram a chacota e o comportamento jocoso de pessoas que ocupam espaços de poder, desdenhando daqueles que buscam o matrimônio nos moldes da cultura dominante. Nesse contexto, há um regime de normatização discursiva que delimita quem pode ocupar determinados espaços.

São por esses registros de memória que os personagens vão construindo a representação do cotidiano e as transformações sociomateriais na cidade do Rio de Janeiro do século XX. Segundo Machado (2002), Lima Barreto faz uma construção em que assevera que a vida da cidade e suas configurações no espaço urbano nos conduzem a entender a vida, a história e a cultura dessa cidade. E, nos passeios entre o centro e os subúrbios, Gonzaga de Sá “se nutre da história e do espaço da cidade” (Machado, 2002, p. 115). É dessa forma que a obra é “fundamentalmente um conjunto de meditações sobre o destino humano” (Machado, 2002, p. 114). Nesse meio, diferenças físicas e sociais são molduras “onde o quadro se tornava ainda mais chocante, visto que a miséria geral da população contrastava vivamente com os palácios, avenidas, parques e jardins da Regeneração” (Sevcenko, 2003, p. 187).

Portanto, o projeto estético barretiano em **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** revela o molde das incorporações de uma tida modernidade que realça aquilo tido por desejável, sacrificando o que não é. Entre os acréscimos e subtrações trazidos pelas mudanças no cenário urbano ficcional, muitos elementos culturais típicos da época se entrecruzam, fazendo com que os cenários participem quase como personagens na narrativa. Na obra em foco, os espaços catalizadores de memória trazidos por Gonzaga de Sá são aqueles de um passado não tão distante, enquanto os trazidos por Augusto Machado são aqueles do agora, do seu tempo, que apontam uma certa projeção para o futuro. É nessa percepção das rupturas e continuidades que Lima Barreto faz com que os personagens circulem entre os ambientes e acomodem aos poucos as suas memórias.

4.1.4 Os Bruzundangas

Em **Os Bruzundangas**, Lima Barreto produz uma sátira ao Brasil do final do Império e início da República, construindo um paralelo plausível e verossímil quanto aos hábitos e comportamentos da população brasileira do início do século XX. Composto por vinte e dois capítulos e seis outras histórias, o romance descreve as histórias de um personagem narrador que fala de um país fictício como se apresenta um diário de viagens, contando o que viu lá. Os principais pontos a serem destacados nesse retrato paródico do Brasil seriam a existência de literatos que se preocupam mais com a estruturação das expressões no texto do que o seu potencial comunicativo. Para eles, o que vale era o cultivo de um preciosismo textual, mesmo que essa característica viesse a figurar entraves para a sua compreensão quando acessado pelo povo.

Outras características desse país fictício seriam: a) a existência de políticos corruptos; b) de um exército que se preocupa mais com o próprio uniforme do que com o seu papel de defender a soberania do país e c) uma educação voltada para a memorização de fatos do que para o desenvolvimento crítico de ideias. Quanto aos aspectos específicos do país Bruzundanga, as informações apresentadas no romance são de que se trata de um país subtropical composto por uma população classificada como samoieda:

Como todos nós sabemos, a raça samoieda é de estatura baixa, pouco menos que a dos lapões, cabelos longos, duros e negros de jade, vivendo da carne de renas, de urso branco, quando a felicidade lhe fornece um. Tais homens andam em trenós e fazem kayacs de peles de renas ou focas que eles empregam para capturar estas últimas. As suas concepções religiosas são reduzidas, e os seus ídolos, manipulansos hediondos, tocos de pau besuntados de pinturas incoerentes. Vestem-se, os samoiedas, com peles de renas e outros animais hiperbóreos. (Barreto, 1956d, p. 7-8).

Percebe-se aqui uma contradição nas características culturais de uma sociedade que habita os trópicos, pois os seus elementos culturais se aproximam daqueles comumente observáveis nos países ao norte, especialmente nos europeus. Assim, a fronteira do debate fica claro quando o que é tido por eles como civilizatório seria um estilo de vida incompatível com as condições impostas pela natureza:

A Bruzundanga, como sabem, fica nas zonas tropical e subtropical, mas a estética da escola pedia que eles se vestissem com peles de urso, de renas, de martas e raposas árticas. É um vestuário barato para os samoiedas autênticos, mas caríssimo para os seus parentes literários dos trópicos. Estes, porém,

crentes na eficácia da vestimenta para a criação artística, morrem de fome, mas vestem-se à moda da Sibéria. (Barreto, 1956d, p. 10).

Com pouco esforço é possível perceber, então, a existência da contradição existente na importação de elementos culturais de países estrangeiros que pouco tem em comum com Bruzundanga. Ainda assim, o processo de construção simbólica e sua conseqüente naturalização pavimentam a constituição de uma cultura que incorpora esses elementos externos como algo comum, por mais avesso que seja sua ambientação, como mostra o excerto a seguir:

Não há como discutir com eles, porque todos se guiam por idéias feitas, receitas de julgamentos e nunca se aventuram a examinar por si qualquer questão, preferindo resolvê-las por generalizações quase sempre recebidas de segunda ou terceira mão, diluídas e desfiguradas pelas sucessivas passagens de uma cabeça para outra cabeça. (Barreto, 1956d, p. 10).

Uma das formas de manutenção da naturalização de elementos culturais antagônicos à materialidade de um povo se dá na dimensão da construção dos saberes. Nela há um movimento que almeja a consolidação de um dado conjunto representacional que está sempre em disputa. Para sobrepor memórias ligadas à ancestralidade de um povo, é preciso construir um processo que fundamente o seu esvaziamento por intermédio da apropriação de outros elementos culturais. Dessa forma, quando a cultura europeia sobrepõe outras possibilidades de ser e estar no mundo em Bruzundanga, passa a haver um esvaziamento de possibilidades de os nativos refletirem sobre sua própria condição:

A instrução do grosso dos menestréis bruzundanguenses não permitia esse apelo à matemática; e contentaram-se com umas regras simples que tinham na ponta da língua, como as beatas as rezas que não lhes passam pelo coração, e outros desenvolvimentos teóricos. (Barreto, 1956d, p. 09).

Uma série de outros fatores se desdobram no referido país ficcional, mas o que nos interessa aqui é a manipulação da memória que está, como pano de fundo, gerenciando as bases representacionais e culturais. Em **Os Bruzundangas**, Lima Barreto constrói uma estética que dialoga com os caminhos que consolidaram e naturalizaram determinadas memórias, selecionando os elementos que deveriam se preservar na memória e os que deveriam ser apagados. A expressão “Bruzundanga, País rico – Café, cacau e borracha. Não há pretos” (Barreto, 1956d, p. 66) dialoga com esse movimento focado em apagar, ou ressignificar pejorativamente, qualquer vínculo com uma herança cultural negra. Trata-se, pois, de uma ação orquestrada que busca construir novas representações do passado para

atender às demandas do presente, mas que, no processo, fomentam uma visão particular de um horizonte de possibilidades quanto ao futuro.

Parece-nos que um ponto fulcral para pensar a representação da obra **Os Brunzundangas** seria entender o que motivou a necessidade de um dado grupo propor uma nova versão de um fenômeno histórico a partir das dinâmicas inerentes a esse movimento. Há aqui um jogo de tensões entre interesses conflitantes na disputa por legitimidade para a construção de uma determinada visão de mundo que perpassa pela conjugação e interpretação de elementos temporais e sócio-históricos. De modo efetivo, tudo isso só é possível graças à propagação de memórias sociais que atendem a uma proposta civilizatória desejada por uma elite político-ideológico dominante. Assim, o caminho para o sucesso de tal empreitada seria a naturalização de sentidos artificialmente construídos.

Nessa direção, pensar sobre como o autor construiu a intrincada rede relacional entre o que deve ser esquecido e lembrado no país das Bruzundangas certamente é um exercício que vale o esforço. Um possível primeiro passo na construção de nossa problematização é questionar se uma verdade histórica é perene ou relacional. Para Foucault (1990), existe uma ligação intrínseca entre o poder e o saber. Isso implica dizer que a validade de um conhecimento está diretamente correlacionada a um conjunto específico de ditames professados pelo poder. Tal ponderação se alinha à vertente de que uma tida verdade carrega a potencialidade de influenciar os corações e mentes das pessoas, fazendo com que determinadas visões de mundo sejam socialmente aceitas enquanto outras são colocadas em descrédito. Nessa interconexão, o discurso necessita de estruturas de saber que o validem, ao passo em que determina os critérios para que um saber seja sancionado enquanto conhecimento epistêmico.

Por conta dessa lógica relacional, entre o poder dominante e a construção de sentidos por meio de sua narrativa, o discurso político-ideológico atua com força dentro do jogo de disputas de representações. Ademais, por conta dos elementos polissêmicos e do caráter multidimensional que compõem essa malha relacional, é preciso compreender quais os caminhos que a memória percorre em sua formação e consolidação no contexto do senso comum. Logo, é necessário observar o movimento dos significados que permitem que determinados conceitos sejam construídos no decorrer da história.

Se a matriz da construção do pensamento humano está na sua relação com o social, o que é propagado pelos mecanismos institucionais de comunicação tem um peso significativo em um eventual processo de incorporação de novas formas de ver o passado. Contudo, para que uma nova versão da memória seja incorporada no sistema representacional dos sujeitos, é

preciso a ação de outros elementos além da propagação de uma narrativa. Quanto a esse aspecto, é sempre bom reforçar também a possibilidade de coexistência de uma pluralidade de narrativas, pois não se trata de meras substituições. Logo, o surgimento e internalização de uma representação social necessita de um referencial de pensamento já preexistente nos sujeitos (Oliveira, 2004).

A articulação e organização das operações mentais envolvidas nos saberes tidos como senso comum é coletiva, uma vez que o conhecimento se dá por meio da compreensão alcançada em conjunto. Para tanto, uma determinada temática deve ser capaz de mobilizar o imaginário cotidiano de modo a promover uma interação social em eixos que comovam as opiniões dos samoiedas. Nesse movimento, as conclusões gestadas do entendimento coletivo de um dado fenômeno, sendo esse ancorado de alguma forma a uma construção histórica sociocultural, passam a representá-lo imagetivamente por lhe atribuir um sentido junto a sua dinâmica. Assim, os conhecimentos são mobilizados no mundo do senso comum, que, por sua vez, possui raízes profundas naquilo que foi historicamente construído. Esse universo comum da comunicação mobiliza crenças e opiniões consolidadas ao construir um novo imaginário.

Para que os dirigentes do país Bruzundangas obtenham sucesso na construção de uma narrativa revisionista, antagônica aos fatos históricos, seu discurso deve carregar uma carga simbólica representacional capaz de mobilizar mentes de uma forma que possa ressoar, em uma dada medida, com algo relacionado à familiaridade. Logo, se as representações construídas em torno do cenário cultural do país Bruzundangas destoam significativamente dos dados históricos, e ainda assim são aceitas pelos samoiedas, podemos deduzir que houve um movimento de naturalização de ideias orquestradas para um determinado fim, pois, teoricamente, a acareação entre ela e uma análise epistemologicamente embasada das fontes históricas colocaria a tida verdade revisionista em descrédito. Contudo, as reflexões construídas até aqui mostram que esse movimento de questionar não é um exercício simples, principalmente quando novas representações entram na equação.

Essa visão sistêmica advinda da relação de interdependência do sujeito com sua construção sócio-histórica fornece elementos robustos para uma problematização da memória coletiva como uma seleção de narrativas. Daí a disputa e busca da legitimação de narrativas políticas para validar verdades a elas convenientes no cenário sócio-histórico. Isso porque a forma como é interpretada a experiência passada tem uma forte implicação na construção da memória coletiva, já que “as nossas experiências do presente dependem, em grande medida, do conhecimento que temos do passado e que as nossas imagens do passado servem para legitimar a ordem social vigente” (Connerton, 1999, p. 4).

Pensemos, então, que a formação de uma memória, em uma conjuntura sócio-histórica, dá-se por meio de movimentos complexos que abarcam diferentes dinâmicas, já que as múltiplas versões de um mesmo fato ganham contornos singulares a partir dos diferentes locais de fala e perspectiva. Nesse contexto, quando a verdade passa a ser entendida como uma questão de opinião, um conflito é formado para com a sua credibilidade. Assim, as diferentes verdades propagadas pelo senso comum, geradas pelas questões de perspectiva e envolvimento de interesses diversos, podem produzir versões antagônicas aos estudos produzidos pelo crivo da ciência.

Nesse jogo de versões, a autenticidade de uma memória não é necessariamente atestada pelo crivo da narrativa política, pois esta não está isenta dos jogos de tensão e disputa. Na verdade, o cenário político é marcada por desdobramentos de diferentes embates e conflito de ideias. Em termos gerais, a proposta civilizatória pretendida no país das Bruzundangas é naturalizar determinados sentidos de verdade que atendam a determinados interesses ao realizar uma associação antagônica com elementos culturais importados, buscando, ainda, silenciar ou subverter vertentes que lhes são contrárias. Não raro, esse tipo de ação faz com que a palavra tenha mais peso do que uma comprovação histórica.

Segundo Ricoeur (2007), a memória não só se relaciona com um sujeito, mas com os sujeitos inseridos em uma sociedade. Nesse âmbito, há uma relação próxima entre a construção da memória individual e a memória coletiva, pois elas estão interligadas. Logo, a relação entre o corpo individual com o ambiente externo e, conseqüentemente, com outros corpos exerce uma forte influência na formação da subjetividade. Desta feita, a subjetividade está inserida na ideia de movimento interno interacional do ser com o meio. Trata-se, pois, de um fluxo temporal não espacializado de tomada de decisões e escolhas.

A relação da interação subjetiva do indivíduo para com as representações socialmente construídas promove um movimento bilateral de transformações. É nessa intrincada malha relacional que as representações são consolidadas e passam a integrar o repertório do senso comum. Nesse contexto, seus ditames elencam quais normas de pensamento e comportamento são adequadas a cada situação. Em seu bojo se articulam um conjunto de conceitos que teorizam as práticas sociais, orientando condutas ao assimilar, reinterpretar e reelaborar conceitos. Por ser polimórfico, o senso comum assume várias formas, a depender do grupo. Nesse processo de apropriação da realidade a partir da perspectiva de uma determinada coletividade, o indivíduo atribui sentido às coisas do mundo, modificando-o e categorizando-o na medida em que reconstrói os sentidos da memória para que ela se encaixe no modelo representacional do grupo.

Nessa tessitura das percepções advindas de memórias compartilhadas, fluem as memórias coletivas historicamente construídas. Afinal, é “por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a fortuna ulterior dessa expressão” (Ricoeur, 2007, p. 157). É imperativo, pois, contextualizar o que é preconizado e propagado pelo discurso político oficial, tendo sempre em mente que o senso comum é múltiplo e atende às demandas do grupo social que representa. Por esse entendimento, segundo Le Goff (1990), podemos dizer que quem detém o poder tende a ter o interesse de controlar a memória, manipulando-a em seu benefício de forma a influenciar a percepção das pessoas quanto ao passado para validar questões do presente. Para o autor:

[...] tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1990, p. 426).

É importante ressaltar que uma política que elenca o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido atua no sentido de institucionalização de representações relacionais, interferindo diretamente na construção simbólica das identidades socioculturais e das relações de poder. Essa é uma temática que deve ser amplamente discutida, pois se trata de uma construção sócio-histórica, marcada por representações que hierarquizam as memórias. Segundo Decca (1992, p. 133):

[...] a memória histórica, ao longo de nosso século, foi sempre o instrumento de poder dos vencedores, para destruir a memória dos vencidos e para impedir que uma percepção alternativa da história fosse capaz de questionar a legitimidade de sua dominação.

Segundo Hannah Arendt (2016), essa interdependência entre passado, presente e futuro é operada pela memória, que se articula em um contexto intimamente ligado a quadros referenciais. Dessa forma, a memória seria “impotente fora de um quadro de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo” (Arendt, 2016, p. 30). Além disso, Schutz (1979) enfatiza que a itinerância relacional entre passado, presente e futuro é preenchida pela memória, a qual é, por essência, dinâmica. Isso implica dizer que, ao reestruturar o estoque de conhecimento, surge a possibilidade de algumas ideias, inéditas ou não, adquirirem uma nova relevância, sempre em consonância com os interesses do sujeito. De acordo com Schutz:

[...] não só a extensão, mas também a estruturação de nosso estoque de conhecimento à mão, modifica-se continuamente. O surgimento de uma experiência posterior resulta necessariamente numa mudança, mesmo pequena de nossos interesses principais e, em consequência, de nosso sistema de relevâncias. [...] Qualquer mudança nos sistemas de relevância desloca essas camadas e redistribui nosso conhecimento. Alguns elementos que anteriormente pertenciam a zonas marginais entram na área central de clareza e definição ótimas: outros são removidos daí para zonas de vagueza crescente. Com a mudança de meus interesses principais, portanto, também os tipos válidos no momento da antecipação terão mudado quando o evento antecipado ocorrer e se tornar elemento real de meu presente vívido. (Schutz apud Wagner, 1979, p. 137).

Diante disso, os dirigentes políticos de Bruzudangas obtiveram um relativo êxito ao naturalizar quem são os inimigos e os aliados para a construção de um presente/futuro próspero. Nesse meio, pensar a relação entre memória no contexto da busca pela legitimidade do poder é ter em mente a possibilidade de que as narrativas são selecionadas e organizadas de modo a darem um sentido almejado por um determinado grupo. Por esses termos, o processo de simbolização, resultante das tensões entre presente e passado e da preocupação com o futuro, atuam para assegurar a validade de uma determinada forma do pensar e agir.

Nessa perspectiva, a estética barretiana em **Os Bruzudangas** mobiliza elementos representacionais que têm a memória identitária como elemento de um campo de disputas, pois não existe uma memória única e tudo aquilo tido por natural foi, na verdade, naturalizado. Essas disputas se dão a partir de toda uma diversidade de questões e acontecimentos entrelaçados a uma dialética temporal e sócio-histórica. Assim, as formas de produção de sentido para um dado fenômeno perpassam pelas associações entre o conhecimento prévio e a nova informação por meio de comparações e associações. Desse processo, resulta um saber profundamente influenciado por uma moralidade social que atende a demandas cotidianas de finalidade prática. Isso nem sempre ajuda a entender fidedignamente um dado fenômeno, pois isso é algo complexo, já que a verdade tende a possuir múltiplas facetas.

Portanto, em **Os Bruzudangas**, é possível perceber o percurso das disputas de poder pela legitimidade do pensamento pelo qual os grupos políticos constroem seus discursos, a fim de orientar as massas sobre como elas devem pensar e agir frente a determinados fenômenos. Esse movimento hierarquiza, seleciona e conjuga diferentes saberes em um campo de disputa junto a crenças e costumes, buscando construir verdades que corroborem interesses específicos. Concomitante a isso, todo discurso contrário às ideias vigentes ou que incita o movimento genuíno de reflexão tende a ser silenciado.

4.2 A Recepção Crítica barretiana e a sedimentação de sua memória

Para dar início a esta subseção, é apropriado afirmar que o presente estudo não visa a construir uma análise rigidamente guiada pelas diretrizes propostas por Jauss (1994). Pelo contrário, nossa proposta é desenvolver reflexões por meio de uma abordagem que incorpore a estética da recepção como recurso heurístico, fundamentando diferentes perspectivas para encarar as obras de Lima Barreto como uma forma poderosa de arte na luta contra o racismo. Nesse sentido, acreditamos na necessidade de problematizar as significações geradas pela recepção crítica de suas obras e como essas representações reverberam nos diversos discursos.

Seguindo as premissas da estética da recepção postulada por Jauss (1994), entendemos que os sentidos do texto não estão definidos em seus referentes, mas sim nessa sua articulação com o mundo das experiências humanas dentro de um determinado contexto. O lugar ativo que o leitor ocupa coloca-o na condição de construtor de sentidos móveis, tecidos no contexto do encontro de sua experiência singular com o enunciado da narrativa. Ele não é visto aqui como uma figura estática, isenta de voz; pelo contrário, o leitor está implicado no trabalho de interpretação que envolve os elementos de sua vida em movimento com o enunciado do texto. Dessa forma, o público e a dimensão sociotemporal influenciam diretamente a produção de sentidos advindos da recepção crítica de uma obra literária. Logo, o conteúdo do texto literário não produz uma imagem fixa, pois os caminhos para sua recepção são múltiplos e móveis.

O matiz da exclusão e aceitação dos escritos barretianos causou mudanças mais ou menos bem delimitadas no mapa de sua recepção crítica. Tanto durante a sua vida quanto em algumas décadas após sua morte, o perfil geral da recepção barretiana deu-se prioritariamente pelo silêncio e descrédito. É válido dizer que seu projeto estético despertou alguma atenção no sentido de reconhecimento enquanto uma arte potente. Contudo, o que até então vigorava majoritariamente era o coro de que suas produções eram atreladas à caricatura e ao excessivo personalismo.

Ao adotar a abordagem metodológica da estética da recepção de Jauss (1994) para cumprir o propósito deste estudo, que visa a investigar como a representação étnica é percebida na literatura barretiana, é imperativo responder às indagações que exploram a estruturação do horizonte de expectativas na literatura de Lima Barreto por meio do contexto histórico, tanto na perspectiva diacrônica quanto sincrônica. Nesse sentido, propomos um esforço para construir uma investigação que analise os sistemas de referências literárias, examinando o sistema que existia antes dos textos barretianos, investigando se estes o

influenciaram e se as obras de Lima Barreto romperam com esse sistema anterior numa perspectiva sincrônica. Simultaneamente, buscamos compreender se a literatura barretiana se revela inovadora ao longo do tempo, em uma perspectiva diacrônica. Por fim, a ideia é articular a historicidade da literatura barretiana com a história geral dos acontecimentos.

Começamos pela contextualização do momento histórico em que Lima Barreto construiu sua literatura e em que se deu sua recepção. O primeiro ponto a ser considerado é o de que parece haver consenso entre os estudiosos da literatura barretiana de que o reconhecimento de sua genialidade ocorreu tardiamente. As diferentes justificativas para a ocorrência desse fato buscam respostas nos fatores relacionados às dimensões sociais, culturais e estéticas dentro de um recorte temporal específico. Recordemos que Lima Barreto foi um escritor que viveu e produziu obras valiosas no sentido de apresentarem uma estética que contrapunha o pensamento racista em um período em que ele era estruturalmente integrado à cultura brasileira. Como sabemos, o caldo cultural no Brasil do início do século XX foi marcado pela eugenia, que resultou na promoção de valorizações e desvalorizações de quase tudo, tendo como parâmetro o princípio da superioridade racial branca.

Quanto à forma que se dava a crítica literária no Brasil durante a primeira metade do século XX, importa mencionarmos que os intelectuais praticavam o que ficou conhecido como crítica de rodapé, também chamada de crítica impressionista, a qual era publicada em jornais e revistas de literatura e arte. Essa forma de crítica se caracterizava pela falta de especialização teórica em seus textos, sendo baseada principalmente nos juízos de valor individuais dos críticos. Apesar disso, de acordo com Martins (2005), a crítica de rodapé desempenhou um papel importante na formação do campo crítico brasileiro, especialmente nas décadas de 1940 e 1950. Nesse contexto, observamos que a literatura de Lima Barreto enfrentou uma recepção crítica marcada por polarização.

A recepção de seu romance de estreia no mundo literário, **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, foi além da dicotomia entre elogios e críticas desfavoráveis em relação à sua qualidade estética. O silêncio também se destacou como uma forma de recepção crítica da obra recém-lançada:

Esse estado de espírito vai agravar-se com a publicação do Isaías Caminha. Em lugar da glória literária, sentiu-se dominado por invencível sentimento de frustração. É que não houve o debate esperado. A crítica não se escandalizara. Uns silenciaram. Outros até elogiaram o volume. Os jornais, de um modo geral, não tomaram conhecimento da estreia do escritor, que criticava acrememente por vezes pessoas e hábitos da imprensa. Era decepcionante. O Correio da Manhã, alvo predileto, não publicou sequer

uma linha sobre o livro. Olímpicamente, respondeu com o silêncio à ousadia da sátira. (Barbosa, 2017, p. 178).

Paradoxalmente, o silêncio em torno da obra de Lima Barreto revela muito sobre sua recepção, como observa Schwarcz (2017, p. 289), quando afirma que “se considerarmos o silêncio como uma forma de recepção, podemos dizer que **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** fez barulho”. Lima Barreto trouxe à tona a discussão sobre as mazelas da humanidade, como as diferenças sociais expressas por ideologias estereotipadas que hierarquizam características como cor, pertença étnica, classe social e região de residência. Em seu romance de estreia, todos esses elementos orbitam em torno do alvo escolhido como algoz da trama: os literatos e o jornalismo burguês da época.

Em sua ficção, Barreto cria uma narrativa na qual o protagonista, um homem jovem, pobre, bem-educado, afrodescendente e morador do subúrbio, busca realizar seus sonhos na cidade grande. No entanto, a discriminação estrutural de uma sociedade que defende uma moralidade desprovida de compromisso com os marginalizados, com aqueles que não se encaixam nos padrões artificialmente construídos e essencialmente excludentes, obstaculiza qualquer possibilidade de um homem negro alcançar seus planos de ascensão e conquistas.

Nesse seu primeiro romance publicado, Lima Barreto deixou clara a proposta de seu projeto literário. As questões relacionadas à exclusão social, à discriminação contra as populações negras e mestiças e ao cotidiano dos subúrbios e dos mais pobres ocupariam o terreno que nutriria e daria forma à sua arte, expressa por meio de um estilo irônico e sarcástico.

O tempero presente em sua literatura reside na habilidade de extrair elementos do cenário cotidiano como inspiração para a criação de narrativas verossímeis. A literatura de Lima Barreto se utiliza de elementos contextuais de sua época, mas não se propõe espelhá-los, pois sua estrutura linguística produz um sentido intimamente ligado ao espaço romanesco. Contudo, à primeira vista, essa essência de suas obras não despertou uma quantidade significativa de admiradores. Na verdade, parece que ocorreu o oposto. Além disso, a princípio, ao que parece, suas obras não foram recebidas enquanto arte independente, mas sim no lugar em que se deduzia que o autor construiu obras que eram ficcionalização de sua vida.

O fato é que, de acordo com Lins (1976, p. 51), “Lima Barreto permaneceu marginalizado no ambiente intelectual das primeiras décadas do século XX”. Sua dinâmica singular na produção artística causou, por vezes, uma ideia nos críticos de que sua narrativa se estruturava como uma sobreposição da realidade. Era como se fosse um filtro, uma máscara,

um véu que envolvia os acontecimentos do seu cotidiano, assumindo sua forma. Assim, suas obras eram interpretadas, mais do que ocasionalmente, como um testemunho pessoal ou uma representação estética da realidade.

Para compreender essa dinâmica de recepção da época, é necessário focar no que era considerado expressão adequada e desejada na produção literária. Não devemos esquecer que Lima Barreto viveu em um período de transformações e vicissitudes significativas, e todas essas mudanças e efervescências paradigmáticas repercutiram nos modos de ser e viver no Brasil do início do século XX, especialmente no Rio de Janeiro. O legado do sistema escravista, oficialmente encerrado algumas décadas antes, continuava a alimentar estereótipos de discriminação. Na verdade, muitos desses estereótipos persistem até hoje, eventualmente com uma nova roupagem, manifestando-se nas sutilezas das relações, mas nem por isso menos destrutivos e prejudiciais.

Uma questão contextual que precisa ser abordada é que, de acordo com Schwarcz (2017), a transição do século XIX para o XX marcou um momento de crença no progresso devido aos grandes avanços científicos alcançados pela humanidade na época. A mudança do regime monárquico para o republicano no Brasil adquiriu uma representação simbólica, de modo que o moderno veio substituir o tido como antiquado. A monarquia passou a ser vista como sinônimo de atraso, enquanto a recém implantada república brasileira era percebida como um símbolo de modernidade. Embora São Paulo e Minas Gerais estivessem crescendo cada vez mais na esfera econômica e política, o Rio de Janeiro, como capital do país e sede de toda a burocracia e administração, ainda ocupava um lugar importante no cenário nacional.

Nesse sentido, os líderes da época desejavam transformar o Rio de Janeiro em um cartão postal do país. Para isso, era necessário que a cidade refletisse o glamour e a prosperidade encontrados nas capitais europeias. A fim de alcançar uma representação ligada ao status de ícone da modernidade, seguindo o padrão do continente europeu, foi realizada uma reestruturação da arquitetura urbana. Por um lado, a cidade do Rio de Janeiro passou a contar com espaços amplos e modernos, mas, por outro lado, a contradição entre a vida dos ricos e dos pobres atingiu um novo patamar. Os novos marcos estéticos e arquitetônicos da cidade do Rio de Janeiro já não comportavam a presença de casarões e cortiços, que eram os destinos e moradias dos mais pobres. Uma das consequências desse projeto de modernização dos espaços urbanos foi, além da demolição das moradias mencionadas, a realocação caótica dos menos abastados para as periferias (Schwarcz, 2017).

Sem dúvida, o Rio de Janeiro foi o epicentro do processo de modernização tecnológica que marcou o país nas primeiras décadas do século XX (Süssekind, 1987), e todas essas

efervescências e transformações nos hábitos urbanos também ecoaram nas composições literárias. O cotidiano da cidade se tornou matéria-prima para diversas produções artísticas, e os escritores enfrentaram o desafio de incorporar as tensões, transformações e deslocamentos culturais recentemente introduzidos na realidade.

De acordo com Sússekind (1987), de modo geral, foram identificados três tipos principais de reações por parte dos escritores que incorporaram elementos das inovações técnicas presentes na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX em suas obras. O primeiro grupo consiste naqueles que aproveitaram essas transformações para expressar as novas realidades urbanas. O segundo grupo refere-se àqueles que buscaram reelaborar as tensões e possibilidades desse novo contexto, construindo uma produção ficcional que incorporava as complexidades e os desafios desse ambiente conturbado. Já o terceiro tipo de reação envolveu os escritores que, de uma forma ou de outra, optaram por não estabelecer uma aproximação com essa nova realidade.

Valendo-nos da supracitada classificação, é com certa tranquilidade que alocamos Lima Barreto no segundo grupo. Ora, o referido escritor teve como seu elemento estético o diálogo verossímil para com o as problemáticas de cunho social. Essa sua característica fez com que suas obras aludissem a questões ordinárias. Além disso, a sua narrativa caminhou na contramão de um ornamentalismo textual. Segundo Lins (1976, p. 20) “as exumações léxicas e mesmo os neologismos, encontram pouco lugar em Lima Barreto”. Sua literatura caminhou no sentido oposto ao de uma estética de culto ao dicionário. A sua empreitada destinou-se a alcançar um efetivo efeito de comunicação por meio de narrativas engajadas e obstinadas. Sua forte oposição ao que ele considerava conhecimento bacharelesco e erudição esvaziada de sentido pode ser observada na crítica que destinou, com certa frequência, ao escritor a ele contemporâneo, Coelho Neto:

O Senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual. Sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro, o Senhor Neto transformou toda a arte de escrever em pura chinoiserie de estilo e fraseado. (Barreto, 2017, p. 100).

Em mais de uma situação, Lima Barreto se manifestou contra uma literatura encharcada de pretensões estilísticas que tornavam, aos seus olhos, o texto distante dos hábitos característicos da linguagem do homem comum. Essa sua postura transparece em uma outra crítica destinada a Coelho Neto:

Há em Coelho Neto um poder verbal, um grito que o afasta do diálogo familiar, das frases naturais. Mesmo quando ele quer ser simples e natural, lá reponta um modismo já cadáver, exumado do dicionário, e a coisa soa mal. Nos seus romances, nos seus contos, a frase sai sempre trabalhada; e, à força de convencer de que a riqueza vocabular é a primeira qualidade literária, o grande escritor pensa, como diz Domingos, com cinquenta mil palavras, das quais pelo menos, quarenta e cinco mil nós não conhecemos. (Barreto, 2017, p. 61).

Utilizando uma linguagem acessível ao homem comum, a estética de Lima Barreto questiona ficcionalmente a existência ao retratar diversas mazelas sociais, incluindo a intolerância racial. O sarcasmo, a sátira e o humor são ferramentas com as quais ele esculpiu sua arte. Conforme Lins (1976, p. 26), “a arma de Lima Barreto não é a ironia ou a parábola sutil. A parábola, quando presente, é grotesca, e suas alusões facilmente reconhecíveis tornam o modelo ainda mais lamentável”. Esse diálogo entre sua produção lúdica e a realidade alimenta suas obras com questionamentos e inquietações, enriquecendo, subvertendo e ressignificando a leitura de tais obras. Considerando a hierarquia dos temas abordados em sua ficção, o amor romântico e os casais enamorados desempenham papéis secundários, quando muito. Conforme Lins (1976, p. 33), “em todos os livros de Lima Barreto, o amor, quando surge, é um tema secundário ou distorcido”. De fato, como já mencionado no presente estudo, esse não parece ser o foco que movia Lima Barreto.

Sua significativa contribuição para o patrimônio literário brasileiro teve como palco inicial a publicação em folhetins. Na verdade, essa não foi uma condição exclusiva de seu percurso. Os folhetins eram a alternativa mais viável para os escritores darem vida e publicidade às suas criações. No século XIX e início do XX, a literatura encontrou vitalidade nos jornais. Conforme Sodré (1977, p. 279), “ler o folhetim tornou-se um hábito familiar, tanto na Corte quanto nas noites provincianas, e durante sua leitura em voz alta, a presença das mulheres e a participação dos analfabetos, que eram a maioria, eram permitidas”.

Meyer (1989) descreve o folhetim como sendo de origem francesa. No século XIX, ele representava um espaço temático destinado à publicação de variedades que, ao longo do tempo e das tendências, evoluiu para a publicação de produtos culturais, como romances lançados em capítulos. Notadamente, o folhetim era esse campo híbrido que permitia a inclusão de produções literárias nos jornais. Uma possível analogia para essa situação seria descrevê-los como ilhas compostas principalmente de arte literária, cercadas por um mar de editoriais jornalísticos.

Assim sendo, foi nos jornais que Lima Barreto, assim como outros escritores, encontrou a primeira oportunidade de dar visibilidade à sua arte. Caso conseguissem alcançar

um espaço de prestígio e reconhecimento, novas portas se abririam, incluindo a possibilidade de um retorno financeiro significativo:

Hoje, não há jornal que não esteja aberto à atividade dos moços. O talento já não fica à porta, de chapéu na mão, triste e encolhido, farrapão e vexado, como o mendigo que nem sabe como há de pedir a esmola. A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho. Antes de nós, Alencar, Macedo e todos os que traziam a literatura para o jornalismo, eram apenas tolerados: só a política e o comércio tinham consideração e virtude. Hoje, oh! espanto! Já há jornais que pagam versos! (Dimas, 1996, p. 56).

Decerto, o amplo e devido reconhecimento em vida não foi o destino de Lima Barreto. Sua literatura foi muito criticada por abarcar uma proposta ficcional que, embora não componha um espelhamento da realidade, faz uso de elementos concretos do cotidiano como matéria-prima na confecção do seu universo lúdico:

O grande pecado da obra de Lima Barreto e donde vêm as imperfeições maiores é querer transformar o romance, e que deve ser obra de imaginação, e com todas as qualidades emocionais e poeticamente sensíveis da ficção, em instrumento de ação; mudar em significação prática os efeitos de uma tão diferente natureza da sua arte? (Montenegro, 1956, p. 15).

Além da crítica ao dito caráter panfletário que foi atribuída à literatura barretiana, também a chamaram pejorativamente de narrativas pesadamente marcadas pela caricatura:

Sente-se, em muita parte dos romances de Lima Barreto, o romancista em quem o calculado espírito de reforma não raro domina o espírito espontaneamente criador. Sente-se na ênfase, por vezes, dos seus personagens, no excesso das suas caricaturas. Caricaturas deste exagerado mau gosto. (Montenegro, 1956, p. 15).

Sodré (1977, p. 505) destaca que que a literatura barretiana, “apesar de seu desleixo, de suas insuficiências de criador do abuso do traço caricatural, apresentou uma galeria numerosa, viva, colorida”. Vemos aí que o que Lima Barreto testemunhou quanto à recepção crítica das suas obras foi o silêncio, alguns elogios e uma acentuada crítica. Segundo Paula Jr. (2019, p. 213) “críticos importantes como Medeiros & Albuquerque e Alcides Maia foram unânimes em apontar as fraquezas da estética barretiana, vista como excessivamente confessional, panfletária e disforme em sua composição”. Conseqüentemente, Lins afirma que a sua estética literária foi construída de forma peculiar, em que seus personagens não interagem:

Observa-se então que, assim como as personagens de Lima Barreto não atuam jamais umas sobre as outras, mantendo-se isoladas num grau que o romance ordinariamente não comporta, sucedem-se nestes livros as unidades narrativas, também elas autônomas e justificadas tão-só pelo vago passar dos dias. Não são os eventos, em Lima Barreto, geradores de eventos, não formam – não pretendem formar – aquela cadeia, firme, coerente, inexorável, concebida como símbolo do inexorável, que comanda o ritmo de tantas obras dramáticas e de que Édipo Rei é o exemplo máximo. (Lins, 1976, p. 56).

Paralelamente a essas críticas que apontavam a estética barretiana como confessional, houve, também, uma tendência de categorizar suas produções pelo viés sociológico, já que o autor era colocado no lugar de um “intérprete sagaz do seu país e do seu povo” (Lins, 1976, p. 27). Ainda que considerado por alguns como “o autor brasileiro que nos viu até hoje com maior verdade e lucidez” (Lins, 1976, p. 12), quais seriam os possíveis fatores que ofuscaram a sua notoriedade em vida? Como já colocado em diferentes momentos do presente estudo, é preciso ter um entendimento dos fatores conjunturais e estruturais que compunham a cultura carioca do início do século XX. Tal passo é crucial, pois, tendo como recorte a produção do mundo literário, é preciso situarmos a elite intelectual dentro do jogo de disputas de poder. Sendo ela consonante aos ditames propagados pelo poder dominante, um de seus papéis era o de assegurar a manutenção e validação desse status ideológico. No sentido conferido por Bourdieu (1968), as elites intelectuais da época se portavam como agentes que atuavam na manutenção da ideologia dominante:

[...] constitui um sistema de linhas de força, isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispoem, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo. (Bourdieu, 1968, p. 105).

Por outro lado, seria ingênuo acreditar na ideia de que houve um movimento unânime no campo literário que defendia o pensamento da cultura dominante. A complexidade inerente ao jogo relacional na disputa e manutenção do poder impossibilita uma padronização completa dos modos de agir e pensar. Isso ocorre porque, no jogo das tensões, sempre haverá aqueles que, por meio de seus questionamentos, buscam subverter a ordem preestabelecida, principalmente quando ela classifica hierarquicamente os seres.

Nesse sentido, ao utilizar a arte como contraponto para questionar elementos artísticos canônicos no seu tempo, Lima Barreto colocou-se nesse lugar como autor dissonante em relação aos ditames representacionais de sua época. Ele propôs, tendo a verossimilhança

como álibi, o romance como tela e as canetas como pincéis, desenhar uma representação que abarcava as contradições, tensões e desigualdades sociais típicos do Brasil no início do século XX. Contrariando a maioria de seus pares, sua ficção problematizou a dinâmica cultural violenta e excludente em relação aos marginalizados. Ele se dedicou a problematizar o agravamento das diferenças que também se materializavam na organização dos espaços urbanos. Todos os seus livros “revelam o espaço social, entendido como os costumes e sua evolução, os valores em vigor, a situação dos indivíduos e das classes, a atitude mental das coletividades” (Lins, 1976, p. 122).

Frente ao exposto, não é de espantar que a crítica literária da época, repleta de ecos do pensamento dominante e agindo como sua guardiã, não tenha destinado afagos a esse escritor insubmisso. Nesse complexo movimento de tensões e disputas, há uma mobilização relacional do conjunto que compõe o cenário da recepção crítica para atribuir a uma obra literária sentidos de valor. Segundo Bourdieu (1968, p. 125):

[...] a objetivação da intenção criadora que se poderia chamar de publicação (entendendo-se com isso o fato de tornar-se público) se realiza através de uma infinidade de relações sociais particulares, relações entre o editor e o autor, entre o editor e o crítico, entre o autor e o crítico, entre os autores, etc. Em cada uma dessas relações, cada um dos agentes empenha não só a apresentação socialmente constituída que tem do outro termo da relação (a representação de sua posição e de sua função no campo intelectual, de sua imagem pública como autor consagrado ou desprezado, como editor de vanguarda ou tradicional, etc.), mas também a representação da representação que o outro termo tem dele, isto é, da definição social de sua verdade e de seu valor que se constitui no interior e a partir do conjunto de relações entre todos os membros do universo intelectual.

Retomando o olhar para o principal palco dos jogos de tensões e disputas, a crítica postada nos jornais, o principal meio de sua propagação na época, quando associa sentidos de desvalor para uma obra, causa uma marca que antecede, de certa forma, a própria obra, pois apresenta ao leitor um primeiro julgamento sobre o livro e seu autor. A esse respeito, Martins (1983, p. 10) aponta que “a crítica de jornal é um ensaio imediato que se escreve quando saem os livros, fazendo um primeiro julgamento conscientemente precário e provisório. É um julgamento literário que abre campo para a fortuna crítica do livro e do autor”.

Em meio a críticas contemporâneas à publicação da literatura barretiana, há o reconhecimento de que seu projeto estético faz parte de um caminho de ruptura com o que era tido como literatura canônica. Em uma reportagem, o jornal **Gazeta de Notícias** (1916) aponta que as obras barretianas, “mesmo com as suas imperfeições, com seus traços

sobrecarregados, elas revelam um novo e original espírito, sarcástico, frio às vezes, outras doloroso, irônico quase sempre, um escritor que pode ser brilhante na nossa literatura”. Essa percepção da nova proposta estética implementada na obra barretiana é também colocada na revista **Fon Fon** (1916) ao descrever que o romance **Recordações do Escrivão Isaias Caminha** “era um ferro em brasa, e o público, habituado a não ver a verdade em trajas menores, ficou um momento espantado e confuso” e na **Revista Contemporânea** (1918), que descreve a estética barretiana, falando especificamente do **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**, como sendo de uma “originalidade do estilo agradável fluente cheio de uma graça toda feita de sinceridade boêmia que ele vem do fundo da alma, sem o mínimo artifício”.

Por sua vez, a revista **Vida Moderna** (1919) descreve Lima Barreto como um escritor que inaugura um novo que não segue escolas e **O Jornal** (1923) o qualifica como o maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas. Em consonância com a ideia de originalidade de Lima Barreto, o **Correio Paulistano** (1948) relata que os seus heróis, quando não são mulatos, são funcionários públicos de inferior categoria, vendeiros, desclassificados, rábulas, gente cuja especialização é dada pela vida e não pela escola. Esse novo também é descrito por Coutinho (1972, p. 54) quando nos diz que:

Com Lima Barreto, iniciou-se para a literatura brasileira uma nova etapa – moderna e popular – do realismo. Tanto em sua obra estética quanto em sua produção jornalística, o romancista carioca rompe decisivamente com qualquer versão do “intimismo à sombra do poder”, colocando com grande clareza a dimensão social e humanista do ofício literário. Diante de todas as questões que enfrentou, como escritor ou periodista, Lima sempre tentou encontrar (e na esmagadora maioria dos casos efetivamente encontrou) uma resposta autenticamente democrática e popular, capaz de abrir novos horizontes – ideológicos e estéticos – para a cultura e para a arte de nosso país.

Lima Barreto não era indiferente às críticas, porém é difícil dizer qual foi o real impacto delas em sua vida. Conforme Schwarcz (2017), ele ficou incomodado com o silêncio da crítica quanto à publicação de seu primeiro romance. Além disso, manifestou preocupação com a natureza e a função da crítica literária:

Um escritor, um literato, apresenta ao público, ou dá publicidade a uma obra; até que ponto um crítico tem o direito de, a pretexto de crítica, injuriá-lo? [...] Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe-lhe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro. (Barreto, 1956a, p. 56-57).

Por mais tortuosos que tenham sido seus passos em vida, o valor de suas obras foi sendo redescoberto já na segunda metade do século XX, com a publicação, em 1952, de sua biografia por Francisco de Assis Barbosa. Lima Barreto construiu cada personagem por meio de uma concatenação de ideias que desagradou a elite intelectual de seu tempo. Foi testemunha, de certa forma, das enormes transformações no Brasil, como a abolição da escravidão, a Proclamação da República, o florianismo e a proposta de urbanização do Rio de Janeiro com a inauguração da Avenida Central. Por vezes rotulado de boêmio e tido por louco, ousou criar uma forma de escrita e consciência que vem se consolidando como um patrimônio precioso da nossa história literária.

Em uma reflexão sobre o fracasso de vendas e a recepção crítica de seu primeiro romance, **Recordações do escrívão Isaias Caminha**, o autor desabafa ao afirmar que “ninguém quis ver no livro nada mais que um simples romance *à clef*, destinado a atacar tais e quais pessoas; os que gostaram foi por isto, os que não gostaram foi por isto também. Há algo mais do que isso em meu modesto volume” (Barreto, 1956a, p. 237-238).

Parece que seu romance de estreia foi predominantemente encarado como uma denúncia ou uma espécie de paródia da realidade. A revista **Careta** (1910) fez duas publicações apontando a indiscrição de Lima Barreto ao “fotografar” algumas figuras de jornalistas em sua obra **Isaias Caminha** e observou que ninguém procurou verificar onde começa a ficção e termina a realidade. A mesma revista, em 1938, em uma reportagem que criticava a imprensa nacional, citou o **Isaias Caminha** como “tendo a força de um depoimento”.

Feitas essas considerações, vale ressaltar que a dimensão artística de seu romance de estreia é pouco mencionada, ao passo que a descrição como autobiografia ganha espaço nos jornais, como em **Gazeta de Notícias** (1918) e no **Jornal do Commercio** (1935). Em **O Jornal** (1922), a reportagem aponta que Lima Barreto deixou em **Isaias Caminha** “os dados de seu problema pessoal, que coincide com o de tantos outros”. No ano seguinte, em 1923, publica uma nova reportagem reafirmando que o supracitado romance é um “livro que encerra algo de autobiográfico, um livro confissão”. Na publicação da revista **A Manhã** (1945), declara que “quase toda a obra de Lima Barreto é confissão” e que “Isaias Caminha não escrevia suas recordações com um fim puramente literário”.

Alusões de que seu primeiro romance apresenta traços autobiográficos com elementos de ficção também são apontadas pelo **Correio Paulistano** (1949), **Diário de Pernambuco** (1946) e no **Diário de Notícias** (1949). Como visto, houve, por parte de seus críticos, a aplicação de um excessivo biografismo que fundamentava a ideia de que a literatura

barretiana só poderia ser plenamente compreendida a partir da biografia de seu autor. O que foi propagado nos jornais e revistas sobre os romances barretianos nos primeiros anos de suas publicações foi, em sua maioria, uma associação de seus escritos com charges marcadas pela ironia, humor ácido e fortes traços de biografismo. Em **A Imprensa** (1909), o romance **Recordações do Escrivão Isaias Caminha** é descrito como sendo uma charge de traços injustos e exagerados, enquanto em **O Paiz** (1927), é considerado uma história caricaturada.

Embora reconhecido como um romancista vigoroso com ironia cortante, o romance de Lima Barreto é caracterizado como revelador de um espírito novo e original, sarcástico, frio às vezes e irônico quase sempre. Em **O Paiz** (1910), é dito que Lima Barreto “exagera as deformidades, os defeitos, os senões, exercendo sobre eles, com um prazer satânico, uma espécie de vingança de rebelado”. No entanto, em 1926, ao criticar o jornalismo brasileiro, o mesmo jornal usa o romance **Isaias** como referência, traçando os perfis dos homens com “fígado podre”. Em 1928, reforçando a ideia caricatural da estética barretiana, o jornal faz alusão ao romance como forma de criticar Edmundo Bittencurt, dizendo: “Nas Recordações do Escrivão Isaias Caminha há capítulos sensacionais sobre a vida rocambolesca do Dr. Edmundo Bittencurt”.

A interpretação predominante baseia-se na crença de que Lima Barreto satirizava figuras reais, como Edmundo Bittencurt, que era diretor do **Correio da Manhã** e, segundo a interpretação, seria o personagem Leborant. A revista **Leitura** (1945) publicou uma reportagem relacionando um trecho do romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** ao Barão do Rio Branco. Esse trecho descreve um personagem que faz do Rio de Janeiro sua chácara, julgando-se acima das leis. A discussão sobre a correspondência entre a ficção barretiana e a realidade ganha destaque na crítica à medida que são identificadas supostas inspirações para a composição de seus personagens.

Em **O Jornal do Brasil** (1936), foi apresentada uma reportagem intitulada **A chave do Isaias**, que procurou listar as figuras da vida real representadas pelos personagens no romance em questão. No ano seguinte, em 1937, o mesmo jornal afirmou que Lima Barreto deixou em **Isaias Caminha** os dados de seu problema pessoal. O **Correio Paulistano** (1943) criticou essa associação com a realidade, afirmando que o primeiro romance de Lima Barreto colocou em foco um conceito sobre o jornal que parecia excessivamente amplo, generalizador e uniformizador. Em 1947, o mesmo jornal fez uma nova reportagem dizendo que “o jornal é um assunto que precisa ser tratado com lealdade, sem o excessivo pessimismo de Lima Barreto em **Isaias Caminha**”.

Enquanto o romance de estreia de Lima Barreto foi correlacionado como ficção autobiográfica, suas outras obras não encontraram uma recepção muito diferente. Em uma reportagem sobre sua vida e obra, o **Correio Paulistano** (1948) apontou que o romance **Clara dos Anjos** era cheio de material autobiográfico, ressentimentos, mágoas, problemas, além do modo como encarava a sociedade da época, com destaque para o problema da cor. Enquanto **Isaias** ganhava notoriedade por ser “um misto de comédia, drama e tragédia de alma”, como descreveu **O Jornal** (1936), o romance **Clara dos Anjos** ganhou espaço como uma obra de amor, conforme delineado pelo **Correio Paulistano** (1948). Na mesma reportagem, Lucia Miguel Pereira, que leu **Clara dos Anjos** antes da publicação, ainda datilografado, descreveu-o como “uma leitura indispensável para o conhecimento completo da personalidade e da obra do singular romancista”.

Outra característica marcante atribuída aos romances barretianos pela crítica contemporânea aos seus lançamentos foi a presença de uma crítica social e local. O jornal **A Noite** (1919) definiu Lima Barreto como um observador irônico do meio em que viveu e, em 1922, ao apresentar o romance **Os Bruzundangas**, descreveu-o como “uma crítica severa e mordaz da sociedade em geral e da administração pública”. De fato, o cotidiano do homem é a moldura que envolve o contexto relacional dos personagens de Lima Barreto, reconhecido em **A Exposição** (1922) como um “flagrante palpitante da nossa vida, dos nossos hábitos, do nosso modo de agir e pensar”. Em **Gil-Blas: Pamphleto de Combate** (1919), o colunista escreveu que “os nossos homens, costumes e outras instituições são em **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** aparecidos e julgados com justeza e agudeza”.

A opinião recorrente na crítica literária nas primeiras décadas do século XX era de que os romances de Lima Barreto retratavam os costumes cariocas, como exemplificado pela revista **D. Quixote** (1920). No **Diário de Notícias** (1930), um colunista apresenta Lima Barreto como “o melhor intérprete dos costumes cariocas”. Acrescentando uma dose de análise psicologizante, a revista **Euclides** (1939) publica uma reportagem intitulada **A vagabundagem lírica de Lima Barreto**, na qual o colunista descreve o romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** como “uma obra mais reveladora sobre a psicologia carioca”. Ele declara que o personagem protagonista defende tudo que é “genuinamente carioca, que é tudo que reflete a pobreza, a humildade, o abandono à natureza, o desprezo ao preconceito, o horror e a hierarquia”.

Compartilhando da mesma perspectiva da maioria dos seus pares, a revista **Letras e Artes: Suplemento de A Manhã** (1952) declara que o romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** traduz “a psicologia urbana do Rio de Janeiro”. Em uma análise do referido

romance, a **Revista A. B. C.** (1919) diz que ele confirma as fulgurantes tradições literárias iniciadas nas **Memórias de Isaias Caminha** por “ter mesmo talento de observação, mesma maneira de caricatura psicológica dos homens e coisas, mesma amargura com sarcasmo, ironia e humor ferino”.

O **Diário de Notícias** (1946) publica uma dura reportagem criticando o romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** não só quanto à forma, mas também acerca de como narra o cotidiano carioca. A reportagem descreve o romance como sem enredo, afirmando que o próprio título é enganoso, pois o livro diz muito pouco sobre a vida e a morte do personagem Gonzaga. Segundo o colunista, o referido romance inicia-se como uma sátira à burocracia nacional, seguida de páginas em que o autor transparece a raiva que as injustiças sociais, o preconceito racial e a limitação do ambiente lhe provocam, o que “prejudica-lhe a serenidade artística, embora produzindo páginas de cadente e generosa humanidade [...]”.

Em **A Manhã** (1951), a crítica voltada ao romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** aponta que Lima Barreto fala dessa fatalidade urbana da capital do Brasil, reduzida a ser menos uma cidade do que uma sucessão de pequenas cidades. O teor da reportagem destaca os desafios impostos pela topografia para a consolidação da urbanização do Rio de Janeiro. Sobre a questão urbana e estrutural da cidade do Rio de Janeiro, o **Correio Paulistano** (1949) publica uma reportagem na qual afirma que Lima Barreto, nas páginas de **Clara dos Anjos**, descreve o subúrbio do Rio de Janeiro como “uma longa faixa de terra que se alonga, [...] tendo como eixo a linha férrea da Central”.

Certamente, os desafios enfrentados durante a urbanização da cidade do Rio de Janeiro iam muito além de suas características geográficas, e essa era uma das questões que interessavam a Lima Barreto como ponto de partida para a criação de suas ficções. A **Revista das Revistas** (1917) defende que, em **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**, há um “flagrante de descrições, traços de sofrimentos, a expressão real e vívida de toda uma vida de torturas, desenrolada em uma sociedade artificial e mentirosa”. No **Diário de Notícias** (1949), Lima Barreto é descrito como um denunciador do racismo. A reportagem cita um trecho do romance **Recordações do Escrivão Isaias Caminha** no qual o personagem Isaias percebe sobre si a ação do racismo ao ser tratado de forma diferente por conta da cor de sua pele. Sobre o referido trecho, comenta que “há nessa humilhação, sem dúvidas, o eco de muitas outras que o romancista padeceu pessoalmente”.

Curiosamente, apesar de ser uma das temáticas-chave de sua estética, a questão do racismo é relativamente pouco abordada no referido conjunto de recepção crítica. Uma das menções a respeito da questão racial foi apresentada em **O Jornal** (1946), que publicou uma

reportagem falando sobre a peça de teatro **Imperador Jones**, que conta a história de um negro que se torna imperador. Na ocasião, o referido jornal aborda o tema do racismo no Brasil e menciona Lima Barreto como sendo uma voz contra o racismo na literatura brasileira. Como de praxe, é ressaltada a amargura do escritor que retratou Isaías Caminha vinculado a um “destino inevitável por ser mulato”. A respeito do romance **Clara dos Anjos**, foi publicada uma crítica em **O Jornal** (1948), a qual diz que o referido romance não tem o vigor de **Policarpo Quaresma** ou o tom lírico da narrativa do magnífico **Gonzaga de Sá**. Aponta que “a história em si não vai além de um processo de sedução de uma mestiça por um branco ordinário, tema das preferências do autor”. A reportagem também resalta que outra característica do romance é que ele destaca o subúrbio, seus aspectos físicos e sua gente.

Tendo como perspectiva a associação da literatura barretiana com o biografismo, a **Revista Feminina** (1919), em uma pequena nota, descreve o romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** como “interessantíssimo”, sendo “uma linda fantasia que serve de pretexto para o autor externar suas impressões pessoais sobre os homens e as coisas”. Com certa dose de sarcasmo, o jornal **Diário de Pernambuco** (1925) publica uma reportagem na qual fala do país dos **Bruzundangas** como algo descrito “por um mulato malcriado chamado Lima Barreto”. Dois anos antes, em 1923, a revista **A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes**, em um breve parágrafo, descreve o romance **Os Bruzundangas** como sendo uma forma como o autor “caricaturou o Brasil, seus habitantes e costumes”.

Em paralelo às mordazes críticas, dentro do contexto das primeiras décadas do século XX, é também relativamente comum encontrar nos jornais reportagens, em tom de elogio, comentários que ressaltam a capacidade de Lima Barreto de descrever os homens e os fatos da atualidade, como exemplificado no **Jornal do Recife** (1923) ao lançar uma pequena nota de propaganda sobre o romance **Os Bruzundangas**. O que também pode ser considerado relativamente comum é encontrar reportagens que abordem aspectos da vida pessoal do autor. O jornal **A Noite** (1915) retrata Lima Barreto como sendo um despreocupado com sucesso na vida, com hábitos boêmios, embora fosse um excelente observador. O mesmo jornal, no ano de 1916, ao falar sobre o romance **Triste fim de Policarpo Quaresma**, descreve a narrativa de seu autor como despreocupada, calma, natural e cheia de boemia, enquanto a revista **Crítica** (1929) o retrata como desventurado.

Nessa vertente de associar a vida pessoal do autor à sua estética, a **Revista A. B. C.** (1918) descreve Lima Barreto como tendo alma de boêmio que fotografa a vida urbana em suas páginas salpicadas de ironia. A revista **O Cruzeiro** (1945) relata que Lima Barreto foi considerado o escritor mais infeliz de sua época devido à sua condição de negro e retinto em

um período em que o preconceito racial era ainda mais intenso do que atualmente, referindo-se à data da publicação da reportagem. A revista continua dizendo que ele atraiu hostilidades por parte dos escritores e jornalistas proeminentes de sua época, retratando-os em suas obras por meio de personagens com elementos mais ou menos transparentes, especialmente na obra **Isaias Caminha**. Além disso, mencionou que seus livros esgotados não eram reeditados, e havia rumores de que o Estado Novo planejava incendiar a reimpressão de **Os Bruzundangas**.

Um outro ponto interessante da recepção crítica das obras barretianas é que uma parte dela busca construir paralelos entre Lima Barreto e autores contemporâneos ou que o antecederam. Algumas reportagens fazem comparações superficiais, como o caso da revista **O Filhote** (1910), que comparou Lima Barreto ao poeta e dramaturgo francês Remy de Gourmont. Contudo, algumas comparações foram realizadas de maneira mais pormenorizada, como no caso da **Revista A.B.C.** (1917). Em uma reportagem, a referida revista comparou Lima Barreto ao irlandês Swift, dizendo que se “trata da mesma sátira, mesma revolta disfarçando-se, amargurada, nas dobras de um sarcasmo contundente, é a mesma predileção descontente e altiva para olhar na vida o que está de disforme, de cômico, de mau”. A reportagem conclui dizendo que as semelhanças entre os supracitados escritores só não são mais completas por conta das desordens da boemia de Lima Barreto.

Em **O Paiz** (1926), Lima Barreto é descrito como um “verdadeiro Balzac suburbano”, ressaltando sua obra dolorosa, as **Memórias do Escrivão Isaias Caminha**. A reportagem destaca a habilidade de Lima Barreto de buscar inspiração nos aspectos prosaicos e anônimos dos arrabaldes distantes para criar seus livros. Já a revista **Ilustração Brasileira** (1925) compara Lima Barreto a Cruz e Souza, apontando as características em comum entre os dois autores. Em **A Cigarra** (1922), ao fazer uma recepção crítica do romance **De que morreu João Feital**, escrito por Lucilo Varejão, a reportagem realiza um curto paralelo do referido romance com o projeto estético barretiano, almejando que “não lhe aconteça como ao pranteado Lima Barreto, cuja melhor obra é a menos cobiçada em razão do nome – **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**”.

Possivelmente, uma das comparações mais significativas foi aquela que construiu paralelos entre Lima Barreto e Machado de Assis. O jornal **A Noite** (1916) fez essa comparação, dizendo que Machado de Assis “era essencialmente um filósofo disfarçado de humorista”, enquanto Lima Barreto foi descrito como “um satírico sem mentiras, cuja ironia consiste não em criar ridículos, mas em pôr em relevo e à mostra os ridículos que já existiam, embora passassem despercebidos”. O **Correio Paulistano** (1949) escreveu uma reportagem

que apontou semelhanças e diferenças entre Machado de Assis e Lima Barreto. Nela, é dito que a principal discrepância entre um e outro é que Lima Barreto assumiu uma posição combativa contra o racismo. Tal posição era fundamentada “não apenas em um plano polêmico, de combate puro, de crítica áspera, mas num amplo plano de análise”. Como forma de validar seu posicionamento, a reportagem segue construindo alusões sobre como o autor encarou o problema da desigualdade de oportunidades, de modo que o romance **Recordações do Escrivão Isaias Caminha** constituía um documento preciso.

Sobre a questão do combate ao racismo, as comparações entre Lima Barreto e Machado de Assis realizadas pela crítica das primeiras décadas do século XX colocam o primeiro em uma posição mais combativa e militante. A revista **Vida Carioca** (1952), ao fazer uma comparação entre os dois escritores, escreve que Lima Barreto teve uma “atitude agressiva ao proclamar seu negrismo, com que pretendia iniciar uma nova escola literária”. A reportagem opta por descrever Lima Barreto como um “mulato bêbado” que tem “tudo às avessas de Machado de Assis, embora ambos tivessem o seu complexo de cor: um falando demais, o outro, de menos”. Já a revista **A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes** (1923) descreve Machado de Assis como um autor de abstrações contínuas e que a natureza e paisagem ficaram de fora de sua atenção, ao passo que Lima Barreto “pinta pequenas telas que dão vida a sua obra”.

Como afirmou Schwarcz (2017, p. 453), “não é de hoje que se trava um verdadeiro Fla-Flu toda vez que se intenta traçar comparações entre as obras de Lima Barreto e as de Machado de Assis”. Ainda segundo a autora, apesar de Machado de Assis ter falecido enquanto Lima Barreto ainda despontava como escritor e “de não existirem registros de contato direto entre os dois, a crítica nacional, desde a estreia do escritor de *Todos os Santos* na literatura, tentou opor, e de maneira crescente, o autor de *Memórias póstumas de Triste fim*”. Um exemplo desse movimento de comparação entre os dois autores se deu pelo Conde Afonso Celso, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que era filho do Visconde de Ouro Preto, que foi padrinho de Lima Barreto:

O próprio Afonso Celso escreveu uma resenha do livro para o *Jornal do Brasil* de 28 de março de 1916, na coluna “Cotas aos casos”. Mais uma vez, Lima foi definido como autor do romance à clef *Isaias Caminha*, que ‘há anos produziu viva sensação em nossas rodas literárias’. Sobre Policarpo Quaresma, o conde tece elogios; afirma que é “um trabalho original e forte, muito superior ao antecedente [Isaias]’. Aproximando o livro de Lima a *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, Afonso Celso distingue e compara os autores. Para ele, o primeiro escritor não possuiria “o estilo fluido, cintilante e conceituoso do mestre”, nem a

“docilidade, correção e ativismo” de Machado de Assis. (Schwarcz, 2017, p. 433).

Nesse caudaloso movimento de busca de semelhanças e diferenças entre os dois autores, um ponto que podemos dar como certo foi a forma como se deu a recepção crítica das suas respectivas obras. Na esteira da história, Machado de Assis foi celebrizado praticamente desde o início de sua produção como grande referência para a literatura brasileira, enquanto Lima Barreto só veio a ser reconhecido tardiamente. Vale ressaltar que a estética barretiana possuía essa vertente de antagonista com o sistema literário vigente do seu tempo. Lima Barreto foi um autor engajado, que fez tudo o que podia para ver reconhecida a sua arte, coisa que só aconteceu décadas após a sua morte:

Apostou tudo em seu talento, tudo investiu – seu sangue, sua juventude, seu suor – na aventura literária. Não se pode dizer que ele não tenha recebido reconhecimento. Importantes manifestações de uma parte da crítica do tempo situavam-no entre os grandes romancistas do tempo. Mas vieram, tais aplausos, aos pouquinhos e um pouco tarde. Sua vida já estava em declínio e, como desabafou, “as glórias tardias já vêm frias”. (Moraes, 1983, p. 10).

Tudo leva a crer que o horizonte de expectativas das primeiras décadas do século XX não oferecia um cenário favorável à proposta literária barretiana. Ao que parece, ciente dessa situação, Lima Barreto se manteve determinado a buscar conquistar um lugar de destaque entre seus pares. Em 1917, a **Revista A. B. C.** escreve que o autor de **Isaias Caminha** “se apresentou como concorrente à imortalidade, mas não sabe se por pessimismo ou deboche, já que o escritor boêmio parece ter previsto uma derrota iminente”. É bem verdade que esse seu desejo de fazer parte da Academia Brasileira de Letras revelava um aspecto aparentemente contraditório. Isso porque se, por um lado, Lima Barreto buscava entrar para esse seletivo grupo, por outro, criticava os seus integrantes, definindo-os “como destituídos de honestidade intelectual e sem talento” (Schwarcz, 2017, p. 464).

Se, com certa frequência, a recepção crítica dos anos de 1907 a 1950 recorria a análises sociopsicologizantes e ao biografismo para construir relações entre Lima Barreto e seus personagens protagonistas, o mesmo não ocorreu com tanta frequência nos anos subsequentes. Começam as mudanças em relação à recepção crítica da obra de Lima Barreto por volta de 1952 com a publicação da biografia **A vida de Lima Barreto**, escrita pelo historiador Francisco de Assis Barbosa. O mesmo autor, em 1956, publica as obras completas de Lima Barreto, o que contribui, junto com a biografia recém-lançada, para o novo estímulo à pesquisa da estética barretiana. É sensato dizer que uma nova leva da recepção crítica da

literatura barretiana ainda possuía um caráter ambíguo. Contudo, o que era possível perceber é que o estudo do projeto estético de Lima Barreto começava a ser analisado por um novo prisma.

A mudança da lente com que as obras barretianas foram percebidas perpassou pelo movimento relacional de seus elementos representacionais com a conjuntura cultural e histórica. Logo, para empreender uma análise da recepção crítica da estética barretiana, por meio da associação das categorias memória e etnia, julgamos ser essencial realizar um exercício para refletir sobre como a crítica literária foi sedimentando juízos de valor acerca dos romances barretianos. Para Jauss (1994), a relevância e os sentidos de um texto literário estão em consonância com os resultados de uma construção coletiva dos leitores, uma materialização de significados que emergem gradativamente por meio das leituras e das múltiplas interpretações da obra ao longo do tempo.

Dessa forma, o conjunto de ajuizamento de valores construídos pela crítica adquire um papel singular enquanto lócus de análise, pois ele exerce um papel primordial no movimento de gerenciar e deslocar os sentidos construídos na cadeia de recepção. Ao que parece, a sedimentação da memória forjada pela crítica, a partir das categorizações dos romances barretianos como *à clef* e caricaturais, tendeu a corroborar com a manutenção da estética literária canônica do Brasil do final do século XIX e início do XX, ao descredibilizar, enquanto arte, uma linha estética que professava um estilo que ia na contramão do pensamento hegemônico da época.

Daí a importância de nos debruçarmos nesse exercício reflexivo referente ao complexo movimento relacional da interação entre o leitor, seu horizonte de expectativas e a obra literária quanto à construção de significados dentro de um contexto sócio-histórico. Então, parece-nos razoável deduzir que existe algo de sociocultural que influencia a forma como os diferentes significados vão sendo formados e reformulados no ato da leitura e quanto ao seu quadro de recepção crítica. Tal perspectiva alimenta a nossa ideia de que a relevância de uma dada estética está diretamente relacionada à forma como sua representação dialoga com as demais representações em um dado momento.

Para Jauss (1994), não há na obra literária um significado oculto e tampouco os sentidos do texto estão rigidamente definidos pelo seu autor. Os sentidos de uma obra têm como berço a forma como ela é lida, interpretada e ressignificada por diferentes leitores e em diferentes contextos históricos. O que há entre o leitor e a obra é uma dinâmica que envolve elementos plurais, como os aspectos estéticos e o contexto histórico e sociocultural. Assim, é

razoável crer que os significados de uma obra literária são fluidos e se deslocam de acordo com a experiência coletiva de seus leitores ao longo do tempo.

Por esses parâmetros, o que nos cabe é a construção de uma análise do modo como os críticos de Lima Barreto enxergavam a sua estética no contexto de seu lançamento aos dias atuais, ou seja, como o público, por intermédio de uma lente moldada pela cultura hegemônica do Brasil em um dado recorte temporal, criava representações para a literatura barretiana, que também é representação. As recepções de suas publicações na ocasião de sua estreia, na esfera do sincrônico, resultantes dos primeiros contatos do público com suas obras, podem ser observadas por uma categoria associada a uma recepção primária, que tem como substrato o movimento relacional do repertório sociocultural do leitor e seu horizonte de expectativas. Já da perspectiva diacrônica, há acréscimos dos elementos resultantes de uma cadeia de recepções, uma sedimentação de memórias sobre sua estética, interpretações que vão se sobrepondo e se atualizando nesse fluido jogo relacional do deslocamento dos sentidos ao longo do tempo.

Essa concepção de cadeia de recepção nos possibilita mapear como a memória das diferentes significações foi sendo construída a partir dos diferentes critérios de recepção e dos efeitos daí produzidos (Jauss, 1994). Assim sendo, existe uma distinção entre a compreensão da obra no passado e no presente, relativa à construção de sentidos ao longo do tempo. Dessa forma, é possível identificar, ao mesmo tempo, uma trajetória histórica de recepção e uma memória crítica em torno da literatura barretiana:

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constituiu uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Tal abordagem corrige as normas de uma compreensão clássica ou modernizante da arte – em geral aplicadas inconscientemente – e evita o círculo vicioso do recurso a um genérico espírito da época. (Jauss, 1994, p. 35).

Mesmo sendo possível identificar um momento histórico em que a temática étnica vai ganhando novas definições e que estas tendem a se correlacionar positivamente com a redescoberta da estética barretiana por parte da recepção crítica, adotar uma lógica relacional de causa e efeito nos parece uma postura superficial. Entrementes, é razoável deduzir que as diversas particularidades que permeiam um fenômeno histórico-cultural impossibilitam a formulação de respostas padronizadas capazes de explicá-lo em sua totalidade. Além disso, o que nos interessa aqui são os vestígios e as conexões ambíguas construídas historicamente

pelos diversos estudos que se debruçaram na definição do conceito de “etnia” e sobre como essas novas representações ressoaram na produção das recepções críticas das obras barretianas.

Seja como for, a relação entre a escolha de textos e a produção de suas recepções críticas não são atividades neutras, mas carregadas de intenções e relações de poder. A moldura que envolve os cenários contextuais das produções das recepções críticas não apenas reflete as lutas e sistemas de dominação, mas também é um instrumento dessas lutas. Os discursos produzidos por meio das recepções críticas não estão alheios aos quadros de disputas representacionais, pois os discursos são veículos de poder. Portanto, são objetos de disputa e desejo, pois não é “simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (Foucault, 2014, p. 10).

Refletindo sobre essa questão e tendo como base a estética da recepção proposta por Jauss (1994), é sensato deduzir que são os critérios de recepção por parte da crítica e do público que conferem a aceitabilidade, ou não, do romance e não necessariamente as expectativas e intenções do autor. Esses critérios são subjetivos e estão correlacionados à forma como a cultura está estruturada:

Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do seu desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto a posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (Jauss, 1994, p. 7-8).

Eventuais deslocamentos de sentidos quanto aos critérios tidos como canônicos por parte da crítica não se dão de modo isolado. É necessário que haja mudanças conjunturais e estruturais a partir da mobilização de diferentes movimentos que caminhem na direção de ressignificações dos quadros representacionais tidos como consolidados. Se o cenário cultural brasileiro do final do século XIX e início do XX não corroborava com a aceitação da estética barretiana, o mesmo não ocorreu nas décadas subsequentes.

Foi na segunda metade do século XX que as universidades dos países de língua inglesa, especialmente nos Estados Unidos, demonstraram um crescente interesse em abordar o tema da “etnia”. Conforme Poutignat e Streife-Fenart (1998, p. 24), “a partir de 1970, houve um aumento significativo na realização de colóquios, conferências e programas de pesquisa

sobre o assunto, a ponto de caracterizar esse período como o surgimento da indústria acadêmica da etnicidade”. Nesse contexto,

[...] em 1972, foi estabelecido na Universidade de Washington o Comitê para os Estudos Corporativos sobre a Etnicidade e a Nacionalidade (CSEN), com o objetivo de investigar a transformação e a persistência das identidades étnicas ao longo do tempo em diversos grupos étnicos em diferentes partes do mundo. (Poutignat; Streife-Fenart, 1998, p. 26).

Como já mencionamos, um movimento desse porte não se dá repentinamente. Conforme destacado por Poutignat e Streife-Fenart (1998, p. 25), “na década de 1960, surgiram conflitos significativos que ultrapassaram as fronteiras das sociedades industriais do Terceiro Mundo e foram impulsionados por reivindicações de natureza étnica”. Diante disso, as universidades, reconhecidas como importantes espaços de produção de conhecimento científico, buscaram desenvolver estudos que contribuíssem para a compreensão das dinâmicas presentes na realidade e na dimensão fenomenológica da vida. Independentemente das motivações, essas instituições não deixaram de estabelecer relações teóricas entre os mencionados conflitos e as demandas relacionadas ao conceito de “etnia”. Além disso, o fato de essas demandas se manifestarem como um ponto convergente em diversas ações beligerantes ocorridas simultaneamente em diferentes lugares leva-nos a deduzir de forma coerente que algo peculiar emergiu nesse contexto:

Se o conceito de etnicidade se impõe no decorrer desse período, é precisamente para abranger o que têm em comum todos esses fenômenos de competição e de conflito nos quais os grupos se opõem em nome de sua pertença étnica. (Poutignat; Streife-Fenart, 1998, p. 25).

Diante do exposto, o que deduzimos é que as novas demandas relacionadas ao conceito de “etnia” instigaram movimentos que reverberaram no exercício de releituras de autores que tenham produzido representações estéticas sobre o negro e o mestiço, as quais, em alguma medida, materializaram narrativas que se alinhavam a um discurso antirracista. Daí o porquê de julgarmos não ser uma coincidência o fato de que, a partir da década de setenta, estudos importantes sobre a estética barretiana começaram a ganhar novo fôlego com as publicações: **Lima Barreto e o espaço romanescos** (1976), de Osman Lins; **Porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto** (1977), de João Antônio; **Literatura como missão** (1983), de Nicolau Sevcenko, que faz uso de um estudo sobre Euclides da Cunha e Lima Barreto para tratar de questões relacionadas à história e cultura no Brasil, entre outros.

Frente a essa mudança de cenários, avaliemos, então, a repercussão das obras barretianas no contexto da tradição ocidental. Segundo Bloom (2013), a influência de uma estética literária surge a partir do confronto do diálogo com a tradição literária. Trata-se de um movimento de disputa com os autores do passado, cujo reconhecimento foi validado pela crítica em busca desse lugar de notoriedade. Tal disputa se dá no campo estético e não socioideológico, pois o processo criativo literário é descrito como uma resposta direta a obras anteriores, construída por meio da leitura, interpretação e criação de novas obras. Assim, a tradição literária é um diálogo contínuo, em que as novas produções nascem em relação íntima com as já existentes, reafirmando ou desafiando-as:

É certo que este resumo preciso poderá parecer intrincado para aqueles que não estão familiarizados com as minhas tentativas de pensar o problema da influência literária. No entanto, De Bolla dá-me um bom ponto de partida, aqui, no início deste exame do agora ameaçado Cânone Ocidental. Tem de se carregar o fardo da influência se se quiser alcançar uma originalidade digna de nota, e fazê-la surgir dentro da riqueza da tradição literária ocidental. A tradição não é só uma passagem de testemunho ou um amistoso processo de transmissão. Ela é também uma disputa entre o gênio passado e a aspiração presente, em que o prêmio é a sobrevivência literária ou a inclusão canônica. Essa disputa não pode ser resolvida através de preocupações sociais, ou pelo juízo crítico de qualquer geração de idealistas impacientes, ou por marxistas proclamando «Deixem os mortos enterrarem os mortos», ou por sofistas que procuram substituir o Cânone pela biblioteca e o espírito de discernimento pelo arquivo. Poemas, histórias, romances e peças, todos surgem como resposta a poemas, histórias, romances e peças anteriores, e essa resposta está dependente de atos de leitura e de interpretação levados a cabo pelos escritores posteriores, atos esses que são idênticos às novas obras. (Bloom, 2013, p. 22).

Por romper e desafiar a estética dos seus predecessores, Lima Barreto se apresentou como agente de um presente que questionou o passado. Contudo, o ponto é que sua voz, na ocasião dos lançamentos de suas publicações, não foi validada pela grande maioria de seus pares. A esse respeito, lembremo-nos que, embora o elemento central seja a questão estética, “a crítica literária, considerada como uma arte, foi e será sempre um fenômeno elitista” (Bloom, 2013, p. 30) e que foi justamente contra representações elitistas que Lima Barreto se posicionou. Seu esforço de superar as influências para com o que era tido como canônico se deu por conta da originalidade quanto à forma que construiu a representação do negro e do mestiço, desvinculados de signos estereotipados. Contudo, à medida que os repertórios literários vão se ampliando ao longo da história, vai sendo alimentado o surgimento de novas produções por conta desse movimento de disputa entre diferentes estéticas, afinal as novas produções não surgem isoladas, pois a relação da “competição e da contaminação fortalecem-

se cada vez mais à medida que a história canônica se expande no tempo” (Bloom, 2013, p. 24).

Acontece que Lima Barreto, como todo escritor inserido no fluxo da tradição literária, está alocado dentro da contingência histórica e cultural que molda as produções artísticas. Logo, é coerente pensar a estética barretiana como um movimento que estabelece um diálogo com as estéticas que o precederam, ao mesmo tempo em que busca alcançar o seu lugar de destaque por conta da sua singularidade, quer seja pela assimilação quer seja pela subversão a representações herdadas. A esse respeito, retomando a relação entre o escritor e as tradições literárias anteriores, Bloom (2013) aponta que essa tensão criativa, em que a originalidade é construída a partir do diálogo com a tradição, dá-se pela ação relacional da contingência com a ansiedade da influência no processo de criação:

A contingência domina a literatura, tal como domina qualquer empreendimento cognitivo. A contingência constituída pelo cânone literário ocidental é primeiramente manifestada como a ansiedade da influência que forma e malforma toda a nova escrita que aspira à permanência. A literatura não é unicamente linguagem. Ela é também a vontade de figuração, o motivo para a metáfora que Nietzsche uma vez definiu como o desejo de ser diferente, o desejo de estar noutro lugar. Isto em parte significa ser diferente de si mesmo, mas primeiro que tudo significa, julgo eu, ser diferente das metáforas e imagens das obras contingentes que constituem o patrimônio herdado por cada um: o desejo de escrever de maneira grandiosa é o desejo de estar noutro lugar, num tempo e num lugar exclusivos de cada um, numa originalidade que se deve combinar com a herança, com a ansiedade da influência. (Bloom, 2013, p. 24-25).

O caminho escolhido por Lima Barreto foi o questionamento dos valores subjacentes às tradições anteriores. Enquanto as estéticas anteriores, muitas vezes, idealizavam a identidade nacional ou reproduziam visões eurocêntricas e deterministas, a estética barretiana desconstruiu essas narrativas ao lançar luz sobre as contradições sociais, especialmente no que tange à questão racial e às desigualdades estruturais.

Arriscamos dizer que Lima Barreto procurou estar “noutro lugar” quando buscou a originalidade ao contrapor as representações dos negros e mestiços expressos nas estéticas canônicas do seu tempo. Por isso, julgamos pertinente afirmar que Lima Barreto protagonizou um movimento artístico que objetivava ressignificar a retórica das escolas literárias dominantes, pois, ao invés de reproduzir os valores das obras contingentes que herdou, ele as reformulou, posicionando-se de maneira crítica frente ao cânone e desafiando os limites daquilo que era considerado literatura legítima.

Como podemos observar na presente seção deste estudo, as obras barretianas, a partir da segunda metade do século XX, começaram a ganhar notoriedade nesse espaço de disputa quanto à seleção das obras literárias que ocupam o lugar de produções celebrizadas. Possivelmente, por conta das mudanças dos critérios de seleção para com o que era tido como estética potente e significativa, a literatura barretiana foi conquistando o seu espaço de sobrevivência por conta da valorização de sua relevância ao longo do tempo. A esse respeito, retomemos o que disse Bloom (2013) quando argumentou que a seleção de obras que não são cânones não é um processo neutro nem puramente objetivo. Esse movimento é influenciado por vários fatores, como a hegemonia de grupos sociais dominantes, instituições educacionais que moldam o ensino literário, tradições críticas que determinam os critérios de valor, dentre outros tantos elementos.

Não obstante, é preciso considerar que há, também, uma crítica às interpretações modernas e mais céticas, que veem o processo de canonização como resultado de campanhas de marketing ou propaganda bem-sucedidas, indicando que o valor literário não seria o único estratégico em jogo, mas sim o sucesso na promoção de uma obra no contexto social e cultural. Seja como for, a estética barretiana migrou do lugar de arte periférica para a lista de obras canônicas, e esse movimento controverso, em grande medida, é fruto de interações complexas entre os diferentes valores estéticos, influências literárias e contextos socioculturais:

O Cânone, uma palavra religiosa nas suas origens, tornou-se uma escolha entre textos em luta uns com os outros pela sobrevivência. Este facto mantém-se independentemente de se interpretar a escolha como resultado de grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica ou, como eu acho, como tendo sido feita por autores que chegaram depois, e que se sentem eles próprios escolhidos por determinadas figuras ancestrais. Alguns partidários recentes daquilo que é considerado pelos próprios como sendo radicalismo académico vão ao ponto de sugerir que as obras entram no cânone graças a bem-sucedidas campanhas publicitárias e de propaganda. (Bloom, 2013, p. 33).

A hierarquia quanto ao que é tido como literatura canônica parece se mover em consonância com as mudanças e reavaliações dos gêneros representados pelas obras canônicas, pois, “em cada época, alguns gêneros são vistos como sendo mais canônicos do que outros” (Bloom, 2013, p. 34). Contudo, é preciso ter bem definido que essas disputas não se limitam às dinâmicas de luta de classes, mas envolvem outros fatores mais abrangentes. O valor estético de uma obra é resultado de sua interação e confronto com outros textos, ocorrendo em diferentes esferas, como na experiência individual do leitor, no uso inovador ou

convencional da linguagem, nas discussões acadêmicas e no debate público mais amplo. Assim, a imortalidade literária é fruto de um processo contínuo de comparação, interpretação e legitimação que determina sua relevância e permanência no tempo:

A questão que deve ser debatida é a mortalidade ou imortalidade das obras literárias. Ao se tornarem canônicas, elas sobreviveram a uma enorme luta nas relações sociais, mas essas relações têm pouco a ver com a luta de classes. O valor estético emana da luta entre textos: no leitor, na linguagem, na sala de aula, nas discussões no interior de uma sociedade. (Bloom, 2013, p. 51).

Trazendo a discussão para um recorte temporal próximo à elaboração do presente estudo, em 2017, Lima Barreto é escolhido como autor homenageado na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), o que teve como reverberação a incitação e propagação de uma série de discursos que debatiam e problematizavam suas obras. Foi também em 2017 que a antropóloga Lilia Schwarz lançou uma nova biografia sobre o autor, intitulada **Lima Barreto – Triste Visionário**. O diferencial dessa segunda biografia em relação à primeira é que ela foi escrita a partir da discussão dos aspectos raciais que vigoravam no Brasil do final do século XIX e início do XX.

Quanto à recepção crítica da literatura barretiana no contexto das produções acadêmicas entre os anos de 2018 e 2022, e tendo como ponto de referência a representação étnica, conforme os critérios preestabelecidos no capítulo metodológico do presente estudo, observamos um recorte que ilustra como tal questão foi ganhando forma. Utilizando como fonte a base de dados disponibilizada pelo **Portal Capes: Catálogo De Teses e Dissertações** e pela **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**, encontramos quatro teses de doutorado e oito dissertações de mestrado. Seguindo os mesmos critérios, em busca nas plataformas **Google Acadêmico** e **SciELO**, foram identificados três artigos e um resumo expandido. Fazendo recortes dos resumos dos estudos em questão, apontamos a seguir como o campo acadêmico, dentro do recorte aqui delimitado, tem buscado associar a literatura barretiana a temáticas ligadas à etnicidade.

A primeira tese de doutorado, datada de 2018 e publicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), tem como título **A paratopia do estigma: identidade e relato de si no discurso Recordações do escrivo Isaiás Caminha, de Lima Barreto** e foi escrita por Ramon Silva Chaves. O estudo investiga a presença da paratopia do estigma e a construção da identidade do negro no discurso literário de **Recordações do Escrivo Isaiás Caminha**, de Lima Barreto. Utilizando a Análise do Discurso de inspiração francesa, a

pesquisa se baseia nos conceitos teórico-metodológicos de Dominique Maingueneau sobre discurso constituinte literário e paratopia literária. A questão central abordada é como a identidade do negro, moldada por um contexto de exploração social, econômica e histórica, manifesta-se na construção desse discurso literário. A hipótese sugere que a paratopia é gerada pelo estigma, conforme Goffman, para reformular a identidade do negro por meio de uma revisão histórica, promovendo o efeito de relato de si, de acordo com Butler. O objetivo geral é examinar a paratopia e, assim, avaliar a construção da identidade do negro estigmatizada no início do século XX. Como objetivo específico, a pesquisa visa a verificar a organização da cenografia e a constituição do *ethos* discursivo na composição da paratopia literária em **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**.

A segunda tese de doutorado, datada de 2019 e publicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem como título **Lima Barreto e a cultura histórica: diálogos e disputas em torno da memória nacional (1903-1922)** e foi escrita por Carlos Alberto Machado Noronha. O estudo aborda a relação de Lima Barreto com a cultura histórica brasileira no início do século XX, englobando seus textos publicados, anotações pessoais e correspondências. A pesquisa compara as representações do passado e as reflexões sobre a história do Brasil de Lima Barreto com as de outros intelectuais contemporâneos envolvidos na construção da memória nacional. Utilizando as reflexões de Jörn Rüsen sobre cultura histórica e Reinhart Koselleck sobre a relação entre memória do passado e expectativas de futuro, a tese busca compreender o contexto cultural de Lima Barreto, analisar a conexão entre sua concepção literária e os temas principais da cultura histórica da época, explorar suas apropriações do discurso historiográfico brasileiro e discutir suas práticas narrativas como sugestões de mudanças na cultura histórica do período.

A terceira tese de doutorado, datada de 2020 e publicada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem o título **Modernismo negro: Amefricanidade, oralitura e continuum em Lima Barreto** e foi escrita por Jorge Augusto de Jesus Silva. Este estudo aborda a relação entre Lima Barreto e os autores participantes da Semana da Arte Moderna, ocorrida em São Paulo no ano de 1922. Destaca-se a inadequação de certas categorias, como “entre-lugar”, “ruptura” e “assimilação crítica”, para compreender a obra barretiana, que traz um repertório vinculado à tradição cultural negra no Brasil, negligenciado pela crítica tradicional. A análise enfoca três elementos fundamentais na obra de Lima Barreto: “língua”, “território” e “memória”, demonstrando como sua obra dialoga intensivamente com a cultura afro-brasileira. O texto também destaca a contribuição crítica do escritor para o projeto moderno brasileiro, abordando seu potencial impacto na sociedade contemporânea, incluindo a

formação de uma ética, além da contribuição para o papel do intelectual negro e a promoção de uma crítica literária menos eurocêntrica. A pesquisa utiliza os romances de Lima Barreto como *corpus* e recorre a um referencial teórico não-eurocêntrico, dialogando com trabalhos que exploram a produção crítica a partir da cultura negra no Brasil.

A quarta tese de doutorado, datada de 2022 e publicada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem o título **Saúde Mental e Relações Étnico-Raciais no Brasil: Narrativas de Lima Barreto, Leituras Historiográficas e Elucubrações Ulteriores** e foi escrita por Renan Vieira de Santana Rocha. O estudo tem por objetivo identificar as narrativas sobre a relação entre Saúde Mental e racismo no início do século XX no Brasil a partir da obra tida por autobiográfica **Diário do Hospício & O Cemitério dos Vivos** (1956), de Lima Barreto. A pesquisa aborda questões ligadas ao campo da Saúde Coletiva, com foco em Ciências Sociais em Saúde, buscando correlações com os Estudos Étnicos e Raciais. Ademais, utiliza uma abordagem qualitativa e bibliográfica para analisar a literatura barretiana. Os resultados destacam que Lima Barreto, um dos primeiros homens negros a escrever sobre a realidade de um hospital psiquiátrico no Brasil, expõe as vivências raciais e manicomiais durante sua própria internação.

No que diz respeito às dissertações de mestrado, a primeira, do ano de 2019 e publicada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem o título: **Rompendo mordaças e muros: Lima Barreto e o enfrentamento do racismo na aula de história** e foi escrita por Ana Lucia Ferreira de Mattos. O estudo examina as possibilidades de utilizar a obra literária do escritor Lima Barreto como ferramenta para apoiar os professores de História em suas atividades em sala de aula, especialmente no Ensino Fundamental. O objetivo central é contribuir para a promoção de uma educação antirracista e democrática. A pesquisa utiliza dois romances de Lima Barreto: **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** e **Clara dos Anjos**, além de uma obra de memórias, o **Diário Íntimo**, como base para análise e discussão.

A segunda dissertação de mestrado, do ano de 2020 e publicada pela Universidade Regional do Cariri (URCA), tem o título: **A literatura como linguagem e fonte para o ensino de história: as crônicas de Lima Barreto e as possibilidades para se ensinar história** e foi escrita por Jose Diego Azevedo Cabral. O estudo tem como um dos objetivos discutir o uso da literatura como fonte e linguagem para o ensino de História no ensino básico, utilizando Lima Barreto como autor de referência. O foco da análise recai sobre algumas crônicas do autor que abordam as reformas urbanas no Rio de Janeiro durante a Primeira República e suas consequências para as camadas mais pobres da população. A dissertação está dividida em três partes: o primeiro capítulo contextualiza a vida de Lima Barreto e sua

profunda influência nos eventos de sua época; o segundo realiza uma discussão teórica sobre o gênero literário crônica, destacando suas características e peculiaridades, além de analisar algumas crônicas de Lima Barreto sobre a questão urbana no Rio de Janeiro; por fim, o último capítulo examina a aplicação de oficinas no Ensino Médio, seguindo a metodologia Aula Oficina, de Isabel Barca (2004).

A terceira dissertação de mestrado, também do ano de 2020, publicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem o título: **A “experiência social” de Lima Barreto: crítica e marginalização em Recordações do Escrivão Isaías Caminha** e foi escrita por Lucas Söhn Albuquerque. O estudo apresenta uma análise do romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, de Lima Barreto, a qual buscou compreender a obra como uma construção ficcional que reflete as duas primeiras décadas da Primeira República brasileira. O estudo destacou o diálogo crítico do autor com fenômenos culturais, tecnológicos e estilísticos do Rio de Janeiro, como as revistas satíricas e a caricatura. Além disso, investigou as condições biográficas, sócio-históricas e de formação intelectual que moldaram o escritor em início de carreira. O foco também esteve na análise de como Lima Barreto interpretou a realidade histórica, especialmente durante a Revolta da Vacina, abordando questões como a inserção social da população pobre no pós-abolição e o papel do escritor negro nesse contexto de crise histórica. A pesquisa adotou uma abordagem da História Social da Literatura e da crítica cultural materialista, explorando a relação dialética entre forma e conteúdo nos fenômenos culturais.

A quarta dissertação de mestrado, do ano de 2020 e publicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem o título: **Para Afirmar uma Existência, Tinta Negra sobre Papel Branco: escrita de si e processos coletivos na literatura militante de Lima Barreto** e foi escrita por Miguel de Sousa Lacerda Neto. Trata-se de um estudo que propõe discutir as possibilidades de construção de identidade e resistência no campo social por meio do trabalho da escrita, utilizando as obras do escritor Lima Barreto como campo de pesquisa. O estudo se concentra no **Diário do Hospício**, escrito durante a internação do autor em um hospital de alienados, e no romance inacabado **O Cemitério dos Vivos**. O objetivo é analisar como a criação literária foi usada pelo romancista para reinventar sua própria identidade para além do discurso racista no Brasil do final do século XIX e início do século XX. A pesquisa também explora a criação de contra narrativas que, em vez de apenas denunciar, afirmam modos de existência ética e politicamente qualificados.

Utilizando perspectivas pós-coloniais, teorias sócio-históricas e conceitos da teoria política e filosofia da diferença, o estudo busca entender como a escrita literária envolvia um

processo de “escrita de si” e “literatura militante”. A análise visa a mostrar como esse trabalho de escrita impactou a produção subjetiva do escritor e os modos de existência que surgiram em resposta ao racismo da época, destacando os saberes e movimentos que desafiavam a marginalização social. É realizada uma contextualização de aspectos biográficos e históricos para situar a produção de Lima Barreto para, então, identificar sua proposta literária e destacar os agenciamentos que promovem os direitos de existência. Dessa forma, o referido estudo busca demonstrar como o trabalho da escrita pode criar dispositivos que transformam a realidade e constroem novas possibilidades na vida e na sociedade, defendendo o direito à vida e à memória da negritude.

A quinta dissertação de mestrado, do ano de 2021 e publicada pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), tem o título: **O conto afro-brasileiro de Lima Barreto: o narrar interno e o protagonista negro nas primeiras décadas do século XX** e foi escrita por Weberson de Aquino Lima. O estudo destaca Lima Barreto como escritor singular nas letras nacionais, reconhecido por boa parte dos estudiosos como um dos primeiros escritores negros da literatura brasileira. No ensejo, são analisados contos do autor, como **Um especialista**, **O moleque** e **O pecado**, e o romance **Clara dos Anjos**, com a finalidade de perceber as formas e estratégias de Lima Barreto na representação de personagens afro-brasileiros, privilegiando o ponto de vista do sujeito negro. Esse enfoque, historicamente negligenciado na crítica literária brasileira, revela as personagens afro-brasileiras nos contos como representantes da população negra que vive nos subúrbios pobres da metrópole brasileira, compartilhando suas experiências de alegrias, tristezas, sonhos e angústias. Lima Barreto, consciente da realidade social e política do Brasil da época, recusa-se a adotar o discurso colonial e desafia os estereótipos raciais predominantes na literatura branca contemporânea, oferecendo uma perspectiva única e crítica.

A sexta dissertação de mestrado, também do ano de 2021, publicada pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tem o título: **Lima Barreto contra os racistas: o espaço biográfico em Recordações do Escrivão Isaías Caminha** e foi escrita por Dilma Oliveira Guimarães Rosa. O estudo realiza uma leitura biográfica do escritor Lima Barreto, considerando-o um autor que, por meio de suas obras, confrontou o racismo não como um ressentido, mas como um conhecedor consciente da brasilidade. O objetivo principal é compreender as relações entre a construção narrativa de **Recordações do escrivão Isaías Caminha** (1909) e os traços da biografia do escritor. A pesquisa explora como Lima Barreto, ao ocupar um lugar único, é capaz de compreender o Brasil de uma perspectiva distinta de outros intelectuais e narrativas da época. O espaço biográfico do autor é analisado como um

caminho inovador nas leituras teóricas. Ao construir sua narrativa, Lima Barreto se posiciona como representante de uma classe que fala de um lugar específico, destacando e questionando as convicções de uma sociedade racista e excludente desde o século XIX até os dias atuais.

A sétima dissertação de mestrado, do ano de 2022 e publicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tem o título: **O cemitério dos vivos de Lima Barreto: o quilombo literário contra o manicômio-senzala** e foi escrita por Vinicius Rosini Rufino. O estudo apresenta os resultados de uma pesquisa que examina o romance inacabado **O Cemitério dos Vivos**, de Lima Barreto, contextualizando-o no cenário racista do Brasil do início do século XX. Na referida obra, Lima Barreto, enquanto escritor negro, utiliza a narrativa para confrontar as teorias racistas e criminalistas vigentes. O trabalho destaca a instituição do Hospício como peça central desse sistema de dominação, coordenada pela Psiquiatria. O estudo busca refletir sobre a resistência de Lima Barreto no campo literário como uma luta mais ampla contra o Racismo na sociedade brasileira.

A oitava dissertação de mestrado, do ano de 2022, publicada pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), tem o título: **As interseccionalidades de raça, classe social e gênero em Clara dos Anjos: um romance de realidades e denúncias** e foi escrita por Marcella Duarte Vieira Pessoa. Trata-se de uma análise do romance **Clara dos Anjos**, destacando a trajetória da protagonista, uma jovem mestiça do subúrbio carioca. A análise concentra-se na representação dos preconceitos estruturais de uma sociedade pós-colonial, evidenciando contradições de classe e um racismo persistente.

No que diz respeito aos artigos, o primeiro, publicado em 2018 na revista **Fólio: Revista de Letras** e intitulado: **O devir negro na literatura brasileira: notas sobre a oralidade em Lima Barreto**, foi escrito por Jorge Augusto Silva. O estudo propõe um breve panorama da tradição eurocêntrica das teorias e críticas literárias no Brasil. O foco está na evidenciação do grafocentrismo como elemento central dessa tradição. A análise revela como as concepções predominantes na crítica literária brasileira eram grafocêntricas, o que limitava a compreensão do repertório cultural negro na sociedade brasileira. Lima Barreto surge, por meio de sua escrita, como um agente disruptivo desse padrão discursivo, desempenhando um papel crucial na transformação da linguagem literária nacional ao incorporar o registro informal da língua. Este movimento é considerado como um devir negro na literatura brasileira, representando uma base epistemológica da cultura negro-brasileira.

O segundo artigo, datado de 2019 e publicado no periódico **Estudos Avançados** do Portal de Revistas da USP com o título: **Lima Barreto e a escrita de si**, foi escrito por Lilia Moritz Schwarcz. O estudo discute como a escrita de Lima Barreto frequentemente se volta

para sua própria pessoa, ao mesmo tempo em que o escritor ficcionaliza sua vida. Lima Barreto está presente, de alguma forma, em todos os seus personagens, assim como o Brasil, que ele conheceu e desgostou, serviu como combustível para a sua narrativa. Apesar disso, o artigo argumenta que Lima Barreto não era um bom etnógrafo de seu tempo. Sua literatura, enquanto reflete a realidade, também contribui para criar o contexto que o viu nascer.

O terceiro artigo, datado de 2021 e publicado na **Revista da ABPN**, intitulado: **Discurso de Lima Barreto nas crônicas 15 de novembro e de Cascadura ao Garnier: embates discursivos entre eugenia e etnicidade**, foi escrito por Auristela Rafael Lopes e Dina Maria Martins Ferreira. O estudo realiza uma análise de trechos das crônicas: **15 de Novembro e De Cascadura ao Garnier**, de Lima Barreto. Esse artigo destaca os embates discursivos entre eugenia/eticidade e os relaciona aos pares identidade/alteridade. A temática da Negritude é abordada como um movimento discursivo e social que visa a resistir à eugeniização na sociedade brasileira. O enfoque teórico-analítico-metodológico baseia-se na Análise do Discurso Francesa, especialmente nas contribuições de Foucault e Maingueneau, alinhadas às categorias de campos e posicionamentos discursivos contra-hegemônicos. A transgressão dos discursos hegemônicos por parte de Lima Barreto é relacionada a uma visão carnavalesca em sua proposta lítero-crítica.

Por fim, o resumo expandido datado de 2022 e publicado nos **Anais do Colóquio Nacional e VII Colóquio Internacional do Museu Pedagógico** sob o título: **A memória no campo da ficção: representações do corpo negro em Cemitério dos Vivos**, foi elaborado por Elder Bruno Fernandes Pereira e por Marcello Moreira. Esse trabalho consiste em uma reflexão a respeito dos conceitos de memória e representação, explorando a ideia de etnicidade na obra **Cemitério dos Vivos**, de Lima Barreto. A análise considera a obra como uma forma de reimaginar a realidade por meio de uma construção fictícia, que transita entre conjuntos simbólicos imaginativos em diálogo com as questões socioculturais da época. O estudo aponta que a narrativa não deve ser interpretada como um simples espelhamento da realidade, mas como uma manifestação simbólica complexa, influenciada por diferentes formas de compreender o mundo. As representações presentes na obra refletem confrontos entre diferentes visões culturais, contribuindo para a produção de sentido que invalida a narrativa da cultura dominante, abordando temas relacionados à etnicidade.

Quando comparamos a recepção crítica da literatura barretiana das primeiras décadas do século XX com as atuais produções acadêmicas, percebemos um significativo deslocamento quanto à perspectiva de análise. Na sua dimensão artística, a literatura de Lima Barreto incorpora uma tônica que se distancia do cânone estabelecido em seu tempo. Sua

latência reside no potencial de desafiar estruturações de sentido fundamentadas em representações racistas. A sua proposta estética incorpora elementos que, teoricamente e em certa medida, dialogam, ainda que pelo confronto, com representações historicamente construídas do negro, promovendo assim um movimento reflexivo mais profundo. Entretanto, é crucial evitar uma abordagem simplista baseada em causa e efeito, conforme discutido ao longo deste estudo, uma vez que a recepção de um texto está intrinsecamente ligada ao horizonte de expectativas dos leitores (Jauss, 1994).

De toda forma, parece oportuno inferir que, por trás das linhas escritas por Lima Barreto, residem fios de intensa reflexão sobre as temáticas representacionais referentes à etnia. Como aqui descrito em diferentes momentos, segundo Jauss (1994), ter o leitor na centralidade do movimento de construção de sentido de uma obra por meio de sua recepção crítica é um ponto crucial. Isso ocorre porque os sentidos das palavras não estão fixos nelas mesmas, mas nos elementos dinâmicos que orbitam o movimento da interlocução, ou seja, em tudo o que está presente na construção da interpretação de um texto. A partir desse entendimento, torna-se factível a ideia de que a interpretação de um texto não está completamente sob o controle da intenção do seu criador. No entanto, considerando a interação entre os sujeitos, influenciada pelo contexto sociocultural de um determinado período, e o modo como o biografismo afetou a recepção crítica das obras de Lima Barreto em seu tempo (Schwarcz, 2017), é pertinente ponderar sobre o lugar de fala ocupado por Lima Barreto.

Conforme Ribeiro (2017, p. 84), o lugar de fala “refere-se ao reconhecimento do locus social e à reflexão sobre como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência”. Portanto, o lugar de fala não é um impedimento para a realização de discursos, mas sim um elemento para análise. Todos falam a partir de um lugar e existem lugares historicamente silenciados e descreditados, enquanto outros são supervalorizados. Com o cuidado de não construir um caminho reflexivo permeado pelo anacronismo, pode-se afirmar que Lima Barreto adotou uma postura que, em muitos aspectos, encontra ressonância nas discussões sobre o lugar de fala. Segundo o escritor, as crenças advindas do princípio da eugenia classificam como inferior tudo o que é proferido pelas vozes negras e mestiças. Em contrapartida, tudo o que é manifestado pelo discurso do branco, especialmente na voz do europeu, por mais banal e prosaico que seja, é supervalorizado:

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há algumas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura de raça. Diz-se ainda

mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que cousa feia mais. Tudo isso se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães. Eu não sei se alguém já observou que o alemão vai tomando, nesta nossa lúcida idade, o prestígio do latim na Idade Média. O que se diz em alemão é verdade transcendente. Por exemplo, se eu dissesse em alemão – o quadrado tem quatro lados – seria uma cousa de um alcance extraordinário, embora no nosso rasteiro português seja uma banalidade e uma quase verdade. E assim a cousa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, à covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas ideias, para a nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão de políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos de sofrer matanças, afastamentos humilhantes, e os nossos liberalísimos tempos verão uns novos judeus. Os séculos que se passaram não tiveram opinião diversa a nosso respeito – é verdade; mas, desprovidas de qualquer base séria, as suas sentenças não ofereciam o mínimo perigo. Era o preconceito; hoje é o conceito. (Barreto, 1956c, p. 16).

Ao que tudo indica, os significados de uma estética literária têm como variável uma chave relacional entre a voz que a concebeu, as vozes que a antecederam, aqueles que a receberam e o contexto sociocultural que perpassa por todo esse movimento. Mesmo ao falar desse lugar de escritor e intelectual, crítico e autor de obras literárias poderosas, Lima Barreto viveu em um contexto de interdições. Como já aqui descrito, ao contrário de Machado de Assis, Lima Barreto só foi efetivamente incorporado à chamada história da literatura, ao rol de escritores considerados dignos de estudo e, portanto, ao cânone da literatura brasileira, tardiamente.

É dentro de um horizonte de expectativas que a relação enunciativa vai sendo mobilizada e ganhando ideias de sentido. Em um momento em que o racismo vigorava como tônica referencial na classificação hierárquica de valores, Lima Barreto ousou seguir um caminho diferente dos professados pelas literaturas canônicas do seu tempo. Como esperado, os sentidos de suas obras se deram pela negociação com as representações naturalizadas naquele contexto. Daí a chave da interpretação de sua literatura ser constantemente associada à materialidade de sua vida. A questão é que essa postura psicologizante de sua recepção crítica tende a limitar a potência de suas criações por encará-las como reflexos diretos da forma como o seu criador viveu.

Ao que parece, em certa medida, os estudos acadêmicos contemporâneos têm direcionado um novo olhar para a obra de Lima Barreto, destacando, como ponto de problematização, não apenas, mas também, a temática da etnia. É crucial salientar que Lima

Barreto vem recebendo reconhecimento e notoriedade como um dos maiores gênios da literatura brasileira. De fato, sua produção literária exibe uma densidade em seu projeto estético que confere uma riqueza ímpar às suas obras. Em contraste com muitas das recepções críticas de sua época, as produções acadêmicas contemporâneas têm adotado abordagens que transcendem as questões puramente biográficas enfrentadas pelo escritor em vida. É com uma certa dose de convicção que podemos dizer que, nesse ponto, parece que a recepção crítica das obras barretianas tem buscado discussões mais profundas e abrangentes.

Uma vez constatada que a atual recepção crítica da literatura barretiana a reconhece como cânone da literatura brasileira, parece-nos pertinente realizar uma reflexão quanto à potencialidade de sua estética como ferramenta no combate ao racismo. Julgamos que as obras barretianas carregam um quadro representacional e de verossimilhança singular enquanto elemento denunciador e questionador do racismo. É possível que o encontro com tal estética possibilite a construção de reflexões sobre as questões estruturais da sociedade brasileira. Contudo, por mais rica e transformadora que possa parecer, uma representação artística não carrega a ação transformadora de afetividades:

Ler ao serviço de qualquer ideologia não é, em minha opinião, ler. A recepção do poder estético torna-nos capazes de aprender a falar com nós mesmos e a nos suportarmos a nós mesmos. O uso autêntico que devemos fazer de Shakespeare ou de Cervantes, de Homero ou de Dante, de Chaucer ou de Rabelais, é aquele que nos leva a expandir o eu mais interior de cada um. Ler o Cânone em profundidade não fará de alguém uma pessoa melhor ou pior, um cidadão mais útil ou mais nocivo. O diálogo que a mente mantém consigo mesma não é essencialmente uma realidade social. (Bloom, 2013, p. 42).

Como aprendemos com Bloom, ler Lima Barreto não fará do leitor uma pessoa melhor ou pior: “o estudo da literatura, seja qual for a maneira de o levar a cabo, nunca poderá salvar um indivíduo ou melhorar a sociedade”. Lima Barreto “não nos faz melhores, tal como não nos faz piores, mas pode ensinar-nos a maneira de nos escutarmos furtivamente a nós mesmos quando falamos com nós mesmos” (Bloom, 2013, p. 44). O valor de suas obras, enfim, está na potencialidade de uma experiência que fomente o expandir de horizontes por meio da confrontação de ideias, percepções e afetos. Contudo, essa é apenas uma possibilidade entre infinitas outras. Sendo, ou não, a estética barretiana capaz de atuar como ferramenta no combate ao racismo, o fato é que ela é hoje devidamente reconhecida como um potente elemento artístico que abre um espaço de diálogo que caminha na contramão de representações de cunho racistas.

5 CONCLUSÃO

A proposta desta tese, expressa na introdução, reside no desejo de construir uma análise da recepção crítica em relação à representação dos aspectos étnicos presentes nos romances barretianos **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** (1995), **Clara dos Anjos** (2012), **Vida e Morte de MJ Gonzaga de Sá** (1961) e **Os Bruzundangas** (1956). Para tanto, inicialmente, foi necessário realizar um esforço para compreender conceitos fundamentais para a realização deste estudo, tais como “memória”, “representação”, “etnia” e “recepção crítica”. A partir da apropriação desses conceitos, buscamos correlacioná-los, por meio de uma leitura interdisciplinar, com a forma como se deu a recepção crítica dos romances de Lima Barreto tanto na contemporaneidade de seus lançamentos quanto na maneira como os estudos científicos atuais lidam com a temática em questão.

A segunda seção desta pesquisa, intitulada **O caminho percorrido e suas principais metas**, abordou o desafio de construir uma análise sobre a recepção crítica da obra de Lima Barreto, com foco nas categorias de “memória”, “representação”, “recepção crítica” e “etnia”. Destacamos a importância de revisitar as opiniões da crítica literária de diferentes períodos, priorizando a questão étnica e utilizando como base a estética da recepção de Jauss (1994), que confirma o papel ativo do leitor na construção de significados. Além disso, ainda nessa seção, definimos a metodologia utilizada para a construção e análise de dados.

Por sua vez, na terceira seção, intitulada **Memória, etnia e recepção crítica da estética barretiana**, buscamos construir um panorama reflexivo sobre os conceitos de “memória”, “etnia”, “representação” e “literatura”. A proposta foi buscar definições conceituais dos referidos termos para, então, ter sólidos subsídios teóricos para utilizá-los em nossas problematizações.

No decorrer dos nossos estudos sobre “memória”, procuramos compreendê-la em sua condição relacional entre sua particularidade individual e os aspectos socioculturais. Julgamos que tal movimento fosse necessário, dado que é por meio da memória que a recepção crítica é operada. Além disso, a memória, em sua dimensão dinâmica e multifacetada, gerencia e propaga a construção de representações a partir do movimento relacional das dimensões individual, subjetiva e coletiva. Ressaltamos, assim, que é por meio de suas arestas que a percepção do empírico ganha relevância e novos significados, sendo por meio de sua acumulação que podemos articular problematizações para entender o percurso da construção de sentidos ao longo da história.

Nesse contexto, julgamos possível postular que a memória está presente na estética barretiana nos elementos de verossimilhança e é por meio dela que Lima Barreto problematiza a questão da representação étnica em seus romances. As vozes manifestadas em seus enredos estão repletas de eventos de caráter memorialístico, que tendem a se articular e mobilizar toda uma carga simbólica-representacional no ato da leitura.

No que diz respeito à articulação do conceito de “representação”, seguimos um caminho epistemológico que a coloca como uma manifestação subjetiva ligada a diferentes formas de compreender o mundo. No campo sociocultural, a representação tende a carregar uma validação voltada para favorecer os aspectos hegemônicos da cultura por naturalizar elementos historicamente construídos. Contudo, uma imagem representacional, para ter sucesso, precisa se ligar a traços referenciais de pensamentos preexistentes.

Quanto ao conceito de “etnia”, buscamos compreendê-lo a partir de sua historicidade. Por essa perspectiva, conseguimos dialogar com um embasamento teórico capaz de traçar caminhos específicos para problematizarmos a relação entre representação, identidade e literatura. Vale ressaltar que o conceito de “etnia” não possui uma categorização simples, pois trata-se de uma ideia que tem seus sentidos deslocados no tempo e no espaço. Provavelmente, o ponto particular que interliga suas tantas considerações seja o aspecto da relação com o outro, a alteridade.

O estudo referente à recepção crítica foi elaborado pelo crivo da estética da recepção de Jauss (1994). Retomamos que a lente de estudos proposta por Jauss (1994) tem como foco a análise de como se dá a recepção crítica de uma obra ao longo do tempo. Logo, o esforço empreendido neste estudo foi buscar entender como a interpretação e os significados da obra são construídos no fluxo contínuo do encontro com novos leitores em diferentes contextos históricos.

O que constatamos, no que diz respeito ao eixo diacrônico, ou seja, tendo por base a análise da literatura barretiana na duração de sua recepção – relativo ao período entre sua publicação e o momento em que seus efeitos se mostram latentes – é que ela foi vista como inovadora e autêntica. Por sua vez, a constatação de que a literatura barretiana rompeu com a estética literária tida como canônica em seu tempo ganha força quando a analisamos pela perspectiva do eixo sincrônico. O fato é que o sistema de referências que existia antes da literatura barretiana, no que tange às temáticas étnicas, era atravessado por uma narrativa estereotipada pelas visões da cultura europeia. Nessa perspectiva, o negro tendia a ser retratado pelo prisma cultural do homem branco e tal tendência o fazia objetificado por

representações que o apartavam de sua historicidade. Por outro lado, a estética barretiana contrariou essa vertente ao abordar o negro em sua complexidade existencial.

Ao buscarmos as conexões e articulações entre a história particular da literatura barretiana com a história geral dos acontecimentos, percebemos que ela impactou consideravelmente o cenário cultural brasileiro. No entanto, apesar de sua estética ter rompido paradigmas tidos como canônicos em sua época, isso gerou críticas pejorativas quanto à sua qualidade artística. Por outro lado, com o passar das décadas, a recepção crítica da literatura barretiana a conferiu um lugar de destaque ao reconhecer suas tantas potencialidades.

Em nosso ponto de vista, o mapa da recepção crítica da literatura barretiana pode ser dividido, ainda que grosseiramente, em três momentos. O primeiro momento seria o contexto de sua produção, que tendia a recepções associadas ao excessivo biografismo. O segundo momento marca um deslocamento da perspectiva de sua recepção, tendo como marco o lançamento da primeira biografia de Lima Barreto, em 1952. Por fim, o terceiro momento está relacionado ao lançamento de sua segunda biografia, em 2017, na qual a estética barretiana é revisitada, tendo como lente de problematização a questão racial.

Ao longo de nossa itinerância, levantamos e questionamos as formas como foram se posicionando as recepções críticas da literatura barretiana. Ao retomar nosso problema da pesquisa, observamos, a partir da sedimentação da memória e tendo a representação da etnia como ponto de interlocução, que suas ressignificações se deram, também, pela influência das transformações de valores socioculturais ao longo do tempo. Afinal, sendo essencialmente dinâmicas, as novas configurações culturais atualizam as indagações por meio das novas formas de pensar, impelidas pelas demandas do tempo presente.

Sempre fez parte de nossas expectativas observar mudanças quanto à perspectiva de recepção crítica das obras barretianas, uma vez que o movimento de interpretação não é fixo, mas fluido. Afinal, as próprias mudanças que ocorrem na conjuntura relacional do homem com os valores socioculturais de seu tempo tendem a resultar nas subsequentes alterações nos paradigmas que balizam a forma como os sujeitos enfrentam a vida. Os sentidos de um texto literário não escapam a essa lógica, pois sua recepção está intimamente ligada à natureza rebelde e à dinâmica da produção de significados por meio da leitura. Tendo por base o objeto do presente estudo, o ponto em questão foi perceber a intensidade e a forma como se deu a construção dos sentidos atribuídos à literatura barretiana.

Uma das marcas desse deslocamento na forma de apropriação dos textos barretianos foi encará-los como produção artística, afastando-os de perspectivas abertas aos biografistas. Nessa direção, concordamos com as vertentes que optam por convicções puramente

biográficas como chave de interpretação dos discursos literários, posto que Lima Barreto foi um escritor autêntico que rompeu com o projeto estilístico literário canônico de seu tempo. Ao dialogar ficcionalmente com elementos culturais de seu entorno de maneira não estereotipada, o escritor carioca reveste sua narrativa de verossimilhança e plausibilidade, tendo, portanto, a potencialidade de construir conexões com a memória social.

Visto por muitos como um autor militante, Lima Barreto problematizou a questão do negro em sua ficção. Apesar de os valores eugênicos de sua época se oporem a qualquer visão não redutora do homem negro, o autor ousou propor uma representação dos subalternizados em sua plenitude. Por vezes acusadas de caricatas ou de serem alegorias personalistas, suas obras apresentam o negro sem a marca dos estereótipos que encarcerariam esses personagens em ações mais ou menos esperadas. Em Lima Barreto, a mulher negra não está aprisionada aos instintos da lascívia, assim como o homem negro não se limita às ações movidas por impulsos animalescos, como preconizavam os estigmas representacionais pejorativos do Brasil do final do século XIX e início do XX.

Entendemos, contudo, que os sentidos da literatura barretiana são construídos em um movimento relacional multifacetado entre o autor, a obra e os leitores. Esse movimento, baseado no contexto sociocultural e no horizonte de expectativas, prioriza determinadas vertentes em detrimento de outras. Por conta disso, ao longo do estudo, demonstramos que, embora a construção dos significados da literatura barretiana tenha partido de uma posição sociopsicológica que tendia ao biografismo, o acúmulo da memória e dos sentidos ao longo do tempo resultaram no fortalecimento de uma recepção crítica capaz de validar seu caráter estético enquanto arte.

Certamente, a constatação acima mencionada não se trata de um movimento unânime, e é positivo que assim seja, pois a pluralidade nas formas de interpretação das características da construção de sentidos tende a enriquecer o debate. Afinal, se uma vertente epistêmica se reafirma em suas singularidades, isso também ocorre no confronto com seu antagonico. Propomos, portanto, questionar a potência de uma visão que busca colocar a realidade social como única chave interpretativa para a narrativa ficcional. Sem dúvida, entre a ficção e a realidade material, pode haver uma troca, pois a fronteira que separa essas duas dimensões é um lugar de trânsito de sentidos e representações.

Compartilhamos a perspectiva de que uma estrutura linguística lúdica tem a potencialidade de articular conceitos que mobilizam outras possibilidades de compreender o mundo e suas contradições. No entanto, não se trata de encarar a narrativa literária como um espelhamento ou consequência direta da realidade social. Mesmo aparentemente

transportando fragmentos de realidade, a essência complexa de sua dimensão artística a liberta de quaisquer amarras limitantes de uma lógica estruturada na premissa de causa e efeito. É preciso, portanto, estarmos atentos às posturas reducionistas ao analisar a relação entre literatura, representação e realidade social.

Ao adotarmos as noções de “memória” e “representação” para analisar a recepção crítica dos romances barretianos, a partir do conceito de “etnia”, reafirmamos a imperiosa necessidade de deixar de lado as perspectivas analíticas de cunho social determinista. Por outro lado, confirmamos a existência de uma complexa relação dialética entre a realidade material e a ficção. Nesse bojo, a literatura barretiana não apenas faz uso da memória e da representação dos corpos negros, mas também, ao nosso ver, tem a potencialidade de evocar representações que descredibilizam o pensamento racista.

Nesse caminho, o universo de provas e reflexões dos personagens barretianos consubstancia o discurso identitário em sua dimensão híbrida e multifacetada. Ao longo das narrativas, notamos que os desafios enfrentados por seus personagens são marcados pelos interditos de uma sociedade que julga o negro *a priori*. Portanto, é preciso reinventar-se dialeticamente diante desse ambiente hostil, de modo combativo e aguerrido, desbravando caminhos que reconheçam a plenitude da humanidade nesses corpos.

Nos romances aqui analisados, a questão da representação estereotipada do negro emerge como uma peça central a ser questionada. Além disso, não é exagero considerar os subúrbios quase como um dos personagens, pois neles a vida pulsa fervorosamente. Os subúrbios são descritos como espaços de produção e palco onde se revela a essência das sagas dos personagens. Verificamos, assim, que há experiências profundas ligadas a esses espaços. Não se trata, porém, de uma descrição de um mundo à parte, mas sim de um espaço em que o homem comum é coagido a viver e nele exerce suas apropriações e subversões em relação ao que lhe é imposto.

O espaço ficcional dos subúrbios na literatura barretiana é construído como um ambiente em que a vida pulsa. Os valores, a cultura e a forma de viver nesses espaços são usados como pano de fundo na tessitura da memória e identidade de seus habitantes. Devido ao movimento relacional entre o subúrbio e o centro, destacam-se elementos de contradição nesse jogo relacional entre espaços aparentemente antagônicos, mas que se complementam. Nesse sentido, ao incorporar o discurso do pertencimento étnico e associá-lo a uma delimitação geográfica, forma-se um cenário propício para a discussão sobre as ideias de pertencimento.

Na quarta seção, intitulada **Memória e recepção da literatura barretiana**, debruçamo-nos sobre as recepções críticas das obras de Lima Barreto. Inicialmente, constatou-se que o autor foi tomado pela crítica como um gênio ressentido, predominando as vozes que lhe negavam o reconhecimento enquanto ficcionista. Essa visão deveu-se ao fato de sua literatura ser interpretada como uma transposição ficcional de sua vida pessoal. Nessa perspectiva, seus personagens eram frequentemente vistos como alter egos e o cotidiano do autor foi utilizado como chave alegórica para a compreensão de sua estética.

Com o tempo, porém, a recepção crítica de seus romances passou a considerar que Lima Barreto criou uma narrativa lúdica, inspirada nas questões culturais de sua época e não restrita a dramas pessoais. Assim, os dilemas, reflexões e desafios vividos por seus personagens ecoam na verossimilhança com que foram estruturados, sendo representações de negros e mestiços no Brasil do início do século XX.

Ao longo da pesquisa, buscamos demonstrar como as análises da literatura barretiana que evitam abordagens psicologizantes corroborou para a abertura de novas possibilidades interpretativas de sua obra. Essa perspectiva rompe barreiras ligadas ao biografismo, permitindo que outros olhares contribuam para a construção de sentidos sobre o que Lima Barreto escreveu. Assim, sua narrativa ficcional passa a ser compreendida como portadora de elementos fundamentais para problematizar as formas de representação do negro na literatura.

Ratificamos, assim, como o projeto estético de Lima Barreto favoreceu uma nova proposta representacional do negro na literatura. Essa questão é crucial para entender como tal aspecto inovador contribuiu para o rompimento de tradições vinculadas à cosmovisão predominante sobre o negro no Brasil do início do século XX. Nesse âmbito, Lima Barreto assumiu um projeto literário singular e repleto de potencialidades. Com o deslocamento da cadeia de recepções ao longo do tempo, essas potencialidades vêm sendo exploradas por perspectivas plurais, indicando que sempre existem novas formas de leitura para velhas questões.

Além disso, a estética barretiana passou por um movimento relacional que confronta a tradição literária canônica de sua época. Ao observarmos sua estética em relação às obras que a precederam, é constatado que Lima Barreto promoveu uma relação de enfrentamento e desafio ao apresentar outra representação do homem negro, agora não objetificado. Nesse movimento de constante transformação, a literatura barretiana, antes vista como confessional, passou a integrar o rol das literaturas canônicas no Brasil contemporâneo.

A presente tese não se esgota em si mesma. Nossa ação de interrogar os paradigmas de recepção das obras barretianas se soma a um movimento contínuo de questionar o passado

pela lente das novas demandas do presente. O esforço aqui compreendido buscou contribuir para o exercício de pensar a literatura a partir de perspectivas analíticas plurais e, para isso, buscamos refletir sobre como o negro foi e é representado no contexto literário, pensando como essa visão pode colaborar no combate ao racismo. Nesse sentido, Lima Barreto deu uma contribuição inestimável e, portanto, não é exagero afirmar que sua literatura se mantém atual, pois muitos dos temas por ele retratados ainda persistem na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

A BRUZUNDANGA entre Aspas. **A.B.C.:** questões sociais, políticas, letras e atualidades, Rio de Janeiro, ed. 00130, 1 de set. 1917, p. 11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/1854>. Acesso em: 30 set. 2024.

A CHAVE do Isaias. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ed. 00041, 16 fev. 1936, p. 14. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/61876. Acesso em: 20 set. 2024.

A CIDADE e a Paisagem. **A Manhã**, Rio de Janeiro, ed. 02966, v. 1, n. 3, abr. 1951, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/52647?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 3 set. 2024.

A CIDADE Sem Romancistas. **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, ed. 00305, 12 jun. 1943, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/095605/2630>. Acesso em: 20 set. 2024.

À MARGEM de Vida e Morte de M. J. Gonzaga De Sá. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 07336 (1), 22 set. 1946, p. 17. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/29785?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 10 ago. 2024.

A PROSA e os Prosadores no Brasil. **A Exposição de 1922:** Órgão da Comissão Organizadora, Rio de Janeiro, ed. 00008-00009. Nov. 1922, p. 73. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800899/345>. Acesso em: 05 jun. 2024.

A REVISTA Americana. **O Paiz**. Rio de Janeiro, ed. 09244. 25 jan. 1910, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/394. Acesso em: 15 jun. 2024.

A VAGABUNDAGEM Lírica de Lima Barreto. **Euclides**, Rio de Janeiro, ed. 05, n. 1, v.1, nov. 1939, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/847208/74?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 21 set. 2024.

A VIDA dos Livros. **Autores e Livros**, Rio de Janeiro, ed. 00011 (1), 24 out. 1948, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/066559/2632?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 5 ago. 2024.

A VIDA Literária. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, ed. 00728, 18 dez. 1909, p. 01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/245038/8032>. Acesso em: 7 maio 2024.

A VIDA Literária. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ed. 01187, 26 nov. 1922, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/10874. Acesso em: 20 maio 2024.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira; A. Ambrósio de Pina. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

AGUIAR, Cristhiano. **Narrativas e espaços ficcionais: uma introdução**. 1. ed. São Paulo: EdMackenzie, 2017.

AINDA a Propósito de um Rebelado. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, ed. 00111, 12 maio 1946, p 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/22332. Acesso em: 20 set. 2024.

AINDA Lima Barreto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 08058 (1), 30 jan. 1949, p. 25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43426?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 24 ago. 2024.

ALMANACH da Glória. **Careta**, Rio de Janeiro, ed. 0123, 8 out. 1910, p. 19. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/3345>. Acesso em: 11 jun. 2024.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**: seis exercícios de pensamento político. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARISTIDES, Jackeline Lourenço. **Acolhimento da população negra em sofrimento psicossocial pelo candomblé de Londrina-PR**. Londrina: Biblioteca Digital, 2012.

AS DUAS Chaves de Isaias Caminha. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 08098, 20 mar. 1949, p. 25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/44274. Acesso em: 11 mai. 2024.

AS OBRAS Completas de Lima Barreto. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. 0013 (1), 20 jan. 1945, p.117. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/44763?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ATRAVÉS dos Livros. **Gil-Blas: Pampheto de Combate**, Rio de Janeiro, ed.00009 (1). 10 abr. 1919. P.9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/224561/145?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**: 1881 – 1922. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima, et al. **Diário íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956a.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Correspondência ativa e passiva**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, vol. 1, p. 169.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Correspondência ativa e passiva**. São Paulo: Brasiliense, 1956b.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. eBooksBrasil, 2001.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Histórias e sonhos**. São Paulo: Brasiliense, 1956c.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Os Brunzundangas**. Livro digital: Biblioteca Nacional, 1956d.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 1995.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Revista do Brasil, 1919.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Clara dos anjos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIBLIOGRAPHIA. **Revista das Revistas**. Rio de Janeiro, ed. 00001, nov. 1917, p. 67. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/142247/67>. Acesso em: 22 set. 2024.

BLOOM, Harold. **O cânone Ocidental: os grandes livros e os escritores essenciais de todos os tempos**. Temas e debates - círculo de leitores, 2013.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar em Revista**, 1996, 12: 153-165.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas considerações. In: **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, Ano 1, Número 3, p.94-109, junho/2010.

BOSI, Alfredo. As figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha. Introdução. In: BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010. p. 9-36.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOTA FOGO. **Correio Paulistano**, São Paulo, ed. 28449 (1), 4 jan. 1949, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40605?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 3 ago. 2024.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: Pouillon, J. et al. **Problemas do estruturalismo**. Trad. Rosa Maria R. da Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMARÃO Seco. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ed. 15841, 4 mar. 1928, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/33133. Acesso em: 7 jun. 2024.

CAMPEÃO de Xadrez. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ed. 15078, 31 jan. 1926, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/24179. Acesso em: 4 jun. 2025.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1964.

CAPÍTULO de um Romance. **A.B.C.: questões sociais, políticas, letras e atualidades**, Rio de Janeiro, ed. 00209, 8 mar. 1919, p. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/3355>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CARDOSO, Zelia de Almeida. A representação da realidade na obra literária. **Língua e Literatura: Revista dos departamentos de letras da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da universidade de São Paulo**. São Paulo, Ano XI, v. 14, p.161-167, 1985. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/113970/111816>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (org.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARTA a Lima Barreto. **Carioca**, Rio de Janeiro, 24 jul. 1954, ed. 00981, p. 46. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830259/61572>. Acesso em: 19 set. 2024.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão, 1998a.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: EdUnB, 1998b.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista das revistas**. Estudos Avançados, 1991.

CHATAIGNIER, G. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

COISAS Lidas. **O Combate: Independência, verdade, justiça**, São Paulo, ed. 01138, n. 1, v. 6, mar. 1919, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830453/1917?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 10 ago. 2024.

COMMENTÁRIOS a Lápis. **A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes**, ed. 00527 (1), 11 abr. 1925, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/8729?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 10 jun. 2024.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Celta, 1999.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. p. 1-56.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DECCA, Edgar Salvadori. Memória e Cidadania. In: SÃO PAULO. **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: Departamento Patrimônio Histórico, 1992. p. 129-136.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: 34, 1999.

DIMAS. (org.). **Vossa insolência: crônicas** / Olavo Bilac. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIRETRIZES: Política, Economia, Cultura. Edição 25. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=163880&pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20S%C3%A1%22&pagfis=1757>. Acesso em: 20 jul. 2024.

DOCUMENTÁRIO. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ed. 08440 (1), 2 nov. 1947, p. 27. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/40804?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 9 jun. 2024.

EDIÇÕES da Revista do Brasil. **D. Quixote**, Rio de Janeiro, ed. 00185 (1), 24 nov. 1920, p. 3. Disponível em: 21 ago. 2024.
<http://memoria.bn.br/DocReader/095648/5354?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>

EM TORNO de Lima Barreto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 08052 (2), 28 jan. 1949, p. 25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43304?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 25 jul. 2024.

FACULDADE de Medicina. **O Filhote**, Rio de Janeiro, ed. 00018, 13 jan. 1910, p. 18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/339709/552>. Acesso em: 08 mai. 2024.

FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de; FERREIRA, Célia Maria. **Lima Barreto, Caminhos da Criação: Recordações do Escrivão Isaias Caminha**. São Paulo: EdUSP, 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18: p. 161-193, n. 50, jan./abr. 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONDAR, Jô. Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, 2006, 9.1: 103-117.

GOULD, Stephen Jay. Introdução. In: GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 3-14.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan Prado. (org.). **Multiclássicos Épicos**. São Paulo: Edusp, 2008.

HISTÓRIAS e Sonhos. **Jornal do Recife**, Pernambuco, ed. 00035 (1), 5 fev. 1921, p.3. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/82039?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 25 mai. 2024.

HOBSBAWM, Eric. **Ecoss da Marselhesa**: Dois Séculos Reveem a Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

HOMENAGEM Póstuma a Lima Barreto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 00165, n. 1, v. 21, nov. 1930, p. 3. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/2547?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 24 mai. 2024.

IMPRESSÕES de Leitura. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ed. 15209, 11 jun. 1926, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/25606. Acesso em: 10 set. 2024.

ISAIAS Caminha. **Correio Paulistano**, São Paulo, ed. 28600 (1), 2 jul. 1949, p. 4. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43059?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 7 ago. 2024.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JORNAL e Jornalismo. **Correio Paulista**, São Paulo, ed. 28136, 24 dez. 1947, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/35768. Acesso em: 5 jul. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: EdUNICAMP, 1990.

LETRAS Brasileiras. **Vida Carioca**, Rio de Janeiro, ed. 0287, 24 jul. 1952, p.10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/156574/6476>. Acesso em: 5 ago. 2024.

LIMA Barreto e Cruz e Souza. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ed. 00064, dez. 1925, p. 93. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/107468/10021>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LIMA Barreto e sua obra. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ed. 00191 (1), 15 maio 1935, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/36406?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 15 jun. 2024.

LIMA Barreto Redivivus. **Letras e Arte**, Rio de Janeiro, ed. 00075 (1), 15 fev. 1948, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/877?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 17 mai. 2024.

LIMA Barreto. **A Noite**, Rio de Janeiro, ed. 03923, 2 nov. 1922, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/7636. Acesso em: 22 set. 2024.

LIMA Barreto. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, ed. 00002 (1), 2 nov. 1931, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/072702/31?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 7 mai. 2024.

LIMA Barreto. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, ed. 00002, 2 nov. 1931, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/072702/31>. Acesso em: 10 set. 2024.

LIMA Barreto. **Correio Paulistano**, São Paulo, ed. 28445 (1), 29 dez. 1948, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40537?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 14 jun. 2024.

LIMA Barreto. **Diário de Pernambuco**, ed. 00029 (1), 8 fev. 1935, p. 14. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/13993?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22. Acesso em: 22 jun. 2024.

LIMA Barreto. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ed. 00008, 10 jan. 1937, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/71915. Acesso em: 5 jun. 2024.

LIMA Barreto. **O Jornal**. Rio de Janeiro, ed. 04691 (1), 27 jan. 1935, p. 18. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/22509?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 24 ago. 2024.

LIMA Barreto: Escritor Esquecido. **A Noite**, Rio de Janeiro, ed. 09118, 1 jul. 1937, p. 2. http://memoria.bn.br/DocReader/348970_03/45277. Acesso em: 10 mai. 2024.

LIMA Barreto: Romancista Do Rio. **Vamos Lêr**, Rio de Janeiro, ed. 0303 (1), 21 maio 1942, p. 20. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/183245/15235?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 15 set. 2024.

LIMA Barreto: Vida E Morte De M. J. Gonzaga De Sá. **A Epocha**, Rio de Janeiro, ed. 0083 (1). 30 abr. 1919, p. 40. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/183890/2190?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 4 jun. 2024.

LIMA, Luiz Costa. (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-104.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LITERATURA sem Coração. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ed. 15778, 1 jan. 1928, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32491. Acesso em: 7 jul. 2024.

LIVROS Novos. **A Cigarra**, São Paulo, ed. 00198 (1), 1922, p. 50. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/5653?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 25 set. 2024.

LIVROS Novos. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 00002. 2 jan. 1918, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/42945. 19 set. 2024.

LIVROS Novos. **Revista Feminina**, Rio de Janeiro, ed. 0061 (1), 1919, p. 17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/212547/830?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 5 jun. 2024.

LIVROS. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, ed. 00039, 23 set. 1916, p. 33. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/25927>. Acesso em: 11 jun. 2024.

LOOPIN the Looping: Isso era antigamente. **Careta**, Rio de Janeiro, ed. 1585, p. 17, 5 nov. 1938. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/65279>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MACHADO, Antonio. **Campos de Castilla**. Madrid: Ponteijos, 1912.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador na Primeira República**. Goiânia: EdUSP, 2002.

MARINS, Gislaíne. O diálogo com a tradição nas perspectivas de Jauss e Bakhtin. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 37, 0º 2, p. 1689-175, junho, 2001.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MARTINS. Wilson. A crítica como ofício. **Jornal do Brasil**. Caderno de Idéias, Rio de Janeiro, 27 ago. 2005.

MEMÓRIAS do Escrivão Isaias Caminha. **O Filhote**, Rio de Janeiro, ed. 00015, 23 dez. 1909, p. 14. Disponível em; <http://memoria.bn.br/DocReader/339709/444>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a chronica. In: CANDIDO, Antônio (et al.). **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 93-133.

MOISÉS, Massad. **A literatura brasileira através dos tetos**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MONTENEGRO, Olívio. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Coisas do reino do jambon**. São Paulo: Brasiliense. 1956.

MORAES, Régis de. **Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Dumara: Copesul: Telos: 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Escala, 2009.

NO AJUSTE de contas. **A.B.C.**: questões sociais, políticas, letras e atualidades. Rio de Janeiro. Edição 00166. 11 de maio de 1918. P. 11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/2512>. Acesso em: 8 jul. 2024.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 19 set. 2023.

NOTA a Margem. **Careta**. Rio de Janeiro, ed. 0088, 5 fev. 1910, p. 17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/2051>. Acesso em: 14 jun. 2024.

NOTAS e Comentários. **Correio Paulistano**, São Paulo, ed. 26778, 27 jun. 1943, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/15251. Acesso em: 14 jun. 2024.

NOTÍCIAS Sobre Lima Barreto. **Autores e Livros**: suplemento literário de A Manhã, Rio de Janeiro, ed. 00013, 13 abr. 1943, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/066559/1297>. Acesso em: 14 jun. 2024.

O “RENDEZ-VOUS” dos Povos Americanos. **A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Lettras e Artes**, Rio de Janeiro, ed. 00414 (1), p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/6575?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 10 jul. 2024.

O BARÃO do Rio Branco visto por Lima Barreto. **Leitura**, Rio de Janeiro, ago. 1945, ed. 00032 (1), p. 42. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3978?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 10 jul. 2024.

O CRIADOR e a Criatura. **Correio Paulistano**, São Paulo, ed. 28447 (1), 31 dez. 1948, p. 4. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40565?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 22 jun. 2024.

O DRAMA do Jornal. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ed. 05152, 5 abr. 1936, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/29502. Acesso em: 22 jun. 2024.

O LIVRO de um Ironista. **Crítica**, Rio de Janeiro, ed. 00124. 13 abr. 1929, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/372382/932>. Acesso em: 24 jun. 2024.

O NOVO Livro de Lima Barreto. **A Noite**. Rio de Janeiro, ed. 02607, 18 mar. 1919, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/14622. Acesso em: 7 ago. 2024.

O NOVO Livro de Lima Barreto. **Gazeta Suburbana**: Semanario Critico, Litterario, Noticioso, dedicado aos interesses da zona suburbana. Rio de Janeiro, ed. 00488, n. 1, abr. 1919. P.2. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/830364/212?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 10 maio 2024.

O NOVO Romance de Lima Barreto. **A Noite**, Rio de Janeiro, ed. 01666, 9 ago. 1916, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/9032. Acesso em: 8 maio 2024. Acesso em: 15 jun. 2024.

O PASQUIM. Edição 207. Rio de Janeiro, 1973. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pesq=%22Lima%20Barreto%22&pagfis=6543>. Acesso em: 20/07/2024.

O QUE DEVEMOS Reler nos Romances Brasileiros. **Letras e Artes**, Rio de Janeiro, ed. 00267 (1), 19 out. 1952, p. 5. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3334?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 16 jun. 2024.

O SIGNIFICADO Social dos Romances de Lima Barreto. **A Manhã**, Rio de Janeiro, ed. 01200, 8 jul. 1945, p. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/27237>. Acesso em: 11 set. 2024.

O SR. LIMA Barreto. **Jornal do Recife**. Pernambuco, ed. 00195, 17 jul. 1911, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/55887>. Acesso em: 22 jul. 2024.

O TRISTE Fim de Lima Barreto. **Boletim de Ariel**. Rio de Janeiro, ed. 00002, nov. 1932, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/072702/103>. 22 jul. 2024.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades**: a contribuição de Serge Moscovici. Rev. bras. Ci. Soc., vol.19, no.55, p.180-186. ISSN 0102-6909, Jun 2004.

OS BRUZUNDANGAS. **A Noite**, Rio de Janeiro, ed. 03951 (1), 30 nov. 1922, p. 7.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/7948?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22.

Acesso em: 14 set. 2024.

OS BRUZUNDANGAS. **Jornal do Recife**, Pernambuco, ed. 00021 (1), 26 jan. 1923, p. 3.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/87113?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso

em: 14 set. 2024.

OS DOIS. **O Paiz**. Rio de Janeiro. Edição 15415-15416. 4 de janeiro de 1927. P. 2.

Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/28338. Acesso em: 14 set. 2024.

OS ENSAIOS Históricos de Macaulay. **Vamos Ler**, Rio de Janeiro, ed. 0202, 13 jun. 1940, p.

13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/183245/9567>. Acesso em: 15 set. 2024.

OS TIPOS Supremos. **Jornal de Theatro & Sport**, Rio de Janeiro, ed. 00298, p. 14.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/338060/5053>. Acesso em: 15 set. 2024.

PANORAMA Literário. **Vamos Lêr**, Rio de Janeiro, ed. 0202, 13 jun. 1940, p. 13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/183245/9567>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PAULA JUNIOR, Josias de. Lima Barreto: crítica literária e marginalidade social. In: 19º Circulação, Tramas & Sentidos Na Literatura, 19., 2019, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABRALIC, 2019. p. 123-136.

PERPENDICULARES. **Vamos Ler**, Rio de Janeiro, ed. 0263 (1), 14 ago. 1941, p. 53.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/183245/12612?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 24 mai. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura.

História e educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set.2003.

PONZIO, Augusto. **A REVOLUÇÃO BAKHTINIANA**: O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo: Contexto, 2008.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFE-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: EdUNESP, 1998.

PRADO, Antônio. Arnoni. **Lima Barreto**: o crítico e a crise. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

PUBLICAÇÕES. **Correio Paulistano**, São Paulo, ed. 28388 (1), 20 out. 1948, p. 14.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/39655?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22.

Acesso em: 16 jun. 2024.

RANGEL, Pollyana Soares. Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX. **Revista Simbiótica**. Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, vol.2, n.1, jun/2015.

RECORDAÇÕES do Escrivão Isaias Caminha. **Floreal**, Rio de Janeiro, ed. 00001, p. 25 out. 1907, p. 23. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164623/24> . Acesso em: 7 mai. 2024.

RECORDAÇÕES do Escrivão Isaias Caminha. **Floreal**, Rio de Janeiro, ed. 00002, 12 nov. 1907, p. 17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164623/59>. Acesso em: 7 mai. 2024.

REGISTRO Literário. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ed. 00309 (1), 27 dez. 1922, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/19177?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22. Acesso em: 3 jun. 2024.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006: p.191-223.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Nina. **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1894.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro**. Rio de Janeiro: Pallas/Educ; São Paulo: Fapesp, 2002, pp.119-167.

SCENAS de Revista. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, ed. 00201 (1), 30 ago. 1925, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/15615?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22. Acesso em: 8 jun. 2024.

SCHWARCZ, Lília. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lília. **Lima Barreto - Triste visionário**. Brasil, Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras – Literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, Qual Romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TELÉGRAFO sem Fio. **Careta**, Rio de Janeiro, ed. 0116, 20 ago. 1910, p. 17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/3107>. Acesso em: 14 jun. 2024.

TEXTOS de Literatura. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ed. 08033, 7 jul. 1946, p. 25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/33904. Acesso em: 14 jun. 2024.

TRADUÇÕES de Literatos. **O Filhote**, Rio de Janeiro, ed. 00019, 20 jan. 1910, p. 14. Disponível em; <http://memoria.bn.br/docreader/339709/576>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TRISTE Fim de Policarpo Quaresma. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ed. 00195, 14 jul. 1916, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/38405. Acesso em: 17 jun. 2024.

UM GRANDE Romancista. **Vida Moderna**, Pernambuco, ed. 0017 (2), 24 maio 1919, p.20. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/402109/384?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 18 jun. 2024.

UM PRÍNCIPE do Humor. **A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes**, Rio de Janeiro, ed. 00414 (1), 10 fev. 1923, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/6574?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 10 jul. 2024.

UM ROMANCE de Lima Barreto. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ed. 08764 (1), 21 nov. 1948, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/46345?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 8 jun. 2024.

UM ROMANCE novo. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, ed. 00018 (1), 8 mar. 1918, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/351130/373?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 20 mai. 2024.

UM ROMANCE que Vae Causar Sucesso. **A Noite**, Rio de Janeiro, ed. 01154, 12 mar. 1915, p. 1. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/5995. Acesso em: 8 mai. 2024.

UM ROMANCE Semi-inédito de Lima Barreto. **Letras e Artes: Suplemento de A Manhã**, Rio de Janeiro, ed. 00103 (1), 24 out. 1948, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/1266?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22>. Acesso em: 10 mai. 2024.

UM SWIFT Brasileiro. **A.B.C.: questões sociais, políticas, letras e atualidades**, Rio de Janeiro, ed. 00106, 17 mar. 1917, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/1367>. Acesso em: 10 mai. 2024.

UMA BIOGRAFIA. **Diário de Natal**, Rio Grande do Norte, ed. 03113 (1), 31 dez. 1952. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/028711_01/38305?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 18 mai. 2024.

VASCONCELLOS, Eliana. **Entre a agulha e a Canela**: a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VIDA e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, ed. 00016 (2), 8 mar. 1918, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/351130/330?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 5 jun. 2024.

VIDA Literária. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. Edição 08052. 23 de janeiro de 1949. P. 26. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43305. Acesso em: 7 jun. 2024.

VIDA Literária. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ed. 01391 (1), 22 jul. 1923, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/13264?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 11 mai. 2024.

VIDA Literária. **Revista as Semana**, Rio de Janeiro, ed. 00016, 16 abr. 1949, p. 14. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/025909_04/27488. Acesso em: 17 mai. 2024.

VIDA Literária: Isaias Caminha. **Correio Paulista**, São Paulo, ed. 28626, 2 ago. 1949, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43462. Acesso em: 19 jul. 2024.

VIDA Literária: Isaias Caminha. **Correio Paulista**, São Paulo, ed. 28641, 19 ago. 1949, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43682. Acesso em: 20 jul. 2024.

WAGNER, Helmut R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais**: Textos escolhidos de Alfred Schutz. In: Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

APÊNDICE A – A Recepção Crítica de Recordações do Escrivão Isaias Caminha na Hemeroteca Digital

Quanto à busca sobre a recepção crítica do romance **Recordações do Escrivão Isaias Caminha** na Hemeroteca digital brasileira, encontramos os seguintes resultados:

Revista Floreal (RJ)	Data: 1907	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/164623/24
Publicação de parte do romance no formato de folhetim.			
Revista Floreal (RJ)	Data: 1907	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/164623/59
Publicação de parte do romance no formato de folhetim.			
A Imprensa (RJ)	Data: 1909	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/245038/8032
<p>Compara o romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha a uma charge, destacando a presença de traços injustos e exagerados. O crítico elogia Lima Barreto como um romancista vigoroso e dotado de ironia cortante, descrevendo a obra como interessante. Apesar de reconhecer imperfeições, o romance é apontado como revelador de um espírito novo e original, sarcástico, por vezes frio e, quase sempre, doloroso e irônico. Essas características, segundo o crítico, posicionam Lima Barreto como um escritor com um futuro promissor na literatura.</p>			
O Filhote (RJ)	Data: 1909	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/339709/444
<p>Traz uma pequena nota que descreve o romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha como forte e nobre, de observação e crítica local e social. Não há aprofundamentos e nem discussões sobre seu enredo.</p>			
O Filhote (RJ)	Data: 1910	Link	http://memoria.bn.br/docreader/339709/552
<p>Na página da publicação tem uma grande foto dos ex-alunos do professor Benjamin Batista no anfiteatro de anatomia. Os alunos, em pé, estão ao redor do professor, que está sentado. No centro, há um cadáver de um homem.</p> <p>Sobre o romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha, traz um pequeno trecho de “uma crônica de opinião” que diz:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Então o nosso grande romancista Isaias Caminha por que não nos aparece? - Anda muito ocupado, está fazendo <i>A Conspiração</i>. <p>Ouvindo esse diálogo na Avenida Central um policial à paisana arrancou a bicicleta em que passava um rápido e cavalgando-a voou para a Rua do Lavradio.</p> <p>Pobre Isaias! Estas no livro de Lima Barreto estás na cadeia.</p>			
O Filhote (RJ)	Data: 1910	Link	http://memoria.bn.br/docreader/339709/576
<p>Escrito no estilo de crônica, um pequeno trecho descreve um grupo de amigos conversando em um café. Um deles, no contexto da publicação do romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha, comparou Lima Barreto a Remy de Gourmont. Em seguida, descreve-se que: “Foi quando bastou para que a roda inteira abafasse a voz do comparador com uma gritaria encantadora em que surgiam os nomes de inimigos da alma e outros que por si só despertam insinuações terríveis”.</p>			
Jornal A Noite (RJ)	Data: 1915	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/5995
<p>O jornal convida Lima Barreto para escrever um romance que retrataria os escândalos do Governo Hermes. A reportagem faz a propaganda do futuro lançamento da nova obra de Lima Barreto: Numa e a Ninfa. Descreve Lima Barreto como o festejável autor de Recordações do Escrivão Isaias Caminha. Segue retratando-o como um despreocupado pelo sucesso na vida, com hábitos boêmios e um excelente observador. Classifica sua narrativa como sendo de uma ironia causticante. Faz uma alusão de como será o estilo da narrativa do novo romance, pois sua linguagem é “sóbria e castigada”. O jornal conclui que o novo livro será um sucesso porque trará “uma charge indelevelmente aos homens políticos do momento”.</p>			

Jornal A Noite (RJ)	Data: 1916	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/9032
<p>Trata-se de uma recepção crítica ao romance Triste Fim de Policarpo Quaresma. A reportagem constrói uma analogia ao dizer que a obra se parece com o escritor assim como o filho se parece com o pai. Descreve a narrativa de Lima Barreto como sendo despreocupada, calma, natural e cheia de boemia. Descreve a supracitada obra como sendo “farta de perfeita realidade” e que os personagens são pessoas comuns, “dessas que acotovelamos a todo instante nas ruas”. A reportagem segue fazendo uma comparação entre Machado de Assis e Lima Barreto ao dizer que o primeiro “era essencialmente um filósofo disfarçado de humorista” e o segundo como “um satírico sem mentiras, cujo a ironia consiste não em criar ridículos, mas em pôr em relevo e a mostra os ridículos que já existiam, embora passassem despercebidos”. No último parágrafo refere-se a Lima Barreto como o admirável escritor de Recordações do Escrivão Isaias Caminha.</p>			
Jornal A Noite (RJ)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/14622
<p>A publicação fala sobre a nova obra de Lima Barreto, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, publicada na Revista do Brasil de São Paulo. Diz que Lima Barreto é um observador irônico do meio em vive e o elogia como escritor. O artigo termina associando Lima Barreto como o autor das Recordações do Escrivão Isaias Caminha.</p>			
Revista A.B.C. (RJ)	Data: 1917	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830267/1367
<p>Trata-se de uma recepção crítica do romance Numa e Ninfa. Contudo, o crítico começa a introdução do artigo referindo-se a Lima como o consagrado autor de Isaias e descrevendo seu estilo como repleto de humor e de observações amargas e irônicas. O compara ao irlandês Swift ao dizer que se “trata da mesma sátira, mesma revolta disfarçando-se, amargurada, nas dobras de um sarcasmo contundente, é a mesma predileção descontente e altiva para olhar na vida o que está de disforme, de cómico, de mau”. O crítico conclui dizendo que as semelhanças entre os supracitados escritores só não são mais completas por conta das desordens da boemia de Lima Barreto.</p>			
Revista A.B.C. (RJ)	Data: 1917	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830267/1854
<p>O artigo discute uma disputa pela vaga de Souza Bandeira na Academia Brasileira de Letras. Após descrever e elogiar alguns concorrentes, o autor menciona Lima Barreto dizendo que o escritor de Isaias Caminha se apresentou como concorrente à imortalidade, mas não sabe se por pessimismo ou deboche, já que o escritor boêmio parece ter previsto uma derrota iminente.</p>			
Revista A.B.C. (RJ)	Data: 1918	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830267/2512
<p>Retrata Lima Barreto como romancista notável de Isaias e Policarpo. O descreve como alma de boêmio que fotografa a vida urbana em suas páginas salpicadas de ironia.</p>			
Revista A.B.C. (RJ)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830267/3355
<p>Fala da publicação do romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. Diz que ele confirma as fulgurantes tradições literárias iniciadas nas Recordações do Escrivão Isaias Caminha. Mesmo talento de observação, mesma maneira de caricatura psicológica dos homens e coisas, mesma amargura com sarcasmo, ironia e humor ferino. Conclui dizendo que Lima Barreto é um escritor brilhante, apesar dos seus desregramentos. Por fim, traz um capítulo do M. J. Gonzaga de Sá.</p>			
Careta (RJ)	Data: 1910	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/083712/2051
<p>O texto aborda a questão da indiscrição de Lima Barreto ao “fotografar” algumas figuras de jornalistas em sua obra Isaias Caminha. Ao retratar pessoas reais para criar personagens fictícios, o autor teria comprometido a arte. O artigo, por sua vez, argumenta que o escritor tem a liberdade de buscar inspiração para a sua criação artística.</p>			
Careta (RJ)	Data: 1910	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/083712/3107
<p>O artigo fala do sucesso de vendas do romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha.</p>			

Careta (RJ)	Data: 1910	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/083712/3345
O texto fala do livro de Lima (Recordações do Escrivão Isaias Caminha) que causou grande sucesso e um grande escândalo por estudar o meio jornalístico e caricaturar alguns indivíduos. Completa dizendo: “ninguém procurou verificar onde começa a ficção e acaba a realidade. O jornal que Lima Barreto tomou para modelo não deu uma nota sobre a obra nem se manifestaram sobre ela os jornais caricaturados”.			
Careta (RJ)	Data: 1938	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/083712/65279
Em uma reportagem que faz uma crítica à Imprensa Nacional, cita o Isaias Caminha como “tendo a força de um depoimento”.			
Jornal Gazeta de Notícias (RJ)	Data: 1916	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/38405
Trata-se de uma recepção sobre Policarpo Quaresma. O jornalista, antes de falar de Policarpo, faz uma referência ao romance recordações de Isaias Caminha: “mas, mesmo com as suas imperfeições, com seus traços sobrecarregados, elas revelam um novo e original espírito, sarcástico, frio as vezes, outras doloroso, irônico quase sempre, um escritor que pode ser brilhante na nossa literatura”.			
Jornal Gazeta de Notícias (RJ)	Data: 1918	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/42945
O texto diz que o romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha é comparável a um “estudo cheio de verdades e observações cruas e flagrantes da vida jornalística”. No entanto, apesar disso, não alcançou o mesmo sucesso de Triste Fim de Policarpo Quaresma . Isaias é visto como uma espécie de autobiografia, que revela a indiscrição de Lima Barreto ao “fotografar” algumas figuras de jornalistas na obra Isaias Caminha.			
Revista das Revistas (RJ)	Data: 1917	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/142247/67
Trata-se de uma nota sobre o lançamento da segunda edição de Isaias. Nessa edição, consta que “nesse livro há um flagrante de descrições, traços de sofrimentos, a expressão real e vívida de toda uma vida de torturas, desenrolada em uma sociedade artificial e mentirosa”.			
O Paiz (RJ)	Data: 1910	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/394
Em uma pequena nota, antes de criticar uma brochura de Elysio de Carvalho intitulada de Five ó clock, o crítico fala sobre Lima dizendo que “a literatura de escândalo, isto é, a crítica pessoal e direta está irrompendo o nosso meio com alguma violência”. Continua afirmando que Lima Barreto, na obra Recordações do Escrivão Isaias Caminha , “exagera as deformidades, os defeitos, os senões, e exercendo sobre eles, com um prazer satânico uma espécie de vingança de rebelado”.			
Fon Fon (RJ)	Data: 1916	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/259063/25927
Trata-se de uma recepção crítica de Policarpo Quaresma, mas há uma menção a Isaias, descrevendo-o como escândalo literário. Diz-se que “Isaias era um ferro em brasa, e o público, habituado a não ver a verdade em trajes menores, ficou um momento espantado e confuso”.			
Jornal do Recife (PE)	Data: 1911	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/705110/55887
Em uma coluna, o jornalista faz um resumo da história do romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha . O texto se encerra dizendo que a intenção de Lima Barreto era corrigir os erros do jornalismo.			
O Paiz (RJ)	Data: 1926	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/24179

Em um extenso artigo intitulado Campeão de Xadrez , o autor faz referência a Lima Barreto como uma forma de endossar sua crítica ao mundo jornalístico. Ele compara o autor a um “verdadeiro Balzac suburbano”, ressaltando sua obra dolorosa: Recordações do Escrivão Isaias Caminha . O autor destaca a habilidade de Lima Barreto em buscar inspiração nos aspectos prosaicos e anônimos dos arrabaldes distantes para criar seus livros.			
O Paiz (RJ)	Data: 1926	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/25606
Endossando a crítica ao jornalismo, o texto faz uma breve referência ao romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha , dizendo que “em cada uma das suas páginas vêm traçados [...] os perfis dos homens do fígado podre”.			
O Paiz (RJ)	Data: 1927	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/28338
Em um artigo falando sobre a necessária moralização da imprensa, cita-se o livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha , descrevendo-o como uma história caricaturada.			
O Paiz (RJ)	Data: 1928	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32491
Usa o livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha como referência para embasar uma crítica ao jornalismo.			
O Paiz (RJ)	Data: 1928	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/33133
O artigo faz referência ao romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha para criticar o senhor Edmundo Bittencurt, dizendo que: “Nas Recordações do escrivão Isaias Caminha há capítulos sensacionais sobre a vida rocambolesca do Dr. Edmundo Bittencurt”. Ele era diretor do Correio da Manhã e, no livro de Lima Barreto em questão, ele seria o personagem Leborant.			
O Jornal (RJ)	Data: 1922	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/10874
O texto fala da morte de Lima Barreto, dizendo, dentre outras informações, que ele deixou em Recordações do Escrivão Isaias Caminha “os dados do seu problema pessoal, que coincide com o de tantos outros”.			
O Jornal (RJ)	Data: 1923	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/13264
Em uma homenagem a Lima Barreto, o texto descreve que o romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha é um “livro que encerra algo de autobiográfico, livro confissão, livro que tanto entusiasmou o pouco entusiasmável José Veríssimo”. A reportagem segue descrevendo o enredo do livro.			
A Noite (RJ)	Data: 1922	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/7636
Em uma nota sobre o falecimento de Lima Barreto, ressalta que o romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha é uma crítica ao jornalismo.			
Ilustração Brasileira (FRA)	Data: 1925	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/107468/10021
Em uma extensa reportagem intitulada Lima Barreto e Cruz e Souza , o texto estabelece um paralelo comparativo entre esses dois autores. Nesse contexto, é feita a seguinte observação: “Eu considero as ‘Recordações do Escrivão Isaias Caminha’ como um dos romances mais equilibrados em termos de sátira e crítica na literatura brasileira”.			
A Manhã (RJ)	Data: 1945	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/116408/27237
O texto descreve que “quase toda obra de Lima Barreto é confissão” e que “o Isaias Caminha não escrevia as suas recordações com um fim puramente literário: é a sua utilidade prática que			

almejo, confessa”.			
Jornal de Theatro & Sport (RJ)	Data: 1920	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/338060/5053
O texto diz que “Lima Barreto nos mostrou, nas páginas do Isaias Caminha, escrevendo infinitos panegíricos a si mesmo nos jornais amigos acarinhando a própria vaidade com sonoros vocábulos de uma ternura ditirâmbica. O povo, com sua finura irônica, muito mais inteligente do que o julgam os maus observadores não toma a sério esse homem biblioteca e a propósito do burlesco ‘paredro’ cobriu de um ridículo imortal, metendo-lhe fundo a avergoada do seu látego”.			
Crítica (RJ)	Data: 1929	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/372382/932
Em um artigo de críticas literárias, que discute sobre diferentes obras, o colunista escreve que: “Em Recordações do escrivão Isaias Caminha o desventurado Lima Barreto estilizou, em páginas magníficas de emoção e colorido, o nosso meio jornalístico”.			
A Exposição de 1922: Órgão da Comissão Organizadora (RJ)	Data: 1922	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/800899/345
Em uma nota de obituário, o colunista escreve o seguinte sobre o livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha : “Obra de um pensador e de um psicólogo, as Recordações colocaram desde logo o seu autor no primeiro plano dos escritores do seu tempo, não pelo primor do seu estilo, que é na verdade imperfeito, falho, descuidado, mas pelo que fixava do flagrante palpitante da nossa vida, dos nossos hábitos, do nosso modo de agir e pensar”.			
A Noite (RJ)	Data: 1937	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/348970_03/45277
Com o título Lima Barreto, escritor esquecido , o texto fala que quase todas as obras aparecem em edições miseráveis, lançadas por livreiros de segunda ordem. Descreve, ainda, que: “o trabalho gráfico de Memórias do Escrivão Isaias Caminha é péssimo”.			
O Jornal (RJ)	Data: 1936	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/29502
O texto diz que: “Lima Barreto, em Memórias do Escrivão Isaias Caminha, sob a máscara do humor, deixou gravada em páginas fortes, muito da vida interna de um jornal, misto de comédia, de drama e de tragédia de alma”.			
O Cruzeiro: Revista (RJ)	Data: 1945	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/44763
O texto relata que Lima Barreto foi considerado o escritor mais infeliz de sua época devido à sua condição de negro e retinto, em um período em que o preconceito racial era ainda mais intenso do que atualmente (data da publicação da reportagem). Ele atraiu hostilidades por parte dos escritores e jornalistas proeminentes de sua época, retratando-os em suas obras por meio de personagens envolventes e mais ou menos transparentes, especialmente na obra Recordações do Escrivão Isaias Caminha . Além disso, menciona-se que seus livros esgotados não eram reeditados e que havia rumores de que o Estado Novo planejava incendiar a reimpressão de Os Bruzundangas .			
Jornal do Comercio (RJ)	Data: 1935	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/36406
Tendo por título Lima Barreto e sua obra , o texto descreve que “nas Recordações do Escrivão Isaias Caminha, onde Caminha é talvez o próprio Lima Barreto, ele nos fala dos seus desejos, da sua inteligência sequiosa e sonhadora, a princípio, e nos conta a amargura que veio depois com os seus insucessos e a indiferença do meio”.			
Jornal do Brasil (RJ)	Data: 1936	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/61876
Sob o título A chave do Isaias , o texto tem como objetivo desenvolver a identidade das figuras			

da vida real que foram retratadas por meio dos personagens no romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha . A intenção é revelar as correspondências entre a ficção e a realidade, buscando identificar as inspirações reais por trás dessas representações literárias.			
Jornal do Brasil (RJ)	Data: 1937	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/71915
O texto diz que Lima Barreto “deixou em Isaias Caminha os dados do seu problema pessoal, que coincide com o de tantos outros e explica a repercussão, pouco comum, de sua obra”. Dando continuidade, segue definindo o enredo da obra como uma crítica à imprensa.			
Boletim de Ariel (RJ)	Data: 1931	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/072702/31
Em um artigo que fala sobre a vida e a obra de Lima Barreto, aponta que Recordações do Escrivão Isaias Caminha traz os bastidores da imprensa.			
Boletim de Ariel (RJ)	Data: 1932	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/072702/103
Com o título O triste fim de Lima Barreto , a reportagem aborda a vida e a obra do autor. Em relação ao livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha , descreve-o como uma representação vívida e exagerada da vida em um jornal carioca, sendo, muitas vezes, costurada de forma desordenada.			
Dom Casmurro (RJ)	Data: 1943	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/095605/2630
O texto fala do sucesso de vendas da nova edição de Recordações do Escrivão Isaias Caminha e segue dizendo que “embora desaparecido há muito tempo, Lima Barreto continua a ser o mais recente e o mais atual dos romancistas cariocas”.			
Vamos Lêr! (RJ)	Data: 1940	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/183245/9567
O texto descreve o livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha como uma caricatura incisiva do ambiente jornalístico, retratando de forma precisa as cenas e as figuras encontradas nas redações e nas entrevistas. No entanto, quanto à crítica em torno de sua primeira obra, Lima Barreto viu se levantar um silêncio decepcionante e perverso, sendo mencionado apenas por alguns jornalistas que dirigiram elogios e críticas pertinentes.			
O Jornal (RJ)	Data: 1946	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/33904
Na reportagem sobre a peça de teatro Imperador Jones , o crítico aborda o tema do racismo no Brasil e menciona o nome de Lima Barreto como sendo uma voz contra o racismo na literatura brasileira. Ele faz referência à amargura de Lima Barreto ao retratar Isaias Caminha vinculado a um destino inevitável por ser mulato.			
Autores e Livros: suplemento literário de A Manhã (RJ)	Data: 1943	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/066559/1297
O texto fala que o sucesso do livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha se deve principalmente ao fato de ser um romance à clave, o que gerou críticas e censuras por parte dos especialistas. Além disso, a felicidade do livro parece ter sido em parte resultado do acaso. Ressalta ainda que Recordações do Escrivão Isaias Caminha criou várias discussões no meio jornalístico, em que várias figuras foram retratadas de forma satírica.			
Diário de Notícias (RJ)	Data: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43305
O texto faz algumas ilações entre Lima Barreto e Machado de Assis. Segue colocando Lima como um denunciador do racismo e cita um trecho do romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha , no qual o personagem Isaias percebe sobre si a ação do racismo por ser tratado de forma diferente por conta da cor de sua pele, enfatizando a cena ao dizer que “há nessa humilhação, sem dúvidas, o eco de muitas outras que o romancista padeceu pessoalmente.”			
Diário de Notícias (RJ)	Data: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/44274

Ao ser convidado a escrever o prefácio de uma nova edição de <i>Isaias</i> , o escritor define o livro como sendo uma sátira à imprensa da época. Em sequência, descreve um pouco do enredo do livro.			
Correio Paulistano (SP)	Data: 1943	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/15251
O texto fala da reedição do livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha e diz que o primeiro romance de Lima Barreto pôs em foco um conceito sobre o jornal que “nos parece excessivamente amplo, exageradamente generalizador e uniformizador”.			
Correio Paulistano (SP)	Data: 1947	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/35768
O texto faz uma crítica a Lima Barreto ao dizer que “o jornal, que vive a procura de assuntos, é, sob o ponto de vista literário, um dos mais belos assuntos de nossa terra. Um assunto que precisa ser tratado com lealdade, sem o excessivo pessimismo de Lima Barreto em <i>Isaias Caminha</i> .”			
Correio Paulistano (SP)	Data: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43462
O texto segue construindo contrapontos associativos entre Lima Barreto e seu personagem <i>Isaias</i> . Nesse sentido, descreve: “que importa no romance é o seu conteúdo. Não se trata de uma vingança de Lima Barreto e sim de uma obra autobiográfica com elementos de ficção”. <i>Isaias</i> “compreenderá que a condição de cor lhe fechará todas as oportunidades”.			
Correio Paulistano (SP)	Data: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43682
O texto aponta semelhanças e diferenças entre Machado de Assis e Lima Barreto. Descreve Lima Barreto como tendo uma posição combativa contra o racismo. Segue dizendo que a “posição que ele fundamentou, entretanto, não apenas em um plano polêmico, de combate puro, de crítica áspera, mas num amplo plano de análise, situando precisamente os diversos aspectos sob os quais encarava o problema da desigualdade de oportunidades de que o romance em que era personagem <i>Isaias Caminha</i> constituía um documento precisos”.			
Vamos Lêr! (RJ)	Data: 1940	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/183245/9567
O texto fala sobre Lima Barreto e destaca que o livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha foi uma caricatura incisiva do meio jornalístico. A obra trouxe à tona críticas e representações satíricas do ambiente jornalístico da época. No entanto, em torno da recepção crítica desse livro, ocorreu um silêncio decepcionante, pois poucos se manifestaram a respeito.			
Revista da Semana (RJ)	Data: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/025909_04/27488
Com o título Círculo literário brasileiro , o texto descreve que essa associação de homens de letras elegeu Recordações do Escrivão Isaias Caminha “como obra das mais interessantes e admiradas dentre a bagagem literária do ficcionista carioca”. Em seguida é ressaltado que a referida obra traça uma crítica ao jornalismo e a política de sua época.			
Diário de Pernambuco (PE)	Data: 1946	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/22332
Falando sobre Lima Barreto, o texto define o romance Recordações do Escrivão Isaias Caminha como sendo a sua melhor autobiografia.			
Carioca (RJ)	Data: 1954	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830259/61572
Trata-se de uma carta de José Veríssimo sobre o livro Recordações do Escrivão Isaias Caminha , que diz o seguinte: “tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real. [...] tem um excessivo personalismo. A sua amargura, legítima, sincera, respeitável como todo nobre			

sentimento ressumbra demais no seu livro tendo-lhe faltado a arte de a esconder quanto talvez a arte o exija”.

Vida Carioca (RJ)	Data: 1952	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/156574/6476
-------------------	------------	------	---

O texto faz uma comparação entre Lima Barreto e Machado de Assis, dizendo que o primeiro teve uma “atitude agressiva ao proclamar seu negrismo, com que pretendia iniciar uma nova escola literária”. Descreve Lima Barreto como um “mulato bêbado” que tem “tudo às avessas de Machado de Assis, embora ambos tivessem o seu complexo de cor: um falando demais, o outro, de menos”.

APÊNDICE B – A Recepção Crítica de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá na Hemeroteca Digital

Quanto à busca sobre a recepção crítica do romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** na Hemeroteca Digital brasileira, encontramos os seguintes resultados:

Revista Contemporânea (RJ)	Data: 1918	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/351130/330?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
A revista anuncia que seu colaborador, Lima Barreto, acaba de publicar Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá um romance que terá destaque na literatura brasileira como já fez Recordações do escrivão Isaias Caminha e Triste Fim de Policarpo Quaresma . Na mesma edição da revista, publica um capítulo do supracitado lançamento.			
Revista Contemporânea (RJ)	Data: 1918	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/351130/373?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Na reportagem com o título Um romance novo , o colunista descreve o romance de Lima Barreto, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , como sendo de uma “originalidade do estilo agradável fluente cheio de uma graça toda feita de sinceridade boemia que ele vem do fundo da alma, sem o mínimo artifício.”			
A Epocha (RJ)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/183890/2190?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
O colunista descreve o romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá como sendo ótimo, mas que marca uma depressão em comparação aos seus romances já celebrizados.			
Vida Moderna (PE)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/402109/384?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Tendo como título Um grande romancista , a reportagem descreve que o livro Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá foi escrito por meio de um processo organizado e pessoal, sem se cingir ao fazer desse ou daquele pretense mestre da nossa língua. Nessa direção, o colunista descreve Lima Barreto como um escritor que inaugura um novo estilo que não segue escolas.			
A Cigarra (SP)	Data: 1922	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/003085/5653?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Ao fazer uma recepção crítica do romance De que morreu João Feital , escrito por Lucilo Varejão, o colunista realiza um curto paralelo com o romance de Lima Barreto em pauta, dizendo que “não lhe aconteça como ao pranteado Lima Barreto, cuja melhor obra é a menos cobiçada em razão do nome – Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá”.			
Revista Feminina (RJ)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/212547/830?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma pequena nota, o colunista descreve o romance de Lima Barreto, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , como interessantíssimo, definindo-o “como uma linda fantasia que serve de pretexto para o autor externar suas impressões pessoais sobre os homens e as coisas”.			
Gil-Blas: Pamphleto de Combate (RJ)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/224561/145?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Elogiando autor e obra, o colunista escreve que “os nossos homens, costumes e as outras coisas instituições são em Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá aparecidos e julgados com			

justeza e agudeza”.			
Gazeta Suburbana: Semanao Crítico, Litterario, Noticioso, Dedicado aos interesses da zona suburbana (RJ)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830364/212?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
O colunista descreve o romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá como sendo a melhor obra de Lima Barreto. Isso porque esse romance, segundo o colunista, tem a forma mais cuidada, com a linguagem mais pura e o estilo menos empolado e obscuro.			
O Combate: Independencia, Verdade, Justiça (SP)	Data: 1919	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830453/1917?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma resenha sobre o romance de Lima Barreto, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , o colunista diz que o estilo com que o escritor criou sua obra é agradável, em sua maior parte. Descreve-a como sendo um romance com que se lê com bastante prazer, embora a qualidade do papel tenha deixado a desejar.			
O Jornal (RJ)	Data: 1923	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/13264?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
A coluna começa enaltecendo Lima Barreto ao dizer que ele é “o maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas”. Em seguida, relata um pouco da biografia do escritor. Por fim, se propõe a examinar mais detidamente os seus romances e começa dizendo que: “não insistamos nas fraquezas de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, romance cheio de homens abstrações e de paisagens metafísicas”. O colunista segue falando especialmente sobre os romances Recordações do Escrivão Isaias Caminha e Triste Fim de Policarpo Quaresma .			
D. Quixote (RJ)	Data: 1920	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/095648/5354?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma pequena nota que anuncia a venda de livros, aparece a seguinte descrição: “Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, romance de tipos e costumes cariocas”.			
Jornal do Recife (PE)	Data: 1921	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/705110/82039?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma coluna dedicada a falar sobre Lima Barreto, é colocado que, em Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , o escritor assumiu as proporções extraordinárias de um privilegiado.			
A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes (RJ) -	Data: 1923	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830267/6575?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Construindo um paralelo entre Lima Barreto e Machado de Assis, este é colocado como um autor de abstrações contínuas, tendo a natureza e paisagem ficado de fora de sua atenção enquanto aquele pinta pequenas telas que dão vida a sua obra. Para exemplificar seu argumento, o colunista descreve um trecho do romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá em que Barreto diz que: “para se compreender bem um homem não se procure saber como oficialmente viveu. É saber como ele morreu, com ele tece o doce prazer de abraçar a morte e como ela o abraçou”.			
Jornal do Commercio (RJ)	Data: 1935	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/36406?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22

			%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Na reportagem intitulada Lima Barreto e sua obra , o colunista descreve as impressões sobre os principais romances de Barreto. A respeito de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , o colunista aponta que: “acha nele límpida fragrância de felicidade e profundeza”.			
Diário de Notícias (RJ)	Data: 1930	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/2547?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma homenagem póstuma, o colunista apresenta Lima Barreto como “o melhor intérprete dos costumes cariocas”. Citando alguns dos romances do homenageado, incluindo Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , descreve como características primordiais a “dor, sentimento e um humor frio e cortante”.			
O Jornal (RJ)	Data: 1935	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/22509?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma coluna destinada a falar sobre Lima Barreto, há um pequeno parágrafo que descreve o seu romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá como sendo “de um aforista que bastante houvesse lido os moralistas franceses”.			
Euclides (RJ)	Data: 1939	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/847208/74?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma reportagem intitulada A vagabundagem lírica de Lima Barreto , o colunista descreve o romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá como “uma obra mais reveladora sobre a psicologia carioca”. Declara que o personagem protagonista da história defende tudo que é genuinamente carioca, sendo tudo que reflete a pobreza, a humildade, o abandono à natureza, o desprezo ao preconceito e o horror à hierarquia. O Rio de Janeiro estava nos subúrbios e nos morros, nas velhas ruas que não mudaram desde o Império.			
Vamos Lêr! (RJ)	Data: 1941	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/183245/12612?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Trata-se de uma reportagem sobre o matemático coronel Manoel Peixoto Cursino do Amarante. Ao final, cita-se o romance de Lima Barreto, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , no qual se diz: “é que o Rio de Janeiro não foi edificado segundo o estabelecido na teoria das perpendiculares e oblíquas”. Em seguida, o colunista destaca que “eis aí uma conclusão inaceitável para o matemático. Fora da teoria das perpendiculares e oblíquos nada é possível construir”.			
Diário de Notícias (RJ)	Data: 1946	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/29785?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
A reportagem começa dizendo que o romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá é o que mais problemas oferece para a história e a literatura. Descreve-o como um romance sem enredo e cujo título é enganoso, pois o livro diz muito pouco acerca da vida e da morte do personagem Gonzaga. Segundo o colunista, o referido romance inicia-se como uma sátira à burocracia nacional. Em suas páginas, o autor transparece a raiva que as injustiças sociais, o preconceito racial e a limitação do ambiente lhe provocam e isso “prejudica-lhe a serenidade artística, embora produzindo páginas de cadente e generosa humanidade”.			
Diário de Notícias (RJ)	Data: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43426?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma reportagem falando sobre Lima Barreto, o colunista aponta que o romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá possui numerosas alusões e indicações de natureza			

autobiográficas encontradas em cada passo da narrativa. A reportagem segue dizendo que Lima Barreto coloca muito dos seus traços em seus personagens.			
O Jornal (RJ)	Data: 1947	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/40804?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
O jornal traz algumas correspondências entre Lima Barreto e Monteiro Lobato, tratando, dentre outros assuntos, sobre o romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá . Lobato relata que o livro tem pouca saída e aponta o título como uma das causas. Segundo ele, “o título não é psicologicamente comercial”. Lobato continua: Vida e Morte de Gonzaga de Sá foi um fracasso editorial. Apesar de toda escrita favorável, sua venda foi nula”.			
Autores e Livros: suplemento literário de A Manhã (RJ)	Data: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/066559/2632?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma reportagem falando sobre a vida e obra de Lima Barreto, o colunista descreve o romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá como sendo um romance filosófico, de tom íntimo e introspectivo.			
Leitura (RJ)	Data: 1945	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3978?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
A reportagem traz um trecho do romance Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , no qual um dos personagens, Juca Paranhos, representaria o Barão do Rio Branco. Em suma, o trecho descreve que o personagem faz do Rio de Janeiro sua chácara, julgando-se acima das leis.			
Letras e Artes: Suplemento de A Manhã (RJ)	Data: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/114774/877?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma extensa reportagem sobre Lima Barreto, o colunista descreve que Triste Fim de Policarpo Quaresma e Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá são os dois maiores romances cariocas e das poucas obras de valor universal que a literatura brasileira possui.			
Letras e Artes: Suplemento de A Manhã (RJ)	Data: 1952	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3334?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma reportagem com o título O que devemos reler nos romances brasileiros , o colunista cita Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá como não sendo propriamente um romance, estando mais para um conto filosófico. Trata-se, pois, de “dissertações de um dos heróis sobre o que poderíamos chamar a psicologia urbana do Rio de Janeiro”.			
A Manhã (RJ)	Data: 1951	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/116408/52647?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22
Em uma reportagem falando sobre a cidade do Rio de Janeiro, o colunista faz referência ao romance de Lima Barreto, Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá , para endossar suas argumentações. No texto, descreve-se que: “já a mais de trinta anos, na Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, Lima Barreto falava dessa fatalidade urbana da nossa capital reduzida a ser menos uma cidade do que uma sucessão de pequenas cidades”. O teor da reportagem dá um maior destaque para os desafios impostos pela topografia para a consolidação da urbanização do Rio de Janeiro.			

APÊNDICE C – A Recepção Crítica de Os Bruzundangas na Hemeroteca Digital

Quanto à busca sobre a recepção crítica do romance **Os Bruzundangas** na **Hemeroteca Digital brasileira**, encontramos os seguintes resultados:

Diário de Pernambuco (PE)	Data: 1925	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/15615?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
A reportagem afirma que o país de Os Bruzundangas foi descrito “por um mulato malcriado chamado Lima Barreto”. Em suma, tratar-se-ia de um país essencialmente agrícola e que vivia a mendigar imigrantes.			
Jornal do Brasil (RJ)	Data: 1922	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/19177?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
A reportagem descreve o romance Os Bruzundangas como uma promessa de excelência que não vingou, pois, seu autor, Lima Barreto, autor talentoso de Triste Fim de Policarpo Quaresma , descurou da fórmula até o mais completo desleixo, fazendo com que toda a sua obra posterior ao Policarpo ficasse muito inferior a ela. Contudo, consta-se que há em algumas de suas páginas críticas interessantes, mordazes e oportunas.			
A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes (RJ)	Data: 1923	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830267/6574?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
Em uma reportagem falando sobre Lima Barreto, um parágrafo descreve o seu romance Os Bruzundangas como sendo uma forma que o autor encontrou para caricaturar o Brasil, seus habitantes e costumes.			
A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes (RJ)	Data: 1925	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/830267/8729?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
A reportagem aborda a temática central do romance Os Bruzundangas , discutindo, dentre outros elementos, como os ditos doutores desse país parecem pertencer a uma casta de nobres.			
A Noite (RJ)	Data: 1922	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/7948?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
A nota de apresentação do romance o descreve como “uma crítica severa e mordaz da sociedade em geral e da administração pública. Uma obra de fino humor e destinada ao sucesso”.			
Jornal do Recife (PE)	Data: 1923	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/705110/87113?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
Trata-se de uma pequena nota na qual se faz uma propaganda de venda do romance Os Bruzundangas . Nela, o romance é descrito como “uma crítica aos homens e fatos da atualidade”.			
O Cruzeiro: Revista (RJ)	Data: 1945	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/003581/44763?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
Trata-se de uma reportagem sobre Lima Barreto que, nas primeiras palavras, o descreve como “o mais infeliz dos nossos escritores”. Descreve-se que seus livros, quando esgotados, não eram reeditados. Além disso, afirma-se que quando uma empresa em São Paulo tentar reeditar algumas de suas obras em uma versão de livro de bolso, não obterá o êxito esperado, não indo além do terceiro volume. Escrevendo como forma de rumores, acrescenta que o Estado Novo mandaria incinerar a reedição de Os Bruzundangas .			
Diario de Pernambuco	Data: 1935	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/1

(PE)			3993?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
Trata-se de uma reportagem sobre Lima Barreto que coloca Os Bruzundangas como um livro que marca um período em que “o talento de ficcionista já se achava de todo esfrangalhado”.			
Boletim de Ariel (RJ)	Data: 1931	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/072702/31?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
Trata-se de uma reportagem sobre Lima Barreto que descreve que: “Bruzundangas marca o declínio do autor e do estilo e o estilo ali já se lhe vai enchendo de deformações”.			
Vamos Lêr! (RJ)	Data: 1942	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/183245/15235?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22
Em uma reportagem sobre Lima Barreto, o colunista se refere ao romance Os Bruzundangas como “um livro que quase nenhum valor tem, diante dos seus anteriores, mas em absoluto marca a sua decadência”.			

APÊNDICE D – A Recepção Crítica de Clara dos Anjos na Hemeroteca Digital

Quanto à busca sobre a recepção crítica do romance **Clara dos Anjos** na **Hemeroteca Digital brasileira**, encontramos os seguintes resultados:

Correio Paulistano (SP)	Ano: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/39655?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
A reportagem fala sobre o romance Clara dos Anjos como uma obra de amor, representando, assim, um contraste no conjunto da obra do autor Lima Barreto. Narra-se que Lucia Miguel Pereira, uma mulher que leu o referido romance antes da publicação, ainda datilografado, descreve-o como “uma leitura indispensável para o conhecimento completo da personalidade e da obra do singular romancista”.			
Correio Paulistano (SP)	Ano: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40537?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
Em uma reportagem falando sobre a vida e obra de Lima Barreto, o romance Clara dos Anjos é descrito como cheio de material autobiográfico, trazendo seus ressentimentos, suas mágoas, seus problemas e o modo como encarava a sociedade do seu tempo. No romance, aparece como relevo singular o problema da cor.			
Correio Paulistano (SP)	Ano: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40565?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
Trata-se de uma reportagem sobre o romance Clara dos Anjos , dizendo que seus personagens são vívidos e nítidos. A reportagem segue fazendo uma análise da vida e obra de Lima Barreto e conclui dizendo que “seus heróis, quando não são mulatos, são funcionários públicos de inferior categoria, vendeiros, desclassificados, rábulas, gente, em sua, cujo a especialização é dada pela vida e não pela escola”.			
Correio Paulistano (SP)	Ano: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40605?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
A reportagem diz que Lima Barreto, nas páginas de Clara dos Anjos , descreve o subúrbio do Rio de Janeiro como “uma longa faixa de terra que se alonga, [...] tendo como eixo a linha férrea da central”. De fato, a reportagem aponta que a descrição do subúrbio é um assunto do interesse de Lima Barreto e que esse subúrbio ganha vida em seu romance.			
Correio Paulistano (SP)	Ano: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43059?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
O texto fala da longa trajetória que envolveu a criação do romance Clara dos Anjos . Pontua-se que, em um esforço contínuo, Lima Barreto buscou aperfeiçoar sua referida obra, mas esse esforço “foi sendo minado na proporção em que seus males físicos progrediam, de tal sorte que, traído pela própria personalidade, o atraso na publicação de Clara dos Anjos acabou por causar o aparecimento de um livro desigual, cheio de qualidades, mas enxameado de defeitos difusos, artificial por vezes”.			
O Jornal (RJ)	Ano: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/46345?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
A publicação começa dizendo que o romance Clara dos Anjos não tem o vigor de Policarpo Quaresma ou o tom lírico da narrativa do magnífico Gonzaga de Sá. Aponta que “a história em si não vai além de um processo de sedução de uma mestiça por um branco ordinário, tema das preferências do autor”. Destaca que o que mais aparece no romance é o subúrbio, seus aspectos físicos e sua gente. A publicação termina dizendo que “para a compreensão do homem Lima Barreto, o Clara dos Anjos é subsídio de primeira ordem”.			
Diário de Notícias (RJ)	Ano: 1949	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43304?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22

O colunista descreve que “Clara dos Anjos é uma história onde se tenta pintar em cores ásperas o drama de tantas outras raparigas da mesma cor e do mesmo ambiente”. A personagem Clara dos Anjos seria, então: “menos que uma personagem do que um argumento vivo e um elemento para a denúncia”.			
O Jornal (RJ)	Ano: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/46345?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
Em uma pequena nota, o romance Clara dos Anjos é retratado como uma história que “nos comove, força-nos a sentir a tragédia da moça de cor que se perde”. No referido romance, segundo seu autor, Lima Barreto se mostra como “um moralista com preconceitos acentuados”. Nessa perspectiva, ele “se compraz em agredir tipos que imagina desprezíveis, como o jogador de futebol, ou o cantador de modinhas”.			
Diário de Natal (RN)	Ano: 1952	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/028711_01/38305?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
Em uma extensa reportagem sobre a vida e obra de Lima Barreto, o colunista descreve os romances Numa e a Ninfa e Clara dos Anjos , ambos de Lima Barreto, como inqualificáveis. A reportagem segue dizendo que o autor “não conseguiria ao menos isolar uma personagem, valorizando-a, caracterizando-a, integrando-a na vida e no sangue. O roteiro constante seria este – a localização da personagem na arquitetura dostoevskiana, acima da própria ação, o problema da sua existência inundando como uma sombra irremovível todos os outros problemas decorrentes”.			
Letras e Artes: Suplemento de A Manhã (RJ)	Ano: 1948	Link	http://memoria.bn.br/DocReader/114774/1266?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22
Com o título Um romance semi-inédito de Lima Barreto , a reportagem descreve Clara dos Anjos como sendo um romance de “uma história de amor, delicada e suave, bem diferente dos demais livros do grande escritor patricio, nos quais predomina a sátira aos nossos costumes repassados de fino humor e de contagiante lirismo”.			

APÊNDICE E – Recepção Crítica da estética barretiana no portal CAPES

Quanto ao levantamento referente à Revisão Integrativa no Portal CAPES, encontramos os seguintes resultados:

PORTAL CAPES: CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES				
Ano da publicação	Instituição	Tipo de trabalho	Título	Autoria
2019	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	DISSERTAÇÃO	Rompendo mordaças e muros: Lima Barreto e o enfrentamento do racismo na aula de história	Ana Lucia Ferreira de Mattos
2020	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	TESE	Modernismo negro: Amefricanidade, oralitura e continuum em Lima Barreto	Jorge Augusto de Jesus Silva
2020	UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI	DISSERTAÇÃO	A literatura como linguagem e fonte para o ensino de história: as crônicas de Lima Barreto e as possibilidades para se ensinar história	Jose Diego Azevedo Cabral
2020	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	DISSERTAÇÃO	Para Afirmar uma Existência, Tinta Negra sobre Papel Branco: escrita de si e processos coletivos na literatura militante de Lima Barreto.	Miguel de Sousa Lacerda Neto
2021	FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI	DISSERTAÇÃO	O conto afro-brasileiro de Lima Barreto: o narrar interno e o protagonista negro nas primeiras décadas do século XX	Weberson de Aquino Lima
2021	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA	DISSERTAÇÃO	Lima Barreto contra os racistas: o espaço biográfico em Recordações do Escrivão Isaías Caminha	Dilma Oliveira Guimaraes Rosa
2022	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	TESE	Saúde Mental e Relações Étnico-Raciais no Brasil: Narrativas de Lima Barreto, Leituras Historiográficas e Elucubrações Ulteriores.	Renan Vieira de Santana Rocha
2022	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	DISSERTAÇÃO	O cemitério dos vivos de Lima Barreto: o quilombo literário contra o manicômio-senzala	Vinicius Rosini Rufino

2022	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	DISSERTAÇÃO	As interseccionalidades de raça, classe social e gênero em clara dos anjos: um romance de realidades e denúncias	Marcella Duarte Vieira Pessoa
------	---	-------------	--	-------------------------------------

APÊNDICE F – Recepção Crítica da estética barretiana na BDTD

Quanto ao levantamento referente à Revisão Integrativa na **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**, encontramos os seguintes resultados:

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)				
Ano da publicação	Instituição	Tipo de trabalho	Título	Autoria
2018	PUC – SP	TESE	A paratopia do estigma: identidade e relato de si no discurso Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto	Ramon Silva Chaves
2019	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	TESE	Lima Barreto e a cultura histórica: diálogos e disputas em torno da memória nacional (1903-1922)	Carlos Alberto Machado Noronha
2020	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	DISSERTAÇÃO	A "experiência social" de Lima Barreto: crítica e marginalização em Recordações do Escrivão Isaías Caminha	Lucas Söhn Albuquerque

APÊNDICE G – Recepção Crítica da estética barretiana nas plataformas Google Acadêmico e Scielo

Quanto ao levantamento referente à Revisão Integrativa nas plataformas **Google Acadêmico** e **Scielo**, encontramos os seguintes resultados:

GOOGLE ACADÊMICO / SCIELO				
Ano da publicação	Instituição	Tipo de trabalho	Título	Autoria
2018	Fólio: Revista de Letras, v. 10, n. 2. Disponível em: https://doi.org/10.22481/folio.v2i10.4562 .	Artigo	O dever negro na literatura brasileira: notas sobre a oralidade em Lima Barreto	Jorge Augusto Silva
2019	Periódico Estudos Avançados 2019, v. 33, nº 96, p. 137-154. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/161285 .	Artigo	Lima Barreto e a escrita de si	Lilia Moritz Schwarcz
2021	Revista da ABPN. Disponível em: https://abpnrevisita.org.br/site/article/view/928 .	Artigo	Discurso de Lima Barreto nas crônicas 15 de novembro e de Cascadura ao Garnier: embates discursivos entre eugenia e etnicidade	Auristela Rafael Lopes e Dina Maria Martins Ferreira
2022	Anais: Colóquio do Museu Pedagógico- ISSN 2175-5493, v. 14, n. 1, p. 392-397, 2022. Disponível em: http://anais.uesb.br/index.php/cm/article/view/10465 .	Resumo expandido	A memória no campo da ficção: representações do corpo negro em Cemitério dos Vivos	Elder Bruno Fernandes Pereira e Marcello Moreira